Danda de Alencar



Irmãos Borella

Box da Trilogia completa + Epílogo


Irmãos
Borella

Copyright © 2020 Danda de Alencar

Todos os direitos reservados. É proibida a distribuição ou cópia de qualquer parte desta obra sem permissão escrita da autora sob pena de ações criminais e civis. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição: 1ª

Revisão, Capa e diagramação: GD² Serviços Editoriais

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens e acontecimentos descritos são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra foi escrita e revisada de acordo com a Nova Ortografia da Língua Portuguesa. O autor e o revisor entendem que a obra deve estar na norma culta, mas o estilo de escrita coloquial foi mantido para aproximar o leitor dos tempos atuais.

Agradecimentos



Esse é aquele momento onde fico com medo de esquecer alguém, então se você não foi citado, não se sinta excluído, sabes como foi importante para que eu conseguisse chegar até aqui e tem minha eterna gratidão. Mas ao mesmo tempo há pessoas que não posso deixar de nomear, a Deus sempre por tudo que me proporciona viver e ter me dado o dom da escrita, minha mãe Lúcia, meus irmãos, Ládia, Damile e Lazaro que me possibilitaram crescer cercada de amor e até mesmo nossas brigas foram as melhores e mais amorosas de todas, meu marido Ivan que sempre me apoia e compreende que às vezes preciso sumir para a escritora tomar conta, minha filha Isabelle que me fez assistir o DVD Xuxa só para baixinhos tantas vezes que as músicas ficaram para sempre na mente, meu cunhado favorito (pois é o único, logo é o menos favorito também) Wallas por me permitir viver essas implicâncias que tanto me divertem.

As minhas amigas parceiras Elaine, Mari e Fatima por todas as risadas e desabafos que trocamos, as meninas do grupo Livrólatras CE, minhas IGS parceiras, garotas do melhor grupo de BANIDAS de todos Gika, Sandra, Silvana e Débora, as minhas betas maravicriveis Elis, Erica e Adiany por lerem antes e me deram o Feedback mais lindo de todos, a Cecy, Bella e Sue por me apoiarem tanto, a Ariana por ter me apresentar o padeiro dos sonhos dela que deu início a essas histórias; e elas, minhas parceiras do crime, seja ele qual for, de risada, opiniões sobre coisas bizarras e projetos:

Gih e Dothy, nunca poderei dizer o quanto vocês me fazem bem e até quando não estamos na mesma sintonia sinto todo o amor e companheirismo que me dispõe, saibam que o sentimento é recíproco.

Por fim, a você caro leitor (a) que está comigo desde o primeiro romance ou acabou de chegar, muito obrigada por embarcar nessas loucas jornadas comigo e fazerem com que me sinta cada vez mais disposta a escrever mais e mais.

Doce Paixão

Irmãos Borella - livro 1



Por um beijo



Giuliano

Trabalhar diretamente com o público te proporciona um conhecimento único, com o tempo você começa a identificar pequenos detalhes de cada um: seus trejeitos, gostos e manias. Sejam eles quem forem, basta observar um pouco e lá estão todos os dias repetindo as mesmas coisas.

Não eu!

Espera, não sou psicólogo nem nada disso, sou apenas um mestre da panificação, popularmente conhecido como padeiro. Todos os dias vejo diversas pessoas entrarem e saírem pela porta do Nonna Fiorella, padaria e

lanchonete que pertence a minha família há gerações.

Foi aqui que vi tudo à minha volta mudar de perspectiva. Onde refiz meus conceitos e vi que minha vida de pegar todas e não me apegar estava com os dias contados.

Vou te contar de uma forma resumida como era minha vida até aquele momento, isto é, se você tiver interesse. Mas contarei mesmo assim. Afinal hoje sou um homem totalmente diferente.

Não vou dizer que me arrependo das coisas que fiz, mas também não é para sentir orgulho, não depois de quase perder aquela que mudou minha vida, transformando o bicho solto em labrador domesticado.

Semmm mais enrolação. Prazer, sou Giuliano Borella e aqui está minha história com Ariana, aquela que fez o meu estabelecimento fechar para balanço por tempo indeterminado.

Boca nervosa



Giuliano

— Com mais força! — instruo Laura enquanto ela tem o meu membro quase todo alojado em sua boca.

Odeio ter que dizer como deve ser feito um bom sexo oral. Mas aposta é aposta e está valendo duzentinhos fácil. Besta foi meu irmão Elano que quis competir comigo, sabendo que sou o terror da mulherada. E quando a nova atendente da Nonna Fiorella me sorriu, sabia que seria fácil convencê-la a frequentar o quartinho secreto ao lado do escritório do papai, ou quartinho de refeição prévia, se é que me entende.

Depois de fazê-la gozar duas vezes seguidas é a minha vez de liberar o estresse.

— Você vai engolir? — pergunto olhando para ela. Vai que é daquelas que não gostam disso?

Seus olhos me fitam e seus lábios me soltam para sorrir, a ordinária é da bagaceira, mas não foi ensinada corretamente, pelo que vejo. Se fosse do meu feitio repetir a dose, até que a ensinaria como fazer, mas a regra do jogo é uma vez e nada mais. Nunca senti vontade de estar com alguém por mais de uma vez. Por esse motivo aviso antes que algo acontece.

A pressão sobre meu membro aumenta, ela suga e o rodeia com a língua, fazendo com que o meu juízo comece a viajar para a cucuias. Seguro no seu cabelo e fodo sua boca como se deve, com movimentos rápidos e precisos, ela tem refluxo, mas não evita a invasão do meu membro por um instante sequer, isso faz o tesão em mim aumentar e eu gozo pra caralho na sua boca.

— Muito bem, amorzinho, agora já posso voltar pro trabalho sem ficar imaginando como seria foder essa boca gostosa — digo ajudando-a a levantar.

— Que bom que gostou! — Prefiro ela de boca fechada, sua voz é aguda demais para meus ouvidos. Fato que guardo para mim.

Para evitar mais falatório, puxo-a pra mim e beijo seus lábios, ainda com resquícios do meu gozo nele.

— Vamos, nosso horário de almoço acabou faz três minutos.

— Não mandei você ser tão sedento. Nos vemos na saída? — Fala sério, mano!

— Não. Te falei que como as coisas funcionam comigo — a lembro do nosso acordo.

— Tudo bem. Quem sabe algum dia queira repetir! — Dá de ombros parecendo entristecida.

O que não me convence, meu esquema é: foda e dê uns beijinhos, faça gozar e nada mais. Quem sabe uma boa amizade. Além disso não estou disposto a oferecer.

Saímos do quartinho de forma discreta, ela na frente, eu cinco minutos depois. Vou ao vestuário e tomo uma ducha rápida. Antes de voltar para a cozinha vou falar com Elano, já que a despesa da noite hoje é por conta dele. Meu sorriso deixa claro que ganhei e o vejo revirar os olhos para mim, antes que diga qualquer coisa.

— Vou pagar, mas devo alertá-lo, seus dias de pegador estão contados, eu sinto que a maré vai mudar. E maninho, vou rir tanto quando o vir de quatro! — Muiiiiiito engraçado.

— Sim, só que não! — respondo já colocando meu avental.

O sino toca avisando que chegou um cliente. Sim, meus avós trouxeram essa tradição para nossa padaria familiar e a mantemos por respeito a memória deles. Viro-me com um sorriso no rosto para atender a quem quer que seja e congelo no lugar, uma morena, ela tem em torno de um metro e setenta e quatro, corpo com curvas e sim, são belas curvas, do tipo que me fariam perder o controle fácil, cintura afilada contrastando com um belo par de *Air bags* e um quadril arredondado que balança a cada passo seu. Apenas olhá-la caminhando faz meu amiguinho guloso querer colocá-la apoiada na parede e dar-lhe umas boas palmadas no que meu pai chamaria de belas ancas.

— Posso ajudá-la? — Que merda o Elano pensa que está fazendo? Eu a vi primeiro.

Ela olha para o balcão e vê o cardápio exposto no alto da parede. Enquanto isso morde os lábios, que lábios são esses? Doce merda, meu membro ganha vida só de vê-la os mordiscar.

— Humm, quero dois x-salada. Um sanduiche de frango com molho light e rodelas de picles e dois sucos de abacaxi com hortelã, por favor! — diz ainda olhando para meu irmão.

— Vai comer aqui? — pergunto me aproximando do balcão, para

chamar sua atenção.

Seu olhar castanho escuro, da mesma cor do cabelo, passa para mim e a vejo engolir em seco, a reação típica das mulheres para comigo. Sei que o cabelo grisalho precoce causa certo frenesi no sexo oposto. Sei disso porque minha irmã caçula disse se é verdade? Não faço ideia. Mas misture isso a três horas de treino e muita massa de pão preparada por dia. Está aqui a fórmula para pegar geral.

No entanto, dessa vez estou igualmente paralisado olhando para ela, se o seu corpo fez meu membro ter uma reação já conhecida, seu olhar fez algo ao meu coração que jamais vivi, ele acelerou e parou ao mesmo tempo.

Está decretado, meu fim chegou! Mal vi essa garota e só consigo pensar em como preciso possuí-la de todas as formas imagináveis, como o imbecil do meu irmão acabou de falar.

— Não, vou querer para viagem — diz desviando o olhar.

Estou para falar-lhe algo a mais quando o maldito sino volta a tocar e um sujeito alto e com expressão de poucos amigos entra e se coloca ao lado dela.

— Já pediu, Ari? — Ari, seria de Ariela, Ariane? Pergunto-me curioso.

— Sim, Victor, falei que não precisava vir! — Revira os olhos, gosto

disso.

— Sim, precisava, agora pode ir me esperar lá com João, eu levo nosso lanche.

Sem reclamar, provavelmente por estar em público ela se vai, me deixando com a sensação de vazio completo, como se um pedaço meu estivesse indo embora.

Que merda está acontecendo comigo? Será possível que o inferno congelou e não me avisaram?

Virando rotina



Giuliano

Como falei, começo a estudar uma pessoa pelos seus hábitos, se uma pessoa vem até a nossa padaria e pede sempre a mesma coisa todas às vezes, mentalmente faço uma lista de detalhes sobre ela.

Foi assim que comecei a secretamente nutrir um sentimento único e inesperado pela bela morena de sorriso encantador. Suas manias e gestos são um tanto atípicos do quais tenho costume de perceber nas mulheres que me aproximo.

Quando lhe pergunto com um sorriso, que modéstia à parte, sei que

faz as mulheres se derreterem, *em que posso ajudá-la?* Ela baixa a cabeça e repete o pedido de sempre. O mesmo pedido há um mês, o que ela vê de tão atraente em um sanduíche de frango com picles, não faço ideia. Mas vê-la morder o lábio inferior e me olhar enrubescida, faz valer a pena a minha insistência.

Quero que ela queira me conhecer, mas não há uma vez que sua boca abra para falar mais do que o seu pedido. Começo a desconfiar que pela primeira vez encontrei alguém que é inume ao meu charme. E saber que é ela, me deixa ainda mais nervoso e desejoso por tê-la.

Quer saber o que mais? Para mim deu dessa merda melosa. Estou começando a parecer a droga de um adolescente no colegial, não um homem feito de vinte e seis anos.

Vou sair essa noite e pegar uma ou duas garotas para me satisfazer e esquecer que há mais de um mês não sinto vontade de ficar com mais ninguém, que a vejo todas as vezes que fecho os meus olhos e a mesma não está nem aí para mim.

Chego à casa noturna no bairro da Lapa pronto para "negócios", assim espero. Elano como sempre é a minha sombra ou grilo falante da minha mente. Segundo ele, está aqui para garantir uma volta segura. O moleque pode ser um idiota as vezes, mas admito que amo meu parça.

— Duas Heineken, por favor? — peço à *bartender* sorrindo.

Como sabia que aconteceria, seus olhos fixam-se no meu sorriso e desce pelo meu corpo, que é bem trabalhado e chama um tanto de atenção entre as garotas.

— Claro bonitão — diz e sai rebolando seu traseiro deliciosamente apertado em uma calça jeans cintura baixa. Olho seu corpo estilo violão, cintura fina, coxas e bunda em sincronia e sem falar que já vi a sua comissão de frente. No entanto, há algo faltando, não sei o que, mas há.

Tem isso também, venho colocando defeito nas mulheres, sempre falta algo que me chame atenção final e me faça querer tê-las, mesmo que por uma noite apenas.

Noto uma certa movimentação na entrada, aqui é uma casa noturna badalada, eu sei, mas em uma quinta feira não deveria ser assim, ou eu estou há muito tempo sem sair, talvez.

— Ahhh, ela chegou! — exclama a *bartender* ao entregar as cervejas a mim e Elano.

— Quem? — indago começando a ficar curioso.

— Ariana Ramalho, modelo Plus. Nosso estabelecimento foi escolhido para uma campanha. Algo sobre inspirar-se. Por isso todos estamos usando essa pulseira florescente. — Diz apontando para a pulseira no meu

pulso.

— Hmmmm, interessante, acho que posso cobrar por direitos de imagem! — Rio, fazendo a garota ficar muda.

É bonitinha, sei o poder que tenho em mãos, melhor, no corpo todo.

— Olhem, vai começar o show! — Diz empolgada.

— Não era gravação de comercial? — Questiono.

— Não, é a campanha minha beleza vai além da aparência. Ela vai fazer um dueto com o famoso cantor de MPB Leandro Vidal, se fosse vocês, eu iria logo para perto, ninguém sabe que ele está lá atrás na coxia, mas quando descobrirem ficará impossível curtir.

Seguindo seu conselho sigo a passos lentos, não tão empolgado para ver o que se passa. Um violão começa a ser dedilhado, a melodia de *Quando você passa* de *Sandy e Júnior* começa a ser proferida pela tal modelo, com uma voz de querubim. Gosto da canção, não me julguem não era fã nem nada da dupla, cresci com uma irmã fanática por ele. E não nego que a letra me lembra alguém.

...

Meu olhar decora cada movimento

Até seu sorriso me deixa sem graça

Aproximo-me do palco na expectativa de ter uma visão melhor de

tudo e curtir uma boa música. Quando enfim, meus olhos registram de quem é a voz.

É ela, a morena de curva arredondadas e sorriso tímido que tem feito meu mundo parar a cada vez que ouço o sino da entrada ser acionado. Tenho ficado sempre alerta a sua chegada, dia após dia.

Qualquer coisa entre nós

Vem crescendo pouco a pouco

E já não nos deixa sós

Isso vai nos deixar loucos

Como se sentisse meus olhos sobre ela, muda a direção dos seus e nos encaramos, ela umedece os lábios, gesto que parece ser interligado ao meu membro que logo dá sinal de vida. Mas que porra, logo hoje que estava decido a exorcizá-la dos meus pensamentos, a diaba aparece bem aqui.

O cantor que era surpresa da noite adentra o palco pelo acesso lateral levando a mulherada à loucura, ele começa a segunda parte da canção, mas não presto mais atenção, só vejo sua mão deslizar pelo braço da minha morena. Seu olhar abobalhado para cima dela, fazendo uma raiva sem fim me invadir.

Se é amor, sei lá

Só sei que sem você parei de respirar

E é você chegar

Pra esse turu, turu, turu, turu vir me atormentar

E mais uma vez sou olhado por ela, como se estivesse a cantar para mim, apenas para mim. Não suporto mais dessa loucura desenfreada que sinto, saio com tudo dali, preciso de ar, ou posso sufocar com tanto desejo guardado em mim.

Sempre estive aqui



Ariana

Só pode ser brincadeira do destino comigo. Por quê dentre todas as casas noturnas paulistana, ele tinha que estar aqui?

Quem é ele? Só quem faz meu juízo fritar, completamente. Já não basta perder minha voz todas as vezes que o vejo na Nonna Fiorella. O que tenho feito bastante no último mês, apenas para ter o prazer de olhá-lo, ver seu sorriso de quem sabe o que faz e faz como ninguém.

Tenho tido verdadeiros sonhos eróticos me imaginando curtindo cada pedacinho daquele corpo. E é um senhor corpo, mama mia, Dio Santo! E

todos os santos que há no céu, livrai-me dos pensamentos impróprios no meio da minha apresentação.

— Essa foi a talentosíssima Ariana Ramalho pessoal, aplausos para ela que nos surpreende com cada vez mais talento!

Leandro Vidal, o atual queridinho da MPB faz as considerações depois do nosso dueto. Era de se esperar que já estivesse familiarizada com os flashes e o clamor do público, mas a verdade é que ainda me sinto a menina tímida de antes de ser descoberta pelo meu agente e amigo Victor. Fazer fotos e desfiles? Ok! Apresentar-me diante de um público? Aí já é outra história.

Mas exerço meu trabalho com profissionalismo e desenvoltura, sorrio, aceno, deixo que os flashes sejam disparados, sempre mantendo uma expressão convincente no rosto, aguardando o momento em que tudo acabará e enfim respirarei aliviada.

Esse momento chega cerca de quinze minutos depois da canção com direito a bis. Saio do palco e corro em direção aos bastidores, no entanto sou parada por Victor que não sabe a hora de ficar na dele, para meu total desgosto.

— Lindinha, onde pensa que vai? — Viro-me com cara suplicante.

— Victor, só dessa vez, deixe-me sozinha, sim? — Tento convencer o

Sr. Trabalho.

— Ari, tem que fazer algumas fotos nos bastidores, assim deixaremos suas redes sociais abastecidas delas por muitos dias, sem contar que vamos entrar em outra série de fotos e para outra campanha pela manhã, não posso me dar ao luxo de deixar os clientes insatisfeitos.

— Victor, olhe o que diz, eu trabalho praticamente todos os dias, só preciso de cinco minutos, está bem? A droga de cinco minutos!

Não espero pela sua resposta, saio em disparada em direção à saída lateral da boate, onde os artistas têm uma certa privacidade. Minha chance de ficar sozinha acaba assim que atravesso a porta e esbarro em alguém, quase caindo de bunda no chão, se braços fortes não me segurassem.

— Cuidado aí lindinha! — Odeio esse apelido.

Ele me remete a minha infância quando todos me chamavam de lindinha e em seguida falavam algo sobre meu peso. Por esse motivo meu olhar endurece ao olhar para meu salvador. E quase me derreto quando vejo de quem se trata.

É ele. Meu lindo paradeiro está aqui um sorriso bobo se espalhando pelo rosto que parece esculpido pelos anjos ou talvez pelo diabo de tão bonito. Uma tentação para as moças na secura como eu.

— Não me chame assim! — Digo por fim, quebrando o seu sorriso ao

meio.

— Por quê? Você é linda! — Enrubesço na hora.

— Sei, agora se me der licença preciso ir! — Desvencilho-me dos seus braços e sigo para a entrada do beco.

— Eu te levo! — Se oferece prontamente.

— Você nem sabe para onde estou indo! — Ora mais!

— Não importa, eu levo! — O que deu nessa pessoa?

Sem mais nem menos, pega na minha mão e me leva em direção ao estacionamento ali perto, aperta o botão do controle e um Hyundai Veloster prateado pisca indicando que foi destravado. Como um perfeito cavalheiro que não imaginei que fosse, abre a porta para que eu entre. Devo estar sonhando, o meu doce padeiro sendo doce de verdade? Ilusão com certeza!

— Para onde quer ir? Stra. Não me chame de lindinha. — Sua pergunta me faz sorrir. Ele brinca com o que falei, que odeio o apelido.

— Não sei, só quero sair daqui! — Respondo com sinceridade.

— Sim senhora, madame! Aliás, me chamo Giuliano, prazer em conhecê-la! — Me estende a mão.

— Bom, já sabe que me chamo Ariana. Mas o prazer é meu! — Ganho mais um dos sorrisos devoradores de mente feminina e saímos acelerados pela noite paulistana, sem um rumo certo. Apenas a gostosa

sensação da aventura que é tê-lo ao meu lado. Alguém que mal conheço que o máximo que falamos foi mera formalidade, em sua padaria. E dessa vez sem sua legião de fãs que o rodeiam.



— Não acredito que vou comer um X-tudo com tudo que eu tenho direito! — Exclamo animadíssima assim que Giuliano coloca o prato a minha frente.

Não é à toa minha empolgação, há dois anos que Victor não me dá um sossego, sempre controlando o meu cardápio. Se você pensa que por ser uma modelo Plus tenho liberdade para comer qualquer coisa, não poderia estar mais equivocado. Minha alimentação é saudável e também prático esporte, vou a academia, lógico que não com aquela disposição toda para perder peso, sim para manter a saúde em dia.

Estamos no escritório da padaria e lanchonete da família dele, entramos pela lateral, uma vez que a noite o movimento é tão intenso quanto durante o dia. Segundo Giuliano, foram quarenta anos de trabalho dos avôs até que ganhassem o prestígio e chegassem ao patamar que estão agora.

— Faz tempo que não come um? — Seu olhar travesso com o sorriso

de lado pecaminoso quase me faz perder a fome.

— Huhumm! — Respondo ao saborear meu lanche. Sentir o sabor do molho especial como ele bem colocou deslizar pela minha língua, me faz suspirar com a explosão de sabor que estou vivenciando.

— Se soubesse que você iria gostar tanto já teria indicado! — Diz sorrindo.

Sorrio mesmo com a boca cheia. Não vou dizer para ele que provavelmente não prestaria atenção no que falasse, pois todas as vezes que aqui estive olhar para ele fazia minha garganta fechar de ansiedade. E que só voltava ao normal quando outro cliente lhe chamava atenção.

— Esse foi o melhor X-tudo que já comi, sem sombra de dúvidas! — Digo ao terminar.

Conseguindo me esquivar do olhar de Giuliano, uma vez que me fitou por um longo tempo, como se decidindo se falava ou apenas me observava comer.

— Talvez você devesse vir mais vezes ao Nonna Fiorella! — Por algum motivo sinto que há mais nessa sua frase.

— Tá brincando? Victor abre uma exceção por semana, nada mais que isso! — Rio ao lembrar que meu super hiper protetor amigo deve estar maluco nesse momento.

— Ele é só seu agente? — Paro o riso. Somos mais que cliente e agente, mas a parte íntima ficou para trás.

— Hoje é o que tenho de mais próximo de uma família aqui em São Paulo. Somos grandes amigos! — Não preciso revelar muito.

— Ele parece gostar bastante de você, como um gavião cuidando da caça. — Não poderia estar mais certo.

— Victor pode ser um gavião, mas cuidou de mim quando vim do interior, isso é motivo suficiente para querê-lo muito bem. — Por que estou defendendo Victor mesmo?

— E seu namorado cantor? — Oi?

— Quem? — Ele deve estar maluco.

— Bom, se não é seu namorado, creio que deseja ser, vi como ele te olhava hoje durante a música. — Há um toque de ciúmes na sua voz.

— Não estou namorando ninguém Giuliano. Se for isso que quer saber. E também não estou à procura de ninguém no momento. — A não ser que esse alguém seja ele.

— Bom saber!

— É?

— Sim, também não estou procurando, isso facilita as coisas para nós.

Engulo seco, ele disse o que imaginei que disse que quer um lance

casual? Ou é só o efeito do melhor lanche dos últimos anos que comi?

— Eu... — Para minha sorte meu celular dispara estridente, sei de quem se trata. É melhor atender antes que a terceira guerra Mundial exploda. — Victor, estou bem.

— Não está, vi na filmagem que saiu com o padeiro galinha que tem mexido com sua cabeça! — Explode do outro lado.

— Victor, me escute, fiquei em pânico ok? Sabe como é Giuliano apenas me deu uma carona, estarei em casa em no máximo trinta minutos, tudo bem? — Sei que se não tentar acalmá-lo logo estará aqui.

— Meia hora, Ari. — Ouço o seu suspiro. — *Baby doll*, não estou sendo neurótico nem nada, só que não quero vê-la sofrer mais à frente. Esse sujeito, sem sombra de dúvidas, é um conquistador e colecionador de mulheres, não seja apenas um número na lista dele.

Aqui está o porquê de tê-lo como amigo mesmo depois que nosso relacionamento chegou ao fim, Victor cuida de mim, sem pressão ou cobrança para sermos além de amigos, apenas tem medo que meus traumas e medos voltem e acabe sendo a menina retraída de quando nos conhecemos.

— Eu sei *Cherry*, logo estou em casa, beijos!

Desligo e olho para o conquistador em questão, que tem um olhar taciturno e fixo no meu rosto, de alguma forma sua expressão faz mil

borboletas flutuarem pelo meu estômago, dando-me o alerta que se der um passo em falso, terei meu nome na sua lista e um coração partido no final.

Decisões prévias



Giuliano

Um dia, tudo que você faz para os outros volta como uma grande bola de neve, direto para sua cabeça.

Fico lembrando as palavras do meu avô, ele não poderia estar mais certo.

Se um dia pensei que ser o maior pegador da turma, ter as garotas caindo aos meus pés e depois as dispensar como se fossem nada mais que uma boa transa, era o máximo, hoje pago o pato por ter sido assim.

Ver os olhos de Ariana irem de mim para a porta indicando sua

vontade de ir embora em nada me agrada. Queria que tivesse dito a quem que fosse ao telefone que não iria para casa essa noite, que ficaria comigo.

Quando me falou que não estava à procura de romance, pensei ter achado a brecha para ter uma noite de muito sexo, até ter todo o desejo que sinto saciado do meu corpo.

Porém, Ariana não é dessas, soube que era diferente no momento que seus olhos arregalaram com a minha resposta. Vi nesse instante que se a quisesse não poderia ser como uma conquista de uma noite, sim em longo prazo.

— Hummmm, eu acho que devo ir agora! — Diz meio indecisa.

— Tem certeza? — Pergunto esperançoso. Apenas balança a cabeça confirmando. — Tudo bem, eu levo você!

— Não precisa, pego um taxi, rapidinho chego!

— Faço questão! — Tento ser o mais gentil possível. Mas esse não é o meu modo operante normal, sou de chegar e tomar para mim aquilo que quero não ficar sendo galanteador ou essas coisas românticas, mas ela vale o esforço. E por algum motivo quero ser o tipo de cara que ela gosta e merece.

— Tudo bem!



Quarenta minutos depois estamos parados em frente ao condomínio em que ela mora. Tentei dirigir o mais devagar possível para assim prolongar nosso tempo juntos, mas ela não mora tão longe da padaria, logo perceberia minha estratégia.

— Chegamos! — Diz olhando para frente e mordendo o lábio, atiçando ainda mais meu desejo por também mordiscá-lo.

— Pois é!

— Obrigada, Giuliano, por ter me salvado na boate, eu não conseguiria tirar mais uma foto sem vomitar de nervosa. Também pelo melhor X - tudo de todos que já comi e a carona. Foi muito atencioso da sua parte! — Diz encabulada, as bochechas rosadas e olhar baixo.

Minhas mãos formigam para tocá-la, não controlo minha vontade e seguro seu rosto em minhas mãos, fazendo com que seu olhar encontre o meu. Pela segunda vez em minha vida sinto meu coração parar e disparar no meu peito, minha boca seca, a garganta fecha e a respiração me falta, tudo isso só em olhar dentro dos olhos castanhos mais encantadores de todos. Ariana transpira pureza e ingenuidade, mesmo vivendo em um mundo onde o glamour é o forte, ela tem uma singeleza só dela.

— Você é linda, Ariana! — As palavras saem da minha boca sem pensar, não elogio as candidatas a levar para a cama.

— Sei! — Revira os olhos desviando seu olhar do meu.

— Sim, é muito bonita, a mulher mais encantadoramente linda que já vi. — As palavras estão jorrando da minha boca sem que eu pense antes de falar. Esse é o efeito dela em mim.

— Giuliano, sejamos honestos um com o outro. Você com certeza já viram mulheres muito mais atraentes do que eu, muito mais bonitas, magras e que darão tudo por uma noite com você. Mas seria isso, uma noite e só. Não sou e nem quero ser esse tipo de mulher, nunca me contentaria em ser mais um número na sua lista, não mesmo.

Esse foi um tapa moral mais do que merecido. Ela é diferente de todas as outras garotas com quem saí fato indiscutível. Talvez tenha sido exatamente isso que me fez querê-la tanto, nunca tive que correr atrás de nenhuma mulher na vida, nunca mesmo, desde o colégio que não tenho problemas para conseguir um rolo.

— Não quero que você seja mais uma nessa lista! — Respondo de imediato.

— Jura? — É notável a surpresa na sua voz.

— Sim, há algo em você que me faz querer ser diferente, quando meu

irmão me disse que chegaria o dia em que me sentiria tão fascinado por uma mulher que deixaria minha vida de galinhagem para trás eu não acreditei. E veja só, estou exatamente assim, querendo ser melhor para merecê-la, algum dia.

Despejo tudo que estou sentindo para ela, sei que é precipitado, não nos conhecemos, apenas olhares furtivos uma ou outra vez não é o suficiente para saber como uma pessoa é realmente, mas eu quero ir até o fim com ela.

— E se..? — Não deixo que ela termine a sua frase.

Toco seus lábios com os meus de uma forma leve, apenas para calá-la e claro, matar o desejo insano que tenho por sua boca carnuda na medida certa. Por mais que venha tomando o cuidado de não ir pra cima dela com tudo, é impossível o beijo não tomar proporção maior do que era prevista.

Ao ouvir seu suspiro desejoso, meu coração dispara como uma locomotiva desgovernada, minhas mãos suam levemente e para disfarçar as levo para trás de sua cabeça, a ajeitando para que nosso beijo se prolongue. Testo sua reciprocidade ao tocar seu lábio inferior com a minha língua, experimentando, pedindo passagem. De forma tímida ela abre os lábios lentamente e então acontece o nirvana na minha língua, aproveito sua abertura e tomo posse da sua boca, explorando cada cantinho que ela tem. Aos poucos sua língua começa a duelar com a minha também tomando o que estou mais do que disposto a oferecer.

— Giuliano, não me tente! — Geme rouca quando separamos os lábios para respirarmos.

— Shiiii, não pense meu doce, é só um beijo!

Mas não é apenas um beijo. É o beijo! E não consigo ficar muito tempo longe dos seus lábios viciantes. Puxo-a para mim novamente, dessa vez com uma fome ainda maior que antes, agora que sei o sabor dos seus lábios e o frenesi que eles me causam, quero muito mais.

Ela também parece sentir a mesma fome que eu, pois sem que me dê conta, logo está no meu colo, suas mãos agarradas ao meu cabelo me levando cada vez mais ao encontro dos seus lábios. Com um movimento rápido consigo afastar o banco para que nos dê um espaço mais confortável e então ela muda de posição, senta de frente para mim, uma perna de cada lado.

É a minha perdição, a puxo para mim fazendo meu membro já totalmente desperto encaixar onde fica sua intimidade, mesmo sob roupas é uma sensação e tanto. Gemo desejoso e sou seguido por ela.

Agora não a beijo, devoro seus lábios, enquanto meu corpo toma a decisão de fazer pequenos movimentos impulsionando para cima, fazendo o atrito dos nossos corpos serem ainda mais pronunciado. Enquanto isso minhas mãos exploram seu corpo, mapeando com os dedos e guardando na memória cada detalhe dele, cada uma das suas curvas são únicas e

inigualáveis para mim.

— Não posso! — Interrompe nosso beijo.

— Deveria te pedir desculpas, mas não vou! — Digo a verdade.

— Não me peça, eu também não pediria! — Seu sorriso traz uma sensação gostosa no meu peito.

Ainda rindo, sai do meu colo e senta ajeitando o cabelo e sua roupa olha para o lado constrangida. Seguro sua mão chamando sua atenção para mim, quero ver seus olhos, acho que estou me viciando neles.

— Eu tenho que ir! — É um belo balde d'água na minha cabeça. Não que eu esperasse passar a noite com ela. Sim, era exatamente isso que eu esperava.

— Não vou perguntar o porquê, mas também não vou sorrir e dizer tudo bem. — Digo sério.

— Não precisa nem uma coisa, nem outra. Tenho que entrar, principalmente depois de ter perdido o controle com você. Fiz exatamente o que falei que não me permitiria fazer. E se continuar aqui, acabarei por cair de boca na baguete do doce padeiro. — Impossível segurar o riso com a sua comparação.

— Baguete? — Seu rosto enrubesce e percebo que falou sem pensar.

— Está vendo! — Joga às mãos ao alto irritada. — Você faz com que

eu faça coisas e diga coisas que não falaria ou faria normalmente. Nunca dei uns amassos assim em um carro com um quase desconhecido. Não sou esse tipo de garota e muito menos saio falando o que penso assim do nada.

— Ari... — Tento falar mais não dá tempo.

— Tchau Giuliano!

Ela sai do carro mais rápido do que o tempo que eu levo para reagir, antes mesmo que esteja do lado de fora ela já entrou no condomínio e sumiu, me deixando desejoso e com uma sensação de abandono no peito que jamais senti.

Bons amigos



Ariana

Como pude ser tão burra, sabia que ficar com ele em um ambiente onde seu cheiro amadeirado de homem invadiria minhas narinas o tempo todo, tiraria meu autocontrole fácil. Estava indo bem, até que seus lábios tocaram os meus, ali me perdi completamente, quando dei por mim estava sentada bem em cima da baguete. Sim, acabei por apelidar o órgão da pessoa de baguete e pelo que senti hoje é uma senhora baguete, com direito a muito recheio.

Subo até o décimo andar, onde fica o apartamento que divido com

Victor. Mesmo depois de dois anos, ainda cuida de mim como na época que namorávamos. Confesso que no início foi estranho, acordar todo dia e não saber se ele iria tentar algo ou havia realmente entendido que o afeto que sentia por ele não passava de amizade.

E agora estou aqui, pronta para fazer a caminhada da vergonha diante do olhar afiado dele, que não tenho dúvidas que está me esperando para dar o sermão da minha vida. Desde que vi Giuliano dias atrás, ele vem me alertando para manter distância. Que o padeiro enfia sua baguete em qualquer uma, que não vou querer fazer parte da grande lista sem fim que ele obviamente tem. As inúmeras conversas que tivemos nos últimos anos vêm todas de uma vez na minha mente. Ele nunca foi contra nenhum dos três envolvimentos amorosos que tive depois dele. Isso me leva crer que realmente fiz a coisa certa em me afastar antes que fosse tarde demais.

Abro a porta devagar, não querendo fazer muito barulho, o que é inútil. Victor está sentado no sofá com cara de preocupado, sua expressão suaviza assim que me vê entrando, isso faz meu peito contrair, porque sei que não fiz jus a tudo que faz por mim.

— Vem aqui! — Abre os braços e corro até ele. — O que você aprontou? Está com uma cara estranha. — Diz enquanto alisa suavemente meu cabelo.

— Não quero falar sobre isso, tudo bem? — Peço. Por algum motivo

não consigo falar de Giuliano para ele, é como se quisesse guardar o que fizemos, ou melhor, quase fizemos só para mim, não dividir com mais ninguém, principalmente porque não voltarei a vê-lo, hoje tive a prova que ele mexe comigo muito mais do que qualquer outro e correr o risco de ter meu coração quebrado mais uma vez não é opção.

— Ari, não falar sobre vai te ajudar? — Pergunta de forma suave.

— Falar também não ajuda, então prefiro ficar na minha por enquanto. Por favor, Victor, seja apenas meu amigo hoje, não quero falar em Giuliano, muito menos sobre os meus sentimentos, tudo bem?

Levanto saindo do seu abraço. Às vezes nossa proximidade irrita, principalmente por não saber fazer cara de paisagem. Agora seria um bom momento para fingir não me importar com nada, levantar a cabeça e seguir em frente sem o bom padeiro fazendo parte dos meus sonhos.

— Tudo bem, não falarei sobre isso. Agora vá descansar, amanhã temos sessão de fotos as oito da manhã no Vila Lobos, aproveitaremos a luz do amanhecer!

— Tá legal. Tenha uma boa noite!

Saio da sala sem falar mais nada. Um, por não querer dividir o que se passa no meu interior com ninguém. Dois, porque sei que estaria ferindo os sentimentos de Victor.

Aliás, nunca contei a vocês o que aconteceu conosco, não é mesmo?

Bom aqui vai uma prévia: Durante todo o ensino médio, fui apaixonada por um garoto, Marcelo, o carinha mais desejado da escola. Alto, moreno, olhos castanhos escuros, braços fortes, uma língua que sabia fazer a paradinha como ninguém.

Mas deixando de lado a visão linda da coisa toda, tivemos um relacionamento breve. Eu tola e apaixonada me entreguei ao imbecil na noite da nossa formatura no colégio. Sabia que nossa relação a partir dali tomaria outro rumo.

E tomou no dia seguinte ele apareceu na minha casa. Falou que adorou ficar comigo, mas não poderia me assumir por causa do meu excesso de peso. Que sua mãe, a Barbie em pessoa, não aceitaria nunca. Mas que se um dia resolvesse perder peso o procurasse para um *flashback*.

O que eu fiz?

Sentei a mão nas fuças do babacão, mandei que procurasse uma manequim de vitrine para namorar, porque essa gordelicia aqui não teria mais!

Jura que acreditaram que falei isso????

A verdade é que chorei um dia e uma noite inteira. Sabia que meu padrão físico não era o que a sociedade considera bonito e perfeito, mas ouvir

isso do carinha que amei por três anos e a quem me entreguei foi o fim para mim.

Dois meses depois estava embarcando para São Paulo para estudar pedagogia na universidade Anhembi Morumbi, na qual consegui uma bolsa através de um programa do governo federal. Foi lá que conheci Victor.

De cara construímos uma amizade. Ele estudante de publicidade e marketing, nas horas vagas modelo de uma agência de médio porte e eu a gordinha tristonha que vivia com a cara nos livros.

Numa tarde, um ano depois do dia fatídico, acompanhei o Victor para um ensaio fotográfico e por coincidência era com modelos *plus-size*. Seu amigo fotógrafo Vincenzo começou a brincar comigo e naquela ocasião fiz minha primeira foto artística, para uma marca de cosméticos. Nunca me senti bonita, mas ali, vendo todas aquelas garotas lindas, apesar da aparência diferente das top models, me fez ter uma nova perspectiva para mim.

Um mês depois começamos a namorar e assinei contrato com a agência, fechei grandes contratos de publicidade, mas continuei com meus estudos, se a carreira de modelo acabasse, teria uma profissão a seguir.

Nosso relacionamento amoroso durou menos de um ano, tínhamos um sentimento verdadeiro e tudo mais, porém, da minha parte era menor que a dele. O amava e ainda o amo, mas como amigo, não como homem. E até o

sexo que no início era gostoso por ser suave e carinhoso, com o tempo passou a ser escasso por falta de vontade da minha parte.

De certa forma me sentia uma megera por não corresponder aos sentimentos dele, pois foi Victor que me fez perceber o quão bonita sou, me fez desabrochar como a mulher forte e determinada de hoje, me deu uma autoconfiança que não imaginava ser possível ter.

No entanto, fui honesta com ele desde sempre, falei que meus sentimentos estavam bloqueados para relacionamentos e que o via como amigo, quase irmão, não como homem. Mesmo assim continuou ao meu lado, sendo o melhor amigo que eu poderia ter, me incentivando a continuar de cabeça erguida, a curtir um lance casual e nada mais. Até que conheci Giuliano e a partir desse dia, não consegui mais falar sobre certos assuntos com naturalidade com ele. E todos os meus medos de ser usada e rejeitada voltaram com tudo.

Cuidado é sempre bom



Giuliano

— Você precisa amassar melhor essa massa. — Elano diz para me encher o saco.

— Vá à merda, mano! — Respondo sem muita paciência para suas gracinhas.

— Estou falando sério, seu pão está horrível há três dias, *"véi"*. Os clientes estão reclamando, porra!

— Como é que é? Eu faço os melhores pães da Nonna Fiorella. Nem as filiais de Moema e de Interlagos têm igual.

Rebato de imediato, não gosto que fiquem dando pitaco na forma como faço o meu trabalho. Como o nonno Guiseppe me ensinou a arte de fazer as melhores massas, onde o coração se transporta para as pontas dos dedos e transmite todo o amor pela culinária.

— Mano o que está acontecendo com você? Não estou falando isso para te encher não, só que faz três dias que está assim e os clientes reclamam, se o papai aparece por aqui e ver algo assim, a coisa pode ficar chata pro seu lado.

Seu tom de voz suavizado me faz parar o que estou fazendo para prestar atenção ao que diz. Sei que só fala assim quando a coisa é séria mesmo.

— Sério mesmo? Não imaginei que pudesse estar acontecendo, as mesmas clientes continuam vindo e pedindo pães e sanduíches na baguete! — Todas menos uma. Mas não quero pensar nela agora.

— Giules, diz pro seu mano o que está acontecendo? Anda distraído, não te vi fazer nenhuma gracinha ou galanteio pras clientes de sempre. Estou começando a achar que está doente, ou pior de tudo, apaixonado.

— Apaixonado, eu? Fala sério, acha que eu iria cair numa roubada dessas? — Será?

— Não, dificilmente. *Un donnaiolo come te? No, no!* [1]— Ri da

minha cara. *l'infecice*[2], como o *nonno* dizia.

— Tudo bem, tomarei mais cuidado com a massa, não esquenta. Agora se me der licença tenho que fazer mais algumas. — Quero parar essa conversa o quanto antes.

— Eh, terá que deixar isso um pouco de lado. Tem alguém esperando para ver você no escritório. — Meu coração acelera com a possibilidade de ser Ariana.

— Por que no escritório? — Engulo em seco antes de ouvir sua resposta.

— Por que o sujeito não está com cara de quem queria apenas conversar! — Quero tirar o risinho debochado do seu rosto, mas me controlo.

— Sujeito? Que sujeito?

— Aquele que vem sempre com aquela gordelicia de tirar o fôlego! — Ouvi-lo falar dela assim faz meu sangue ferver.

— Não a chame assim, porra! Ela tem nome, caralho! — Explodo com ele.

— Vejam só, parece que alguém está a fim da gata de sorriso bonito? Quando falei que ela era especial, não imaginei que fosse a ponto de fazer meu irmãozinho cair de quatro.

— Não enche! Deixe-me ver o que aquele sujeito pode querer.

Saio dali antes que ele me amole ainda mais. Em compensação terei que enfrentar uma conversa que não sei o que esperar dela e isso não é nada confortável, assim como a minha situação com Ariana. Não entendo por que ela fugiu, muito menos porquê sumiu em seguida. E o pior de tudo é que não sei o motivo de toda essa situação ter mexido comigo de um jeito que nunca mexeu antes. Aquela garota tem algo de especial como o imbecil do Elano bem colocou, mas não sei se estou querendo algo inalcançável.

— Pois não? — Pergunto assim que entro no escritório.

Ele está parado de costa para a entrada, olhando fixamente a moldura que contém a fotografia oficial da família, com todos os Borella nela.

— É uma grande família essa sua, não? — Pergunta ainda sem virar para mim.

— O que você quer? — Perco a vontade de ser gentil.

— Que se afaste dela! — Enfim vira-se para me olhar.

— Me afastar de quem?

— Ariana. Quero você longe dela. Ela não precisa de mais um canalha na sua vida. E convenhamos, ela é demais para você, padeiro! — Olha-me com desdém.

— Que merda você está falando? Quem pensa que é, o namorado, irmão, pai dela por acaso?

— Não, só o homem que a ama de verdade e não deixará que caia de cara no chão quando você se cansar dela.

— Quem disse que me cansarei dela? — Há algo nela que me faz ter um desejo insaciável, na verdade, mas deixarei isso de fora.

— Ah, fala sério? Quantas garotas você seduziu no último ano e depois descartou? Dez, vinte, mais que isso? Ariana não é como elas, um nome a ser riscado na sua lista, ela merece mais, muito mais do que uma noite de foda fácil e depois ser esquecida.

Com ele colocando as coisas dessa forma, começo a ter uma idéia de tudo que já fiz, das garotas que descartei e da razão para ela ter saído tão rápido de perto de mim na outra noite. Ela estava evitando ser o que seu amigo acaba de falar, um nome na minha lista.

Mas nunca pensei nela assim, pelo contrário, sinto vontade de conhecê-la melhor, saber dos seus gostos, das suas realizações e desejos, quem quebrou seu coração para que eu quebre a cara do desgraçado e o mais importante de tudo, quero me abrir com ela como nunca fiz com ninguém.

— Olha aqui, qual seu nome mesmo?

— Victor Novaes!

— Victor, eu não a vejo como um item a ser riscado de uma lista. Ela é especial, tem algo em Ariana que cativa, até mesmo alguém como eu. —

Sou sincero sobre meus sentimentos pela primeira vez.

— Então prove! — Responde levantando uma sobrancelha.

— Como é que é? Provar pra você? Por que perderia o meu tempo?

— Não para mim, babaca. Eu já estou convencido de que ela não é pra você. Convença a ela, essa sim será uma tarefa e tanto, por razões que não vem ao caso contar. Ela dificilmente acreditaria na sua boa intenção, não é do feitio dela se envolver emocionante com alguém e pelo que vi, se acontecer ela fugirá, como está fazendo agora, é sua maneira de não se magoar.

— Se está dizendo que não sou bom o bastante, por que quer que eu prove a ela o contrário? — Não entendi essa.

— PORQUE EU A AMO, PORRA! — Explode irritado. — E por mais que vê-la com outra pessoa me doa, dói muito mais vê-la sofrer calada. E tenho visto isso desde o maldito momento que pôs os olhos em você!

Não sei o que responder depois disso. Ela tem sofrido por mim? Estaria apaixonada, como estou? Eu estou?

— Eu...

— Não precisa dizer nada, o vi salivar como um cachorrinho por ela por vezes suficiente. Agora, se a quer de verdade, a convença disso, ela merece ser tratada como a coisa mais preciosa da sua vida inteira.

— Não sei como fazer, nunca precisei conquistar ninguém. E se nessa

tentativa de provar eu acabar por estragar tudo de vez? — Encosto na mesa derrotado.

— Por que acha que estou aqui, babaca?

—- Para me convencer a manter distância? — Arrisco.

— Sim, era a primeira opção, mas vejo que será inútil. Sei que não sabe nada disso, provavelmente, então preste atenção ao que fará.

Seu olhar passa de mim para a moldura novamente, olha para ela com uma grande admiração, também o faço, minha família é maravilhosa.

— A convidará para sair, uma, duas, três vezes para se conhecerem melhor, nada de ultrapassar a linha. No quarto encontro a leve para conhecer sua família, só depois de apresentá-la aos seus, poderá ir mais além. — Olho para ele sem entender.

— Vai me explicar melhor o porquê disso?

— Não, se ela topar sair com você a primeira vez e fizer tudo que estou dizendo, ela mesma dirá quando estiver pronta e então entenderá. E lembre-se que se a magoar, faço picadinho da sua baguete meu caro. E pra você saber, minha família tem vários açougues, aprendi a manusear uma faca como ninguém.

Dito isto, vira-se e começa a sair, então para na porta e me olha sério, para deixar claro que não posso falhar.

— Esteja as vinte e uma horas em frente ao ateliê do Lorenzo Carvalho na avenida Oscar Freire, estaremos fazendo um ensaio lá. Não se atrase nem tente ser engraçadinho com as regras, isso o fará perdê-la e sua preciosa baguete também.

Fecha a porta e me deixa totalmente sem reação, com o coração acelerado e um novo tipo de frio na barriga só por saber que tenho a chance de vê-la essa noite.

Primeiro encontro



Ariana

Minhas pernas começam a dar câimbra devido a posição que estou há quase três horas. Sabia que fazer parte de uma campanha onde os trajes são vestidos de noiva não seria uma boa idéia.

As diversas camadas de tecido que compõem a saia do vestido pesam. Por sorte é apenas um modelo para divulgação, uma noiva não aguentaria mais de uma hora com tanto peso sobre seu corpo, aguentaria?

Bem não importa! Tudo que posso pensar é que estou para acabar essa sessão e enfim chegar em casa e descansar, tem sido um início de

semana bem agitado, com a proximidade do verão as agências de publicidade andam funcionando a todo vapor com as novas campanhas para a próximas estações, além disso tem o recesso de fim de ano.

— Agora olhe para a sua esquerda, abaixe o olhar e o levante devagar, da forma mais dócil possível. — Luciano, o fotógrafo da vez, me diz parando um pouco os seus flashes. — Imagine que acaba de adentrar a igreja, não olhou para o escolhido e apenas ao chegar ao altar resolve olhá-lo. Mas faz isso aos pouquinhos, absorvendo cada pedaço dele e gostando do que vê.

Faço como ele disse, devagar vou levantando o olhar, na minha mente vejo meu padeiro preferido ali. Ao invés de smoking, ele está como imagino que fique ao fim do dia de trabalho, camiseta branca colada ao seu corpo, avental em uma das mãos, uma manchinha de farinha em um dos lados do rosto, bem onde fica sua covinha solitária. Ele está com aquele sorriso safado que tanto adoro e passei noites sonhando acordada.

— Isso mesmo, lindinha, agora ergue o queixo levemente para o seu lado esquerdo.

E assim ficamos por mais quarenta minutos, onde tive que sentar, levantar, ficar de lado, erguer a cabeça, abaixar o tronco, ou seja, girei e revirei várias vezes. Mas acabou e posso enfim trocar de roupa e colocar meu jeans confortável.

— Ari, Victor pediu para te avisar que precisou sair, um compromisso de última hora surgiu, que deve chamar um táxi ou Uber, nada de andar sozinha em ônibus a essa hora. — Lua, maquiadora da agência, diz enquanto me ajuda a tirar o excesso de maquiagem do rosto, trazendo a Ariana de volta.

Já me sentindo eu novamente, saio do ateliê cansada, querendo nada mais do que um banho quente e cama, quem sabe o cansaço me ajude a não pensar no melhor beijo da minha vida, ou da sensação única que foi sentir suas mãos em mim e aquela baguete...

"Pare com isso Ariana, onde já se viu ficar comparando as partes íntimas do cara com comida!" Repreendo-me, mas bem que eu provaria com prazer o sabor dela.

Estou tão absorta nos meus devaneios com baguete, padaria e Giuliano que não vejo a pessoa me esperando encostado no carro.

— Ariana? — E meu corpo entra em alerta total ao som da sua voz. Arrepiando até o último fio de cabelo.

— Giuliano? Q-que ‘cê’ tá fazendo aqui? — Gaguejo incrédula.

— Oi? — Um sorriso tímido se espalha lentamente pelo seu rosto. — Quer uma carona pra casa, ou comer algo? Sei de um lugar onde tem um x-salada na baguete integral com um molho excelente!

Se ele pensa que vai me agarrar pelo estômago, está redondamente errado. E ao mencionar a baguete me fez corar além do possível. Engulo em seco antes de responder.

— O que está fazendo aqui? Como sabia que me encontraria?

— E isso importa? — Fala sério. Ele perguntou isso mesmo?

— Lógico que importa, não somos nada, nem amigos. Talvez conhecidos, então, importa sim como ficou sabendo onde me encontrar. — Mantenho minha expressão questionadora.

O vejo mudar o peso de uma perna para outra desconfortável com a conversa, coça a cabeça, olha para os lados e enfim suspira derrotado, como se pensasse o que iria falar.

— Seu amigo quem me disse! — Oi?

— Que amigo? — Não tenho tantos amigos que sabem da minha rotina. Na verdade, quase ninguém sabe, a não ser...

Não, Victor não iria fazer isso, ele mais do que ninguém quer que eu mantenha distância de Giuliano. Fazer isso iria contra todos os seus instintos.

— Aquele que sempre está por perto, Victor, eu acho. — Parem o mundo que não sei mais de porra nenhuma.

— Sério? Isso não faz sentido!

Não faz mesmo! Qual o objetivo dele com isso? Será que quer me

mostrar que ele não é para mim? Se for isso, não precisava de tanto trabalho, eu já sei disso.

— Não fez para mim também, mas estou aqui. E gostaria muito de poder jantar, lanchar, levar pra casa, qualquer coisa com você. Se me permitir.

Suas palavras vão direto para o meu coração, fazendo aquele calorzinho gostoso se espalhar pelo meu peito. Fazendo ele bater descompassado, como se tivesse virado uma locomotiva desgovernada. É preciso todo meu autocontrole para manter a calma e compostura diante do seu sorriso tímido, que acaba de se tornar o meu favorito.

— Tudo bem, vamos comer esse x-salada, mas em pão normal, nada de baguete.

Devolvo o sorriso largo que me dá e entro no carro enquanto ele mantém a porta aberta. Em seguida dá a volta e entra ainda sorrindo, liga o carro e saímos com o silêncio confortável sendo preenchido apenas por uma voz melodiosa que me faz viver da música *Use Somebody* do *Kings of Lion.* Por um momento fantasio que essa música quer dizer algo a mais para nós essa noite. Espero não estar me dando esperança cedo demais.



Diferente do rumo que imaginei que a noite tomaria, Giuliano me encheu de perguntas sobre mim, meus gostos para música, comida, filmes, livros e sonhos a realizar. E o mais impressionante de tudo é que ele parecia realmente interessado em me conhecer, ouvindo com atenção cada uma das coisas que falei. E como falei, contando fatos da minha vida que não tinha vontade de dividir com ninguém, nem mesmo Victor, a pessoa que tenho mais próxima emocionalmente e de confidências.

Agora estamos parados em frente ao condomínio onde moro, como na outra noite, a tensão sexual é uma terceira pessoa dentro do carro. Mas dessa vez não me deixarei levar pela luxúria, precisava mostrar a ele que não vou cair nos seus encantos tão fácil.

— Obrigada pelo lanche, estava precisando depois de tantas horas de trabalho. — Falo com sinceridade.

— Sempre trabalha assim, por muitas horas, ou hoje foi uma noite atípica? — Espero que não volte com sua enxurrada de perguntas novamente.

— Às vezes, mas fotos de vestidos de noiva é um pouco complicado, tem que pegar os ângulos correto para valorizar a peça.

— Você estava de noiva hoje? Queria ter visto isso! — Por algum motivo eu coro, provavelmente pelos meus pensamentos durante o ensaio.

— Ah, isso é fácil. Dentro de quinze dias estará serão publicadas na revista Alta Costura Magazine, na seção de noivas!

— Sério? Comprarei alguns exemplares para mim, assim poderei vê-la em vestidos de noiva sempre que sentir saudades.

— Irá ficar entediado em dois tempos e enjoará da minha cara. — Sorrio envergonhada.

— Não irei não, eu não poderia enjoar de você, meu doce. O mais provável é que me viciei e queira te ter por perto sempre com esse sorriso tímido.

Sua mão toca o meu rosto com suavidade, quase consigo ouvir o barulho emitido pela corrente elétrica que as pontas dos seus dedos trazem a minha pele, que formiga onde fica o rastro do seu toque. Não consigo respirar direito, as narinas não conseguem ar suficiente para meus pulmões, abro a boca sugando lufadas de ar. Seu polegar toca meu lábio inferior e perco de vez o compasso e sem pensar duas vezes o estou beijando com um desespero sem tamanho.

O pego totalmente de surpresa, mas logo assume o controle do beijo. Sua língua adentrando a minha boca, explorando cada cantinho com maestria.

Tirando-me dos eixos e da Terra, me deixo levar pela explosão de sabor que seu beijo traz a minha língua e exploro sua boca com a mesma fome que ele.

Antes que o beijo saia de controle como na outra noite, Giuliano para, para minha total surpresa. Estamos os dois ofegantes. Toco no seu peito para sentir se seu coração está tão acelerado quanto o meu. E sim estamos em sintonia até mesmo nesse quesito.

— Seus lábios são viciantes e se não tomar cuidado vou ultrapassar o limite estabelecido para mim.

— Eu não me importo! — Digo para meu total espanto.

— Mas eu sim, teremos tempo para isso várias vezes, mas antes preciso que me conheça melhor, para não querer fugir mais de mim.

— Ok, vamos nos conhecer, mas não há muito mais a ser falado sobre mim, no entanto estou doida para saber sobre você, então da próxima vez, eu faço as perguntas!

— Sim senhora, para quando podemos marcar essa próxima vez? Amanhã?

— Não, tenho ensaio, estágio e faculdade o resto da semana, mas podemos almoçar no domingo, tudo bem?

Sua expressão caída é engraçada e fofa, mas não posso me deixar levar por ela. Tenho responsabilidades a cumprir, não as deixaria de lado por

diversão. Não faltando menos de dois anos para me formar e ter meu diploma de pedagoga.

— Nos falamos por telefone e marcamos um lugar.

— Tudo bem, até domingo então, meu doce! — Acaricia meu rosto com delicadeza.

Seus lábios voltam a tocar os meus, dessa vez devagarzinho, como se estivesse memorizando o meu sabor como faço com o seu.

— Tenho que ir, minha aula é pela manhã! — Digo encostando a testa na sua.

— Boa noite, meu doce! — Me dá um selinho e saio do carro com uma sensação nova no peito.

Diferente da outra noite, entro em casa sorrindo tão largo que ameaça partir o rosto em dois, vou direto para o meu quarto e defino essa como a melhor noite em anos.

Mostrando-se



Giuliano

Saí com Ariana e manter meu autocontrole não é fácil. Hoje faz exatamente um mês que saímos aquela primeira vez, sua vida movimentada e cheia de compromissos de trabalho, não nos deixou muito tempo para termos os outros dois encontros em um curto espaço de tempo.

Como disse que queria, deixei que ela me conhecesse, contei-lhe coisas que não havia dividido com ninguém até então, como o meu apego pelos meus avôs paternos. Como foi difícil para mim quando o nonno Guiseppe faleceu, três anos atrás e pouco mais de um a minha Nonna

Fiorella, que deu nome à rede de padarias/lanchonetes da família. De onde vem essa minha paixão pela culinária, em especial o ramo da panificação.

Falei sobre nunca ter me apaixonado por ninguém e meus sonhos a longo prazo. Em contrapartida descobri que ela é muito mais do que um rosto bonito, tem inteligência e determinação únicas. Que não vai andar comigo de mãos dadas pela rua, se não for eu quem tome a atitude de pegar na sua. Percebi que elogios não são bem recebidos por ela e palavras de duplo sentido a fazem corar lindamente.

Na segunda vez que saímos, a levei ao parque para um piquenique no horário do almoço de um domingo ensolarado, atípico até para o começo de agosto. Mas estava tão feliz, que se não tivesse nenhuma luz aquele dia, não teria percebido. No terceiro encontro, ela me levou para conhecer o abrigo pelo qual fez a campanha na boate, cantando com o famoso cantor Leandro Vidal.

Ver o amor que ela tem pelas crianças que se sentem excluídas foi emocionante, ser pedagoga está no ser dela. Se já é linda quando faz cara, bocas e poses, atuar como coordenadora e conselheira auxiliar do abrigo a tornam magicamente perfeita. Na saída de lá, fiquei um bom tempo a observando, mesmo estando louco para beijá-la, não conseguia tirar os olhos dela enquanto falava sobre o que a motivou a seguir essa carreira específica.

Agora estou parado em frente ao seu prédio, esperando que venha

para o nosso quarto encontro, ela não sabe, mas seguindo o conselho de Victor, a levarei para conhecer minha família. Há uma semana venho protelando nosso encontro, queria que fosse em uma data especial, como hoje, aniversário de casamento dos meus pais.

Pois é, os velhos estão fazendo bodas de pérolas, minha mãe fez questão de comemorarmos com um jantar apenas para família. Mas quem tem família grande sabe que pelo menos quarenta pessoas estarão presentes.

Três batidas na janela do carro fazem com que volte ao presente e Dio Santo!

Meu coração quase saí pela boca ao vê-la toda linda e gostosa em um vestidinho preto colado ao corpo como se fosse uma segunda pele, deixando evidente suas curvas e despertando meu corpo por completo. Minha vontade de viajar por suas curvas por tempo indeterminado é tanta que levo alguns segundos para me recompor e sair do carro para abrir a porta para ela, mas antes disso, preciso provar seus lábios deliciosos.

— Hmmmm, acho que você sentiu minha falta! — Diz ao sentir minha excitação a provocando.

— Sim, e meu fiel companheiro também! — A provoco, deixando-a com aquela cor linda na face.

— Ahhh, pensei que fosse um lanchinho para mais tarde. Uma

baguete quem sabe, adoro baguete, já te disse? — É impressão minha ou ela acabou de chamar meu membro de baguete novamente?

— Baguete é? Quero ver quanto de uma boa baguete, você aguenta comer? — Decido entrar na brincadeira.

— Com a fome que estou como ela toda, cairei de boca, literalmente!

Esqueci de dizer que durante a última semana nossas conversas ganharam um tom um tanto quanto quente!

— Isso é uma promessa? Eu a cobrarei!

— Eu a pagarei! — Beijo seus lábios mais uma vez para então abrir a porta do carro. Essa noite promete e quero ir devagar, mas se ela continuar a me provocar assim, não respondo por mim.

Seguimos em um clima bom para a casa dos meus pais, ela me contando como foram seus dias desde que nos vimos, enquanto eu complemento a conversa com um comentário ou outro sobre isso.

Quarenta minutos depois estou estacionando o carro na garagem da casa onde passei toda a minha infância. Ela está me olhando com aquela expressão de: onde você me enfiou seu louco? O que a deixa linda além do imaginável.

— Giules, onde você me trouxe? Não parece um restaurante! — Pergunta desconfiada.

— Bem-vinda ao lar da família Matarazzo Borella, meu doce! — Seguro sua mão e a beijo.

— Me trouxe para casa dos seus pais? Como? Meu Deus olhe como estou vestida?

Faço o que ela manda, a olho como deve ser olhada sempre, com admiração e carinho, misturados é claro, com muito desejo que sinto.

— Está linda, não acho que poderia ficar mais perfeita do que já está! — Sou sincero.

— Para de zoação Giuliano, não me avisou que me traria para conhecer sua família. Por que não me disse nada durante toda a semana?

— Porque a senhorita arranjaria uma desculpa para não vir e queria você comigo aqui essa noite, significa muito!

— Tem certeza que quer fazer isso? — Não entendo sua pergunta.

— Por que não teria? — Algo que Victor me falou naquela conversa estranha acende na minha mente, mas resolvo deixar que aborde o assunto.

— Não sei, não temos um compromisso nem nada! — Dá de ombros.

— Como não temos? Esse é o nosso quarto encontro oficial, se isso não é compromisso para você, para mim é sim. Nunca passei do encontro número um.

— E quem me garante que este não será o último? — Essa

desconfiança dela machuca.

— Não depois de trazê-la aqui, não tão cedo! Confie em mim, meu doce, só te peço isso! — Acaricio seu rosto e a vejo se render à minha carícia, seus lábios beijando a palma da minha mão, fazendo um arrepio subir pelo meu corpo.

— Tudo bem, me desculpe a crise de insegurança, é que tudo isso é muito mais do que eu esperava, mesmo tendo dito que não seria um número na sua lista, não imaginava que fosse ser assim. Merece meu voto de confiança, conquistou esse direito.

Suas palavras fazem aquela sensação gostosa subir pelo meu peito, um sorriso se espalha no meu rosto, uma vontade louca de beijar sua boca até perder a noção de tempo e espaço. Mas não o faço, estamos atrasados e logo minha mãe estará ligando para saber o porquê!

— Vamos então? — Confirma com um aceno.

Saio do carro e vou abrir sua porta, a ajudo a sair e beijo seus lábios com suavidade, transmitindo a segurança que espero que ela receba, antes de nos dirigirmos para a porta de entrada.

— Giuliano, espere! — Puxa minha mão. — E se eles não gostarem de mim? — Há um certo pânico na sua expressão. Isso faz meu peito contrair, um medo novo se apossando de mim. Que ela desista de estar

comigo.

— Ouça-me bem, não importa o que ou quem fale algo sobre você, isso não muda o fato de que a quero comigo, desde que me queira também.

Digo olhando dentro dos seus olhos para que veja a verdade nas minhas palavras. Não a deixarei por uma opinião equivocada de quem não a conhece. Até porque agora é oficial, caí na mandinga que meu irmão me rogou. Estou apaixonado por ela, só preciso criar coragem de admitir para outra pessoa além de mim.

O desafio



Ariana

Minhas pernas tremem levemente enquanto esperamos que a porta abra. Na minha cabeça passam milhões de possibilidades para esse momento, nenhuma tão boa. Giuliano sentindo minha inquietação leva nossas mãos juntas aos lábios e beija a minha, no mesmo instante que a porta abre e uma mulher linda de porte fino, num vestido azul marinho colado no corpo até a altura dos joelhos, cabelos tão castanhos quanto os de Giuliano está parada na minha frente, fazendo todos os meus medos virem à tona.

— Giuliano! Até que enfim você chegou! — Ela se atira nos braços

dele como se fosse natural.

— Valentina, sem exageros! — Ele a abraça de volta.

Ela dá um passo atrás e parece que enfim me notou ao lado dele, o que acho difícil não ter percebido com o meu manequim quarenta e seis.

— Veio acompanhado! Uau, isso sim é uma grande novidade! — Ela parece realmente surpresa.

— Menos Val, essa é Ariana, minha ...

— Amiga dele! — Termino a frase antes de ouvir o "Amiga". — Muito prazer!

— Você é linda! Sou a irmã desse rapazinho! Como deve ter percebido, me chamo Valentina! — Aperto a mão que me é estendida, mas Valentina me surpreende ao me abraçar.

— Valentina, vai assustar Ariana desse jeito! — Giuliano me puxa de volta, envolvendo minha cintura com seu braço. Acho estranha sua atitude, mas não me afasto.

— Tudo bem ciumento, vamos entrar, papai e mamãe vão adorar conhecê-la nessa noite tão especial para eles! — Diz e já começa a andar.

— Por que é especial Giuliano? — Pergunto assim que sua irmã se afasta um pouco.

— Nada de mais, é o aniversário de casamento deles! — Dá de

ombros. — Confie em mim, lembra?

Não argumento mais, não por não ter o que falar ou por querer dizer mil coisas para ele, mas sim porque estamos diante de umas cinquenta pessoas que olham para nós dois como se estivessem vendo algo inédito e incrivelmente raro.

— Giuliano! — O silêncio é quebrado quando uma senhora que aparenta ter uns cinquenta anos dá um passo à frente e abraça o meu acompanhante, o que me permite dar um passo para o lado, saindo do seu abraço.

Ela é como esperei que a mãe dele fosse, linda da cabeça aos pés, um corpo bem cuidado em um vestido verde esmeralda deixando a boa forma dela ainda mais pronunciada.

— Mamma, um pouco menos! — Diz constrangido, saindo do aperto da mãe. É a primeira vez que o vejo envergonhado com algo.

— *Figlio mio*, deveria ter avisado que vinha acompanhado! Que bela *ragazza* temos aqui! — É minha vez de corar.

— *Mamma*, essa é Ariana. Ari, essa é minha mãe Giovanna. — Faz a apresentação de praxe.

— Muito prazer, Sra. Borella! — Estendo uma mão, que é completamente ignorada, já que a mãe de Giuliano me pega em um forte

abraço.

— O prazer é todo meu, *cara mia*! — Sinto a sinceridade na sua voz.

Surpreendo-me com a sua simpatia. Logo o senhor Luigi se junta a nós, tão simpático quanto a esposa. Essa, então me pega a tira a colo e me arrasta por toda a festa, fazendo questão de me apresentar aos familiares que são praticamente todos os convidados da festa, salvo um ou outro.

Uso toda a minha experiência em eventos na hora de sorrir e ser afável com as pessoas, mesmo esquecendo os nomes de praticamente todas elas logo em seguida. Os únicos que gravei nome foram o irmão de Giuliano, Elano, mas esse não conta porque o tenho visto nas diversas vezes que estive na Nonna Fiorella, e a sua acompanhante, a moça do caixa da padaria. Seria impossível não reconhecer a boca *pink*, provavelmente a marca registrada dela.

Passado o momento das apresentações e conversa fiada, chega a hora do discurso do pai de Giuliano. Por falar nele, desde que sua mãe me arrancou do seu lado, não consegui me aproximar novamente, mas pude sentir seu olhar sobre mim na maior parte do tempo, agora entretanto não consigo enxergá-lo em lugar nenhum.

— *Miei cari amici*! [3]Era esperado que eu fizesse o discurso, *Sí?* Mas *mio figlio* Giuliano, resolveu nos presentear *stasera*! [4]

Logo vejo Giuliano subir no pequeno palco ali montado no canto da sala com um violão na mão. Senta no banquinho de frente para o microfone ali posicionado e começa a dedilhar as notas com maestria.

— *Mamma, babbo*. Passei a última semana procurando a música perfeita, essa, mesmo não sendo a do casamento de vocês, representa bem como vejo o seu amor. — Giuliano diz antes de começar a cantar.

De início não reconheço a música, já que parece que ele resolveu transformar totalmente a melodia. No entanto, foi ele começar a cantar que logo sou tomada pelas sensações que a música *Never knew I needed* do *Ne-Yo*.

Seu olhar desvia de onde estão seus pais visivelmente emocionados com a homenagem e focaliza em mim, mesmo eu estando um pouco atrás da sua platéia atenta a sua apresentação.

For the way you took the idea that I have

Of everything that I wanted to have

And made me see there was something missing

Meu coração dispara com o poder que essas palavras têm, vão se infiltrando pelo meu ser, como se ele estivesse a cantar para mim, assim como cantei para ele cerca de dois meses atrás. Quando sei que é loucura, ele não estaria me respondendo à pergunta que a música que cantei fazia,

principalmente por não saber que a escolhi pensando nele.

Aquele calor gostoso vai se espalhando pelo meu peito, quando dou por mim estou cantando baixinho junto com ele, que sorri de lado, ficando ainda mais lindo, quebrando de vez os muros de proteção que criei em volta do meu coração.

— Ele canta bem, não? — Uma voz enjoativa fala baixinho ao meu lado, fazendo com que quebre o contato com Giuliano.

— Lindamente! — Olho para a loira boca *pink* do meu lado. Apesar de estar vestida com um tubinho marfim destacando seu corpo, é a cor do batom que chama atenção nela.

— Huhum! — Volto meu olhar para meu padeiro preferido, mas ele está olhando os pais novamente. — Ele tem grande habilidade com a boca, não é mesmo?

Paro até mesmo de respirar. O que ela quer dizer com isso? Que já transou com Giuliano? Ou se certificar de que estou transando?

— Desculpe, não entendi a pergunta. — Faço minha melhor cara de paisagem.

— Claro que não entendeu, caso contrário não estaria mais aqui com ele! — Rebate com um sorrisinho cretino no rosto.

Que vontade que tenho de tirá-lo juntamente com esse batom

ridiculamente extravagante. Mas me controlo, não deixarei que o humor dessa criatura me contagie.

— Pelo visto você já teve o seu belo pé na bunda. Mas querida, se não percebeu, a minha é um pouco grande para chutarem!

Dito isso me afasto de onde ela está, preciso respirar e acalmar meus batimentos cardíacos antes de estar com Giuliano novamente. Ele me pediu um voto de confiança, devo isso pelo último mês. Sigo até a toalete para retocar a maquiagem, mas paro na porta ao ouvir duas mulheres falarem o meu nome.

— ... Ariana Ramalho, a modelo! Sabia que conhecia aquele rosto de algum lugar. — Diz uma delas.

— Mas você viu como ele a olhava? Não sei não, acho que ele está apaixonado! — Meu coração dispara com essa frase.

— Fala sério Val, seu irmão? O pegador mor apaixonado por uma gordinha? No mínimo ele quer saber como é o sexo com uma, já que esse não é o tipo padrão dele! — Então toda a alegria e autoconfiança que tinha vão embora. Uma das mulheres é a irmã dele!

— Não fale assim, ela é linda! — Ouço Valentina dizer, mas não absorvo as palavras.

Dou meia volta e sigo para a sala onde todos aplaudem Giuliano que é

abraçado pelos pais. Seu olhar varre a multidão e me encontra. Não sei o que vê, nem espero para saber, sigo para a saída mais próxima possível, preciso sair daqui. Achei que estivesse pronta para as críticas, que agora seria imune ao preconceito. Me enganei. E não quero que ele sofra comigo.

A verdade



Giuliano

Quando meu pai me pediu para que eu cantasse algo na festa de comemoração dos trinta anos de casamento dele com mamãe, procurei por uma que servisse para duas ocasiões distintas, homenageá-los e mostrar para Ariana o que sinto de verdade por ela.

Foi emocionante ver que ela captou bem a minha mensagem e cantou comigo boa parte da música. Então ela sumiu por alguns minutos, deduzi que tenha ido ao banheiro ou algo do tipo, então estou esperando sua volta. Mas antes devo atenção aos meus pais, os donos da festa.

— *Mio figlio, bella canzone questa!* [5]— Meu pai me abraça, o durão acaba de se debulhar em lágrimas.

— *Si, bello, mio bambino!* — Recebo o abraço da minha mãe no mesmo instante que vejo Ariana surgir na sala apressada.

Sua expressão me assusta, está com cara de quem vai chorar a qualquer momento e não gosto nem um pouco de vê-la assim. Meu peito contraí de medo quando seu olhar encontra o meu, está vago e perdidamente desolado.

— Fico feliz que tenham gostado, agora tenho que ir! — Digo apressado.

Minha mãe olha na direção que meu olhar está e vê comigo Ariana sair apressada pela porta de entrada.

— Vá, *figlio*, traga a *bella ragazza* de volta!

Beijo seu rosto e saio em disparada, não a encontro no jardim, provavelmente já está na rua, apresso o passo, quase correndo. Em dois tempos estou do lado de fora da propriedade olhando desesperado para todos os lados. Ela não está, mas que droga! O que aconteceu para que ela tenha saído assim apressada?

Volto para dentro a fim de pegar o meu carro e procurá-la quando alguém esbarra em mim.

— Desculpe-me! — Diz constrangida. Meu peito infla de alívio. Meus braços automaticamente indo ao seu redor, a mantendo o mais junto de mim possível.

— Onde você vai? — Pergunto por fim.

— Estou indo embora, Giuliano! — Diz dando um passo atrás.

— Por quê? Ari o que aconteceu? — Não entendo, estava tudo indo tão bem.

— O inevitável! Percebi que não me encaixo no seu mundo. E uma hora você irá perceber ou se encher das pessoas falando sobre como não ornamos como casal e me deixará, estou saindo antes que sofra mais! — Diz de forma decidida.

— Eu perceber o que? Ariana, te pedi que confiasse em mim! Caramba, o que aconteceu para que viesse com esse papo absurdo? E por que não te vi quando saí?

— Estava esperando meu Uber chegar, não vou ficar aguardando do lado de fora. Sentei perto daquele arbusto para esperar! — Claro! Não pensei em olhar mais além.

— E por que acredita que vou te deixar? — Não entendo.

— Porque não sou o seu padrão e não quero fazer parte de um experimento seu. Quer saber como é ter uma gordinha na cama? Procure

outra, essa aqui ninguém faz de trouxa mais não! — Explode irritada.

— De onde tirou esse absurdo? Ariana, acha mesmo que se eu quisesse fazer um experimento teria me dado ao trabalho de trazê-la aqui, na festa dos meus pais? Ou ter feito questão que me conhecesse e te conhecer melhor? Se fosse o caso eu já teria passado a linha há muito tempo, não acha? — Estou irritado, pois sei que meu passado de galinha me condena.

— Desculpa? — Diz baixinho. — Descontei em você. Só que eu já vi isso acontecer, não quero viver tudo de novo.

Lembro das palavras de Victor, sobre ela não aceitar fácil um envolvimento mais profundo com alguém. Estendo a minha mão e toco seu rosto, sua cabeça inclina ao meu toque e adoro isso.

— Ari, meu doce. Precisa entender que não vou fazer nada disso com você, mesmo não sabendo ainda o que aconteceu. Mas tenho uma única certeza: eu quero você, quero estar contigo durante todo o dia e noite. Desde que meus olhos pousaram em você, soube que não era igual as outras, que para tê-la teria que mudar muitas coisas, dentre elas, minha vida de pegador. E quer saber? Não poderia estar mais feliz. Não me importo com o que os outros dizem, sim com o que sinto.

— O que você sente? — Sua voz sai baixa e ansiosa.

— Sinto que se não te beijar agora vou parar de respirar, que se você

sair por aquele portão o mundo deixará de fazer sentido em muitos pontos. Que não posso sequer fazer uma boa massa da sua tão preciosa baguete, sem que pense em você. Está gravada na minha mente, meu doce, como também no meu coração. Eu estou apaixonado por você e só quem é louco que não percebe o quanto a quero. Então, quer oficializar essa bagaça de uma vez e dizer foda-se o mundo, pois temos um ao outro?

— Sim! Foda-se o mundo! — Diz com o sorriso mais lindo que já vi.

— Agora responda a pergunta mais importante. Quer ser minha namorada? — Sinto meu coração parar por dois segundos antes dela responder.

— Sim, eu quero! — Seus olhos estão marejados e os lábios trêmulos.

Toco seu lábio inferior com o meu polegar, sentindo a maciez e fazendo o jogo se prolongar ainda mais.

— Giuliano...

Meu nome saindo por seus lábios com um misto de ansiedade e desejo é o pico do meu limite. Tomo posse dos seus lábios com uma fome desvairada, puxando-a para junto de mim, querendo que uma cola invisível nos mantenha assim para sempre. Ela responde ao meu beijo com a mesma voracidade, sua língua duelando com a minha de forma esplêndida, seus dedos afundados no meu cabelo, me puxando para ela, me dando e recebendo

tudo que queremos um do outro. Bom, o que é permitido em um jardim.

— Também sou apaixonada por você, padeiro! — Diz quando conseguimos por fim, parar o beijo para respirarmos.

— Padeiro é? Olha que sei amassar uma massa como ninguém e sei usar meu rolo. — Digo imprensando minha excitação junto ao seu corpo.

— Estou louca para vê-lo em ação! — Rebate com um olhar malicioso.

— E verá! Venha, nosso tempo nessa festa já deu. Quero levar minha namorada para conhecer onde moro! — Devolvo o sorriso.

— Não é aqui?

— Não, meu doce, aqui é a casa da família, meus avós moraram nela, hoje é usada para eventos. Vamos, quero que conheça meu lar de verdade!

Beijo seus lábios e a puxo para onde os carros estão estacionados. Vou levá-la para minha casa, lugar que mantive intacto de mulheres além da minha mãe e irmã. Ela será a primeira a ir lá. Mas esse é um detalhe que não precisa saber.

Acredito em nós



Ariana

Ainda estou rindo feito criança quando chegamos à garagem onde o carro de Giuliano está. Uma música alegre vem de onde a festa continua a todo vapor. Sinto-me culpada por ter feito com que ele saísse de lá tão cedo. Ainda mais em uma data tão especial e única para sua família.

— Giuliano? — O chamo antes que abra a porta do carro.

— Sim, meu doce? — Adoro quando me chama assim.

— Não vai pegar mal sairmos assim? Quer dizer, é aniversário de casamento dos seus pais. De trinta anos! — Mordo o lábio inferior sem saber

como minha frase será recebida por ele.

Meu inconsciente diz que ficar é o certo, meu corpo deseja que saiamos daqui o mais rápido possível. No entanto, não sei o que se passa com ele. Temo que venha pensar que não acredito na sua sinceridade e queira uma prova. O que não é o caso. Vi a verdade no seu olhar durante a música e também minutos atrás.

— Não tinha pensado nisso. Nossa, estou tão feliz que não penso mais em nada! — Diz envolvendo minha cintura com seus braços fortes.

— Também estou muito feliz, namorado! — Respondo e ganho um beijo estalado seu.

— Subi no *trends*? Não sou mais padeiro? — Sinto meu rosto esquentar.

— Sim, ainda é o meu padeiro, mas agora merece o subtítulo de namorado! — O sorriso que toma o seu rosto faz meu coração crepitar no peito.

— Namorada, como bem colocou, sair sem falar com os meus pais em seu aniversário de trinta anos é falta de educação, não é mesmo?

— Huhumm! — Confirmo com um aceno de cabeça

— Então vamos lá falar com eles! — Seu rosto ilumina com algo que passa em sua mente. Tenho até medo de perguntar.

Voltamos para a sala onde os pais de Giuliano dançam ao som de *The way look tonight* do *Frank Sinatra*, tocada pelo quarteto de cordas ali presente. É visível o amor que um tem pelo outro, tão bonito que sinto uma pequena inveja deles. Encontraram o amor e o mantiveram junto de si. Para assim como a música diz; *sentir-se bem só de pensar em quem se ama.*

— Dança comigo? — Giuliano me tira dos meus devaneios.

— Mas é a dança dos seus pais! — Respondo encantada.

— Pode ser nossa também, uma das muitas que eu tenho em mente quando penso em você!

O olho sem saber o que fazer ao certo, quero chorar e me atirar em seus braços e beijá-lo até perder a noção, tudo ao mesmo tempo. Ao invés de fazer quaisquer dessas duas coisas, faço uma pequena mesura aceitando o convite. Logo seus braços estão a minha volta enquanto me conduz com maestria para a "pista de dança".

Entre um giro e outro é possível notar os olhares todos em nós, como se tivéssemos roubado o brilho dos verdadeiros donos da festa. No entanto, não ligo para nada, a sensação de ser conduzida por Giuliano durante a canção é única. Toda vez que me faz girar e me leva de volta para junto do seu corpo, meu coração dá pequenos pulos de alegria.

— *Just the way you look tonight!* — Giuliano canta o último verso da

canção junto ao meu ouvido.

Em seguida sua boca paira sobre a minha, seu olhar castanho escuro tomado pela cor preta da íris. Uma de suas mãos segura meu pescoço com carinho antes de selar minha boca com um beijo suave e delicioso, fazendo meu coração bater tão depressa quanto as asas de um colibri em pleno vôo.

Em meio ao torpor que o beijo de Giuliano me traz, ouço de forma vaga os aplausos em volta. Com certeza são para os pais do meu namorado, afinal a festa é deles. No entanto ao me afastar um pouco do meu sorridente e gentil, padeiro preferido, vejo que os aplausos são na verdade para nós, uma vez que até mesmo seus pais nos olham com um misto de diversão, surpresa e um toque de orgulho.

Eu logo estou corando, não gosto de ser o centro das atenções. Irônico até, devido à minha profissão como modelo, mas no momento que estou fotografando ou desfilando, assumo uma persona que não cabe a esse momento.

— *Mamma, papà*, estamos de saída! — Giuliano fala ao nos aproximarmos deles. — Mas antes quero que conheçam oficialmente Ariana Ramalho, minha namorada!

— *Dio Santo, amore, nostro bambino*, finalmente resolveu tomar um rumo questa vita! Ariana, *figlia mia, benvenuto, a questa famiglia, bella!* —

A mãe dele me abraça apertado, como se isso fosse algo esperado há muito tempo.

— *Figlio mio, questo vecchio è molto felice*. Agora entendo porque demorou a trazer uma *ragazza* para conhecermos, estava esperando a *donna* certa, *si*? — Seu pai me abraça. É possível ver como tem orgulho do filho.

— Si, papa! Ariana é a certa! — Diz me puxando para o seu lado. — Agora precisamos ir. Prometo que apareço em casa esse fim de semana.

Nos despedimos e partimos rumo à garagem e em seguida seu apartamento. Um novo sentimento surgindo dentro de mim. Uma certeza nunca antes sentida, aquela que sou aceita, sem que o número da minha roupa seja levado em conta. Aceita por quem eu sou. Ariana Ramalho, namorada de Giuliano.



A sensação de dançar com Ariana a música que fez parte de toda a minha vida, foi única. Cresci vendo meus pais dançarem ao seu ritmo em diversos momentos. Pensava que o dia que encontrasse a mulher certa, seria quando sentisse uma vontade tão grande de dançar com este o símbolo de grande amor. E foi essa a sensação dessa noite, se não a conduzisse durante a

canção meu peito se partiria em dois.

Olho para o lado e vejo minha doce namorada olhando para mim com aquele sorriso que tem guardado só para momentos como esse. Quando a calmaria toma conta do ambiente e as palavras não são necessárias para dizer o que sentimos um pelo outro.

Estaciono na garagem do prédio e dou a volta para abrir sua porta, como assisti ao longo dos anos meu pai fazer, estendendo uma mão para ajudá-la a sair. Entrelaço nossos dedos e começo o caminho para o elevador, uma ansiedade se apoderando do meu peito.

— Giuliano? — Ari diz enquanto esperamos a porta abrir.

— Sim?

— Obrigada!

— Por??? — Estou confuso.

— Por tudo, nossos encontros anteriores, a música, a dança, por me aceitar como sou! — Diz olhando nos meus olhos com um brilho de lágrimas.

— Como não aceitá-la? Você é linda, não só fisicamente. É gentil, altruísta, forte, determinada, e sim tem o corpo com curvas que piram meu cabeção. E sim, um dia eu achei que o corpo da mulher perfeita fosse um que o manequim não passava do trinta e oito. Era um babaca completo. Mas foi

você entrar pela porta do Nonna Fiorella para tudo que eu acreditava e achava que era o perfeito, cair por terra quando você sorriu timidamente para mim. Ali vi que não havia nada no meu mundo que se comparasse a beleza única que é você.

Deixo o meu coração falar tudo que quero dizer para ela, há três meses estou guardando coisas só para mim, com medo de me entregar a nova e surpreendente experiência de viver um sentimento novo e tão bonito como o que sinto. Seguro seu rosto em minhas mãos para que possa manter seu olhar no meu.

— Ari, nunca precisei ser romântico ou me dedicar para chegar ao coração de uma garota antes. Até porque não sentia a mínima vontade de me envolver. Tudo era um lance de uma vez e nunca mais. Mas com você, eu quero todas às vezes possíveis, quero ser melhor e fazer o melhor sempre, para merecer estar do seu lado. Dane-se o que possam falar ou pensar sobre nós dois. Eu estou apaixonado e não há ninguém que possa me afastar de você, a não ser você mesma. Então te peço, *acredite em nós*, vou te fazer feliz, eu prometo.

Agora as lágrimas descem pelos cantos dos seus olhos, no entanto ela ainda me olha, absorvendo minhas palavras, espero que a tenha convencido de que não há outra pessoa que eu queira do meu lado nesse momento. Seus lábios tremem um pouco antes de se abrirem em um sorriso estonteante que

me tira o fôlego.

— Eu acredito em você, Giuliano! *Acredito em nós*!

Tomo sua boca com vontade ao mesmo tempo que as portas do elevador se abrem para nos levar ao meu apartamento, onde quero amá-la como se deve e ela merece.

A entrega



Ariana

Em dias normais o beijo de Giuliano me tira do chão, nesse momento ele me faz voar sem perder a noção de onde estou. Se por um lado minha cabeça está leve e aérea, por outro as carícias feitas por suas mãos no meu corpo me fazem saber exatamente onde estou e com quem estou.

Começamos a nos beijar antes de entrar no elevador, meu corpo sendo imprensado na parede antes mesmo dele apertar o botão do seu andar, que não faço a mínima idéia de qual seja. O efeito das pontas dos seus dedos subindo pela lateral do meu corpo, despertando em mim a fome desesperada

por mais, muito mais.

Saímos para o corredor ainda aos beijos, com alguma dificuldade estamos os dois tropeçando pela sala do apartamento, onde fazemos nossa primeira parada no sofá. Meu lindo namorado me deita e suspende seu corpo sobre o meu com o auxílio dos braços.

— Eu quero ir devagar, com carinho, mas tá foda controlar! — Diz ofegante.

— Não me importo! — Meu peito sobe e desce com a minha momentânea dificuldade para respirar.

— Argh! Isso é maldade sua, meu doce. Mas sei o que garotas malvadas merecem!

Com um olhar que promete me incendiar por completo e um sorriso malicioso nos lábios, Giuliano fica em pé e começa a desabotoar a camisa, um botão de cada vez, provocando. Seus dedos passando onde desejo eu mesmo trilhar, mais com lábios e línguas e de uma vez por todas saber o real gosto que o meu padeiro tem na sua baguete.

— Agora é você o malvado!

Levanto e o puxo para mim beijando seus lábios com suavidade, pedindo licença para o que pretendo fazer com ele nesse momento. Vou percorrendo seu peitoral com as minhas mãos, acariciando cada um dos seus

músculos bem definidos. Minha ousadia vai ganhando cada vez mais espaço e logo o livro da camisa e parto para a sua calça, sentindo a textura rígida do seu membro que pulsa ao meu toque, o acaricio e ganho em recompensa seu gemido gutural.

Sua boca agora devora a minha com uma urgência nova, seu corpo colado ao meu, seus movimentos me dando um gostinho do quanto está desejando me ter como o quero em mim. Com um giro rápido sou virada de costas para ele, que logo abre o meu vestido e o faz deslizar pelos meus braços e ir ao chão. Saio de dentro dele e fico de frente para Giuliano que me olha com um fogo intenso no olhar, meus seios intumescem ante ao seu olhar. Minha respiração presa na garganta, meu núcleo contraindo ansioso.

— Linda! — Sua boca forma as palavras com uma suavidade nunca ouvida por mim antes. — Você é perfeita, Ari. Nunca duvide disso!

Sem mais uma palavra volta a me beijar com ternura, me fazendo sentir cada uma das palavras anteriormente ditas. Sim, sou linda em suas mãos e aos seus olhos. Nesse momento ninguém conseguiria me convencer do contrário.

Com cuidado sou novamente deitada no sofá enquanto ele fica em pé me olhando por um instante. Usando apenas uma calcinha preta, é impossível não corar com seus olhos sobre mim, como se eu fosse à refeição mais que aguardada depois de dias em jejum.

Ainda me olhando, Giuliano vai até a ponta do sofá e me livra do meu sapato. Suas mãos sobem pelas minhas pernas causando ondas e mais ondas de arrepios por onde seu toque passa. Então está com os dedos sob minha calcinha, seu toque me faz tremer por completo. Mas ele não me dará o que quero de imediato, afinal sou uma menina mulher levada.

Mordo o lábio ansiosa enquanto o vejo tirar sua calça e ficar apenas de cueca boxer. Antes de jogá-la a esmo, pega o preservativo e põe na mesinha ao lado. Volta a ficar entre minhas pernas para devagar me livrar da minha última peça e estou totalmente entregue a ele, não me importo de estar nessa posição, ele me tem de corpo alma e coração.

Com beijos alternados pelas minhas pernas, sua boca vai explorando até chegar aonde realmente desejo que vá. Ele brinca um pouco comigo, entre beijos carinhosos e pequenas lambidas com a ponta de sua língua, quase me deixando louca.

— Por favorrrr! — Imploro despudoradamente, querendo que o fogo que sinto no meu núcleo seja amenizado ou que me incendeie por completo.

— Shiiii! — Beija meus lábios me fazendo provar um pouco do meu próprio sabor.

Então volta para onde estava e me devora pra valer, sua língua circula com maestria meu ponto mais sensível, uma de suas mãos acaricia meus seios

alternando entre apertos leve e beliscões nos bicos fazendo todas as minhas terminações nervosas entrarem em colapso quando, com a outra mão, um de seus dedos me toca exatamente onde precisava para fazer meu corpo entrar em um estado novo de êxtase e eu flutuo solta no espaço com a sensação de ter sido tirada do plano terrestre por alguns segundos.

Mas esse espaço é um espaço feito para ir e voltar para a realidade em instantes. As mãos de Giuliano sobre o meu corpo me trazem de volta para o aqui e agora. Seu sorriso satisfeito, os lábios brilhando com a evidência do meu prazer, fazem um novo tipo de desejo se apoderar de mim. Com as pernas ainda bambas fico de joelhos e o puxo novamente para mim, sentindo o meu sabor misturado com o de sua língua e gosto disso.

Aos poucos vou o empurrando até que esteja deitado e ao meu dispor. Passo as unhas pelo seu peitoral lisinho e vou seguindo o trajeto com a ponta da minha língua. Paro junto ao seu umbigo e circulo para provocá-lo ainda mais. Minha mão acha o volume inconfundível do seu membro louco para ser liberto dali. Sem pensar muito sobre o assunto puxo sua cueca fazendo seu membro saltar ereto e não me decepciono com o que vejo. Como imaginei, a baguete do meu padeiro é bem recheada e linda de se ver.

Engulo seco. Nunca me permiti ter um momento assim com ninguém. Até mesmo Victor, o sexo era sempre o tradicional e esperado. Minha boca saliva desejosa de percorrer esse belo membro com a minha língua, mas ao

mesmo tempo, sei que ele deve ter recebido isso de várias mulheres e eu aqui sem saber o que fazer. Tenho medo de fazer besteira ou até mesmo machucá-lo na minha afobação.

Respiro fundo e encho o peito de uma nova coragem e seja o que Deus quiser!

Começo percorrendo a glande timidamente com a ponta da língua. Ao ouvir seu gemido rouco ergo a cabeça com medo de ter feito algo errado.

— Continueeeeee! — Pede com um olhar suplicante. Sorrio internamente e volto a atacar sua bela baguete com vontade, tento repetir o movimento que vi algumas meninas certa vez comentando no estúdio: circulando a extensão com a língua antes de engoli-lo totalmente. Desço a boca abrigando a ponta bem onde se inicia a minha garganta e volto a subir fazendo leves sucções ritmadas. Suas mãos vão a minha cabeça, não com força, apenas segura enquanto mantenho o ritmo, ergo o olhar bem a tempo de o ver revirar os olhos desesperado, como se estivesse se segurando ao máximo para não gozar na minha boca.

— Para, por favor, para! — Faço o que pede e largo seu membro com um misto de satisfação e frustração, estava bom, queria mais.

O gosto do seu pré gozo na ponta da minha língua me dá uma pequena amostra do que está por vir. Mas não tenho tempo para pensar muito

sobre isso. Logo o vejo colocar o preservativo e em dois tempos está me beijando com adoração enquanto devagar e com um cuidado especial vai me preenchendo por completo. Suas mãos vão estimulando meu corpo a ir pelo caminho sem volta mais uma vez, seus movimentos sincronizados com elas. Um arrepio sobe pela minha espinha quando aquele aperto gostoso se forma no meu núcleo, minha respiração acelerada junto com a dele, sua boca abre e no momento que meu nome saí pelos seus lábios sou jogada com tudo novamente para o espaço. Dessa vez não vou sozinha, Giuliano está comigo e assim sei que estou segura e muito bem acompanhada.

Não é todo mundo que tem o privilégio de ser a escolha do cara que nunca quis escolher. Se eu ganhei esse prêmio, sou grata, afinal ele veio por quem eu sou sem precisar mudar nada em mim. Giuliano me aceitou com defeitos e qualidades, imperfeições e sentimentos. E eu o amo e aceito o seu passado. Mas a partir de agora escreveremos juntos um novo futuro.

Quando fala o coração



Tempos depois

Ariana

A vida tem uma forma estranha de nos surpreender, as vezes com tempestades sombrias, outras com calmarias relaxantes. Posso dizer que finalmente cheguei à segunda opção.

Se me perguntassem há dois anos como pensava que seria minha vida nos próximos meses. Teria dito que não tinha planos, apenas vivendo um dia de cada vez. Nem em um milhão de anos pensaria que estaria vivendo a

melhor fase da minha vida.

Giuliano foi sem dúvidas a melhor de todas as surpresas que me aconteceu nos últimos tempos. Sua paciência comigo, deixando que as coisas acontecessem no meu tempo. Sem me pressionar por respostas. Aos poucos fui criando confiança para deixar a parte dolorida do meu passado vir à tona.

Estávamos namorando há dois meses, quando depois de fazermos amor, fiquei deitada no seu peito e deixei as palavras jorrarem livremente. Seu corpo inteiro tencionou enquanto falei como me senti ao ser rejeitado por não ser a modelo manequim da Barbie que a mãe de Marcelo queria como nora. Ao fim da minha história ele me abraçou e me fez sentir a mulher mais bonita e perfeita da face da terra. Fizemos amor mais uma vez e ao chegarmos ao nosso clímax ele me olhou nos olhos e disse *eu te amo* com todas as letras pela primeira vez.

Na manhã seguinte estávamos na estrada indo para Santa Gertrudes no interior de estado visitar meus pais. Onde convenientemente encontramos Marcelo, o babaca do colegial, no restaurante onde estávamos com a minha família. Giuliano estufou o peito e se manteve sempre muito perto, olhando para mim como se eu fosse a coisa mais linda do lugar. E foi assim que me senti e me sinto até hoje, não importando onde estamos seu olhar me traz um sentimento inigualável.

Com seis meses de namoro decidimos morar juntos. Era muito

desagradável para Giuliano topar com Victor ou sua irmã Valentina, nova namorada do meu colega de quarto, pela manhã, toda vez que dormia em casa comigo.

E agora estou aqui, no salão de embarque do aeroporto Internacional de Guarulhos, pronta para comemorar minha formatura em pedagogia pela universidade Anhembi Morumbi. Estamos indo passar uma semana no chalé da família do meu lindo namorado em São Joaquim no estado de Santa Catarina, sul do Brasil. Um presente de formatura dos meus sogros. Duas pessoas maravilhosas que me receberam na família de braços abertos, mesmo que ainda não oficialmente. Mas como Giovanna Borella bem diz: consegui um milagre, fiz o *bon vivant* do seu filho virar um homem de verdade e que a deixava muito orgulhosa, então era da família sem sombra de dúvidas.

Não que eu não pense em casamento, eu penso, claro. Mas assim como ele me deu o tempo que precisei para confiar e me entregar por inteira, dou a ele o tempo que precisar para decidir. E se não acontecer, não será o fim do mundo, nos amamos e é isso que importa.



Olho para a cama onde minha doce menina dorme no fim de tarde.

Hoje está incrivelmente frio em São Joaquim, cinco graus abaixo de zero para ser mais exato. Sinto-me muito satisfeito por ter realizado mais um dos desejos da minha namorada. A via pesquisando destinos aleatórios na internet, aproveitei que era sua formatura para organizar a surpresa.

Mas essa manhã a surpresa foi inteiramente minha, acordei com meu membro sendo envolto por chocolate e uma Ariana que me olhava com cara de fome.

— Nada melhor do que molhar a baguete no chocolate, não acha?

Foi o que disse antes de deslizar sua língua por toda a extensão, me levando à loucura com sua boca de veludo única. Nossos dias têm sido assim desde que ela veio morar comigo há um ano e meio, manhãs de sexo ardentes, tardes de mensagens provocativas e noites de amor carinhoso.

Não imaginava que uma vida simples e "sossegada" viesse a ser o que eu mais precisava. Claro que ainda vejo os olhares que as mulheres atiram para mim, mas eles não me trazem mais a satisfação e desafio de antes. E hoje Ari também já tem consciência de que sou um homem totalmente diferente.

Nunca esquecerei da cara que ela fez ao entrar no Nonna Fiorella e deu de cara com uma cliente que estava flertando comigo. Colocou seu olhar: Tira o olho do que é meu; caminhou até onde eu estava com toda a

naturalidade e segurança de quem é dona da porra toda e me beijou como nunca feito até então.

Eu sou o que demarca lugar e toma posse dos lábios dela, dessa vez me vi submisso da sua vontade. Naquela noite, fomos os últimos a sair da ala de panificação da Nonna Fiorella, aproveitei a ocasião para ensiná-la como sou bom em amassar uma massa de pão. Fizemos amor ali mesmo entre farinha, fermento e açúcar.

E aqui estou eu, segurando o aro prateado do anel que comprei alguns dias atrás para ela, mãos suando apesar do frio da serra catarinense, coração acelerado e respiração presa na garganta. Vou até ela e com cuidado, o mais devagar possível coloco o anel no seu dedo anelar direito, beijando sua mão em seguida.

— Hummmm! — Minha menina se espreguiça fazendo o lençol deslizar pelo seu corpo expondo seus seios maravilhosos para mim. — Gosta do que vê?

— E como! — Deito sobre ela, mantenho o peso do meu corpo com os braços e pressiono minha rigidez no seu corpo. Seu suspiro desejoso é o que eu esperava ouvir.

— Que bom! — Sua mão toca meu rosto como sempre faz antes de me puxar para um beijo enlouquecedor. — Oh meu Deus! Oh meu Deus!

Giuliano!

Senta de uma vez ao ver o anel no seu dedo, seus olhos arregalados, a mão na boca, seu peito subindo e descendo rapidamente com a respiração ofegante enquanto olha da sua mão direita para o meu rosto incrédula. Mesmo com o coração descompassado recupero a respiração e começo a falar o texto que ensaiei por horas na frente do espelho.

— Ari, meu doce. Por vários dias venho ensaiando esse momento, porque é o mais importante das nossas vidas até aqui. Há pouco mais de dois anos eu era *um bon vivant* bon vivant incorrigível, bom eu achei que era assim. Vivia de aparências e futilidades. Tratava as mulheres como apenas mais um número, ou um nome para ser colocado em uma lista.

As lágrimas começam a encher seus olhos, seu olhar fixo no meu rosto, atenta a todas as minhas palavras. Engulo o desejo de beijá-la nesse momento para que possa finalizar o pedido.

— Então você apareceu. Com esses olhos castanhos lindos e um sorriso tímido e com essas curvas acentuadas que me fez querer perder o controle da direção e colidir em todas elas por vontade própria. Ali foi a primeira vez que eu quis ser melhor, um homem melhor, merecedor do seu afeto e admiração. Queria ser aquele para quem você olharia e não se sentiria insegura por estar comigo. Eu quis coisas novas e inéditas. Me vi desejando conhecê-la e te contar tudo sobre mim. Eu aprendi com vocês o que é amor

verdadeiro, o que é querer o bem do outro antes do meu. E aqui, nesse momento quero te pedir que aceite ser minha, oficialmente. Minha esposa, amiga, companheira e confidente. Divida sua vida comigo e serei seu eterno apaixonado. Casa comigo, Ari?

Espero por sua resposta pelo que parece uma eternidade, seu olhar volta a pousar sobre o anel que está no seu dedo. Um sorriso espetacular começa a tomar forma no seu rosto e enfim solto o ar que nem sabia que estava segurando.

— Isso significa que terei meu pão favorito pelo resto da minha vida? — Pergunta com malícia.

— Para sempre!

— Sim, eu caso com você padeiro! — Diz e se atira nos meus braços, me fazendo cair de costas na cama com seu corpo lindo, agora totalmente exposto, sobre o meu. — Só porque eu adoro uma boa baguete!

— Que bom que eu tenho uma aqui pronta pra você, minha noiva.

Esse adjetivo com o pronome possessivo juntos, referindo-se a Ari e a mim, muito me agrada. Com um giro rápido a derrubo de volta na cama, começando a adorar seu corpo com minhas mãos, lábios e ... O nome que vocês quiserem dar a ele.

Mas não se acostumem muito com a liberdade que estou dando a

vocês. Essa belezura tem dona e nunca estive mais feliz na minha vida. Pertenço a alguém que também me pertence. Estou definitivamente fechado para balanço.

Fim


Laços
&
Abraços
Irmãos Borella - Livro 2



Passo por entre as mesas da padaria onde o imbecil do padeiro que a mulher que eu amo trabalha sem olhar muito por onde ando, poderia estar indo de encontro a um precipício e não me importaria. Hoje eu fiz algo que imaginei que fosse incapaz de fazer, abri mão de uma vez por todas da tentativa de fazer Ariana acreditar que eu sou o cara certo para ela, mas quando se ama alguém, ama de verdade, você não pensa em si, a felicidade da pessoa que é alvo do seu afeto é imensuravelmente mais importante do que você mesmo. E Ari é assim para mim, desde que entrou na minha vida há pouco mais de dois anos me mostrou que eu estava certo em não deixar

minha profissão — nossa profissão, afinal a convenci a entrar no universo da moda comigo — e aparência ditar o jeito que queria me relacionar com as pessoas.

Ela, com seu sorriso meigo e coragem de enfrentar o mundo de cabeça erguida depois de uma grande decepção, me fez enxergar a beleza que há no interior de cada pessoa, deixando de lado o que a sociedade pode chamar de estereótipo perfeito, com suas curvas avantajadas que junto a um coração imenso me fez cativo dos seus encantos e agora, para ter a oportunidade de voltar a ver aquele brilho e sorriso radiante no seu rosto, eu fiz o que achava impossível, abri mão dela e dei as dicas necessárias para Giuliano — o cretino — conquistar a sua confiança, já que seu coração está completamente apaixonado por ele e assim acabo de selar minha infelicidade amargosa em troca do sorriso daquela que amo mais que tudo.

— Não olha por anda não, babaca? — Ouço a voz irritada antes de ver a garota com quem acabo trombando na saída da padaria.

Ergo meus olhos aos poucos absorvendo toda a forma da garota irritada de pernas longilíneas e cintura fina. Apenas para irritá-la um pouco mais deixo meus olhos pousados no pequeno top que cobre seus seios pequenos, mas do tamanho certo para o seu biótipo físico.

— Além de cego, é abusado! — Bate o pé como aquelas meninas nos seriados de TV que eu via na minha infância. Isso me faz rir como há muito

nada mais me causava essa reação.

Quando desisto de apenas tirá-la do sério, olho no seu rosto e me arrependo de não ter feito isso logo de cara, ela tem um rosto lindo de menina com uma mistura maliciosa de mulher que sabe bem o que quer, e nesse momento quer me ver fora do seu caminho. Dou um passo para o lado e fico observando-a entrar e se dirigir diretamente ao balcão, pela parede de vidro posso ver quando se aproxima do sujeito que sei se tratar do irmão daquele imbecil com quem acabo de ter a conversa mais difícil da minha vida e o abraça apertado, mas é claro que depois de tanto tempo com olhos apenas para Ariana eu iria olhar para alguém comprometida e com um dos Borellas.

"Grande, Victor, agora está com a maldição de ser cortado o seu barato pelos irmãos cretinos!", penso antes de virar as costas para a cena fofa dentro da padaria e seguir o caminho até o meu carro para seguir adiante, dessa vez deixando para trás toda a merda de menino bom e sonho de consumo para genro que fui ensinado a ser, agora será eu conquistando todas, sem nunca mais ser conquistado.

Faço o percurso da padaria *Nonna Fiorella* até o meu apartamento pensando em como a vida pode ser ingrata, se você é um imbecil que usa e

abusa é aplaudido e consegue tudo o que quer, mas se você tentar sempre o melhor será posto para sempre na *friendzone*, se eu soubesse disso antes teria evitado ou não.

Eu te solto, eu não te prendo, eu te livro faz o que é preciso,

Eu não posso, eu não quero te obrigar a me querer na tua vida.

Desenganos, vem, acontecem, desenganos vão, desaparecem,

Eu não posso, eu não vou forçar a barra pra você gostar de mim.

A música *Perdoa* do Raça Negra toca no meu sistema de som e nunca ela fez tanto sentido, estou soltando Ari para viver por sua conta agora, seremos o que deveríamos ter sido desde o início, apenas bons amigos.

Estaciono na garagem e logo meu telefone vibra indicando que recebi uma mensagem de voz, olho no visor e vejo o nome de Maluh, uma das modelos da agência que faço parte como modelo e empresário, na mensagem ela me convida para uma festa *open bar*.

“Vem lindinho, prometo não te atacar, a menos que você diga ok!”

Sua frase final me faz sorrir, ela não desiste de tentar me seduzir. Mas pensando bem, é exatamente isso que disse há pouco que faria, não é mesmo? Se tenho que começar com alguém, por que não com uma que está implorando por isso?

“Ok, me convenceu, te pego às nove horas!”

Respondo e saio do carro, hoje à noite será a primeira de muitas onde eu serei o dono da festa, pelo menos a festa entre quatro paredes.



Três meses depois

— Ei, acorda! — Meu ombro é sacudido de um lado a outro sem nenhuma delicadeza.

— Hmmmmm! — resmungo nada satisfeito.

— Que merda, Victor, isso vai ser a nova rotina da sua vida, caramba?

Abro os olhos e uma Ari extremamente irritada me olha, acho que virei especialista em irritar garotas — na minha lista de contatos têm umas bem possessas comigo —, suas mãos nos quadris me dão a dica de que ouvirei *O sermão*. Só que não estou no clima para isso, então fecho os olhos e procuro cegamente minha coberta, mas não encontro, tateio ao meu redor e percebo que a cama está estreita demais e antes que me dê conta estou indo de encontro ao chão batendo primeiro meu ombro, depois o quadril. Droga, isso vai deixar um roxo horrível como da outra vez.

— Você dormiu no sofá mais uma vez, seu idiota! — Abro apenas um olho para ela, fazendo uma careta. — Não faça essa cara, estou com raiva de você e não quero rir.

Consegui o que queria, se tem uma coisa que Ari não consegue é ficar de cara amarrada por muito tempo. Sento devagar e sinto minhas costas reclamarem por ter ficado tanto tempo na mesma posição e pela pancada, vai saber como cheguei em casa na noite passada.

— Desculpe! — digo, enquanto espero o mundo parar de girar para que eu possa enfim ir dormir na minha cama.

— Não me peça desculpas, pare de tentar ser quem você não é, só isso e eu já fico feliz.

Olho para ela sem entender bem o que quer dizer, sou quem sou e não

posso mudar isso. Mas não estou em condições de defender o meu ponto, não com o mundo ainda girando tanto. Levanto e antes que passe por ela, paro e fito pela primeira vez sem sentir aquela pontada angustiante no meu peito por não estarmos mais juntos, o motivo é o brilho intenso nos seus olhos castanhos, o sorriso que não consegue tirar dos lábios e o exalar de felicidade que vem dela.

E vê-la assim, estando tão bem e feliz me diz que fiz a coisa certa meses atrás, ela está feliz e isso é tudo que importa.

— Você está diferente! — Vejo seu olhar intrigado e complemento. — Mas diferente é bom, bem, no seu caso é!

Aperto o seu ombro e faço o caminho de poucos metros até o meu quarto, entro e nem sequer ligo a luz, fecho a porta e na penumbra me jogo na cama e antes que meus ossos parem de estalar enquanto se realinham, já estou dormindo novamente, esse é o lado bom de beber até perder os sentidos, o efeito se prolonga por um bom tempo.

"Você sabe que é o que deseja, vamos, não tente fugir, seu lugar é aqui...".

A voz da bela estranha e sem rosto sussurra no meu ouvido fazendo todos os pelos do meu corpo se arrepiar. Eu conheço essa voz, mas não sei de onde ela vem e assim, sentado e de olhos vendados, fica difícil de lembrar.

Ela senta no meu colo e deixo minhas mãos deslizarem pelo seu corpo, acaricio os seus seios que cabem perfeitamente nas palmas das mãos e ela geme, sua voz de soprano fazendo meu membro acordar para a vida completamente.

— Não olha por onde anda, imbecil? — A pergunta chega aos meus ouvidos ao mesmo tempo que o barulho estridente do meu telefone me desperta do melhor sonho que tive nos últimos tempos.

"Caralho, será que não dava pra esperarem eu gozar, véi?", penso enquanto tateio em busca do aparelho que não sei como veio parar no criado-mudo. Sento e vejo que é Vincenzo, o fotógrafo da agência, ele está tentando me convencer a pegar novos trabalhos, mas não ando muito a fim, atendo ao mesmo tempo que ajeito minha ereção que está espremida no jeans que esqueci de tirar ao deitar.

— Alô? — falo sem vontade de ser simpático.

— Bom dia, flor do dia! Não me diga que ainda está nu sob as cobertas que eu não resisto — responde, me enchendo como já era esperado.

— À merda você e sua mente pervertida!

— Ui, ele está bravinho! — Sua gargalhada alta faz minha cabeça doer mais do que eu aguento, afasto o aparelho do ouvido e coloco no viva-voz, assim posso fazer minha higiene enquanto ele faz seus repasses.

— Fala logo o que você quer de mim hoje, que não seja sexo selvagem — brinco e ouço seu engasgar.

— Victor, não diga essas coisas quando estou tomando meu combustível essencial — diz depois de alguns segundos. — Mas, vamos aos negócios, você está proibido de usar a máquina de barbear, o cliente pediu que você ficasse exatamente como está! — Olho para minha mão que já ia de encontro ao barbeador.

— Como assim? Vincenzo, estou louco para tirar essa barba, eu lhe falei que não era uma boa ideia fazer o novo *book* com ela — reclamo por saber que essa é uma grande campanha que irá exigir dos modelos dedicação durante meses, inclusive com viagens onde divulgaremos a marca.

— E eu falei que você seria babado com ela entre os clientes! — Ele sempre arruma um jeito de se gabar.

— Certo, eu suportarei, mas farei um funeral quando o contrato acabar e só aceito por uma campanha!

— Tudo bem, gatinho! Espero você aqui para testarmos as modelos em uma hora! — Reviro os olhos por saber que o dia será puxado.

Desligo e começo a tarefa de me despir para o banho, tenho que correr se quero comer algo antes de sair de casa, por sorte não terei que aguentar sermão pós-bebedeira novamente, Ari já deve estar na faculdade,

assim terei um tempo de paz e sossego, assim espero.

Termino meu banho e enrolo uma toalha na minha cintura enquanto com outra seco meus cabelos, descalço mesmo caminho até a cozinha para ligar a máquina de café, assim não perco tempo ao me vestir. Paro em frente à geladeira aberta e separo alguns frios para um sanduíche rápido, odeio me atrasar e tudo que tenho feito nos últimos meses é isso, culpa da minha fuga da realidade sempre que possível.

Tenho evitado chegar em casa antes de Ariana estar dormindo, não quero ou preciso ver seu olhar apaixonado ou sorrisinhos bobos quando recebe uma ligação daquele padeiro imbecil. Torcer pela felicidade deles eu torço, ficar satisfeito por ver que ele seguiu meus conselhos, eu fico, mas isso não quer dizer que não machuque mais do que uma facada matinal todas as vezes que vejo fotos deles juntos.

— Pensei que não ia mais acordar! — A voz de Ari me tira dos meus devaneios e dou um pulo, derrubando o queijo na pia.

— Jesus Cristo, Ariana, avisa antes de querer me matar de susto, caramba, sou jovem demais para ter um enfarto — rosno ao encarar minha colega de quarto que coloca a mão na boca segurando o riso descaradamente.

— Desculpa, não era essa minha intenção, mas eu falei oi — retruca inda sorrindo.

— Desculpada, o que faz hora dessas em casa, não tinha que estar na universidade?

Ela me olha com esses olhos de cachorro pidão, baixa o olhar para as mãos, morde os lábios e depois torna a erguê-los. Sabe que quando faz isso me desarma completamente, sei que algo a está incomodando mais do que deixa transparecer e é aqui que vejo a garota insegura que veio do interior há três anos aparecer na minha frente e como sempre, não resisto a ela e já vou me aproximando para abraçá-la, mas me refreio e apenas a olho com mais suavidade, ela não é mais solteira, tenho que respeitar o espaço do cretino do Padeiro.

— O que aconteceu, quer dividir comigo? — Estendo minha mão e logo ela a segura e abre aquele sorriso tímido.

— Eu não te falei, mas Giules tem uma irmã.

— E ela é uma pequena megera que está infernizando sua vida? — tento adivinhar.

— Não! Val é legal! — explode em uma risada nervosa.

— E por que você parece alguém que está prestes a confessar um crime? — tento mais uma vez descobrir o rumo certo dessa conversa.

— Ela quer ser modelo e eu gostaria de ajudá-la, mas não sei por onde começar, você quem sempre toma a frente de tudo para mim, desde as

negociações de contratos até os ensaios, então eu pensei que poderia ajudá-la com...

Não deixo que termine a frase.

— Não, esqueça! Não bancarei o babá de uma patricinha mimada aspirante a *top model*, não mesmo. — Nem a pau que irei fazer mais favores aos Borellas, minha cota de bondade para com essa família já chegou ao limite.

— Victor...

— Sem Victor, Ariana, eu não vou poder fazer nada por ela, estarei bastante ocupado com uma nova campanha, até mesmo na faculdade darei um tempo, serão seis meses de trabalho puxado, viagens, eventos e tudo que você já conhece, desculpe, lindinha, mas não poderei fazer isso por você, fale com Vincenzo, ele é o cara certo dessa vez — respondo até de uma forma brusca, às vezes preciso me lembrar que não sou a porra do santo padroeiro para atender a pedidos de ajuda sempre!

Volto para a pia onde estão os frios que separei para o meu sanduíche e tento fazer de conta que não estou louco para fazer o que ela me pediu com um sorriso largo, bobo e iludido como só eu consigo ser.

— É aí que está, já falei com ele e me disse que se você estivesse dentro nessa ele toparia, por favor, Victor, ela tem um sonho e com aqueles

dois irmãos pegando no pé dela, sozinha fica quase impossível, faz ideia de como foi difícil convencer a Giuliano a sequer pensar nessa possibilidade? Ele pira só de pensar na irmã caçula de biquíni nas fotos.

Essa última frase chama minha atenção e giro a cabeça em sua direção de uma só vez. Se tenho a oportunidade de importunar o juízo daquele babaca não perderei, mesmo ele tendo se mostrado um cara legal e estar fazendo um bem danado a Ari, não consigo deixar de querer dar o troco, mesmo que seja por uma coisa mínima como ajudar sua irmã a aparecer em uma revista de biquíni, o menor possível. Sorrio por dentro ao imaginar como posso influenciar os produtores e clientes para que isso aconteça.

— Tudo bem, mas farei isso por você e será o último favor que receberá de mim nesse século, está bem? — tento soar sério, mas falho miseravelmente ao ver seu sorriso de menina se abrir para mim com um brilho de mil megawatts.

— Fechado, você não vai se arrepender, pode ter certeza, agora vá se arrumar que preparo seu café, Valentina estará te esperando na agência com Vincenzo, ela fará um teste ainda hoje e se for bem, você só precisa dar aquela forcinha que mais ninguém consegue dar! — Pisca o olho para mim e não resisto, dou a volta no balcão e a abraço apertado, sentindo que talvez o tempo esteja começando a fazer efeito, meu coração já não está mais disparando apenas com um toque bobo entre nós, sinto apenas a sensação de

bem estar entre dois amigos.

É, parece que o tempo pode realmente curar qualquer ferida, ele ou o excesso de álcool.



— Não, não e não! — Giuliano diz, batendo a mão sobre a mesa da cozinha.

— Você não manda em mim! Eu vou sim e ai de vocês se tentarem me impedir! — Aponto um dedo em riste para ele e Elano, que assiste a discussão calado até agora.

— O que foi que eu disse? Não vou me envolver nessa disputa de vocês, acho sim que você já é bem crescidinha, Val, para saber o que quer, no entanto, Giules tem razão em um ponto, não pode ir aceitando convite para posar de qualquer um, até porque não sabemos nada sobre esse cara, vai que é um aproveitador e queira se aproveitar de você? — Elano diz com a calma de sempre, às vezes nem parece que é da mesma família que eu e Giules, que estouramos com pouquíssimas coisas.

— Mas quem disse que vou fazer esse teste com qualquer um? — rebato.

— E não vai? — Giules pergunta, estreitando os olhos.

— Não, não vou, o fotógrafo é o mesmo que faz as fotos da sua namorada, que aliás, foi quem conseguiu uma hora com ele e o produtor da agência, coisa bem difícil de se fazer.

— Ari está te ajudando nisso? — Pronto, basta tocar no nome da namorada que ele amansa feito um gatinho, toda ferocidade esquecida dando lugar ao olhar bobo e apaixonado.

— Sim, está e vai ficar muito feliz em saber que você achou que ela havia me conseguido um teste com qualquer um! — Faço minha melhor cara de tristeza e ganho em troca seu olhar espantado.

— Você não vai contar para ela, vai? — pergunta com o lábio

tremendo e seguro muito para não rir na sua cara.

— CHEGA, VOCÊS DOIS! — Elano grita nos assustando, não é do feitio dele fazer isso. — Não importa que o cara seja da confiança de Ariana, sim, ela é uma pessoa excelente, adoro minha cunhada, mas é da segurança *dalla nostra sorellina, di cosa stiamo parlando*! [6]— Pronto, ele agora vai começar a falar em italiano também.

— Elano, *caro mio, guardami, Dio santo, sono una donna, non un'adolescente* [7]— digo com firmeza.

Os dois se calam por um instante e me encaram, mantenho minha expressão séria, eu não posso e nem quero que minha vida seja ditada pelas vontades desses dois, tudo bem que por um tempo foi até divertido ser a garotinha deles e quando precisei do apoio incondicional e do companheirismo de irmãos eu recebi sem questionamentos ou críticas, mas agora, quando é o meu sonho em jogo, não, nem meus pais se opuseram a isso, por que meus irmãos irão impedir?

— Ok, tudo bem, você pode ir, mas eu a levarei e terei uma conversa séria com esses caras aí e nem adianta dizer que não, essa é minha oferta final, pegar ou largar, Valentina! — Como disse, Elano é muito diferente de Giuliano e eu, por isso que quando coloca as coisas dessa forma não há como argumentar, ele está sendo apenas prático, como sempre.

— Tudo bem — digo e me viro para Giules. — E você, vai querer conversar com todos da agência também? — destilo minha raiva, afinal foi ele quem começou essa discussão estúpida por nada.

— Não, já conheço praticamente todo mundo daquela agência, mas Elano não, ele representará os Borellas por mim!

Solto um resmungo antes de sair da cozinha e partir para o meu quarto batendo a porta com força, torcendo para que escutem e saibam que não estou satisfeita com isso. Mas, agora tenho que me concentrar nas orientações que me foram repassadas essa manhã, vou para o banheiro a fim de tomar um banho longo e relaxante, pois nada, nem ninguém me tirará o prazer de curtir o meu momento diante das câmeras.

Mundo da moda prepare-se, Valentina Borella está chegando e é para ficar!

Chegamos a N'S top models com vinte minutos de atraso, tudo culpa da implicância de Elano com a minha escolha de roupa, para mim uma *cropped* branca com saia de couro vinho, jaqueta também de couro estilo motoqueiro e uma bota cano baixo sem salto está perfeito, para o babaca do meu irmão tem pele demais a vista na altura do abdômen e pernas demais

expostas. Bati o pé e não cedi às suas provocações, por sorte Giuliano já tinha saído para trabalhar, do contrário seria impossível ganhar essa queda de braço com os dois.

— Você não precisa entrar, isso me fará pagar o maior mico, mano — reclamo ao descer do carro.

— *Tô* muito preocupado com isso! — Revira os olhos e tenho vontade de esganá-lo, como odeio Elano quando entra nesse modo irmão mais velho chato do caralho!

— Ok, mas finja que não me conhece, pois vou negar veementemente! — Dou-lhe as costas e saio pisando duro em direção à entrada da agência.

Empurro a porta de vidro e toda a minha raiva se vai, sou uma garotinha visitando o parque de diversões pela primeira vez, tudo me encanta e chama atenção, desde as cores mescladas de algumas paredes em contraste com o *off-white* predominante, os sofás e bufês espalhados em pontos estratégicos, alguns ocupados por modelos que são conhecidas por mim, as *stalkeio* muito nas redes sociais e leva tudo de mim para não deixar a tiete tomar de conta e acabar pagando o mico que falei a Elano por minha própria vontade.

— Você quer me esperar? — Meu irmão rosna junto a mim, sua mão

segura o meu braço na altura do bíceps, não com força ou agressividade, mas de uma maneira que me irrita o suficiente para me puxar e encaro-o soltando raios imaginários pelos olhos e puxo meu braço de volta em um solavanco, dessa vez sim com força, para mostrar o quanto ele está me deixando possessa da vida.

Mas como não podia deixar de ser, ao jogar o braço para trás para sair do alcance de Elano acabo por acertar a barriga de alguém que estava bem próximo a nós e tudo que ouço é um *"ai"* que sai de uma voz incrivelmente grave, os olhos de Elano se estreitam enquanto os meus arregalam com medo de virar e dar de cara com um dos produtores da agência e já começar muito bem minha carreira.

— Desculpe-me... — começo a dizer me virando de cabeça baixa, constrangida e rezando para que isso não seja uma primeira impressão mega ruim da minha pessoa.

— Não olha por onde anda, não? — Essa frase me chama atenção de imediato, ergo minha cabeça e me deparo com o abusado que vi há alguns meses na entrada da *Nona Fiorella*, quando fui conversar com os meninos sobre o aniversário de casamento dos nossos pais e que de vez em quando me visita em sonhos com esses olhos castanhos hipnóticos, que agora me avaliam de cima a baixo fazendo meu ventre se contrair de nervoso, se por ter acertado seu estômago ou por saber que naquela ocasião não fui mais do que

grossa com ele.

Mas não é possível que em uma cidade tão grande como São Paulo eu tenha tido a infelicidade de ter chamado de babaca justamente um dos produtores da agência. Parece até que o destino não gosta de mim e resolveu que se quero ser modelo terei que pagar todos os meus pecados antes.



Olho no relógio e decido que já esperei demais, meia hora de atraso é brincadeira, como uma aspirante a modelo de uma agência de renome como a nossa pode começar já com uma atitude assim? Não, Ari vai me desculpar, mas não posso dar um "empurrãozinho" se a sua cunhada nem aqui está para ser empurrada.

— Vincenzo, acho melhor cancelar a visita do cliente essa tarde, essa possível modelo que você e Ari arrumaram não vem e se não se importa

tenho coisa mais importante para fazer — digo, torcendo para me livrar dessa barca furada e correr para casa, pegar meu barbeador e tirar esse monte de pelos do meu rosto.

— Calma, *bello*, aposto que a pobre garota está presa no trânsito — ele diz como se fosse natural e aceitável um atraso desses e olha as unhas bem feitas.

— Não sei por que deveria ter calma, você e Ari me colocaram para levantar cedo, vir até aqui, ter minha barba lambuzada com mil coisas, depois aparada até ficar como queriam e nada dessa garota aparecer, tenho mais o que fazer isso sim!

Não espero para ver sua resposta e saio do camarim apressado, assim ele não arruma outra coisa para fazer comigo enquanto esperamos a senhorita atrasada. Estou a meio caminho da saída quando me deparo com uma cena inesperada, Elano, cunhado de Ari está parado próximo à porta e segura o braço de uma moça a quem ele fuzila com raiva, meu olhar desce pelo corpo dela e não acredito no que estou vendo, ora, ora se não é a mesma em quem tropecei ao sair da padaria meses atrás, mas se ela está aqui com Elano, isso significa o que penso que é?

Não sei ainda a resposta, mas vou descobrir agora mesmo! Caminho em direção a eles, pois ele parece estar apertando seu braço e quando chego perto o suficiente, ela se desvencilha e joga o braço para trás com força

atingindo em cheio meu estômago.

— Ai! — digo, passando a mão onde bateu.

— Desculpe-me... — começa a dizer se virando de cabeça baixa, parecendo constrangida, mas a única coisa que registro são as nuances da sua voz mais rouca do que eu lembrava e isso faz meu amiguinho despertar, decido então brincar um pouco com ela.

— Não olha por onde anda, não? — Uso a mesma frase que ela me disse naquela tarde e recebo de brinde os seus olhos que se erguem arregalados a me fitarem.

Seguro o riso e deixo a frase pairando no ar entre nós, ela abre e fecha a boca várias vezes, acho que tentando formular a próxima frase espirituosa para me dizer e não me decepciona nem um pouco.

— Acho que você estava no lugar errado! — solta e morde o lábio como se estivesse com medo de ter falado demais.

— Valentina, minha *bella ragazza*, você chegou! — Vincenzo diz ao se aproximar, cortando completamente o meu barato, eu bem que ia gostar de fazê-la achar que tinha ofendido o chefe, se bem que eu serei seu agente, caso se saia bem nos testes, o que me qualifica como chefe dela de certo modo.

— Olá, você deve ser Vincenzo, certo? — Ela estende a mão para ele com um sorriso tão bonito que levo alguns segundos para perceber que seu

irmão está olhando para mim de cara fechada.

— Vejo que já conheceu o cara que irá cuidar da sua carreira, Victor além de modelo é um agente excelente, vai conseguir os melhores contratos, não tenha dúvidas, começando com o cliente de uma grande loja de departamento, se você for aprovada começamos a preparação *pra* campanha o quanto antes.

— Ah, tudo bem, desculpe o mau jeito, Victor. — Caralho mano, meu nome não devia ficar tão sonoro dito por ela.

— Sem problemas...? — Estendo minha mão fazendo cara de quem não lembra o nome dela e a vejo corar levemente.

— Valentina Borella! — Ao toque das nossas peles sinto uma espécie de corrente elétrica passar entre nós e vejo que ela também sente, pois, tão logo aperta minha mão a solta e olha para mim com assombro.

— E se ela passar nesse teste, com quem ela vai fazer essas fotos ou é sozinha? — O irmão, a quem acabo de batizar como cretino número dois, entra na conversa para a qual não foi chamado.

— Com o próprio Victor! — Vincenzo diz com um sorriso largo. — Já posso ver vocês estampando *outdoors*, catálogos, revistas em todos os lugares! — Vincenzo gesticula abrindo os braços empolgado, nos seus olhos é possível ver que já está prevendo como ficariam as fotos.

— Ele? — ela pergunta como se estivesse incerta do que fazer nesse instante e isso me incomoda.

— Sim, e-u — articulo bem as palavras e pisco um olho para ela a deixando ainda mais corada, mas a verdade é que não sei como vou tocá-la se toda vez acontecer o mesmo que agora a pouco.

— Vocês fazem um casal lindíssimo, *Dio santo*! — Vincenzo faz o enquadramento com as mãos e vejo de relance o cretino dois se remexer inquieto. — Venha, *mia bella*, quero fazer algumas fotos suas assim, sem maquiagem, você tem uma beleza refinada, aposto que serão poucos retoques para as fotos!

Ele pega na mão dela e a leva em direção a um dos estúdios para a tal sessão inicial. Sei bem como funciona, ele fará várias fotos de perfil e de frente até encontrar o melhor ângulo para ela, o que não será fácil, ela é linda, como ele disse tem uma beleza clássica, com seus traços delicados, boca bem desenhada, nariz reto, olhos pequenos e bochechas acentuadas, tudo isso emoldurado por seus longos cabelos castanhos, os quais espero que não queiram cortar, não antes que eu tenha a oportunidade de senti-los entre os meus dedos.

— Vai precisar de um babador aí, companheiro? — O cretino número dois pergunta me despertando dos meus pensamentos errantes onde eu seguro seus cabelos puxando sua boca na minha direção.

— Como é? — Viro e o encaro.

— Você, babando como um buldogue na direção da minha irmã! — Ele ergue uma sobrancelha me desafiando a negar, o que não farei, pois sei que isso vai irritá-lo ainda mais.

— E se estiver? — desafio.

— Aí eu terei que deixar bem claro que ela não é para o seu bico, pode até estar acostumado a pegar qualquer uma... — Ele para a frase e faz uma careta. — Menos Ari, é claro, Giuliano ficaria uma fera se soubesse que comparei a namorada com uma qualquer.

Tenho vontade de rir da confusão que ele próprio se colocou, mas pelo menos uma coisa nisso tudo me agrada, saber que minha amiga é querida por todos na família do cretino número um, mas isso não me fará desistir de irritar os dois irmãos cretinos todas as vezes que tiver oportunidade.

— Eu bem que posso deixar escapar isso a próxima vez que o ver só de cueca no MEU apartamento — digo, fazendo ênfase ao fato do irmão folgado dele dormir na minha casa.

— O que você ganharia com isso? — Estreita os olhos.

— O que eu ganharei se não disser? — rebato.

— Achei que Giuliano e Ari tivessem dito que você era um sujeito

bacana, mas vejo que não é bem o caso.

— E eu sou, mas com quem merece que eu seja. Não um idiota que chega aqui no meu local de trabalho querendo ditar regras. Para o seu governo, nossa agência tem um nome a zelar e o que os modelos, fotógrafos e agentes fazem das suas vidas pessoais é da conta deles apenas, se não interferir no trabalho, não nos intrometemos e isso serve para sua irmãzinha também, se ela quiser sair com todos os modelos daqui será problema dela, não meu, serei apenas o agente não a babá dela!

Ele trava os lábios em um gesto visivelmente irritado com o que eu acabo de falar. Admito que pensar na bela Valentina saindo com outros modelos me incomoda um pouco, mas com sorte ela ficará em campanha comigo pelos próximos seis meses evitando aborrecimentos do tipo pro meu lado.

— E nessa lista inclui você? — pergunta depois de um tempo calado.

— Talvez, mas não se preocupe comigo, já ficou claro que eu e os irmãos Borella não somos o que se possa chamar de amor à primeira vista. Agora se me der licença tenho que ver como anda a preparação da minha nova agenciada — digo e começo a me afastar, mas decido dar mais uma cartada. — Ah e não se preocupe, o *book* rosa não é uma prática por aqui!

E é isso, deixo o irmão cretino número dois com cara de poucos

amigos, espumando e soltando fogo pelas ventas e na certa irá contar tudo para o cretino número um, duplicando minha satisfação por atingir dois coelhos com uma cajadada só!



Saio de perto de Victor e Elano com as minhas pernas bambas, pode ser apenas pela empolgação de estar prestes a fazer meu primeiro teste ou por que sei que meu irmão não é fácil de lidar, e para completar, o meu novo agente parece estar disposto a fazer disso uma queda de braço, competição de mijo ou do que vocês quiserem chamar, mas o que eu sei é que não será fácil lidar com tudo isso, não quando a animosidade entre e Victor e eu parece ser

algo inevitável!

— Você pode se trocar ali, querida, já deixei uma roupa separada para você! — Vincenzo diz, apontando a porta a esquerda.

— Como você...? — Estou intrigada com a ideia dele saber o meu número sem nunca ter me visto.

— Se elas não servirem em você será a dica de que não será aprovada pelos clientes! — Ergue as duas sobrancelhas e franze os lábios.

"É, Valentina, a vida real não é tão bonita como no seu conto de fadas de passarelas!", digo para mim mesma em silêncio, enquanto caminho até o local indicado com o coração acelerado com a possibilidade de não ter as medidas pré-requisitadas pelos potenciais clientes.

Paro em frente ao enorme espelho que cobre toda a parede e começo a me despir, nem me dou o trabalho de verificar a numeração do short jeans e blusa que de longe parece ser de seda, se eles não servirem não vou ficar me martirizando, é uma campanha perdida, a primeira e que poderia me colocar no mundo da moda com o pé direito, mas não será o fim do mundo, me recuso a pensar assim.

Seguro as duas peças nas mãos e de olhos fechados visto o short, ele vai subindo pelas minhas pernas, respiro fundo e prendo a respiração enquanto começo a fechar a sequência de três botões, primeiro-foi, segundo-

foi, terceirooooo...

— Ele não vai fechar se você não colocar no buraco certo! — A voz de Victor vem detrás de mim e quase caio de bunda no chão tamanho o susto que levo.

— *Cê tá* maluco, meu? — grito quando consigo achar minha voz.

O sacana por sua vez deixa seus olhos percorrerem pelas minhas pernas expostas e subirem pelas outras partes do meu corpo, só então me dou conta de que estou usando apenas um sutiã invisível, do tipo que parece um adesivo colado a nossa pele. Minhas mãos automaticamente vão para ele tentando cobri-lo um pouco mais.

— Que *cê tá* fazendo aqui, isso é assédio sabia? — tento controlar minha voz para não fazer uma cena.

— Por que essa vergonha, *cê tá* vestida, doçura! — Não acredito no que acabo de ouvir, ele me chamou de doçura? Que brega.

— Doçura é a sua mãe, pobre infeliz que teve o desprazer de colocar um sujeitinho insuportável como você no mundo e se não sair daqui agora vou entrar com uma queixa de assédio contra você! — Estreito meus olhos para ele e vejo seu sorriso se abrir ainda mais, ele tinha que ficar tão bonito sorrindo? Claro que não!

— Faça! Mas eu tenho um álibi, Vincenzo me mandou aqui para

chamá-la e eu não tenho culpa se você AINDA não está vestida! — Argh! Quero rebater, mas não tem como.

— Dê o fora daqui e logo terminarei — retruco.

— *Pro* seu governo teremos fotos quase nus para a campanha e eu já vi corpos bem mais atraentes do que o seu, não se preocupe — diz e vira as costas como se não tivesse dito nada demais. IDIOTAAAAAA.

"Vamos, Valentina, não se deixe influenciar pelo imbecil, ele não te afeta, você é melhor que isso!" repito as palavras que fizeram parte de toda a minha vida sofrendo seja com superproteção dos meus irmãos, que não percebiam o que de verdade me acontecia ou com os garotos da escola que arrumavam um novo apelido para mim a cada novo semestre.

Minhas mãos param de tremer e enfim termino de fechar o short, soltando um suspiro de alívio ao me dar conta de que serviu perfeitamente, agora só falta a blusa, não faço mais a tortura de antes, apenas ponho meus braços nos lugares certos e puxo o tecido para frente, fechando todos os cinco botões e *voilà*, a roupa me caiu como uma luva, minha vontade é de fazer uma dancinha da vitória, mas já fiz Vincenzo esperar demais.

Caminho para onde os dois estão me esperando, Victor já está sem camisa usando apenas um short de tactel, ele conversa alguma coisa com Vincenzo e não percebe ou finge não ver minha aproximação, aproveito para

dar uma boa olhada no seu corpo, seu bumbum fica perfeitamente empinado nesse tipo de bermuda, os músculos das suas costas se movimentam quando ele muda de posição e fico realmente hipnotizada, esse biótipo de homem alto com corpo bem definido, mas sem exageros, sempre foi meu preferido, no entanto, quis o destino que o ser humano mais irritante de todos fosse o dono do corpo ideal.

— Eu sabia que tudo lhe serviria! — Vincenzo diz entusiasmado, me tirando do transe cobiçoso em que meus olhos estavam presos.

Victor por sua vez demora um tempo a mais para se virar e quando o faz torna a me olhar de baixo para cima, demorando em algumas partes do meu corpo e isso, lógico, me faz corar mais do que eu queria. Seus olhos travam com os meus e neles há uma mistura de desafio, diversão e algo a mais que não consigo identificar.

— Acho injusto apenas eu estar sem camisa, ela poderia ficar também! — Sua voz sai carregada de humor.

— Muito engraçadinho, mas vai continuar sonhando em me ver sem roupa, imbecil — rebato, não conseguindo segurar minha língua.

— Isso vai ser interessante — Vincenzo diz, apontando a câmera em nossa direção e olhamos para ele em busca de respostas. — Ué, essa combinação que vocês formam, fogo e pólvora, é exatamente o que o cliente

pediu, um casal que as câmeras adorem, mas que mostrem que tem algo mal resolvido entre eles, isso dá um prato cheio para a campanha primavera-verão.

Não entendo nada do que ele está falando, mas a leiga aqui sou eu, Victor por outro lado estreita os olhos e parece estar pensando em algo difícil de se solucionar. Vira as costas para nós e caminha até onde fica o monitor onde as imagens capturadas são expostas, o olha por um longo tempo antes de voltar e me surpreender com o que fala em seguida.

— E se para apimentar ainda mais as coisas saísse nas mídias uma nota sobre um suposto *affair* entre nós, afinal desde que Ari e eu terminamos não apareci com mais ninguém na mídia e uma boa fofoca alavanca qualquer carreira, e se temos uma campanha que irá explorar exatamente isso, podemos fazer render para todos nós, não?

— Espera, você namorou a minha cunhada? — Será que Giuliano sabe disso? E por que essa informação me incomoda tanto?

— Sim, mas isso não vem ao caso, o nosso suposto envolvimento, esse sim merece sua total atenção agora — responde e se vira para Vincenzo.

Essa coisa toda começa a me deixar meio tonta, pois como ele vem com uma proposta dessas e pior ainda, como Vincenzo parece estar mais do que entusiasmado com tudo? E pior de tudo, começa a dar dicas de como e

onde começar com essa história. É minha vez de estreitar os olhos para eles com desconfiança.

— Não vão me perguntar se eu estou de acordo? — Cruzo os braços e os encaro.

— Não, você está, do contrário não estaria aqui — Victor responde e isso me surpreende. — Esse é o mundo do *Show Business*, *cara mia*, ou fazemos por onde nosso nome ser reconhecido de alguma forma ou nunca atingiremos os grandes clientes e nossa agência já tem nomes de peso. Você quer ser um desses nomes em breve, certo?

— Sim, claro! — Mas que pergunta mais tosca, reviro os olhos para ele.

— Pois entre no clima, *bella*, e vamos rumo ao topo! — Vincenzo diz com um sorriso que ameaça dividir seu rosto ao meio. — Agora vocês podem se posicionar em frente ao fundo branco, pois temos que finalizar essas fotos antes do cliente chegar, aproveitarei essas fotos para fazer alguns truques e soltar para alguns colunistas de fofocas, claro que umas que não apareça o rosto dela totalmente. Agora vamos, quero ver paixão nesses olhos e amores, não se beijem como se fossem transar em seguida, isso seria constrangedoramente excitante para mim.

Pronto, meu rosto volta a arder em brasa e sinto um misto de raiva e ansiedade ao me aproximar de Victor, medo de que essa eletricidade que há em torno de nós acabe nos fazendo tomar um baita choque e a ferida no fim

da história seja eu.



— Pronto, já podem começar a se olhar como se estivessem se reencontrando depois de muito tempo. — Ouço o diretor do comercial começar a falar, mas tudo que consigo pensar é como eu realmente estou com saudades da língua afiada dela.

Faz quase um mês que não nos vemos, depois do ensaio de teste que fizemos no seu primeiro dia na agência tive que fazer uma viagem de emergência para Santa Gertrudes. Minha tia Bernadete, que foi quem praticamente me criou, sofreu um infarto aquela tarde e quando minha mãe

me ligou para falar o que houve, não pensei duas vezes antes de juntar algumas peças de roupas e dirigi por duas horas e meia até lá, onde fiquei as últimas três semanas, não poderia deixá-las sozinhas em um momento como esse.

— Você está bem? — Valentina me pergunta ao se aproximar de mim, seu rosto ficando a centímetros do meu.

— Sim, só um pouco cansado! — Passo a mão por seu braço e sinto aquela corrente elétrica passando pelas pontas dos meus dedos.

— E a sua tia, melhorou? — Seus lábios se aproximam do meu ouvido e o frescor do seu hálito faz um calafrio subir por minha espinha dorsal e acordar alguém que deveria ficar quieto.

— Sim, obrigada por perguntar. — Engulo seco e puxo seu corpo para junto do meu e toco seu rosto com uma das mãos, trazendo seu rosto para bem próximo do meu, seus olhos tem um brilho diferente e um “O” se forma nos seus lábios quando percebe que meu colega despertou. Esperava ver aquela típica implicância e o aviso de *“afaste-se”*, mas não, ela me olha como se tivesse sentido minha falta também, um sorriso diferente surgindo depois da surpresa.

Aproximo meu rosto cada vez mais do seu, meu polegar tocando seu lábio inferior e um suspiro baixo, mas audível para mim, lhe escapa e não sei

se consigo resistir à vontade que eu sinto de beijá-la, estou quase lá, mais um milímetro e nossas bocas estarão coladas saboreando o que promete ser um beijo enlouquecedor, seus olhos se fecham devagar como em uma câmera lenta e...

— Corta! — Ouvimos o grito do diretor que vem em nossa direção e demoro um pouco para conseguir respirar novamente. — Perfeito, essa cena não precisaremos repetir, vocês têm uma química sem igual, quase pude sentir o desejo do beijo de reencontro de onde estava.

Sinto na ponta da língua o gosto do beijo que não aconteceu, meu coração disparado, colo minha testa na de Valentina e sugo mais uma respiração longa e ela imita meu gesto, será que sente também essa mistura louca de sentimentos? Não tenho muito tempo para obter resposta já que ela se afasta e caminha rapidamente em direção ao camarim. Olho para a equipe de filmagem que parece alheia a tudo e caminho até a mesa onde deixei meu telefone, vasculho à procura de nada especificamente, mas então uma postagem de Ariana me chama atenção, ela está com Valentina no nosso apartamento, mas isso não é nada demais, afinal elas são cunhadas, mas o fato de Valentina estar usando uma camiseta do Nirvana idêntica a uma que eu tenho, sim, me deixa intrigado. Seria a mesma camiseta ou apenas uma coincidência?

— Victor, não sabia que tinha voltado! — Viro meu olhar e dou de

cara com uma Maluh muito entusiasmada para o meu gosto.

— É, voltei — respondo sem muito entusiasmo.

No entanto, isso não a impede de caminhar até o meu lado e tocar minhas costas como se tivesse esse direito, por algum motivo isso me incomoda mais do que o normal, afinal é só a Maluh, colega de trabalho e alguém que gosta de uma noitada sem compromisso a dois ou a quantos estiverem a fim de participar.

— Achei que me ligaria avisando — diz isso com uma voz manhosa que faz minha irritação aumentar consideravelmente.

— E por que eu faria isso? — Saio do alcance da sua mão e a encaro de frente.

— Oras, você ficou me devendo uma saída depois de me dar um bolo. — Tento me lembrar de quando foi que isso aconteceu, mas nada me ocorre.

— Não me lembro de algum momento ter lhe dado o direito de fazer cobranças, não é nada minha. — Sorrio o mais abertamente possível para que ninguém a nossa volta perceba o clima chato que está se formando aqui.

— Me deu quando aceitou ser meu P.A fixo! — Ela entende e diz rindo e tocando o meu peito.

— Sério? — Não controlo e gargalho alto com a empáfia dela, não sou fixo de ninguém, nem mesmo um amigo de transa.

— Vai rindo, queridinho, mas o estrago já está feito. — Ela pisca os olhos antes de se aproximar e deixar um beijo na minha bochecha, se afasta e sorri docemente.

Olho para o lado e vejo que a produção do comercial nos observa, mas entendo o que ela quer dizer ao olhar para a entrada do camarim e ver Valentina parada nos olhando, ela parece levemente decepcionada, mas em questão de segundos sua expressão muda e ela empina o queixo e sorri, caminhando em direção aos produtores, um deles a olha como se ela fosse sua próxima refeição e minha vontade é ir até lá e arrancar os olhos dele fora. Não sei de onde vem isso, nunca fiz o tipo ciumento, além do mais não somos nada além do que colegas de trabalho, não tenho esse direito e ela tem irmãos brutamontes que podem fazer esse trabalho.

— Não sei do que você está falando novamente, mas uma coisa é certa, cansei de figurinhas repetidas e você já está mais do que carimbada, agora se me der licença, preciso trabalhar.

Deixo-a boquiaberta, não é do meu feitio falar assim com ninguém, mas me prometi meses atrás que não deixaria mais que ninguém brincasse comigo nem entregaria meu coração, pois o estrago feito ao abrir mão de Ari foi o suficiente para uma vida inteira. Caminho em direção aonde a conversa parece mais do que animada.

— Estão prontos para continuarem? — O diretor pergunta e acenamos

com a cabeça. — Ótimo, essa parte funcionará assim, Val você fica de costas para a câmera e Victor chegará lhe puxando pela cintura a fim de beijá-la, mas você vira-se e põe as pontas dos dedos sobre os lábios dele e sorri de leve, virando para a câmera mais uma vez.

— Ok!

Ela diz e retira o roupão revelando um micro short jeans e mais nada, seus seios estão à mostra de todos aqui no estúdio e isso faz meu sangue ferver nervoso por dentro, não quero nenhum babaca admirando seu corpo perfeitamente esculpido como o imbecil a minha esquerda que falta pouco é babar do tanto que a olha, por sorte seus mamilos estão cobertos por adesivos ou do contrário alguma merda das grandes aconteceria aqui.

— Tem certeza que ela não deveria usar uma camiseta, afinal é uma campanha que apresentará muitas peças de roupas? — pergunto assim como quem não quer nada.

— Não, essa parte será para evidenciar as nossas peças jeans, se colocar algo a mais o olhar do consumidor não será atraído para o que realmente interessa — diz o produtor.

"É, vai ser atraído pro corpo dela, seu babaca!", penso comigo mesmo, quem em sã consciência veria uma mulher incrivelmente linda como Valentina sem blusa e iria olhar para o jeans? Eu com certeza não.

— Não seja estraga-prazeres, Victor, o comercial ficará perfeito. — O imbecil babão diz, olhando para ela que foi se posicionar como foi instruída.

Sigo o olhar dele fixo no seu quadril perfeitamente encaixado no shortinho, suas pernas longas e a cintura fina contrastando com o bumbum empinado, me deixando incrivelmente excitado, acho difícil que a câmera não capte isso também, mas não posso simplesmente pedir para esperarem até que eu me alivie no banheiro próximo. Solto um longo suspiro e caminho para me posicionar onde me dizem para ficar e que seja o que Deus quiser, essa garota está me enlouquecendo e não sei como reagir, pois dentre tantas outras, logo a irmã dos cretinos Borella inventa de ser aquela que me faz perder o juízo.



— Giules, você pode vir me buscar? — falo assim que meu irmão atende o telefone.

— O que aconteceu, você não ia sair com a produção do comercial? — Posso sentir a preocupação na voz do meu irmão.

— Não vou mais, estou cansada. — Não é de todo mentira, as diversas tomadas que fizemos e refizemos hoje me foi um pouco desgastante.

— Val, tem certeza que foi só isso? Sua voz não está muito boa, fizeram algo com você? — Suspiro por não conseguir esconder minhas emoções tão bem quanto queria, mas isso é uma característica dos Borellas, somos tão transparentes quando o assunto é nossos sentimentos que muitas vezes nos metemos em apuros.

— Não, ninguém fez nada comigo, só estou cansada mesmo, pode perguntar a sua namorada como esse trabalho pode ser desgastante às vezes. — Agora o suspiro vem da parte dele, acontece sempre que o nome de Ariana é citado, nunca pensei que meu irmão seria fisgado desse jeito, saindo da persona pegador indomável para a de um homem sério que coloca a mulher que ama em primeiro lugar sempre.

— Tudo bem, vou passar para pegar Ari e saímos os três para jantar, tudo bem? — Lá vem ele me encaixando nos planos dele com a namorada.

— Se tem planos com ela não precisa vir, Giules, eu pego um *Uber* pra casa, foram três longos dias de fotos e filmagens, *tô* um caco, vá se divertir.

— Não, nada disso, espere aí que logo estarei chegando.

— *Tá* bom, mas vocês terão que me deixar em casa antes, estou cansada, é sério — falo e desligo antes de começar o processo de tirar a maquiagem. Adoro meu irmão e cunhada, mas segurar vela não está mesmo nos meus planos, principalmente depois de mais uma vez ver aquela nojenta da Maluh alisando o Victor nos intervalos da gravação.

Desde que entrei na agência senti uma certa antipatia dela para comigo, na única vez que lhe dirigi a palavra me falou que as novatas deveriam saber onde era o lugar delas e principalmente não tentar nada com os caras comprometidos, jamais imaginei que estivesse se referindo a Victor e quando Ari começou a me falar sobre seu melhor amigo, tive a absoluta certeza que ele não se envolveria com alguém fútil e maldosa como ela.

Outra noite enquanto conversávamos e ela me contou já ter namorado ele por quase um ano, derramei suco por toda minha roupa, surpresa por meu irmão não ter surtado com isso, mas a mesma me falou que se ela e Giules estão juntos é graças a Victor que deu um belo sacode no meu irmão para que tomasse vergonha na cara e fosse atrás dela, depois saiu da sala e minutos depois estava eu com uma camiseta que definidamente não era dela, o perfume que exalava do tecido não era o mesmo que sentia ao cumprimentá-la, e sim o que dançava nos cantos mais reclusos da minha imaginação desde que trombei com Victor na porta da Nonna Fiorella.

Foi ali, vestida com a camiseta dele e a história de vida e amizade que me foi contada, que percebi que estava me apaixonando por ele e não via a hora de poder olhar nos seus e sentir aquela mesma faísca no ar que senti no dia que fizemos o teste, no entanto, o que vi nos últimos três dias fez qualquer possível sentimento no meu peito esfriar, ele era o cara "comprometido" com Maluh e ela fez questão de deixar bem demarcado seu território.

— Quer sair para beber algo, Val? — Fabiano, um dos produtores, pergunta entrando no camarim.

Ele vem me secando há alguns dias e tento levar na esportiva, mas não vou deixar que isso se prolongue muito mais, pois subir na carreira com "teste do sofá" não vai acontecer mesmo.

— Ah, sinto muito, mas não vou poder. — Tento um sorriso de desculpas, mas ele se aproxima ficando um pouco perto demais.

— Ora, mas por quê? No bar que iremos muitos empresários costumam frequentar, geralmente as modelos iniciantes aproveitam a oportunidade para fazer bons contatos. — Ele dá ênfase no *"aproveitam"* deixando claro suas intenções.

— Deve ser uma oportunidade e tanto realmente, mas já tenho planos para essa noite. — Dou um sorriso amarelo.

— Posso saber com quem? — Ele dá mais um passo na minha direção e fica a centímetros de mim e tensiono o meu corpo por não gostar nem um pouco dessa sua ousadia.

— Ela vai sair comigo, Fabiano! — A voz grave e imponente de Victor chega até mim e solto um suspiro, aliviada.

— Com você? — Fabiano se vira para encarar um Victor nada feliz.

— Sim, comigo, você já está pronta? — Victor caminha para mim fazendo com que Fabiano saia do caminho, passa o braço pela minha cintura e beija o lado do meu rosto.

— Qua-quase, falta só pegar a bolsa — gaguejo e não sei se pelo nervosismo ou por ter escapado de uma situação embaraçosa com um dos produtores mais badalados no momento ou se por ter o corpo de Victor assim tão perto de mim.

— Não sabia que vocês estavam “juntos”? — Ele faz aspas no ar e nos olha com incredulidade.

— Nossa vida privada não é da conta de ninguém, mas acho que para qualquer pessoa que assistiu a gravação do comercial ficou mais do que clara a química perfeita que temos, isso é algo que só se consegue com um sentimento verdadeiro acontecendo. — Ele toca meu rosto, me fazendo olhá-lo e traz o seu para muito perto, posso sentir o seu hálito mentolado tocar

minha pele e meus lábios formigam desejando que ele ultrapasse o pequeno espaço que nos separa.

— Hmmmm, entendi, ela é a garota das fofocas, claro! Não sei como não percebi. Quer saber, por que vocês não vêm conosco? Seria interessante nossas estrelas da próxima campanha desfilando juntos por aí, o marketing perfeito! — Ele coloca a língua de lado ao falar, mas no fundo sinto uma certa malícia no seu convite.

— Vamos sair com meu irmão e cunhada, fica para próxima — digo com um sorriso forçado.

— Tudo bem, não podem dizer que não tentei — afirma, olhando-me de cima a baixo e isso me incomoda bastante, principalmente por saber que temos mais alguns dias de filmagens, inclusive fora do estado, onde as desculpas para recusar qualquer contato fora do ambiente de trabalho ficarão mais difíceis.

— Nossa! — Suspiro e involuntariamente viro meu rosto em direção ao peito de Victor, que envolve meu corpo com os braços e beija o topo da minha cabeça.

— Não se preocupe, linda, eu cuidarei de você! — Sua voz sai rouca e firme, isso me impele a erguer os olhos e olhar para ele.

É um movimento errado ou talvez seja certo, minha mente para de

funcionar ao notar a intensidade com que ele me olha, uma chama nova brilha no castanho das suas íris e sinto meu coração acelerar em uma corrida desenfreada no meu peito, o ar parece estático ao nosso redor e o seu perfume enche minhas narinas, o mesmo aroma da camiseta que usei dias atrás e é impossível não fechar os meus olhos, inspirando profundamente o cheiro dele que me remete a algo seguro.

O pensamento coerente se perde ao sentir o toque suave dos seus lábios pressionando os meus de uma forma tão delicada, que por um segundo acho que estou fantasiando tudo isso, abro os olhos e encontro-o me observando, seu nariz colado com meu, nossos lábios unidos e um fogo diferente de tudo que já senti me faz tomar a decisão, jogo os braços ao redor do seu pescoço e entreabro os lábios para dar início ao melhor beijo que já provei em toda minha vida.

Sua língua invade minha boca de uma forma possessiva, mas sem ser sufocante, aos poucos deixo a minha brincar com ela o provocando também. Um rosnado baixo sai do fundo da sua garganta e seus braços me apertam ainda mais, minhas pernas ficam bambas e deixo-me ser conduzida por ele nesse beijo, uma de suas mãos sobe até se posicionar na base do meu pescoço me mantendo cativa dele. Suspiro desejosa ao sentir o volume que aumenta consideravelmente entre nós, tocando minha barriga, faz tanto tempo que não me entrego a ninguém que tudo que desejo é que ele me faça sua aqui e

agora, mas somos interrompidos por um limpar de garganta divertido que nos faz saltar fora do nosso abraço para encarar uma Ariana que sorri alegremente, como se isso fosse algo esperado por ela.

— Ora, ora, parece que o amor está no ar não apenas no comercial, senhoras e senhores. — O sorriso dela é enorme, mas a cara do meu irmão se aproximando é tudo, menos amistosa.



Olho para a garota do outro lado da mesa e não consigo evitar o sorriso bobo que insiste em aparecer no meu rosto todas as vezes que lembro do sabor do seu beijo, foi melhor do que eu imaginava, a forma como seus lábios se abriram para me receber sem reservas ou medos foi inesperado, mas muito agradável, Valentina tem esse poder de me confundir e clarear a minha mente em questão de segundos. Como agora que ergue os olhos da taça de *milk-shake* de morango com o canudo entre os dentes e me sorri, como se

soubesse exatamente onde estão meus pensamentos, engulo em seco e procuro uma posição confortável para ficar arrumando meu colega dentro do jeans, que passou a ser mais apertado do que lembrava.

— Então, desde quando isso está acontecendo entre vocês? — Giuliano pergunta, quebrando o transe que seus olhos me colocaram.

— Acontecendo o quê? — pergunto confuso.

— Essa troca de olhares e essa sua cara de quem está doido para pegar minha irmã, ô imbecil! — Ele não parece nada feliz com essa possibilidade.

— Giules! — Valentina diz incrédula.

— Não venha com essa de Giules, pois está com essa cara de quem aprontou ou quer fazer coisas erradas desde que saímos da agência. — Aperto meus lábios para não rir.

— E se aprontei o que você tem a ver com isso? Eu já tenho um pai, não preciso de um segundo, não! — Sorrio por dentro ao me dar conta que ela é uma fera e não aceita que os irmãos controlem os seus passos, diferente do que pensei.

— Uma ova que não precisa, *tá* na cara que já está doida por esse babaca aqui! — diz apontando para mim.

— Amor, pare com isso! — Ari fala mais alto do que o seu habitual e

isso parece um balde de água fria sobre o cretino número um. — Sua irmã já é bem grandinha e não fale de Victor assim!

Agora eu realmente preciso segurar o riso que ameaça explodir de mim em forma de gargalhada ao ver como ele se contorce diante da minha amiga que parece não dar moleza mesmo para esse babaca. Valentina me olha com curiosidade por alguns instantes e por um milésimo de segundo penso ver algo como dúvidas nos seus olhos, mas ela disfarça bem antes de virar para o irmão e falar o que imagino ser o maior tormento de um irmão mais velho.

— Escuta aqui, Giuliano, eu faço coisas erradas faz mais tempo do que você possa imaginar e se eu decidir fazer com Victor ou qualquer outra pessoa, o problema é meu, não me meto na sua vida já para não ter o pretexto de se meter na minha e quer saber, essa saída foi um erro, estava muito melhor me pegando com ele no camarim — ela fala com um sorrisinho debochado enquanto eu engasgo com o meu suco, pagando o maior mico de todos. — É isso mesmo, ele estava quase me jogando na bancada e fazendo coisas muito erradas comigo ali mesmo!

Fico boquiaberto com a coragem dessa garota, seu irmão por outro lado parece a ponto de ter um infarto, a cor do seu rosto vai sumindo e depois ficando vermelho, roxo, algo identificável e voltando ao vermelho, seus olhos raivosos passando para mim e depois para Valentina que mantém a postura

firme, queixo erguido, a boca levemente retorcida e narinas abertas, uma guerreira dos tempos modernos buscando independência dos irmãos cretinos. Acho que estou me apaixonando por ela de uma vez por todas.

Opa! Espera, não, eu não vou me apaixonar por mais ninguém, esse foi o acordo que fiz comigo mesmo meses atrás, mas ela é tão linda e feroz e doce e... *"Chega, Victor, levante-se e dê o fora antes que seja tarde demais"*, minha mente comanda, mas não acho força suficiente para isso. Ela, no entanto, resolve essa questão por mim ao ficar em pé em um rompante e me estender a mão imperiosa.

— Vamos, Victor, quero terminar nossa sessão de coisas erradas em outro lugar!

— Como é que é? — Giuliano também fica em pé e olho para Ariana que devolve o olhar com diversão.

— Senta, Giuliano! — ela diz e ele olha da irmã para a namorada com uma expressão impagável, e eu realmente acredito que o inferno está congelando quando vejo ele suspirar derrotado e fazer o que Ari diz, mas ela o puxa e cochicha algo que faz sua fisionomia passar de chateado para a do gato que sabe que comerá o canário em segundos e não faço a mínima questão de descobrir o que ela lhe disse, levanto e seguro na mão da garota que me convida a fazer coisas erradas, rezando para que ele queria isso tanto quanto eu.

Abro a porta do carro para ela que não me dirige nem um olhar, dou a volta e saímos do estacionamento antes que me dê conta que não faço ideia de para onde ela quer ir. Espero até o primeiro sinal vermelho para olhar no seu rosto e fazer a pergunta.

— Para onde você quer ir? — Ela está com a cabeça encostada no vidro da janela e olha as luzes dos prédios pelos quais vamos passando e os pedestres na calçada.

— Para casa, por favor? — Seu tom cansado me surpreende.

— Eu não sei onde fica — digo um pouco sem graça.

— Ah, desculpe, se importaria se fôssemos para a sua casa um pouco? Não quero correr o risco de topar com Elano e aposto que Giules já ligou para ele e o mesmo foi fazer plantão em casa para me encher o saco — pede sem me olhar realmente.

— Seu outro irmão mora com seus pais também? — arrisco uma conversa.

— Não, apenas eu e espero não ser por muito tempo. — Suspira e me olha. — Eu sei que posso estar parecendo uma garota mimada e rebelde, mas a verdade é que meus pais querem viajar e curtir a aposentadoria, mas comigo ainda morando lá eles não farão, isso é certo, e meus irmãos acham que podem dar pitaco nas minhas escolhas, eu os amo, mas quero ser

independente, depender apenas de mim mesma para me manter e não ter que seguir a cartilha que diz que os Borellas devem apenas dar continuidade no legado da família.

— E o que os seus pais acham disso? — pergunto curioso.

— Mamãe me dá todo apoio, papai também, mesmo sempre me dizendo que devo ter uma profissão que tenha futuro, essas coisas, mas agora eu quero apenas viver uma coisa de cada vez, tenho vinte e três anos, sou formada em Administração como ele queria, mas não é isso eu quero para mim, não agora.

— Já é formada em Administração e quer ser modelo? — Quando pensei que ela não me surpreenderia ainda mais.

— Sim, quero! Como quero muitas outras coisas ainda, você não? — Agora me fita séria.

O sinal abre e olho para frente, sua pergunta me pegou desprevenido, não sei muito mais o que eu quero, essa é a verdade, até pouco mais de cinco meses eu tinha um plano bem definido, mas daí abri mão dele pela felicidade da Ari e não pensei muito mais sobre. Os minutos se passam e noto que ela acabou cochilando, diminuo o volume do som para que ela possa descansar e durante o restante do trajeto vou pensando na sua pergunta que me pegou de jeito.

Estaciono na garagem subterrânea do prédio e fico indeciso sobre acordá-la ou não, levo um bom tempo admirando seu rosto delicado de menina, sua expressão tão serena, que mexer nela é quase um pecado, mas ficar nessa posição por muito tempo lhe renderá uma bela dor no pescoço e como a viagem para Barra de Caramatuba, no litoral paraibano, onde gravaremos o restante do comercial será em dois dias é bom evitar qualquer tipo de imprevisto.

— Valentina? — Toco seu rosto com carinho e o contato das nossas peles faz com que eu sinta mais uma vez aquela corrente elétrica passando por nós, engulo seco resistindo o desejo sem igual de beijar seus lábios mais uma vez. — Valentina, chegamos.

Ela pisca algumas vezes antes que seus olhos se abram por completo e o castanho escuro mais intenso que já vi, me fita fazendo minha pulsação acelerar.

— Acho que estava mais cansada do que imaginei. — Sorri meio constrangida e se ajeita no banco, se afastando do meu toque.

— Acontece, o começo é sempre pior, com o passar do tempo você acaba se acostumando com a rotina. — Tento amenizar seu constrangimento.

— Espero mesmo, do contrário ficarei um caco ao final dos trabalhos.

— Não esqueça que esse está apenas na metade — falo e saio do

carro, antes que chegue ao seu lado para abrir a porta ela já está fora, olhando para os lados, indecisa.

— Acho que devo chamar um *Uber* e ir para casa. — A forma como segura a bolsa deixa claro a sua indecisão.

— Pensei que queria fugir do cretino número dois — solto sem pensar. — Quero dizer, Elano.

— HAHAHAHA! Cretino número dois, adorei! — Ela ri alto e por alguns segundos fico olhando-a encantado. — Tudo bem, mas não posso ficar muito.

— Fique o tempo que quiser! — Me acompanha até o elevador e a subida é rápida e silenciosa.

Abro a porta e deixo que ela entre primeiro, e me impressiono ao ver como ela parece já familiarizada com o ambiente, tira sua jaqueta jeans e pendura no lugar, nem eu que moro aqui me habituei tão rápido, Ari teve um certo trabalho para me educar quanto a isso.

— Você quer uma bebida ou algo do tipo? — pergunto, me dirigindo a cozinha e verificando o que temos em casa.

— Água está bom para mim — diz, sentando no sofá e não posso deixar de perceber como suas pernas longilíneas são bonitas.

Sirvo dois copos d’água e volto para a sala, sento no mesmo sofá que

ela, no entanto tendo visto como ela ficou receosa na garagem mantenho certa distância, mas não posso deixar de perceber como até bebendo água ela é elegante e delicada.

— Então, por que a escolha por ser modelo agora? — pergunto e ela me olha curiosa.

— Como assim, tem idade para isso? — A forma como ergue a sobrancelha e coloca os lábios de lado faz com que eu sinta uma vontade louca de puxá-la para mim e me perder nela.

— Não, mas você deve ter sido uma garota alta e magra sempre, poderia ter tentado antes. — Dou de ombros e isso parece bastar.

— Como falei mais cedo, fiz faculdade, meu pai impôs isso aos três filhos, se não quisermos trabalhar na empresa da família cuidando da rede de padarias tudo bem, mas teríamos que ter um diploma universitário, fui atrás disso primeiro e já tinha perdido o interesse por ser modelo até conhecer a Ari e ela me contar sobre tudo aquilo que sonhei viver e o desejo reacendeu em mim. Meio patético eu sei, mas foi assim. — Ela sorri, ficando levemente corada ao falar do seu sonho de infância que começa a se realizar agora, mas não tem noção de como esse mundo pode ser um verdadeiro pesadelo.

— Não é patético, acho que você está atrás de algo que lhe faz feliz, isso não te torna patético e sim, alguém que busca o que quer. — Ela me olha

e baixa o olhar para as mãos que ainda seguram o copo firmemente.

— E você, Ari disse que não modelava mais, por que voltou? — “Porque queria distância dela e do seu irmão!”, a resposta vem até a ponta da língua, mas a engulo, pois não é totalmente verdade.

— Não sei, fiz algumas fotos para Vincenzo colocar no catálogo da agência e esses clientes me escolheram. — Dou de ombros.

— Ah! — É a sua resposta.

Ela termina sua água e parece um pouco incerta sobre o que fazer com o copo, a mesinha fica do lado que estou, então a opção dela seria esticar-se por cima de mim. Acabo com seu pequeno embaraço ao estender a mão para pegar o copo, mas quando o põe ali, nossos dedos se tocam e aquela corrente elétrica gostosa passa dela para mim e a vejo prender a respiração como eu faço.

Sem pensar muito solto o copo que faz um barulho surdo ao atingir o tapete e a puxo para mim, fazendo com que ela assente no meu colo com uma perna de cada lado e não perco tempo, beijo seus lábios bem desenhados e saboreio mais uma vez o manjar dos deuses aqui na Terra, nenhum outro beijo teve tamanho apelo para mim.

Ela leva as mãos para minha nuca e agarra meus cabelos, meu membro desperta totalmente para a vida no momento que nossas línguas se

tocam e começam o duelo de dar e receber nesse beijo incendiador. Seguro no seu quadril dos dois lados e a puxo para mim, fazendo com que sinta minha excitação, um pequeno gemido escapa dos seus lábios segundos antes que ela pule fora do meu alcance, deixando meus lábios e corpo órfãos dos seus.

— Isso não vai acontecer! — ela diz, me olhando séria.

— Isso o quê, Val? — Levanto mesmo sabendo que isso deixará o volume nas minhas calças visível.

— Isso aqui, não farei teste do sofá com ninguém! — ela responde fazendo um gesto que abrange o espaço entre nós.

— Não estamos fazendo teste do sofá, se bem que nunca transei nele com ninguém, seria um teste realmente de durabilidade, mas achei que estava a fim também — digo confuso.

— Sim, eu estava, estou, sei lá, mas não sou a garota que você procura, muito menos o tipo que acredita que precisa — diz e vira-me as costas.

— Como assim? — Não sabia que tinha essa listagem.

— Você procura alguém que seja tão doce e gentil quanto Ariana, pois ainda é apaixonado por ela e estou longe de ser assim, mas procura garotas como Maluh, que se contentam em ser uma transa casual quando

você estiver a fim, esse tipo mesmo que não sou, então vamos parar por aqui enquanto podemos ser bons amigos.

Fico espantado que ela tenha tal visão sobre mim, será que realmente fiz por merecer esse pré-julgamento da sua parte? Uma garota como Ariana já foi o que tentei encontrar, mas percebi que não existe e a paixão que um dia senti por ela se transformou em carinho, só não falei para ninguém, quanto a Maluh, bem, ela quem me procura, não o contrário, mas deixei bem claro desde o início minhas intenções para com ela e a mesma aceitou. Já essa garota aqui na minha frente faz tudo que acabo de citar ser nulo, pois com ela sinto que quero descobrir algo novo.

— E se eu te disser que não é nada assim ou sequer remotamente parecido? — Toco no seu ombro e seu olhar volta para mim.

— Nada o quê? — Ela me olha em expectativa.

— Nada do que falou, eu não quero nenhumas dessas coisas de você — respondo sinceramente.

— E o que quer de mim?

— Nem eu sei ao certo, mas agora tudo que desejo é poder ficar com você aqui ao meu lado, poder abraçá-la nem que seja por cinco segundos e poder respirar mais uma vez. De alguma forma você me acalma e faz meu coração acelerar a ponto de querer sair do meu peito e isso não senti por

ninguém.

— Eu não serei um experimento para você, Victor Novaes. — Ela estreita os olhos.

— Não seja, só me dê a chance de provar para você que é importante, de uma forma nova e inexplicável, não me julgue sem antes me dar a chance de mostrar que não sou o que imagina.

— O que eu imagino? — Balanço a cabeça confirmando. — Não imagino nada, Victor, eu vejo, você torce o rosto cada vez que meu irmão está por perto e apesar de admitir que existe uma atração mútua aqui, sinto que sou uma forma de você se vingar dele e isso não vai acontecer.

Ela vira para a direção contrária e cruza os braços, e dentro de mim há um misto de vergonha, arrependimento e medo, medo que tenha estragado tudo antes mesmo de começar a acontecer realmente, pois ela acertou em cheio, pensei em usá-la para irritar o irmão dela, mas não é por isso que pedi que ficasse, nem sei ao certo por que, só que pensar em não tê-la por perto desperta uma parte carente em mim que não sabia que existia, até quando Ari terminou comigo não senti isso.

— Eu sinto muito, Valentina. — Me aproximo dela com cautela. — Eu não queria deixá-la com essa impressão sobre mim.

— Bom, agora já era, não importa. Boa noite, Victor! — Vira para

mim e deposita um beijo suave no meu rosto.

A sensação dos seus lábios na minha pele é algo indescritível, fecho os olhos absorvendo tudo que estou sentindo, mas quando penso em reagir, ela já se foi e a porta acaba de se fechar me deixando sozinho, dessa vez por ter tentado ser o que não sou, como minha tia sempre disse "*cavalo que nasce para puxar charrete, não se acostuma nunca com a carroça*" e eu não me acostumo a ser um cretino, isso é fato.



Saio do apartamento que nos últimos tempos tem sido o refúgio para onde corro quando estou precisando de um tempo longe dos meus irmãos, como o diabo foge da cruz. No meu íntimo tenho a sensação de que não há lugar para mim nesse momento, por que Victor tinha que estragar isso também? Como se não bastasse ter quebrado o meu sonho lindo de um romance, mesmo que indiretamente, quando soube que trabalharíamos juntos senti que era uma armação do destino, não era possível que o cara por quem

vinha suspirando secretamente estaria estrelando a mesma campanha que eu e não tivesse a oportunidade de ter pelo menos uma chance de conhecê-lo melhor.

Mas o que não esperava era que ele fosse justamente o cara de quem ouvi meus irmãos falarem, o *cangnolino appassionato*[8] que tinha aberto mão de Ari e ajudou Giuliano a conquistá-la, descobrir isso foi como jogar um balde de água fria na minha cabeça, mas que não diminuiu em nada os sentimentos que nutria por ele, pelo contrário, Victor se tornou alguém respeitado por mim, até que Maluh veio toda imperiosa demarcando território e vi que o meu príncipe encantado parecia um belo sapo da vida real.

— Valentina? — Olho na direção de onde vem o meu nome e vejo que é o meu *Uber* , o motorista sorri constrangido, vai ver estava me chamando faz tempo e não percebi.

Com um sorriso amarelo, entro no banco traseiro e o cumprimento, depois disso fico em silêncio pelo resto do trajeto, uma vontade terrível de chorar fazendo o meu peito doer. No fundo eu sabia que seria assim, mas como uma idiota me permiti sonhar um pouco. O doce do seu beijo ainda presente nos meus lábios, a sensação do seu toque suave no meu rosto em contrate com a pegada firme no meu quadril, fazem surgir em mim a velha pergunta do *e se*?

“Mas está decidido, ele não negou que desejava me usar para atingir o meu irmão, tampouco me explicou o que queria comigo, na real eu não vou ser só mais uma na sua lista ou não me chamo Valentina Micaela Borella”, digo as palavras motivadoras para mim e seco a lágrima traiçoeira que insiste em rolar pelo meu rosto bem a tempo.

— Chegamos, moça, se puder me dar as cinco estrelas, agradeço. — O motorista diz com um sorriso e noto que ele é um sujeito bonito e simpático, mas não estava no clima para conversas hoje e fico grata dele ter respeitado o meu silêncio.

— Sim, darei com certeza! — digo, já pegando o celular e avaliando-o. — Feito, tenha uma boa noite.

— Igualmente.

Desço do carro e entro pelo portão que se abre antes que eu sequer pegue a chave e dou de cara com um Elano irritado demais para o meu gosto.

— Onde você estava? — pergunta e fica na minha frente impedindo a minha passagem.

— Dá licença, meu, tô moída — digo dando um passo para o lado.

— Só quando me responder. — Cruza os braços e suspiro derrotada.

— Elano, vai se ferrar, não lhe devo satisfação da minha vida, não é meu pai, eu já tenho um e se esse me pedir explicações eu vou dizer com

todas as letras, já você, vá se ferrar — respondo, deixando claro minha posição e passo por ele, que me olha assustado.

— Que merda aconteceu entre você e o *cangnolino appassionato* para vir soltando fogo pelas ventas? — pergunta, vindo atrás de mim.

Paro no lugar sem que me vire para olhá-lo, esse apelido asqueroso sempre me deu nos nervos, mas agora irrita além do humanamente possível e decido dar uma resposta ao meu irmão como ele está pedindo e merecendo.

— Ele e eu não fizemos nada que eu não quisesse e nada que eu não queira fazer muito mais vezes, cretino número dois! — digo e mostro o dedo do meio para ele.

Sim, muito infantil da minha parte, mas não estou com saco para suas conversas demoradas sobre como os caras olham para garotas como eu e pensam imediatamente em sexo, nem como eu deveria ficar longe de quem possa me fazer sofrer. Elano chega a ser pior que Giuliano nesse quesito, por isso o evito ainda mais.

— Que história é essa de cretino número dois, Valentina? — pergunta, mas apresso meus passos e logo estou segura dentro do meu quarto trancada e finalmente em paz para colocar essas porcarias de lágrimas para fora.



Vejo a noite se transformar em dia ainda sentado no sofá da minha sala, não consegui ainda colocar ordem na enxurrada de pensamentos que me rodam a mente. Em todos eles vejo onde vim errando nos últimos meses e com isso em que devo melhorar se quero dar a Valentina a certeza de que sou um cara que vale a pena arriscar. Ouço o tilintar de chaves antes que a porta seja aberta e não preciso olhar para saber que o cretino número um veio com Ari pro café da manhã, isso fica evidente pelo cheiro único de pão fresco que enche o apartamento, não quero nem saber como esses pães foram feitos, não tenho coragem de comer mesmo se estivesse com muita fome.

— Veja só quem está acordado! — A voz de Giuliano chega até mim e ignoro. — Onde está a minha irmã, seu babaca?

Eu bem que tento não o irritar, mas ele está pedindo e como não pretendo me indispor com ele por muito mais tempo, me permito uma última alfinetada.

— Deixa-me ver... — Começo a tocar os bolsos da minha calça jeans e coloco as mãos por dentro antes de balançar a cabeça em negativa. — Não, nenhuma irmã por aqui.

— Seu infeliz... — Ele dá um passo na minha direção já com o punho pronto e não saio do lugar, mas Ari o segura antes que chegue até mim.

— Amor, não! — Ela dirige seu olhar para mim. — Você também não ajuda, não é mesmo, Victor. — Odeio vê-la nessa posição.

— Quem está todo nervosinho aqui é seu namorado, não eu — me defendo, mesmo sabendo que o irritei.

— Não estamos na escola onde vão competir sobre quem começou o quê, cresçam os dois! — Ela fala e solta o braço do namorado. — Vou tomar um banho e na volta quero os dois inteiros e meu café pronto e um clima de paz nesse apartamento, estão me entendendo?

Como dois garotinhos pegos fazendo traquinagem, balançamos a cabeça em concordância, cretino número um a abraça e beija com vontade e reviro os olhos, pois não me afeta mais suas demonstrações exageradas de afeto. Passo por eles e vou para a cozinha, também preciso de café. Enquanto ligo a cafeteira e começo a preparar meu sanduíche, sinto o olhar de Giuliano me fitando a cada movimento.

— Vai falar logo ou não?

— O que você quer com a minha irmã? — Agora sim, viro para encará-lo.

— E isso importa? — Fito-o a sério.

— Claro que importa, é da minha única irmã que estamos falando — explode furioso, mas não me movo, a noite em claro está começando a cobrar o seu preço sobre o meu corpo.

— Eu acho que não importa, afinal ela já foi muito bem instruída e informada sobre mim, não é mesmo? — Deixo todo o meu sarcasmo vir à tona.

— Do que *cê tá* falando, meu? — diz confuso.

— Oras, não vá me dizer que não fez a cabeça dela contra mim, com detalhes bem descritos de como sou perdidamente apaixonado pela sua namorada e ela deve ficar longe de mim?

Se fosse possível medir o meu nível de indignação, o medidor estaria prestes a explodir. Não espero por uma resposta de Giuliano e nem ele me dá uma, então volto a minha tarefa inicial de cortar fatias do pão como se estivesse cortando o pescoço do cretino número um, uma tarefa que faço devagar, saboreando cada passada da faca na massa e gostando bastante.

— Você *tá* com cara de *noiado, véi*! — Paro o movimento e viro para ele ainda com a faca em punho.

— *Cê* devia ir atrás da sua namorada e me deixar cortar o pão enquanto penso que é você em paz. — Putz, escapuliu sem querer, mas o idiota só ri, tá se divertindo o babaca.

— Você gosta dela, não é? — O sorriso do babaca se amplia ainda mais.

— Seja mais específico, há muitas delas no mundo, não posso afirmar se sim ou se não antes disso — respondo com o máximo de mau humor possível.

— Da minha irmã, *caraí*, gosta da Val e está doidinho porque ela te deu um toco, não é mesmo? — Ele está gostando disso pra caramba e não faz questão de esconder.

— Não é da sua conta — respondo como se estivéssemos na quinta série e ele fosse o babaca que faz *bullying* com os garotos bonzinhos, como eu.

— É sim, muito mais do que você queria que fosse, minha irmã chegou em casa virada num Samurai ontem e Elano tem certeza que foi algo que você fez com ela, mas vendo você com essa cara de bunda do cão, acho que os dois fizeram merda e não as coisas erradas que imaginei.

— Bom, já que sua bola de cristal está ligada vou dar amis alguns detalhes importantes, sua irmã não quer nada comigo porque acredita que sou

apaixonado por Ari e quero alguém como ela, como se ter uma rainha perfeccionista na vida não fosse o suficiente.

Digo e vejo seu olhar vacilar um pouco junto com um balançar de cabeça, ele deve saber bem do que estou falando.

— O que que tem eu nessa sua história? — Por falar nela.

— Minha irmã acha que ele ainda é apaixonado por você e deu um toco nele. — O imbecil simplesmente não consegue guardar a língua na boca.

— Acho que não foi por isso não, Maluh também contribuiu falando para ela manter distância do peguete fixo dela, aliás Vi, a Maluh? Fala sério, meu, a garota mais chata e rodada da agência? — Relevo os seus comentários sobre as minhas escolhas e foco no que é mais importante.

— O que a louca da Maluh falou para ela? — pergunto a interrompendo.

— Não sei bem os detalhes, mas sei que ela ficar praticamente em cima de você durante qualquer intervalo que tinha, deixou claro para Val que vocês estão juntos. — Puta merda, não tinha parado para pensar desse ponto de vista.

— Caramba, meu! — Solto a faca e passo as duas mãos no rosto. — O que eu faço agora? — pergunto para ninguém especificamente.

— Agora você vai tomar banho e dormir, *tá* com uma cara péssima —

Ari diz com seu olhar de não discuta comigo.

— E depois vai pensar direitinho se quer a minha irmã mesmo, porque se for esse o caso, tu vai ter que ralar um pouquinho, aquela menina quando coloca uma coisa na cabeça *pra* mudar de ideia é uma briga das grandes.

— Pelo menos teremos um tempo longe de tudo isso no *resort* na Paraíba, pode ser que lá eu consiga conversar com ela direito. — Um fio de esperança me faz soltar um suspiro cansado.

— Ou ela te afoga no mar de uma vez — ele diz rindo e ganha um tapão de Ari. — Não que eu deseje isso, é claro.

— Sim, claro que não! — Reviro os olhos e passo por eles em direção ao meu quarto, Ari tem razão, preciso dormir e pensar em tudo isso com clareza, se vou conquistar aquela mulher preciso estar inteiro e com os pensamentos claros, não parecendo um zumbi saído de algum besteirol americano ruim.



O sol começa a baixar no horizonte e junto com ele meu sorriso começa a se desfazer depois de quase oito horas de filmagens e fotografias onde todos os ângulos do meu rosto e corpo foram capturados pelas lentes, essa nem foi a parte difícil, pelo contrário, estou mais certa ainda de que quero seguir na carreira pelo tempo que me for permitido.

Difícil foi ficar ao lado de Victor depois de saber como é a sensação de ter seus braços a minha volta não apenas durante a encenação que o comercial requer, mas de forma possessiva, me convidando a me perder no seu corpo, difícil é ter consciência de que o calor que emanava dele não era devido apenas ao sol forte do Nordeste, mas sim, por que assim como eu, seu corpo queima a cada toque da minha pele na sua, difícil foi vê-lo sorrir e não me atirar nos seus braços e sentir mais uma vez o sabor inigualável do seu beijo.

Mas é assim que as coisas são entre nós e não voltarei atrás no que falei para ele dias atrás, não quero ser algo casual, muito menos seu prêmio de consolação por não ter a mulher que ama há anos, mulher essa que nesse momento está com o meu irmão em um dos quartos do *resort* fazendo sabe Deus o quê. Foi uma grande surpresa para mim quando Vincenzo nos disse que o nosso cliente resolveu gravar um comercial com os modelos *Plus* da nova coleção juntamente conosco, o que me fará ter que encarar Victor olhando para Ari como me olhava há pouco menos de uma hora, durante toda a manhã do dia seguinte e sorrir como se isso não me afetasse nem um pouco, principalmente por saber que qualquer movimento em falso meu, Giules ficará no meu pé e estragarei minha fachada de não me importo tanto assim que tenho mantido na frente de Victor, ouvir dele que me quer, mas não sabe ao certo como, me motiva a ficar firme e forte na minha decisão.

— Ok, meninos estão liberados para curtirem o lugar, mas lembrem-se que começaremos a filmar às seis da manhã para aproveitar a luz linda da manhã nesse paraíso do litoral paraibano nada de excessos essa noite, sim? — Vincenzo diz e mal escuto isso junto minhas coisas e parto em direção ao *resort*, um banho relaxante se faz necessário para mim.

— Val, espere!

A voz de Victor me alcança antes que eu passe pelo saguão principal, mas o ignoro e sigo meu caminho, agora com um pouco mais de pressa.

— Não fuja de mim! — Sua mão toca o meu braço no momento que as portas do elevador se abrem e ele entra comigo.

O seu cheiro invade minhas narinas fazendo com que prenda a respiração por um segundo tamanho o esforço que faço para não sucumbir ao desejo de me deixar envolver por ele, mas sei que não é o caminho certo a seguir, não se quero me manter inteira até a última sessão de fotos amanhã.

— O que você quer, Victor? — pergunto sem olhar para ele.

Sinto como ele parece um pouco indeciso sobre o que me falar ao mudar o peso do seu corpo de um pé ao outro. Arrisco um olhar para o espelho na parede lateral e me arrependo de imediato, o olhar que ele me dirige queima minhas entranhas e faz o mesmo fogo que senti no seu apartamento voltar com tudo para o meu núcleo, me fazendo líquida em

partes do meu corpo que deveriam estar adormecidas depois de um dia longo de trabalho.

Antes que consiga respirar uma única vez seu corpo está sobre o meu, me fazendo refém dele junto à parede do elevador, seu rosto a centímetros do meu, sua boca está próxima a minha me permitindo sentir o seu hálito mentolado tocando minha pele como uma carícia, perco a noção de tudo a minha volta e ele ainda nem me tocou realmente.

— Victor, acho que é melhor você... — Não consigo terminar a frase, seu polegar passando de um lado ao outro no meu lábio inferior me faz perder o raciocínio coerente e tomo o seu dedo entre os meus lábios e o sugo como se fosse outra parte do seu corpo, e só ouço seu arfar antes que o dedo seja substituído por seus lábios e sua língua exigente, que adentra minha boca tomando posse de tudo que estou disposta a lhe dar de bom grado.

— Não fuja de mim, minha menina, isso está me deixando louco. — Sua boca desce pelo meu pescoço, distribuindo beijos molhados ao mesmo tempo que sua excitação toca minha barriga e suas mãos puxam meu quadril de encontro ao seu, me deixando louca.

— Não vou, só que não quero ser apenas mais um lance para você, será que eu estou pedindo algo impossível? — digo meio sem fôlego, tentando manter a mente o mais lúcida possível.

Victor suspira e deixa sua cabeça cair sobre o meu pescoço, as mãos voltam à posição anterior ao lado do meu corpo como se para manter-se no lugar com muita dificuldade. Eu tento respirar novamente, o ar ainda preso nos meus pulmões como aconteceu todas as vezes que nos beijamos, levo ainda alguns segundos para voltar à terra dos respirantes, se é que essa palavra existe.

— Não, Valentina, não está e posso lhe assegurar que você nunca foi ou será apenas um lance para mim. — Dá um passo atrás e me olha seriamente. — Você é muito mais do que eu esperava.

Diz isso e como se o elevador estivesse programado, para nesse momento exato, as portas abrem e ele sai, me deixando como uma massa concisa e trêmula que deseja ardentemente ter uma boa noite de sono regada a muito vinho para esquecer do meu colega de trabalho, por quem o meu corpo clama há algumas noites com sonhos nada santos onde eu faço muita coisa errada usando as palavras do meu irmão.



Saio do elevador assim que as portas se abrem e não olho para trás, se fizesse isso colocaria a perder a minha determinação de fazer Valentina acreditar em mim. Corri atrás dela assim que Vincenzo deu por encerrada nossa sessão de fotos ainda assim que o sol deu sinal que estaria se pondo em uma hora ou duas, o cheiro da sua pele misturado com o suor fez-me louco por tocá-la mais e mais e como um viciado ao ter sua droga retirada do alcance das mãos, busquei um pouco mais, a segui até o elevador e antes que pudesse pensar estava provando mais uma vez do sabor único que sua boca tem, não como foi durante as filmagens, agora foi um beijo tão intenso e cheio de saudades que quase me tirou o fôlego e a razão por completo.

Nos últimos dias tenho pensado bastante sobre tudo, principalmente sobre como quero ela na minha vida e sempre que tento comparar a miríade de sentimentos que me tomam todas as vezes que seu rosto cruza a minha mente, tenho mais e mais certeza de que é algo tão novo e diferente de tudo que já senti, por isso não consigo dar nome, chamar apenas de paixão parece

muito simplório para algo tão grandioso.

Com essas mesmas perguntas sem respostas cruzando minha mente, entro no meu quarto e deixo meu corpo descansar junto a porta, parece que corri quilômetros, o ar tem dificuldade para entrar e sair dos meus pulmões, meus ouvidos zunindo e aquele ímã invisível querendo me puxar em direção ao andar superior, onde sei que ela está. Irritado comigo por ter tomado a decisão de voltar a falar com ela sobre sentimentos apenas quando essa parte do nosso trabalho tiver acabado, mas ela merece ser cortejada, sei que posso estar dando um tiro no pé, mas eu quero ter descoberto um nome para o que sinto antes de tudo.

Tiro fora a minha camiseta e caminho até o criado-mudo para pedir que tragam meu jantar no quarto antes que siga para o banheiro onde fico por um bom tempo, o cheiro de Valentina ainda fresco sobre a minha pele e a excitação que se formou no elevador exigindo que eu lhe dê atenção, me dou prazer apenas com a lembrança do nosso beijo e ainda com o coração batendo acelerado saio do banheiro e visto apenas um short de tactel, já que não pretendo sair do quarto. Assim que saio do banheiro ouço três batidas na porta, forte demais para o meu gosto, mas vai saber a quanto tempo o serviço de quarto está esperando por mim?

Abro a porta já com a desculpa da demora na ponta da língua quando dou de cara com Giuliano, aparentemente irritado mais do que o normal, que

passa por mim e estreita os olhos.

— O que aconteceu entre você e a Valentina dessa vez? — pergunta sem arrodeio.

— Como assim?

A pergunta certa é como ele sabe que algo aconteceu? Mas antes que a faça lembro que o andar que ele está é o mesmo que o dela e com certeza Ari já conversou com ela, e agora o cretino número um sabe que andei beijando sua irmã fora do *set* de filmagem.

— Não se faça de desentendido, Victor, acabei de encontrar minha irmã descendo para jantar com aquele sujeito intragável, acho que o nome dele é Fabiano e se eu não gosto da ideia de você com a minha irmã, gosto menos ainda daquele cara, já viu como ele atira para todos os lados, um galinha com toda certeza.

— Como é que é? — Parei de ouvir quando ele falou na minha garota indo jantar com aquele idiota, eu bem conheço a fama dele, por isso fiz questão de mantê-lo longe dela, mas com o nosso distanciamento nos dias ficou claro para ele que algo não ia bem entre nós e com certeza lhe deu bandeira verde para tentar mais uma vez.

— É isso aí, cara, tu fez alguma merda que a levou a aceitar jantar com aquele babaca, porque a cara que ela estava e o que disse para Ari,

deixou claro que estava fazendo isso *pra* se vingar ou esquecer você.

— E o que foi que ela disse?

— Que precisava saber o que motiva as pessoas a só curtirem um lance de uma noite ou alguma merda do tipo.

Puta merda, ela está pensando em fazer o que eu fazia para esquecer a Ari, como fui idiota.

— Por que você está me contando isso? — A minha voz mais parece o interior de um túmulo, vazio e sem emoção.

— Porque um dia você me procurou e me fez ver que se não conquistasse a Ariana eu iria me arrepender *pro* resto da vida, agora eu estou lhe devolvendo o favor, por mais que meu lado irmão mais velho diga para não lhe ajudar, sei que se não for até ela, essa noite de hoje irá atormentar vocês dois e talvez não conseguirão concertar as coisas entre vocês, e se um dia vou ter que chamar algum idiota de cunhado, que seja pelo menos um que eu já tenha costume de ver sempre.

Ele dá de ombros e me sinto comovido com a sua sinceridade, de um jeito tosco me diz que me quer como cunhado, isso é esquisito, mas deixo passar.

— Como eu lhe disse aquela manhã, Valentina é muito teimosa, luta pelo que quer com unhas e dentes, mas já teve sua cota de decepções para

fazê-la recuar sempre que acha que está entrando numa furada, então se quer uma chance com ela, corre agora ou a esqueça de uma vez por todas.

Não chego sequer a respondê-lo ou me preocupo em trocar de roupa, saio em disparada pelo corredor quase trombando com Ari, que desvia de mim e sorri me incentivando com um aceno de positivo ao segurar a porta do elevador aberta para mim. A descida é a mais longa da minha vida inteira, em cada segundo sinto meu coração batendo acelerado como se quisesse sair da minha caixa torácica e eu torço para não ser tarde demais, do contrário ele pode sair de uma vez por todas, não terá mais por que ter um órgão inutilizado no meu peito se eu a perder.



Respiro fundo antes de passar por entre as mesas do restaurante do *resort*. Pela parede de vidro, que permite uma visão incrível da lua cheia que começa a se erguer no céu, tenho um vislumbre de como estou, o vestido preto tubinho pouco abaixo da minha coxa que deixa minha curva em total evidência, os sapatos de salto altíssimos dourados que combinam com minha *clutch* na mesma cor, a maquiagem que marca bem meus lábios em um

vermelho intenso numa tentativa de tirar o foco dos meus olhos ainda vermelhos e inchados pelas lágrimas que derramei no meu quarto por mais uma vez sentir que Victor e eu não temos um futuro, não um onde cheguemos num consenso sobre o que ele quer e o que eu aceito. Foi ainda chorando que decidi aceitar o convite de Fabiano para jantarmos, posso estar sendo imprudente, mas não quero me olhar no espelho daqui a alguns anos e não ver nada além de lágrimas e frustações.

— Não me diga que se vestiu assim para mim? — Fabiano diz ao se levantar quando chego até a mesa onde ele está, que vem a ser a mais distante das outras.

— Não direi, me vesti assim para mim mesma — rebato e diferente do que pensei ele ri e vem puxar a cadeira para mim.

— Claro, nós homens que temos a ilusão que somos o motivo por trás de uma mulher incrivelmente linda como você está agora.

Ele volta a sentar e logo um garçom nos serve o vinho, não presto atenção no rótulo, não quero ter lembranças profundas dessa noite mesmo. Fabiano engata uma conversa animada sobre como chegou à posição de produtor artístico de sua agência e como tem contatos com muitos empresários e adoraria me apresentar a alguns deles, pois com certeza eu tenho o biotipo que ele procuram. Eu, por minha vez, apenas sorrio e digo um “É mesmo?” ou “Que maravilha!” e tomo mais um pouco de vinho quando

não quero dizer nada.

— Já estão prontos para pedir? — O garçom interrompe a falação dele e me dou conta que não parei para olhar o cardápio.

— Eu vou querer o Linguado Grelhado em crosta de castanha com *Mousseline* de mandioquinha e Alho-poró flambado no Martin — Fabiano diz e me olha, assim como o garçom esperando por minha resposta.

Corro os olhos rapidamente pelo cardápio tentando achar algo que possa parecer apetitoso para mim, mas a verdade é que duvido muito, minha boca está com gosto de borracha e creio que isso passará para qualquer comida que comer, assim como fez com o vinho, decido fazer um "mamãe mandou" e quando tenho o campeão, digo.

— Vou querer o Salmão grelhado com Talharim de palmito pupunha de Antonina ao molho parmesão e *Chutney* de manga.

Antes que devolva o cardápio ao garçom, sinto a mão de Fabiano tocando a minha que está livre sobre a mesa e meu corpo inteiro tensiona na hora.

— Eu já experimentei esse e é uma delícia.

A forma como ele fala a palavra "delicia" e desce o olhar pela parte do meu corpo visível aos seus olhos, faz meu estômago embrulhar e um desespero por sair correndo daqui tomar conta de mim, o toque da sua mão na

minha causa uma sensação estranha, não tem eletricidade no ar, não há uma leve curvatura no canto esquerdo do seu lábio superior quando sorri, não há um brilho meio gentil, meio febril nos seus olhos, a cor deles e do cabelo também está errada, tudo está errado, até mesmo eu aqui tentando passar a impressão de que não me importo, quando na verdade me importo por demais.

— Desculpe, mas não posso — digo, ficando de pé e pegando minha bolsa antes de largar o cardápio e sair o mais rápido possível dali sem olhar para trás.

Praticamente corro em direção aos elevadores, desejando a segurança do meu quarto onde eu poderei chorar mais um pouco ou quem sabe beber até conseguir dormir, ou com sorte ter a companhia de Ariana, que dispensei há pouco tempo. Todas essas possibilidades caem por terra quando as portas se abrem e dentro do elevador vejo surgir tudo que busquei desesperadamente em Fabiano há poucos instantes, o cabelo castanho claro bagunçado, a barba bem aparada, os olhos que me olham com tanta coisa presa neles, tudo isso antes que meus olhos notem o seu abdômen descoberto e me lembre de como é estar colada a ele.

Para não me deixar cair mais uma vez na armadilha do meu coração, que não sabe ouvir minha mente que grita CUIDADO todas as vezes que o olho, viro-lhe as costas e saio correndo em direção à praia, tirando os sapatos

e os deixando cair junto com minha bolsa assim que atinjo a areia e entrando no mar alguns metros à frente, meu corpo afundando quando me encolho até ser uma bola debaixo d’água.



Ela sai correndo assim que as portas do elevador se abrem e meu primeiro pensamento ao vê-la é “ela está deslumbrante”, mas bastou subir meu olhar para me dar conta que a angústia que vi nos seus olhos não é de alguém que esteve se divertindo, longe disso, é a mesma que presenciei pelos últimos dez segundos no espelho do elevador, por esse motivo não perco tempo e disparo atrás dela e a vejo soltar os sapatos e bolsa a esmo, e partir em direção à água.

Não penso duas vezes e entro atrás dela, mesmo com o mar calmo eu não quero ficar mais nenhum segundo longe dela, essa é a grande verdade. Mergulho e passo os braços a sua volta a fazendo erguer-se mesmo que

estivesse agachada como uma bola. Ela não impõe resistência como pensei que faria, mas também nada diz e quando chegamos na areia e a sento para que possa ter a oportunidade de falar, fico a sua frente e noto que está de olhos fechados, as lágrimas rolando pelo seu rosto e meu peito comprime dolorido com isso.

— Val... — digo, tocando seu rosto e ela abre os olhos e me perco neles.

— O que você quer, Victor? Eu já te perguntei uma vez e perguntarei novamente, o que você quer? Porque eu estou tão cansada desse jogo de gato e rato, que prefiro desistir.

Suas palavras chegam até mim com uma dor profunda e sei que não terei outra chance se deixar essa passar.

— Eu quero você, Valentina — digo e a vejo erguer os olhos para os céus, como se a lua que brilha cheia ao longe e as estrelas pudessem lhe ajudar de alguma forma.

— Falando sério, é bem melhor você parar com essa coisa de me querer e não querer, me beijar como se precisasse disso mais do que sua próxima respiração, me olhar com esses olhos cheios de promessas silenciosas que nunca chegam aos seus lábios. Falando sério, Victor, eu já fui magoada antes, já fui feita de trouxa e não quero ter você só por curtição, ser

só mais uma na sua cama, acredite ou não, eu morro de medo de tentar e quebrar a cara quando você descobrir que não sou o que realmente quer, porque eu prefiro ter na minha cabeça o se, do que o porquê.

As palavras que saem da boca dela são tão conhecidas minhas que poderia ser eu mesmo lhe dizendo tudo isso. Então é nesse momento que me dou conta que não a conheço, não mais do que deixou que conhecesse e só agora que abre realmente o seu coração para mim, me permitindo entrar.

— E se eu te dissesse que vim até aqui para falar exatamente essas coisas para você, acreditaria em mim? — pergunto e seus olhos se estreitam desconfiados. — A diferença é que você já sabe como fui magoado no passado e eu não sei nada sobre você, mas estou disposto a descobrir se me permitir e não só isso, eu não quero você só por um momento, quero pelo tempo que me permitir, porque a verdade é que desde que esbarrei com você na saída da padaria da sua família que algo acendeu dentro de mim, algo que não sabia que existia e venho tentando manter isso trancafiado e consegui por um tempo até você ressurgir na minha frente e tudo voltar com força total, eu te via nos meus sonhos, mas na manhã seguinte fazia questão de apagar da memória, pois acreditei naquele dia que fosse a namorada do cretino número dois ou algo do tipo — confesso, mesmo me sentindo um idiota completo.

— Elano? Fala sério, Victor! — diz incrédula.

— Eu não te conhecia, como iria saber? — Dou de ombros.

— E o que você sente pela Ari? — pergunta com olhos ansiosos e não posso mentir.

— Não vou ser leviano e dizer que não a amei como homem ama uma mulher, sim, a amei, mas deixei de amar nesse sentido há muito tempo, só que me apeguei a esse sentimento para ter uma desculpa de ser como era e quando ela conheceu seu irmão e se apaixonou, eu me senti perdido, porque ia ser tirado de mim algo que tomei como certo, mas ainda assim a deixei ir.

— E eu, você me deixaria ir?

— Só se me levasse junto, pois não quero ficar mais um dia longe de você.

Um sorriso lento começa a surgir nos seus lábios e acho que espelha o meu, ela traz suas mãos até os meus cabelos e fecho os olhos absorvendo a grandiosidade do seu toque, meu coração disparando a ponto de tentar sair pela boca e tão suave quanto uma pena, seus lábios tocam os meus, quebrando não só a última barreira entre nós como me dando o choque elétrico necessário para voltar à vida. Circulo sua cintura e a puxo para mim, levantando, nossos lábios colados deixando-nos sentir a mistura de sal do mar e das lágrimas dela, mas ainda assim o melhor dos sabores e quando passo minha língua sobre os seus ela não resiste, entreabre-os e me dá passagem, começamos assim a dança perfeita de lábios e línguas combinadas com mãos e respirações que dançam na batida ritmada dos nossos corações iluminados pela lua e as estrelas.



Sinto meu corpo leve, como se a gravidade não estivesse exercendo mais o seu poder sobre mim e mesmo flutuando consigo sentir os braços protetores de Victor que me puxam para ainda mais perto de si, afasto meus lábios dos seus procurando por ar, meu peito transbordando com uma felicidade que não sabia ser capaz de existir.

— Você é tão linda. — O toque suave dos seus dedos sobre o meu rosto ao falar isso me faz corar.

— Não é para tanto — digo ao me dar conta que a maquiagem que fiz foi por água abaixo literalmente.

— Para mim é sim. — Não o desminto, colocando dessa forma só me resta concordar em discordar.

Desvio os olhos para além dele e vejo que ao longe algumas pessoas estão alheias a tudo que foi dito aqui, graças ao bom Deus, mas a verdade é que ainda não sei o que sentir ou pensar, está tudo tão confuso dentro de mim.

— Val, o que foi? — Volto meu olhar para ele e o brilho intenso nos seus olhos me faz esquecer completamente de tudo, é como se conseguisse enxergar minha alma através deles.

— Nada, eu só quero estar com você — digo as palavras mais verdadeiras e o sorriso lento que se espalha por seu rosto faz minha respiração travar por um segundo.

— Isso é bom, estou correndo um sério risco de pegar um resfriado.

Meu olhar desce por seu corpo e noto que apesar de tentar parecer tudo bem ele treme um pouco, não é para menos está apenas de bermuda e todo molhado. Engulo em seco com o desejo que tenho de explorar o seu corpo não apenas com as mãos, sua pele levemente bronzeada pelos dias de filmagens ao sol o tornaram ainda mais atraente e minha libido desperta

completamente.

— Eu cuido de você! — Estendo minha mão e o mesmo não pensa duas vezes antes de segurá-la.

Seguimos de volta para o *resort* de mãos dadas, parando apenas para recolher meus sapatos e bolsa que ficaram no caminho. No saguão atraímos a atenção das pessoas que por ali estavam, nossas roupas molhadas e cheias de areia com certeza faz a imaginação delas voarem soltas, mas não me importo nem um pouco. Entramos no elevador e permanecemos calados, como se tivéssemos medo de dizer a coisa errada e quebrar o encantamento que nos envolve.

Paramos no seu andar e nesse momento há a indecisão de para qual quarto devemos ir, mas não dura muito tempo, Victor me leva até a porta do seu quarto e retira a chave do seu bolso.

— Espero que esses cartões sejam resistentes à água — diz com um meio sorriso e suspiramos em uníssono ao ouvirmos o clique da trava sendo aberta. Voltar até a recepção ou subir mais um andar não estava nos meus planos, principalmente por meu quarto ser ao lado do que Ari divide com meu irmão.

Victor abre a porta e dá um passo para o lado, permitindo que eu entre primeiro. Minhas pernas ficam um pouco bambas quando ele a fecha e seu

calor chega até mim por trás, antes mesmo dos seus braços me envolverem carinhosamente.

— Sei que disse que cuidaria de mim, mas eu que quero cuidar de você. — Viro-me para olhá-lo nos olhos e poder ler todas as emoções neles.

— Por quê? — Não pergunto por duvidar dele, é mais como para reafirmar a mim mesma de que estou fazendo a coisa certa.

— Porque você importa, porque é especial para mim de um jeito que ainda não consigo colocar em palavras e dizer que estou apaixonado seria uma frase muito rasa para a grandeza do sentimento que venho nutrindo por você. — Suas palavras fazem as lágrimas voltarem para os meus olhos, só que agora de felicidade.

— Sinto a mesma coisa em relação a você — digo, baixando meus olhos, envergonhada.

— Graças a Deus por isso, do contrário teria que descobrir como fazê-la me amar.

Suas mãos tomam meu rosto nelas e o erguem, quadro a quadro assisto seu rosto se aproximar do meu, fecho os olhos e recebo o toque suave que me causa uma eletricidade gostosa mais do que bem-vinda. Um dos seus braços circula minha cintura e me puxa para si, jogo meus braços ao seu redor e me deixo levar pelo gosto maravilhoso do seu beijo, meus dedos

adentram seus cabelos úmidos e puxo-os levemente aumentando o ritmo de acordo com as batidas aceleradas do meu coração.

— Venha! — Dá um passo atrás e segura minha mão me levando em direção ao banheiro, sei disso por que nossas suítes são praticamente idênticas.

Paro em frente ao grande espelho de corpo inteiro e vejo que como imaginei minha maquiagem está destruída, tento arrumá-la enquanto ele enche a banheira, não demora muito e seu corpo está atrás de mim, seus braços me envolvendo, sua cabeça no meu ombro e seu nariz percorrendo meu pescoço, causando um arrepio gostoso.

— Acho que precisamos tirar essa roupa molhada — diz, beijando abaixo na minha orelha e não resisto.

— Huhummm... — Fecho os olhos e deito a cabeça para o lado lhe dando melhor acesso.

— Olhe para mim, Valentina. — Sua voz diz rouca e é impossível não fazer o que pede.

Nossos olhos travam no espelho, o desejo visível em ambos e não me resta dúvidas do que quero. Coloco minhas mãos sobre as suas e o guio até a barra do vestido, com nossos dedos entrelaçados subimos o tecido, pouco a pouco deixando minha pele exposta. Ergo os braços e ele termina de retirá-lo,

volto meu olhar para o espelho e seus olhos queimam os meus, suas mãos deslizam pelo meu tronco nu indo rumo ao sul do meu corpo com uma carícia suave, sua excitação fazendo-se presente em minhas costas, me fazendo engolir em seco.

— Tão linda... — Beija meu pescoço e toca um dos meus seios, enquanto sua outra mão toca o meu ponto sensível, causando o início de um colapso nas minhas terminações nervosas. — Muito mais que linda.

Não consigo evitar e fecho os olhos, absorvendo as sensações que suas mãos e lábios me provocam.

— Coloque as mãos atrás da minha cabeça — diz com um comando sedutor e não o questiono.

Ao fazer isso meus seios ficam ainda mais empinados e meu quadril toca ao seu, causando um atrito excitante do seu sexo no meu bumbum. Seus dedos movimentam-se no mesmo ritmo que seu quadril se remexe e não demora para que sinta a umidade entre minhas pernas aumentar consideravelmente.

— Victor... — Seu nome sai tremido pelos meus lábios e viro o rosto para ter acesso a sua boca, que reivindica a minha com uma fome desesperada.

— Eu sou louco por você. — Suas palavras são gasolina para o meu

núcleo flamejante e sinto-me incendiar por completa. — Quero muito estar dentro de você.

— Por favor!

Digo e estendo minhas mãos até tocar o espelho, tocando nossos quadris mais uma vez em um atrito que me arranca o ar.

— Olhe para mim, quero ver seu rosto enquanto faço amor com você.

Ergo os olhos e fito o nosso reflexo juntos, hipnotizada pelos seus toques e o olhar que não me deixa em nenhum momento, vejo-o se agachar e retirar minha calcinha devagar, aproveitando cada momento disso para me torturar lentamente. Seu rosto some por um segundo me fazendo perder completamente o fôlego a seguir, quando ele me toca a intimidade com os lábios e língua de uma forma enlouquecedora, arrancando de mim um gemido desavergonhado e explodo em sua boca sentindo minhas pernas já bambas, fraquejarem.

Antes que eu caia, seus braços me seguram e me viram para ele, sua boca desce sobre a minha e sinto nossos gostos misturados e isso me excita. Sua mão tateia algo na gaveta do armário e ainda entorpecida ouço o papel alumínio ser rasgado, afasto-me um pouco e meu olhar desce para o seu membro e noto que seu short já não está mais ali, pego o preservativo de suas mãos e com um sorriso me ajoelho a sua frente, proporcionando a ele o

mesmo prazer que acaba de me dar.

Seus dedos adentram os meus cabelos, segurando-os sem ser de uma forma brusca, deixando que eu dite o ritmo, o sinto crescer entre meus lábios e antes que se deixe levar, paro e o cubro com o preservativo olhando-o nos olhos enquanto faço isso.

— Você vai ser a minha salvação ou ruína total... — diz com a voz carregada de desejo, me puxando até que estou em pé. Suas mãos seguram minha cintura e me impulsiono para os seus braços, cruzando as pernas na sua cintura.

— As duas coisas — digo antes de puxar sua boca para a minha ao mesmo tempo que ele me preenche por completo, nossos corpos se encaixando como duas peças de um todo e começamos a nos movimentar em uma sincronia prefeita, como se já fizéssemos isso há muito tempo, nossas respirações acelerando em uníssono, nossas peles agora molhadas pelo suor proporcionado pelo nosso ritmo cadenciado e pouco a pouco a chama no meu interior, que imaginei ter sido sanada por ele, volta com força total, agora de uma forma nova, não sei como, mas é ainda mais poderosa da segunda vez e me deixo ir, meu interior apertando-o com as contrações e não demora para que ele me siga no caminho sem volta rumo ao nosso prazer sem tamanho.

— As duas coisas, eu e você sempre seremos as duas coisas! — ele diz com os lábios ainda colados aos meus e sorrio, satisfeita e feliz por ter me

permitido viver tudo isso com ele.



Deixo meus dedos deslizarem pelas costas de Valentina e me arrependo de ter lhe oferecido uma camiseta, puxo o tecido para cima e toco sua pele mais uma vez, aquela eletricidade poderosa me atinge com força e suspiro, satisfeito e relaxado depois de ter feito amor com ela há poucos minutos pela terceira ou quarta vez, foi tudo tão bom que não parei para fazer contagem.

— Isso é tão bom — diz, passando o nariz no meu peito e esse carinho inocente desperta o meu amigo, que deveria estar cansado depois de tanto trabalho.

— É? — digo e viro nossos corpos para ficar por cima dela, nossos sexos se tocando e vejo aquele brilho de desejo cruzar seus olhos antes que eu a beije devagar, saboreando cada toque da sua língua na minha.

— É muito bom, mas estou exausta — responde sorrindo com os lábios ainda colados aos meus.

Volto a nossa antiga posição puxando-a para ficar com o corpo parcialmente sobre o meu e olhando para ela assim, sinto meu coração contrair com uma dorzinha diferente ao imaginar que poderia ter perdido a chance de tê-la assim comigo.

— O que foi? — Sorri e ergue mais o corpo para me fitar.

— Só estou pensando que quase deixei você ir e isso faz com que eu sinta medo de não ser bom o suficiente para você. — Sou sincero, com ela eu sinto que a verdade sempre será o único caminho.

— Também tenho medo, Victor, nunca vou ser uma mulher gentil e doce como Ariana, tive que lutar para ser ouvida a minha vida toda, crescer ao lado de Giuliano e Elano foi dureza, mas não evitou que eu quebrasse a cara e foi isso que me fez ser tão resistente a ser apenas mais uma.

O olhar dela passa de mim para um ponto qualquer na parede e dá para notar que existe uma mágoa antiga que ela esconde e pensar que alguém a machucou de alguma forma, me deixa muito irritado.

— Val, não precisa me falar nada, mas eu estou aqui para você.

Ela ri sem que isso chegue aos olhos e senta à minha frente, cruzando as pernas, mexe os dedos como já sei que faz sempre que está nervosa, vejo

acontecer sempre que as filmagens ou sessão de fotos estão para começar. Também sento e seguro suas mãos para que saiba que não está sozinha.

— Como disse, meus irmãos marcaram firme durante minha infância e adolescência e quando entrei para faculdade e me vi de certa forma livre deles, foi como respirar fundo depois de prender a respiração por um bom tempo, conheci algumas garotas que me apresentaram para uns caras e um deles me chamou atenção, era bonito e me tratava com gentileza e por ser bem inexperiente achei que tinha encontrado o meu príncipe encantado.

Ela sorri envergonhada e que não é fácil para ela se abrir assim, é como ver um imenso muro vir ao chão deixando o interior exposto, por isso apenas acaricio suas mãos e aguardo.

— Estava no terceiro ano do curso de Administração quando a muito custo me convenceram a participar de uma festa, segundo uma das garotas seria para poucas pessoas e depois de ouvir o *"Tudo bem, apenas tome cuidado!"* dos meus pais eu aceitei o convite. De início foi tranquilo, apesar da minha timidez eu consegui conversar com algumas das pessoas ali presentes e quando o carinha de quem eu estava a fim chegou e exigiu de certa forma a minha atenção, eu me senti lisonjeada, então o clima ficou diferente, não consigo lembrar bem onde tudo passou de conversa animada para uma atmosfera muito sensual, as pessoas começaram a se pegar ali sem nenhuma vergonha e quando quis ir embora, o garoto que estava comigo me

beijou e meu organismo reagiu àquilo e tudo virou um borrão, mas lembro vagamente de ter pedido para ele parar ou minha vergonha projetou isso na minha mente, mas sei que quando voltei a mim, estava nua em um banheiro, vomitando tudo que tinha e não tinha no meu estômago, minha roupa estava destruída ao lado e o garoto havia sumido.

Ela treme e não resisto ao impulso de puxá-la para junto de mim, ela se encolhe no meu colo e a aperto junto de mim beijando o topo da sua cabeça.

— Eu não queria que minha primeira experiência sexual fosse dessa forma, me senti violada de certa forma, mas nada se comparava à vergonha que sentia, vesti os trapos que meu vestido se transformou e sai de lá, passando pela sala vi que quase todos estavam muito chapados, corri até onde estava meu casaco e bolsa e saí, não lembrava bem onde estava para chamar um táxi e não ia ligar para os meus pais, restou apenas Elano, mandei a localização pelo Whatsapp e algum tempo depois ele me encontrou na portaria do prédio que estava.

Agora ela sorri de verdade com alguma lembrança e se aconchega nos meus braços ainda mais.

— Ele me levou *pro* apartamento dele e não me questionou sobre nada, nem disse o “Eu te avisei!”, foi apenas o meu irmão e eu o amo demais por isso. No dia seguinte disse apenas que se eu quisesse iríamos à delegacia

prestar uma queixa, mas eu não suportava a ideia de ter que fazer corpo de delito e deixar os meus pais saberem, ele aceitou, mas disse que o Giules teria que ficar sabendo, não me opus e esse tem sido um segredo só nosso.

— Eu sinto muito que tenha passado por isso. — Ela vira para me olhar e seco as lágrimas do seu rosto.

— Já superei isso, prova é que consegui conversar com alguém sobre e me permiti ter uma experiência nova com você. — O sorriso que ela abre é tão lindo que tenho vontade de registrar esse momento para a eternidade.

— Muito obrigado por me deixar entrar de verdade, agora sinto que estamos prontos para vivermos algo novo e isso me faz muito feliz.

— A mim também, Victor, desculpa por ter te comparado com alguém do meu passado, agora vejo porque fiquei insistindo que o erro estava em você quando eu também não estava pronta, não entendia o que senti naquela manhã na Nonna Fiorella, depois de muito tempo me vi reagindo a alguém e isso ficou martelando na minha mente por um bom tempo e quando vi Maluh toda atirada para cima de você fiquei furiosa, porque achava que o seu problema era querer alguém como Ari e até aí estava tudo bem, pois ela é incrível, mas não estava preparada para você com alguém tão... — Ela deixa a palavra no ar.

— Eu sinto muito se deixei essas coisas se estenderem por tanto

tempo, você também mexeu comigo de um jeito novo e até eu perceber que era você a pessoa que eu procurava, fiz um monte de besteira e graças a Deus não foi tarde demais.

Deito, puxando-a comigo e logo sinto sua cabeça encaixando no meu ombro.

— Ainda bem que conseguimos enxergar isso a tempo. — Suspira e beija meu pescoço, e meus braços a circulam de imediato.

— Não sei o que fiz de bom para o Universo, mas sou um filho da puta muito sortudo — digo e beijo sua testa.

— Somos dois então!

Ela ergue o rosto e nossos lábios se encontram com leveza e como se fizéssemos isso há muito tempo, dormimos assim, abraçados e com a certeza que com o raiar do dia esse sentimento incrível e novo não terá ido embora ou evaporado.



Algum tempo depois

Caminho por entre as pessoas no saguão do Aeroporto internacional de Guarulhos empurrando o carrinho com nossa bagagem e sinto aquele gelo na barriga, bem parecido com o pânico de estreia, e nesse momento sou um garotinho medroso sem saber o que o futuro me reserva. Os últimos dezoito meses foram diferentes de tudo que poderia imaginar, Valentina e eu não nos

desgrudamos mais depois que enfim decidimos ficar juntos, nem quando seus irmãos me bombardearam de perguntas sobre minhas intenções com ela ou quando a levei para Santa Gertrudes e minha mãe e tia ficaram implicando com ela para comer um pouco mais por acharem ela muito magrinha, tampouco deixamos que as fofocas ou olhares de outras pessoas, sejam colegas de profissão, empresários ou estranhos nos afetassem ou fossem motivo para discussões.

Confesso que senti muito medo que meu tempo sendo um galinha pudesse de algum modo interferir na confiança que ela começava a depositar em mim e a primeira coisa que fiz quando voltamos foi deixar bem claro para todos, em especial Maluh, que Valentina era minha namorada e eu não aceitaria que perturbassem a nossa paz. Mesmo no início sendo um pouco insistente, Fabiano acabou também por aceitar que não tinha chances com a minha garota e como é de praxe nesse meio, logo ele e Maluh estavam embarcando em outras aventuras amorosas e nos esquecendo, e nada abalou nossos sentimentos que só cresceram mais e mais.

Bom, cresceram da minha parte pelo menos, digo isso, pois nos últimos dias minha Val tem se mantido distante e reservada. Como tem sido praxe entre nós, sempre que ela viaja a trabalho eu vou junto, mesmo que não esteja escalado na campanha em questão, uma raridade, vou como seu agente como aconteceu nessa última em que fomos a Paris, eu achando que essa

seria a mais romântica de todas as viagens, me deparei com uma namorada que parecia prestes a chorar a todo momento que não estava trabalhando e quando lhe convidei para sairmos e curtir um pouco da cidade mais romântica do mundo, ela me dispensou alegando dor de cabeça. Tudo foi tão estranho que adiei o pedido que ensaiei por tanto tempo para um outro momento.

— Estou exausta — diz assim que entramos no táxi e para minha surpresa ela não se afasta quando puxo seu corpo para junto do meu, pelo contrário, deita sua cabeça no meu peito e sinto meu coração disparando mais uma vez.

— Então durma, *amore mio* — falo e ela sorri do meu italiano piegas de novela das oito.

— Vi?

— Oi?

— Eu quero, não, eu preciso te falar uma coisa, mas não sei como começar... — diz e boceja, aí vejo que seu mal estar durante o voo a esgotou mais do que imaginava, talvez devesse pedir ao taxista que nos leve a um hospital para ver se está tudo bem com ela.

— Pelo começo, querida, sempre pelo começo. — Ela ri e ergue a cabeça para me olhar, o cansaço está mais do que visível no seu rosto e

decido que seja o que for pode esperar. — Mas durma um pouco, teremos muito tempo para conversar quando chegarmos em casa.

Ela volta a deitar no meu peito e respiro fundo sentindo seu cheiro, meu coração disparado ao pensar no que pode ser essa coisa que precisa me falar, morro de medo que os últimos dias sejam um indício do que pode ser e como um viciado, que droga está chegando ao fim, vou tomando pequenas doses dela enquanto ainda tenho tempo, pois ao final sei que não me recuperarei do baque.



— Val, chegamos! — Sinto a mão de Victor acariciando meu rosto e pisco um pouco antes de levantar a cabeça, me afastando do calor reconfortante do corpo do homem que eu amo mais do que pensei ser possível.

Saio do carro e pego a alça da bolsa, sentindo meu estômago se encher de borboletas enquanto o observo pagar o taxista e caminhar em

minha direção, ainda não me acostumei à visão que é Victor vir caminhando para mim com esses olhos de menino levado que sabe da beleza que tem, mas não pretende usá-la como troféu. Sinto as lágrimas inundarem os meus olhos ao pensar que o que direi para ele daqui a pouco pode fazê-lo se afastar de mim, por mais que meu coração me diga que não, ele me ama e nada mudará isso, sou insegura e morro de medo de que um dia ele descubra que não sou o suficiente para ele, mas isso é algo que guardo só para mim, como agora que puxo uma respiração e forço um sorriso amarelo a surgir no meu rosto, mais uma vez me acovardando.

A verdade é que nesses últimos meses com Victor eu pude ver por mim mesma o quão perfeito ele é, como quando nota que alguém tenta insinuar que minha carreira bem sucedida como modelo se deve pelo nosso relacionamento e por ele ser o meu par em boa parte das campanhas, ele faz questão de enfatizar que estou lá pelo meu talento, ou quando deita comigo e ficamos em silêncio apenas curtindo estar um na companhia do outro, ou quando ele fez questão de conhecer os meus pais assim que voltamos de Barra de Caramatuba e me surpreendeu ao fazer um pedido formal para me namorar, gesto que conquistou o respeito do meu pai e fez minha mãe sua maior fã de todas. Mas nada vai superar quando fizemos três meses de namoro e ele, ao me abraçar, disse as três palavras que eu relutava tanto em falar e ainda disse que as usava por não existir outras que fizessem jus ao

tamanho do que ele sente por mim e me entregou as chaves do seu apartamento, que se tornou nosso há oito meses quando aceitei morarmos juntos para o desespero dos meus irmãos — aqueles dois continuam achando que são meus pais e acho que isso não vai mudar nunca, nem eu quero. Ele se tornou mais do que o cara que visitava os meus sonhos secretos, se tornou meu melhor amigo.

— Chega, Valentina! — Victor diz assim que saímos do elevador em frente a porta de casa e quase caio de bunda no chão com o susto. — Se vai terminar comigo fala logo de uma vez, não me deixa em *stand by*, porque isso está me matando.

Arregalo os olhos e não seguro a exclamação surpresa que me escapa com o seu rompante.

— Victor, não! E-eu não...

— Então me fala o que está acontecendo, Valentina, pois eu sinto que estamos a um fio do rompimento — diz e vira-se para colocar a chave na porta e abre dando um passo em seguida para que eu passe primeiro. — Eu aguento a verdade, por mais difícil que seja.

Ergo a mão para tocar o seu rosto, mas algo dentro do apartamento chama minha atenção, agora não consigo falar devido ao nó que se formou na minha garganta, uma grande faixa escrita “CASA COMIGO?” está estendida

presa a ganchos na parede e há balões em formato de coração por toda a parte.

— Oh, meu Deus! — Levo as mãos à boca tentando evitar o soluço que ameaça sair e junto com ele uma enxurrada de lágrimas e uma ânsia de vômito terrível.

Entro em pânico sem saber o que fazer, ele acha que quero terminar com ele quando tudo que mais quero é viver ao seu lado para sempre, mas não conseguirei falar nada sem que coloque o biscoito de água e sal que comi no voo para fora. Quando sinto a bile chegando a minha boca, corro em direção ao lavabo e deixo vir todo o líquido verde horroroso para fora na pia mesmo, Victor logo está ao meu lado, segurando meus cabelos com cuidado ao mesmo tempo que acaricia minha costas.

— Desculpe? — digo assim que consigo lavar minha boca e encará-lo.

— Não tem por que, acho que deveria leva-la num médico. — Seus olhos não conseguem esconder toda a decepção e dor que ele sente.

— Não preciso de médico, Vi, o caso não é esse e não quero terminar com você, longe disso. — Recebo o copo d’água que ele me estende e bebo tudo com as mãos trêmulas por saber que não posso adiar mais a verdade.

— Então o que está acontecendo? Esses últimos dias você tem estado

tão distante e chora quando acha que não estou ouvindo tarde da noite, e por mais que eu te ame não vou forçá-la a ficar comigo se isso te magoa. — Não disse, ele é perfeito demais.

— Eu chorei justamente por que *tô* morrendo de medo que me amar não seja suficiente para fazer você ficar.

Agora é sua vez de ficar confuso, passo por ele e caminho até a minha bolsa onde estão exames que fiz antes de viajarmos, esperava ter coragem de falar a ele durante a viagem. Estendo o envelope para ele e suas mãos tremem um pouco.

— Esse é o motivo de todo o choro, Victor — digo, enquanto ele abre e retira de lá a pequena fotografia. — Estou grávida de quinze semanas.

— Você está grávida? — Seus olhos aumentam de tamanho e antes que dê por mim estou sendo tirada do chão por ele, que me gira e grita alto sorrindo e me seguro nos seus ombros para me equilibrar. — Mas como? Não precisa responder, eu sei como acontece e fizemos muito sexo, mas você toma anticoncepcional.

Para de me girar e caminha até o sofá, me deitando e ficando com o corpo sobre o meu sem deixar que seu peso caia sobre mim.

— Nenhum método é cem por cento seguro e as datas coincidem com aquela virose que peguei e precisei tomar antibiótico, minha obstetra acha

que um remédio anulou o outro! — Sorrio e me contorço ao sentir suas mãos subindo minha camiseta até que seus lábios pousam no meu ventre ainda liso e o ar me falta por completo, as lágrimas voltam com tudo e não sei o que faço mais, se rio ou choro.

— Um filho, Val, eu achando que você não me amava mais, quando na verdade vamos ter um filho.

— Ou filha — o lembro e sua careta a seguir é adorável.

— Ainda bem que cretino um e dois existem, assim me ajudarão a cuidar para que nenhum urubu azare minha garotinha.

Não acredito no que estou ouvindo, isso me deixa tão feliz, apesar de absurdo seu pensamento, mas vamos formar uma família só nossa agora.

— Eu senti tanto medo quando descobri, apesar de saber que me ama como eu te amo, um bebê não estava nos nossos planos de um futuro próximo e não abriria mão dele, já o amo tanto que não imagino minha vida sem ele ou ela, desculpa por não contar antes, teria evitado muito choro.

— Você ficou com medo, eu entendo, e eu pensei que você ia terminar comigo, fiquei andando com isso no bolso esse tempo todo.

Ele põe a mão no bolso frontal da calça e retira um anel de brilhante de lá e o estende para mim ao se ajoelhar no carpete, sento e prendo a respiração, aguardando.

— Valentina Micaela Borella, uma vida inteira com você ainda vai ser pouco em comparação a tanto amor que eu tenho para te dar e desejo receber, seja minha e me permita ser seu, casa comigo?

— Sim, eu caso, SIM!

Praticamente grito e com lágrimas rolando pelo meu rosto assisto ele deslizar o anel pelo meu dedo anelar direito e me puxa para que selemos nossa união com um beijo, isso antes dele me erguer nos braços e caminhar em direção ao quarto, parando apenas na porta para puxar as malas e trancá-la.

— Venha, noiva, precisamos aproveitar antes do bebê nascer para explorar todo esse lugar, dizem que crianças reduzem as horas de sexo do casal. — Sorrio e bato no seu ombro.

— Não seriam as horas de sono?

— Não, não precisamos dormir, tenho certeza que foram as horas de sexo e eu quero tirar o atraso desde já.

Volto a beijá-lo, só que agora com um novo tipo de fome, também querendo tirar o atraso, pois é fato que muitos aspectos da nossa vida irão mudar daqui para frente, mas já não tenho medo, eu o terei comigo e isso me torna indestrutível, principalmente, pois agora há um laço inquebrável que nos une e no seu abraço eu estou protegida e tenho a certeza que sou muito

amada.

Fim

Refém *dos seus* Encantos

Irmãos Borella - Livro 3

Para Ivan e Isabelle, razões da minha lucidez em meio a esse mundo louco!

E todos os poetas que por vezes não encontram espaço para deixarem as vozes das suas almas falarem livremente!

A menina bonita



Por Elano Borella

Como um anjo em meu caminho,

Mudando o meu destino

A menina bonita,

Meu corpo excita

Minha alma embriaga.

Minhas mãos deslizam por suas curvas

E me perco na maciez do seu pescoço,

Livrando-a da peça, que adorna o seu corpo.

Atirando os sapatos longe ela para mim se despiu

Deixando à mostra a pele intocada, da minha menina amada

Na minha frente está.

Deus me ajude se não controlar o anseio que sinto

Esquecendo o instinto

Que me diz para sua pureza manter,

Mas pobre diabo serei se o seu perfume não me permitir sentir.

Que perfume inebriante

Diria que é o melhor que já senti

É a mistura perfeita de rosas e inocência

Orvalho e castidade

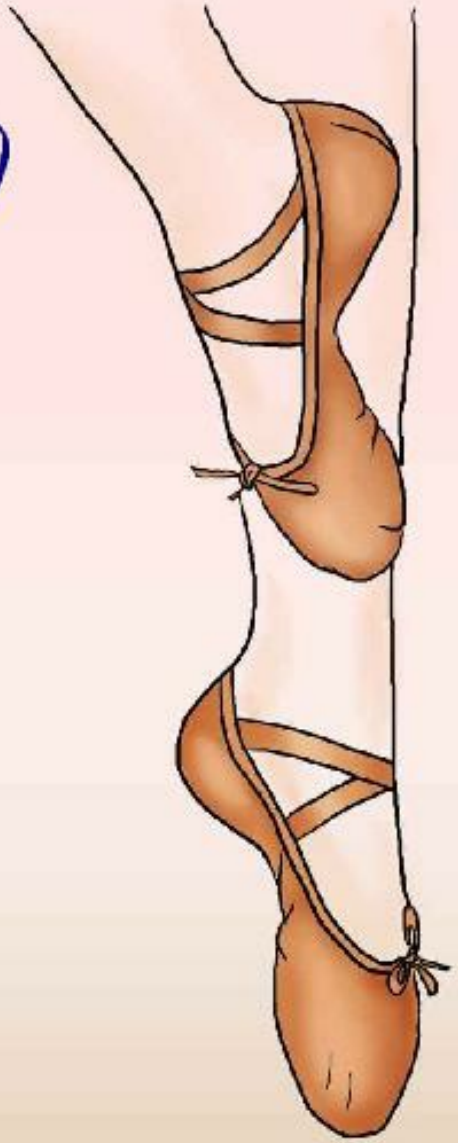
A minha, a dela, as nossas metades

Que estão destinadas a se perderem e nos encontrar

Ela é a coisa mais linda que meus olhos já viram

E para ela eu quero eternamente o meu corpo e coração entregar.

Capítulo Um



Autopsicografia

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

Fernando Pessoa

São Paulo, 10 anos atrás



— Ele está olhando para você novamente, Dothy! — Juliana, minha melhor amiga, diz e meu coração dispara no peito antes mesmo que eu disfarçadamente dê uma olhadela na direção que seu queixo aponta.

— Não está nada! — Finjo que não vi o olhar que o carinha bonito do último ano está me dando, essa é a terceira vez que o pego me olhando a distância, mas nunca se aproximou. O que é uma pena, também o observo de longe às vezes.

A única coisa que sei dele é que a irmã está no mesmo ano que meu irmão caçula e por esse motivo fica esperando depois das aulas por ela. O cabelo loiro com mechas castanhas, os olhos verdes e o olhar afiado de quem sabe que é bonito o diferencia dela, que pelo que Natan disse é tímida e evita estar nos centro das atenções, desconfio que meu irmãozinho tenha um tombão por ela, mas nunca vai arriscar ser alvo do irmão superprotetor.

— Como queira, Dorothy, eu estou indo, você vem? — Juliana sabe que não posso sair antes de Natan, é minha tarefa levá-lo para casa, pois só

tem doze anos e meus pais não confiam nele andando de transporte público sozinho.

— Nos vemos amanhã — digo, forçando um sorriso.

Estamos no fim do ano letivo e as provas finais já não tomam tanto tempo assim, mas a tarefa de irmã mais velha não me permite ir para casa, já estou esperando há quase uma hora e nada. Sento-me no banco próximo ao portão, mas distante o suficiente dos demais para que não venham me encher o saco como acontece quase sempre, a combinação de baixinha, com dez quilos a mais que as outras garotas e usando óculos me transforma num alvo para *bullying* em potencial, quando acontece eu finjo que não é comigo, não deixarei esses idiotas determinarem um rótulo para mim, nem a pau.

Pego meu exemplar surrado de poesias de Fernando Pessoa, sob heterônimo de Álvaro de Campos, abro na página marcada por muitas vezes ter sido lida e relida por mim, pois é uma das minhas poesias favoritas, e meus olhos varrem a folha refletindo sobre as palavras ali escritas.

O que há em mim é sobretudo cansaço
Não disto nem daquilo,
Nem sequer de tudo ou de nada:
Cansaço assim mesmo, ele mesmo,
Cansaço.[9]

— É bom esse livro? — Ouço a voz vinda bem próximo a minha

cabeça, mas não desvio os olhos do livro, sei que se fingir não ouvir espantarei para longe quem quer que seja. — Então?

— Então o quê? — Agora a voz se aproximou e fala a poucos centímetros da minha nuca. Fecho os olhos reprimindo a curiosidade e puxo uma respiração, o perfume do meu perturbador é cítrico e causa uma sensação estranha no meu estômago.

— O livro, ele é bom? — pergunta mais uma vez e noto o sorriso na voz.

— Defina bom — digo e viro o rosto, me afastando um pouco para não correr o risco de tocar meus lábios no seu rosto e tamanho é meu sobressalto ao ver o carinha que tem me secado nos últimos dias bem ao meu lado.

Com a proximidade noto que seus olhos verdes têm pequenos pontos dourados nas íris e os mesmos descem pelo meu rosto com uma lentidão perturbadora e se fixam nos meus lábios que de repente se tornaram secos demais, meu coração dispara e acho que ele escuta, pois um sorrisinho meio de lado começa a se formar nos seus lábios mil vezes beijáveis.

— Bom, vejamos ... — Coloca os lábios um pouco para o lado como se pensasse, mas os olhos não se desviam do meu rosto em momento algum. — Algo fascinante que te faz perder o sono se não estiver em sua posse.

— Oi? — pergunto confusa.

— A definição de bom para mim, gata! — Não acredito que ele use esse tipo de linguagem idiota. — Então, o livro se encaixa nessa definição?

— Possivelmente. — Não lhe dou muito abertura, principalmente quando seus olhos desviam para a turma de amigos metidos a besta do último ano que nos observam à distância.

Ele fica parado me observando, como se esperasse por algo, não pergunto nada e volto minha atenção para o livro até que ouço o seu riso contido, meus olhos se erguem e vejo que me fita de um jeito que se não tivesse anos de técnica em camuflar minhas emoções teria arrancado um sorriso meu.

— É tudo que vai me dizer sobre ele? — Estreito meus olhos, o que faz com que eles praticamente sumam sob os óculos devido ao tamanho minúsculo deles.

— E esperava o quê? — desafio.

— Sei lá, você tentar me convencer a lê-lo talvez, não é isso que os leitores ávidos fazem?

Minha boca abre e fecha algumas vezes antes que consiga formular uma resposta que não seja grosseira, para o caso de estar mesmo interessado na leitura, mas também não toda derretida, assim não lhe dou poderes sobre

mim, mesmo que em meu interior uma chama nova tenha se acendido.

— Geralmente sim, mas como nunca o vi lendo nada, prefiro não gastar minha saliva e tempo tentando lhe explicar algo que não está realmente interessado em ouvir.

— Como sabe que não leio, por acaso tem me vigiado? — Ergue a sobrancelha destacando ainda mais a diversão nos olhos incríveis.

— O mesmo tanto que você tem me observado.

— *Touché!* — brinca e involuntariamente um minúsculo sorriso surge nos meus lábios. — Ora, vejam só, a garota inalcançável sabe sorrir!

Fecho a cara *pro* seu lado e o vejo olhar para o lado como se o comentário tivesse saído dos seus lábios sem querer e admito que o leve tom corado na sua pele bronzeada o deixa ainda mais bonito.

— Desculpe, eu realmente me interessei pelo livro, por mais que nunca tenha me visto lendo, meus pais fazem disso um hábito em casa e poesias é minha praia, mas se alguém me perguntar morro negando — diz bem-humorado.

— E por que está me contando, então? — Agora fiquei confusa.

— Porque só quem aprecia a crueza por trás das palavras dos poetas entenderia — como ele fala faz pequenas borboletas baterem suas asas no meu estômago, ele além de lindo gosta de poesias? Parece ser perfeito

demais.

— Tudo bem, não vou contar a ninguém — digo com um meio sorriso e seus olhos parecem acender com isso.

— A propósito meu nome é Elano. — Estende a mão e eu a seguro, prendendo o fôlego, sentindo um formigamento passar da sua mão para mim e se infiltrar na boca do estômago.

— Prazer, Elano, sou...

— Karen! — Natan grita e vem correndo em nossa direção.

— O prazer é todo meu, Karen! — diz com um sorriso largo e soltamos nossas mãos assim que meu irmão chega até nós.

— Você não vai acreditar! — Natan está tão feliz que parece não ter notado o sujeito ao nosso lado.

— No quê? — Quando ele vem assim todo feliz não sossega até dizer o motivo.

— Eu vou representar nossa escola e o país na Olimpíada de Biologia no fim do mês que vem no Chile, dá para acreditar? — Acho que meu coração ameaça parar mais uma vez, agora com orgulho do meu maninho.

— Não acredito! Parabéns, maninho! — O abraço apertado e beijo seu rosto várias vezes até que ele parece notar Elano nos observando.

— Oi? — diz, dando um passo atrás e encarando o outro garoto, agora

com o peito estufado como se quisesse mostrar que é o macho alfa daqui e seguro o riso.

— Oi, parabéns, cara! — Elano fala dando um pequeno sorriso.

Devo admitir que não tenta desafiar o meu irmão, pelo contrário, o trata com respeito, talvez não seja tão brucutu como Natan imagina no fim das contas.

— Vamos pra casa, quero contar a mamãe! — Olho para Elano e sorrio amarelo para ele.

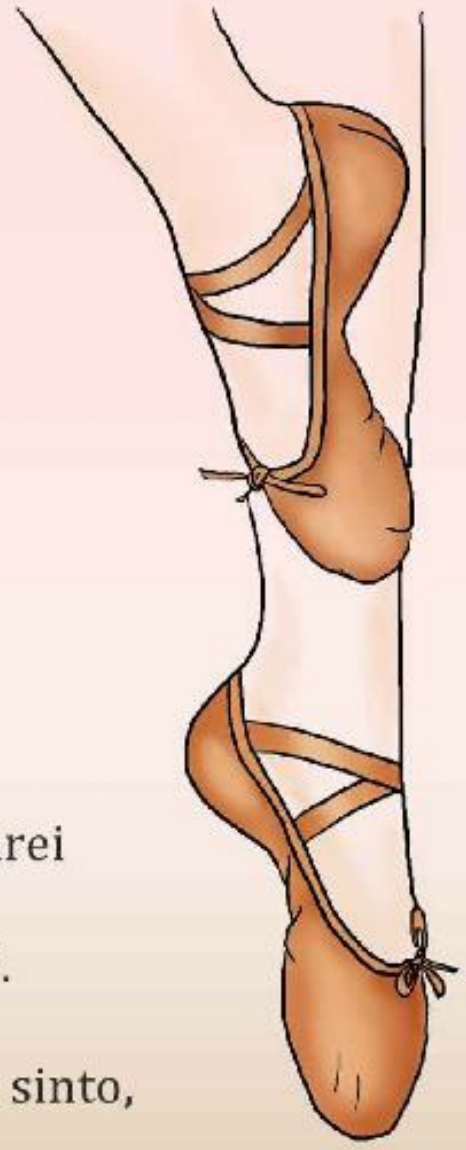
— Sim, vamos!

Começo a me afastar, mas ainda assim sinto que sou observada, viro o rosto e vejo-o parado com as mãos nos bolsos da calça *jeans*, seus olhos encontram os meus e uma mão se ergue acenando, espelho o gesto e volto a me virar no exato momento que sua irmã chega até ele. Durante todo o caminho de casa me pego revivendo nossa conversa na mente várias e várias vezes, analiso as nuances das palavras pronunciadas e em todas as vezes meu coração dispara e minhas mãos sentem os resquícios do formigamento causado pelo seu toque.

Só desperto para a vida quando Natan me puxa, avisando que o ônibus está parando próximo a nossa casa, descemos e logo estamos na pequena cozinha onde meu irmão conta a novidade para nossa mãe que infla

o peito de orgulho do filho, ela me olha e sorri dizendo sem palavras que sente o mesmo por mim, mesmo se não demonstrasse eu saberia disso, mas fico feliz que faça isso.

Capítulo Dois



Amo o que Vejo

Amo o que vejo porque deixarei
Qualquer dia de o ver.
Amo-o também porque é.

No plácido intervalo em que me sinto,
Do amar, mais que ser,
Amo o haver tudo e a mim.

Melhor me não dariam, se voltassem,
Os primitivos deuses,
Que também, nada sabem.

Ricardo Reis, in "Odes"



Olho-me no espelho e viro de um lado ao outro vendo todos os ângulos do vestido de *chiffon* azul marinho que estou vestindo, a saia mais longa atrás me faz parecer maior do que sou e a renda que cobre o colete dá um ar romântico, minha mãe me olha da cama com um sorriso enorme no rosto. Contra todas as possibilidades estou indo para o baile que celebra o fim da primavera e início de verão da escola com Elano, durante o último mês ele tem estado cada vez mais próximo de mim, na saída da escola ao invés de ficar com a sua turma senta-se comigo e lemos juntos algum livro, de poesia na maior parte do tempo e foi em meio uma dessas leituras que nosso primeiro beijo aconteceu.

Estava concentrada na melodia cadenciada da sua voz recitando *As sem razões do amor*[10], de Carlos Drummond de Andrade, quando ergui os olhos e vi que ele não lia, sim declamava para mim o poema que sabia de cor. Como se estivessem sendo puxados por um ímã nossos rostos foram se aproximando e em um piscar de olhos seus lábios estavam juntos aos meus,

meu coração bateu tão descompassado no peito que tive medo de infartar de tanto que acelerou e parou e voltou a correr, foi um beijo suave e durou menos de quinze segundos, mas para mim foi o melhor dos primeiros beijos já dados.

Involuntariamente levo a mão aos meus lábios e sorrio, mamãe levanta e fica atrás de mim fingindo arrumar meu cabelo que está preso em um coque com tranças e alguns fios soltos para parecer despojado, mas sei que está com vontade de me abraçar, sou sua única filha mulher e mesmo com apenas quinze anos sou responsável o suficiente para que ela confie em mim, do contrário não teria autorizado que eu saísse sozinha com um garoto que viu apenas uma vez há três dias quando veio pedir formalmente que eu o acompanhasse.

— Você está linda, querida! — Abraça meus ombros e sorrio. — Eu quero que se divirta hoje, merece por ser tão boa aluna e responsável, se seu pai estivesse aqui provavelmente faria o garoto se borrar todo, mas a viagem de Natan veio na hora certa. — Ri cúmplice e me pisca um olho.

— Quem te viu e quem te vê, dona Valéria, isso é um *vale night* oficial? — provoco-a e ganho uma palmada no bumbum.

— Não exagere, mocinha, é só porque eu conheço minha filha e sei

como tende a se isolar quando se sente desconfortável, não deixe que nada tire esse sorriso lindo do seu rosto, está me ouvindo?

— Sim, senhora!

A campainha toca indicando que Elano chegou e saímos do quarto rindo, de braços dados, mamãe vai abrir a porta enquanto vou pegar minha bolsa, viro-me e preciso piscar duas vezes sem acreditar que tanta beleza seja o meu acompanhante, apesar dos dezessete anos. Elano vestindo um terno sobre a camisa branca e a calça jeans ganha um ar de adulto, o cabelo que constantemente está bagunçado, dessa vez está devidamente partido para o lado e alinhado. Não consigo segurar o suspiro que vem e sorrio espelhando o seu gesto.

— Vocês serão os mais bonitos nesse baile, tenho certeza! — mamãe diz emocionada e corre para pegar a câmera. Ai Senhor, que mico, mano! — Fiquem paradinhos que preciso registrar isso!

Olho para Elano me desculpando e o mesmo me pisca um olho antes de puxar meu corpo para junto do seu, mesmo com o salto ainda estou alguns centímetros menor que ele, mas isso não tem sido um problema para nós, segundo ele meu tamanho o faz pensar que é verdade quando dizem que nos menores frascos estão as melhores fragrâncias, claro que ironizo sempre dizendo que os venenos mais letais também, mas isso é só para disfarçar minha cara de boba apaixonada. Sim, eu estou perdidamente apaixonada por

ele e mesmo que não tenhamos definido o *status* dessa relação, sinto que é algo especial.

— Prometo trazê-la antes da meia-noite, dona Valeria! — Elano diz todo formal.

— Desde que não venham de transporte público, por mim tudo bem. Filha, qualquer coisa me liga que vou buscá-los.

— Minha mãe nos levará e ao final o meu pai nos trará! — responde antes que eu diga coisa alguma e isso parece tranquilizar minha mãe.

Aceno um até logo e saímos finalmente na direção do carro estacionado em frente a minha casa, lá está uma mulher muito bonita. O cabelo castanho igual ao de Valentina, irmã caçula de Elano, mas os olhos são idênticos aos dele, o mesmo verde com pontinhos dourados nas íris e um sorriso gentil. Ela estende a mão para mim e troca um olhar com o filho com um balançar leve de cabeça, acho que é uma coisa boa, já que o braço dele se fecha ainda mais ao meu redor e um beijo delicado é depositado na minha têmpora.

Vamos conversando amenidades até chegarmos ao ginásio da escola que está decorado com esmero para essa noite. Giovanna, como ela mesma pediu que eu a chamasse, nos dá um aceno de despedida e diz para o filho avisar quando estiver pronto para irmos embora, com meia hora de

antecedência.

— Pronta para o seu primeiro baile? — Elano sussurra no meu ouvido.

— Primeiro e último! — digo tentando controlar o nervosismo.

— Não se depender de mim, menina bonita! — Viro para encará-lo e sorrio com o seu jeito descontraído.

— Não vai me dizer que andou escrevendo poesias pensando em mim? — provoco enquanto caminhamos para o interior do ginásio e seus olhos faíscam com algo que não sei decifrar.

— Algumas!

— Não! Eu preciso lê-las pra ontem! — Rio e os braços dele me envolvem por trás.

— Para isso eu precisaria estar em um lugar com bem menos gente. — Morde o lóbulo na minha orelha e um tremor gostoso me sobe a espinha.

— Ainda com vergonha de ser amante de poesia?

— Não, só não quero outras pessoas ouvindo como eu imagino o corpo da minha namorada!

Ai meu Deus, ele acabou de me chamar de namorada? Sério mesmo que não estou sonhando?

Giro em seus braços e fico de frente para ele, seus olhos brilham e eu

tento segurar as lágrimas que empoçam meus olhos.

— Então, quer ser minha namorada, Karen? — pergunta com os lábios muito perto dos meus e acho que vou desmaiar a qualquer momento de tanta emoção.

— Sim, eu quero! — digo sem titubear, meu coração já o pertencia antes disso.

Sua boca cobre a minha e sua língua desliza por entre meus lábios para que comece o dançar envolvente que ensinou a minha dias atrás quando demos nosso primeiro beijo de verdade, as borboletas voltam ao meu estômago e quando seus braços me apertam um pouco mais, sinto algo duro tocar minha barriga e engasgo. Eu sei que garotos dessa idade vivem excitados, nos livros de ciência tem um artigo sobre isso, mas não poderia imaginar que eu fosse capaz de fazer isso a alguém, muito menos que essa constatação fizesse uma umidade inesperada surgir no meio nas minhas pernas, fazendo esse ponto específico do meu corpo latejar.

— Desculpe? — pede, soltando meus lábios e colando nossas testas.

— Tudo bem, foi só o inesperado! — confesso e ele ri.

— Você não faz mesmo ideia do quão bonita é, não é mesmo? — Balanço a cabeça negando. — Eu poderia passar horas olhando para você e ainda assim não seria o suficiente.

Meu coração se derrete com suas palavras e dessa vez sou eu quem cola nossos corpos e puxa sua boca para a minha, beijando-o com todo esse sentimento novo que cresce no meu corpo e no meu coração.

Capítulo Três



Não Tenho Pressa

Não tenho pressa. Pressa de quê?
Não têm pressa o sol e a lua: estão certos.
Ter pressa é crer que a gente passa adiante
das pernas,
Ou que, dando um pulo, salta por cima
da sombra.
Não; não sei ter pressa.
Se estendo o braço, chego exactamente
aonde o meu braço chega -
Nem um centímetro mais longe.
Toco só onde toco, não aonde penso.
Só me posso sentar aonde estou.
E isto faz rir como todas
as verdades absolutamente verdadeiras,
Mas o que faz rir a valer é que
nós pensamos sempre noutra coisa,
E vivemos vadios da nossa realidade.
E estamos sempre fora dela porque estamos aqui.

Alberto Caeiro, in "Poemas Inconjuntos"



Estamos dançando acho que a décima música agitada como se fosse lenta, não nos importando se não estamos no ritmo, nossos braços entrelaçados é o que nos mantém em terra firme, já que nossos corações batem compassados na sua própria melodia. Os lábios de Elano todo instante estão sobre minha pele, seja nos lábios, pescoço, rosto ou têmpora, é como se precisássemos de mais e mais contato. Quando os corpos dançantes começam a invadir nosso espaço reservado até então, seguro sua mão e nos conduzo para fora.

O clima ainda não está tão quente, então a brisa suave que nos envolve faz um pouco do suor secar, há adolescentes e adultos andando em frente ao ginásio e pelo jardim que contorna toda a escola, olho para um lado e para o outro pensando onde podemos sentar e conversar como é nosso hábito. Quando vejo as luzes da estufa sobre o prédio dos laboratórios, é lá que a turma de primeiro ano a qual faço parte tem cultivado plantas híbridas nas aulas de biologia.

— Quer ver algo incrível? — pergunto, mordendo de leve meus lábios, um pouco nervosa.

— Mais do que você está essa noite? — Ergue uma sobrancelha e sinto meu rosto corar.

— Lógico, bobo — respondo, desviando meus olhos dos seus.

— Sendo assim, claro que eu quero!

A empolgação de Elano não diminui nem um pouco enquanto cruzamos os quase trezentos metros rumo ao prédio dos laboratórios, nem mesmo sabendo que aqui fica a sala do diretor e demais coordenadores da escola. Subimos as escadas de incêndio, assim ninguém nos vê já que fica por trás do prédio e logo estamos entrando no espaço multicolorido por flores diversas e com uma fragrância indescritível, o sereno da noite confere a elas uma nova nuance acetinada.

Elano puxa uma respiração e me vejo imitando o seu gesto antes de rirmos feito bobos, eu o puxo para o banco que fica do lado oposto, sei que com as luzes da cidade não conseguimos ver estrelas, mas desse lugar talvez tenhamos sorte. Sentamos e inclinamos a cabeça, não demora e um pequeno ponto brilhante surge para mim.

— Ali está uma! — Aponto e a cabeça dele se inclina deitando no meu ombro para vê-la.

Ficamos assim conversando e tentando enxergar as estrelas por algum tempo, até que acidentalmente minha mão, que iria pousar no seu colo,

desliza e sinto a protuberância sob o zíper do seu *jeans*. O grunhido que lhe escapa faz aquela umidade voltar e ofego com a enormidade de sensações que me tomam. Olho para o lado e vejo os olhos de Elano me fitarem com aquele brilho intenso que causa um frenesi nas minhas vias aéreas, o sangue sendo bombeado mais forte pelo meu corpo e já não sei mais qual sentimento predomina nesse momento.

— Karen... — sua voz está rouca, carregada do que imagino ser desejo, já eu, sinto que a minha garganta parece estar mais seca do que o deserto. — Eu acho melhor irmos.

Uma pontada de decepção toma conta de mim e meu rosto desmorona um pouco ao pensar que talvez não seja atraente o suficiente, sei que é idiotice, mas não controlo o pensamento de inadequação.

— Por quê? — sussurro, mesmo que estejamos só nós aqui.

— Porque eu não vou aguentar muito tempo ficar com você em um lugar como esse sem colocar em prática as minhas poesias.

Meu coração dá um salto no meu peito e eu quero muito saber sobre o que ele escreveu e acima de tudo quero que faça comigo o que quer que tenha escrito.

— Eu quero que faça — digo corajosamente e levo a mão outra vez onde a protuberância se mantém e acaricio-o sem desviar meus olhos dos

seus, uma ousadia que não sabia que tinha tomando a frente da situação e me faz sentir poderosa, toda responsabilidade que minha mãe me disse que tenho guardada a sete chaves.

O rugido que vem do seu peito deveria me assustar, mas ao contrário, só me faz querê-lo mais e mais e assisto minha mão subir e descer várias vezes sentindo o leve tremor do seu membro sob o *jeans*.

— Recite *pra* mim sua poesia, Elano — peço e ele fecha os olhos inspirando o ar com força.

— Fique em pé a minha frente.

Diz agora me olhando e a dureza e o fogo que queimam suas írises tomadas pelo dourado me faz ficar em pé em um átimo de segundo.

— Eu recito e você faz como eu digo, tudo bem? Se for demais, basta dizer, está bem? — A suavidade toma seu olhar novamente e confirmo com um balançar de cabeça, mas quando ele nada diz, uso as palavras.

— Tudo bem!

— *Ela começa assim:*

Como um anjo em meu caminho, mudando o meu destino
A menina bonita,
Meu corpo excita
Minha alma embriaga.

Minhas mãos deslizam por suas curvas
e me perco na maciez do seu pescoço,
Livrando-a da peça, que adorna o seu corpo.

Ele ergue uma sobrancelha e inclina levemente a cabeça, estou tão envolvida pela melodia da sua voz sussurrada que demoro a entender que ele me disse para tirar o vestido, com as mãos tremulas abro o zíper lateral e desfaço o botão no pescoço. Quando começo a erguê-lo sinto as mãos de Elano me ajudando a levantá-lo, antes que o retire por completo se afasta e escuto puxar o ar com força.

— Atirando os sapatos longe ela para mim se despiu
Deixando à mostra a pele intocada,
da minha menina amada
Na minha frente está
Deus me ajude se não controlar o anseio que sinto
Esquecendo o instinto
Que me diz para sua pureza manter,
Mas pobre diabo serei se o seu perfume não me permitir
Sentir.

Dou um passo à frente e paro junto dele, seu nariz percorre todo o meu abdome e prendo a respiração junto com o seu grunhir, suas mãos seguram no meu quadril e sua cabeça se inclina para baixo, me cheirando lá.

— Que perfume inebriante
Diria que é o melhor que já senti
É a mistura perfeita de rosas e inocência
Orvalho e castidade
A minha, a dela, as nossas metades
Que estão destinadas a se perderem e nos encontrar
Ela é a coisa mais linda que meus olhos já viram
E para ela eu quero eternamente
o meu corpo e coração entregar.

Minhas pernas tremem com o final da poesia e me inclino para beijá-lo, suas mãos me puxam até que estou sentada sobre ele, com uma perna de cada lado, seus dedos traçam um caminho pelas minhas costas antes dos meus seios doloridos de desejo encontrarem com um carinho delicado e ele vai me levando para um novo nível de excitação, minhas pernas tremem e estou vergonhosamente molhada. Empurro o seu terno e abro desajeitadamente os botões da sua camisa enquanto ele continua a explorar o meu corpo com delicadeza.

Sua mão desce para o sul do meu corpo e toca-me sobre o tecido molhado da calcinha e sem que eu mande meu corpo se remexe para receber o seu toque que se intensifica, antes que chegue ao último botão fogos de artifícios explodem a minha volta. Deito a cabeça no seu peito e seus lábios beijam minha pele onde conseguem encostar, antes de mudar nossa posição,

me colocando sobre o estofado do pequeno banco e pairando sobre mim.

— Não precisamos fazer mais nada se não quiser — diz mesmo que seus olhos digam que parar será doloroso e não o quero sofrendo.

— Eu não quero parar, eu te amo e confio em você! — as palavras saem dos meus lábios sem um aviso prévio e sua boca desce sobre a minha em um beijo enlouquecedor que me leva de volta ao ponto de momentos antes de explodir com o roçar da sua calça *jeans* sobre a minha pélvis.

Elano separa nossos lábios e fica em pé, retira a calça e os sapados e retira a cueca, em seguida me perguntando sem palavras se deve ou não fazê-lo, balanço a cabeça confirmando e isso o incentiva a perder o medo, desliza as pernas saindo do monte de tecido gloriosamente nu diante de mim e o pensamento que me vem é que ele é lindo, por dentro, por fora, com roupa, sem, simplesmente perfeito.

— Eu preciso te confessar que essa é a minha primeira vez também — diz ao rasgar a embalagem do preservativo com as mãos trêmulas. — Mesmo que eu ande com a turma dos vadios, não me sentia pronto para algo grandioso e tratar o sexo com leviandade, como uns e outros, não faz meu tipo.

Não me surpreendo com suas palavras, desde aquele primeiro dia soube que ele não era como os outros, aquela marra de dono do mundo era só

fachada, bastou que eu lhe desse um incentivo e o meu menino doce veio à superfície e se mostrou para mim.

— Será mais perfeito ainda! — Estendo os braços para ele e logo está sobre mim me beijando com paixão, suas mãos me acariciando e apertando na medida certa para fazer a fogueira no meu interior arder intensamente.

— Vou com cuidado para não machucar você — diz todo preocupado e deposito um beijo sobre sua pálpebra.

— Não sou de vidro, mas obrigada por pensar em mim.

— Todas as horas do meu dia são suas, Ká, todas as horas. — Inclina-se e retira a minha calcinha, ficando entre as minhas pernas.

Acaricia minha coxa antes de puxá-la e envolver em sua cintura, repete o movimento na outra e se posiciona na minha entrada, olhando nos meus olhos. As já conhecidas borboletas se misturam com as farpas de gelo e por esse segundo suspenso tudo para ao nosso redor. Seus olhos me queimam com tanta intensidade ao perguntarem se deve continuar, confirmo com um aceno e centímetro a centímetro sinto-o me invadir. Prendo a respiração ao senti-lo rompendo o meu hímen e o meu grito de dor o faz parar, me olhando assustado.

— E-eu estou bem, foi só a surpresa! — digo, segurando no seu rosto que demonstra incerteza. — Por favor, continue.

— Karen... — diz rouco, mas incerto.

A ardência começa a passar e no lugar dela sinto meu interior voltar a esquentar, por estar com as pernas cruzadas em torno da sua cintura o puxo para mim e ele me preenche atingindo um ponto que me faz gemer despudoradamente, seus lábios descem sobre os meus e aos poucos seu corpo volta a se mover num vai e vem lento, o atrito em algumas partes me causa pequenos choques inesperados e correspondo a ele com pequenos gemidos, seus lábios me descem pelo pescoço até alcançar os meus seios e me contorço inteira sob ele, esse movimento é bom, repito-o e é sua vez de gemer e acelerar o corpo e a língua.

Agindo por instinto infiltro os dedos pelos fios dos seus cabelos, bagunçando-os como gosto que estejam e os puxo com um pouco de força, a maciez é tamanha que faço isso uma e outra vez antes de jogar minha cabeça para trás ao sentir aquele fogo começar a queimar no meu interior com suas investidas, meu coração batendo acelerado juntamente com o seu, suor brotando sobre nossas peles, nossas respirações agora estão quase escassas e as primeiras luzes começam a surgir no mesmo instante que sua boca se afasta dos meus seios para pairar sobre a minha.

— Eu te amo, Karen!

É o que faltava para que minhas paredes internas se contraíssem em torno dele e fogos de artifícios dez vezes mais brilhantes surgem na minha

visão fazendo todo o resto do mundo parar de fazer sentido. Tudo que importa está aqui, nessa estufa, nesse abraço, nesse momento, e são testemunhas do amor que sentimos e acabamos de fazer sob a benção do céu e das estrelas.

Capítulo Quatro



Ah, onde estou ou onde passo,
ou onde não estou nem passo,

Ah, onde estou ou onde passo,
ou onde não estou nem passo,
A banalidade devorante das caras
de toda a gente!
Ah, a angústia insuportável de gente!
O cansaço inconvertível de ver e ouvir!
(Murmúrio outrora de regatos próprios,
de arvoredo meu).
Queria vomitar o que vi,
só da náusea de o ter visto,
Estômago da alma alvorotado de eu ser...

Álvaro de Campos



— Droga, Giules, custa me levar lá? — peço exasperado com o meu irmão mais velho, o idiota sabe ser chato *pra* caralho quando quer.

— Só se me contar por que precisa ir lá trinta minutos depois de chegarmos em casa. *Qualé*, mano, você ficou as últimas três semanas se lamentando pelos cantos como se viajar com a sua família para nos despedirmos da nossa *bisa* fosse a pior coisa que poderia ter lhe acontecido. E agora quer que eu te leve até esse endereço sem uma explicação? Não rola.

Sento de braços cruzados na minha cama e fito a janela, nunca precisei de uma explicação sua para aceitar as merdas que queria fazer, mesmo sendo três anos mais velho que eu sempre fomos parceiros, mas de alguma forma eu não consegui contar para mais ninguém além da *mamma* sobre a Karen. E ela ainda está inconsolável pela perda da sua *nonna* de quem sempre foi muito próxima, mesmo que essa morasse no vinhedo da família nos arredores de San Gimignano, cidade da região da Toscana e conhecida por suas quatorze torres, vista mesmo de longe por estar no topo da colina com seus muros seculares que resistiram ao tempo. Mas essa é a nossa família, nem mesmo o tempo ou a distância diminuem o amor e a ligação que

temos.

Só que eu não queria ir, depois de tudo que Karen e eu vivenciamos ao nos entregarmos um ao outro naquela estufa tudo que menos queria era me afastar dela, mas bastou que a deixássemos na porta de casa e o caos aconteceu, a *mamma* nos ligou aos prantos contando sobre sua *nonna* Mariele estar no leito de morte e caso não se apressasse nunca mais a veria, meu pai como sempre a tranquilizou dizendo que tudo ficaria bem. Chegando em casa as providências já estavam sendo tomadas, toda a família de passagem comprada e as malas sendo feitas para a viagem no dia seguinte. Minha alegria pelos momentos vividos com Karen começou a ruir junto com a sensação de que algo ruim estava por vir.

Argumentei que poderia ficar em casa, já tenho dezessete anos, em poucos meses faço dezoito, poderia me virar sozinho, mas a renúncia do meu pai a minha proposta foi enfática.

“Se você não for conosco, nunca mais se livrará da culpa, aquela garota ainda estará aqui quando voltar, sua bisavó, no entanto, não tem tanto tempo assim”.

Não tive como discutir com ele e para piorar tudo o telefone da casa de Karen tocou inúmeras vezes na manhã seguinte quando tentei entrar em contato antes de partimos. A sensação de aperto no meu peito só aumentou, mas ainda assim viajei, só que não houve um segundo sequer que não

lembrasse do seu sorriso tímido, os olhos pequenos, os cabelos castanhos longos que caíram espalhados sobre o banco da estufa ao se entregar para mim, sua boca carnuda que me faz sentir vontade de beijá-la muitas e muitas vezes seguidas. Jesus Cristo, já estou excitado só de pensar nela, foram dias longos os meus, dividido entre a tristeza pela perda de um ente querido e solidariedade a minha mãe versus o desejo abrasador que me subiu todas as vezes que fechava os olhos e lembrava da sensação de tê-la em meus braços.

— *Tá*, pode desfazer essa cara de quem comeu e não gostou, mano, te levo lá, só porque o choro da *mamma* me deixa nervoso, não gosto de ver ela tão triste e não poder fazer nada. Mas para de fazer essa cara de tarado, se estiver indo para a casa de alguma gostosa e não me contou quem é vamos ficar de mal, afinal sou seu irmãozão, lembra?

Balanço a cabeça não acreditando que terei que conversar com ele sobre a minha garota antes de chegarmos lá, não o quero fazendo cara de safado para ela, tão pouco quero que diga alguma gracinha, Karen é muito tímida e sou uma das poucas pessoas com quem ela mantém uma conversa que dure mais do que três palavras, não a quero se sentindo desconfortável pela boca grande de Giuliano.

— Como foi que não me contou uma porra dessa, Elano? Caralho,

mano, achei que nós era fechamento! — Não controlo meus olhos que giram nas orbitas com desdém para a sua frustação sem sentido.

— Porque eu não sou a droga de uma garotinha que tem que contar pro irmão mais velho que deu o primeiro beijo — rebato.

— Mas não foi seu primeiro beijo, idiota, foi a primeira transa, saca, agora é um dos caras transantes, *tá ligado*.

Esse é um dos motivos que não conto a ele que gosto de poesias, ele acha que os livros que tenho são apenas porque Val gosta que leia para ela, minha irmã caçula guarda nosso segredo por saber que viraria motivo de chacota para Giules que leva tudo na zoação. Ele também não sabe que ao invés de Administração escolhi o curso de Letras com especialização em Literatura, deixarei que descubra quando o resultado do vestibular sair.

— É ali! — Aponto a casa dela do outro lado da rua e meu irmão estaciona e me olha sorrindo.

— Vá lá, garanhão, mate a saudade da sua garota — diz e saio do carro.

Atravesso a rua a passos largos, mesmo que minhas pernas tremam um pouco, aperto a campainha e espero, meu coração disparado esperando o momento que nossos olhos irão se encontrar e ela abrirá aquele sorriso lindo de anjo, o meu anjo. Passam alguns segundos e nada acontece, aperto

novamente e nada acontece, sei que não está quebrada, pois consigo ouvi-la ressoando dentro da casa. Aquela sensação estranha volta ao meu peito e passo a apertar várias vezes seguidas a maldita campainha sem que receba qualquer resposta.

— O que aconteceu? — Giules pergunta, se aproximando.

— Não sei, parece que não tem ninguém em casa — respondo, andando em frente ao portão de ferro batido que me permite ver o pequeno quintal, a janela e porta estão fechadas, não há sinal de ninguém lá dentro.

— São quatro horas da tarde, mano, talvez tenham saído para fazer alguma coisa — Giules tenta me tranquilizar, mas algo não está certo.

Caminho até a casa ao lado e aperto a campainha e uma senhora de aparência cansada sai para me atender.

— Oi, boa tarde, estou procurando a dona Valeria, sabe dizer se ela saiu? — A mulher franze o cenho antes de me responder.

— Há alguns dias vi uma movimentação aqui na frente e ela e a menina saíram de carro apressadas, depois disso não as vi.

Meu coração contrai uma batida, minha boca fica seca e uma dor estranha se infiltra no meu peito.

— Obrigado, senhora! — Ouço Giules falar e me guia em direção ao carro. — Elas podem ter viajado, mano, quinta-feira foi feriado, com certeza

na segunda estarão de volta.

Por mais que queira acreditar nas suas palavras, no fundo sei que não é isso que aconteceu, mas eu descobrirei para onde a levaram ou não me chamo Elano Borella.

Dias atuais

“Defina bom!”, a voz doce dela enche meus ouvidos e meu coração dispara como se estivesse querendo sair fora do meu corpo, preciso segurar no banco para que não perceba que estou tremendo por estar perto dela depois de muito tempo a observando de longe, faz uma semana que essa garota tímida que parece não notar o quão bonita é passou a me notar também. *“Recite para mim sua poesia, Elano!”*.

Minha garganta fecha com o seu pedido e agora ela está entre os meus braços nua, me convidando a mergulhar no castanho do seu olhar, inclino minha cabeça na sua direção para que possa provar mais uma vez do sabor inigualável do seu beijo quando ela evapora no ar e de repente estou sozinho em frente à sua casa, apertando insistentemente a campainha enquanto grito seu nome.

— KARENNNNNN! — Sento na cama suado e tremendo, o sonho misturado com pesadelo que se repetiu durante anos e ainda me persegue.

Olho para o lado e vejo que tem alguém deitado ao meu lado, quem quer que seja se remexe e faz o lençol deslizar pelo seu corpo mostrando os seios fartos, meu olhar segue para o rosto com a maquiagem borrada e tento me lembrar o que aconteceu na noite passada. Pelo menos não caí na besteira de me envolver com nenhuma funcionária da rede de padarias da família, da última vez que isso aconteceu foi difícil tirar Brenda do meu pé e até levá-la a festa de aniversário de casamento dos meus pais a levei para me desculpar, por sorte meses depois ela mudou-se de cidade e não precisei lidar com seus olhares raivosos, tudo culpa do idiota do meu irmão.

Levanto e começo a recolher minhas roupas, sairei antes que ela acorde, tem sido esse meu *modus operandi* para quando isso acontece, da última vez que fiquei até a minha acompanhante acordar tive que passar a vergonha de me desculpar por não lembrar o nome da pessoa com quem transei na noite anterior. Já vestido saio do quarto sem fazer barulho, só então percebo que estou em um hotel, o corredor bem decorado está silencioso, não preciso olhar no relógio para saber que ainda não amanheceu. Entro no elevador e deixo meu corpo recair na parede durante a descida, eu sei que o que faço é uma canalhice, mas não ofereço final feliz a ninguém, afinal essa baboseira não existe e descobri de forma dolorosa.

Passo no balcão do hotel e pago a noite e mais uma diária, para caso a moça queira passar o dia. Ligo meu telefone e logo começam as inúmeras

notificações, Valentina mesmo longe não para de me perturbar, achei que depois que começou a namorar aquele idiota do Victor me deixaria em paz, mas eu nunca lhe dei esse benefício, logo não seria tão gentil comigo. Sorrio ao acessar o *Uber* para pedir um carro, nessas noites que saio para beber e esquecer nunca saio de carro, dessa forma não caio na tentação de dirigir alcoolizado. A sua última mensagem me chama atenção e franzo a testa ao lê-la.

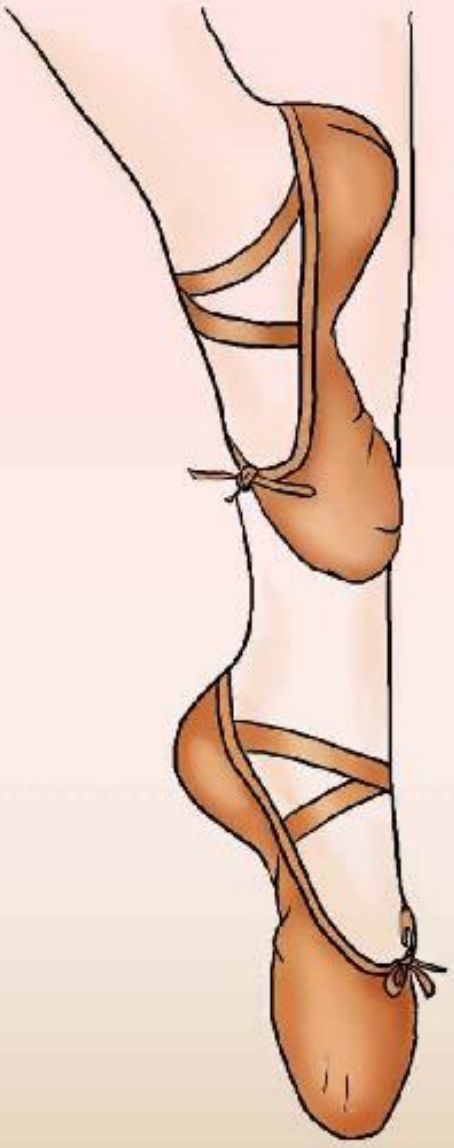
"Precisamos conversar, é urgente!"

Confiro no meu pulso as horas e faço a conta, em Paris já são nove horas da manhã, mas o ela e o namorado pegariam o voo as oito, logo terei que esperar até que chegue para conversarmos. Então por hora só me resta ir para casa, não a casa dos meus pais e sim a casa que um dia ela morou. Eu sei que é mórbido, mas quando vi a placa de *"vende-se"*, cerca de um ano depois que ela e os pais foram embora, pedi ao meu avô que a comprasse e prometi que lhe pagaria centavo por centavo e assim fiz nos primeiros anos trabalhando na *Nonna Fiorella*. Foi nessa mesma época que decidi sair do curso de Letras e fazer Administração, com Giules cursando Gastronomia e meus outros primos seguindo carreiras em outras áreas, tomei para mim a responsabilidade de cuidar dos negócios da família, o que tem acontecido há quase dois anos.

— Chegamos, senhor! — o motorista anuncia e eu lhe agradeço antes de sair do carro.

Todas as vezes que venho aqui minha mente projeta minha menina bonita me recebendo com aquele vestido azul e o sorriso tímido que me apaixonou, mas ao invés disso recebo o vazio de sempre, no entanto é dele que preciso. De roupa e tudo me jogo sobre a cama e deixo que o cansaço pela bebedeira leve a melhor sobre o meu corpo.

Capítulo Cinco



Não sei quantas almas tenho

Não sei quantas almas tenho.
Cada momento mudei.
Continuamente me estranho.
Nunca me vi nem acabei.
De tanto ser, só tenho alma.
Quem tem alma não tem calma.
Quem vê é só o que vê,
Quem sente não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,
Torno-me eles e não eu.
Cada meu sonho ou desejo
É do que nasce e não meu.
Sou minha própria paisagem;
Assisto à minha passagem,
Diverso, móbil e só,
Não sei sentir-me onde estou.

Fernando Pessoa



Sentado na minha mesa ligo mais uma vez para minha irmã, a essa hora ela já pousou e já está em casa, bem, na casa daquele cretino que é seu namorado, não gostei nadinha dela passar mais tempo por lá do que em casa desde que começaram a se relacionar, apesar de Giules dizer que o cara é legal e eu mesmo ter visto como ele faz bem para ela, não consigo desligar a Valentina de hoje da garotinha que meus pais trouxeram para casa quando eu tinha apenas três anos, era tão frágil e delicada que naquele dia jurei que a protegeria para sempre.

Mas há alguns anos descuidei da atenção que lhe dedicava e um babaca a magoou e se aproveitou da minha irmã, quando ela me ligou deixei tudo e fui ao seu socorro, por mim teríamos saído de lá direto para a delegacia, mas Val estava envergonhada demais com tudo que aconteceu, não quis lhe impor mais desconforto, no entanto, ao cretino que ousou se aproveitar da minha irmã eu incomodei. Por semanas Giules e eu o monitoramos, quando baixou a guarda lhe demos a maior sova que aquele merdinha já teve, se meu irmão não me tira de cima dele acho que o teria matado.

A minha raiva estava ampliada, enquanto o socava a ideia de que algum babaca como ele poderia magoar a Karen, onde quer que ela estivesse, me perturbou e coloquei meus medos nos punhos. Valentina nunca soube o que aconteceu, o infeliz sumiu das nossas vidas para sempre, sabia que se voltasse a importunar minha irmã não teríamos clemência dele, ela também não sabe que Giules teve conhecimento do ocorrido, achamos melhor deixá-la o mais confortável possível e fizemos um ótimo trabalho até aqui. Mas só digo isso com tranquilidade porque há meses tive "a conversa" com Victor e tive que dar o braço a torcer, o sujeito metido a besta que conheci no dia que levei minha irmã para um teste já não existia mais, ver como a olhava me deixou razoavelmente tranquilo.

No entanto deixei claro que se a magoasse iria ter que se ver comigo e os meus punhos, foi nessa hora que algo realmente estranho aconteceu, o cretino me abraçou e agradeceu, fiquei paralisado sem saber que merda *tava* acontecendo e quando o questionei, me disse que foi por cuidar na minha irmã e lhe passar segurança depois do ocorrido. Não precisei perguntar sobre o que falava, ficou claro que Val lhe contou e se o fez é por confiar, decidi ali lhe dar o benefício da dúvida.

"Sua chamada está sendo encaminhada para a caixa de mensagem, deixe seu recado após o bip!"

Diz a voz do correio eletrônico, desligo e bufo irritado, como ela me envia uma mensagem daquelas e some? Giro a cadeira de forma a me dar uma visão da Avenida Paulista, há um ano estou trabalhando no escritório da sede da rede de padaria da nossa família, ainda faço um turno ou outro nas lojas, mas apenas aos fins de semana, assim como Giules que está à frente da filial da Mooca, mas ainda continua a preparar massas ao final dos seus expedientes, principalmente se Ariana estiver trabalhando. Como diz o nosso pai, é um vício dos Borella, por mais que subamos no cargo sempre estaremos entre as pessoas ou as massas que satisfazem nosso coração. Não discordo em nada.

O meu telefone começa a tocar e me animo pensando que possa ser Val, mas vejo a cara feia de Giuliano me sorrindo, atendo depois de deixá-lo esperando.

— Cara, você não deveria estar numa espécie de lua de mel sem casar? — provoco-o e o som estrondoso da sua risada enche meus ouvidos.

— E estou, cretino número dois! — Esse apelido idiota tinha que vir do babaca do Victor, desde que Val nos contou sobre pegou de vez, eu detesto, já Giules se diverte, ele disse que Ari achou um jeito de deixar fofo, não quero nem pensar como foi isso.

— Então o que está fazendo me ligando a essa hora? Não deveria estar dormindo ou aproveitando o frio de São Joaquim para transar muito

perto da lareira? — uso a frase dele e quase o vejo erguer os olhos fazendo uma cara de desagrado.

— Mano, faz quanto tempo que você não pega uma mulher? Que droga de mau humor é esse, *véio*? — Balanço a cabeça e recosto-me na cadeira, não lhe direi que sexo não muda o meu humor, não quando o pesadelo vem.

— Não te interessa, me diz, por que está ligando? — vou direto ao ponto.

— Pedi Ari em casamento e ela disse sim! — o júbilo na sua voz me faz abrir um sorriso largo.

— OOOOOHOLLLL, parabéns, irmão! — Estou realmente feliz com a novidade, Ariana foi a melhor coisa que aconteceu na vida do meu irmão e o vi crescer como pessoa diante dos meus olhos depois que a conheceu, o galinha inveterado se tornou em um bobo apaixonado capaz de mudar completamente para ser digno da mulher que ama.

— Valeu, cara!

— Onde está minha cunhada? Quero parabenizá-la — digo e ouço-o chamar por ela que aparentemente está ao telefone.

— Oi, Elano! — a felicidade é notável na voz doce dela.

— Ari, não acredito que disse sim a ele, eu pensei que logo perceberia

que escolheu o irmão errado, meu doce! — brinco e ouço sua risada junto com o grunhido de Giuliano.

— Se foder, meu! — diz e ouço um som estalado como um tapa. — Ai amor, isso dói.

Agora é minha vez de rir alto, meu irmão se comporta como um garotinho carente às vezes perto da agora noiva.

— Pronto, melhorou? — Não quero nem saber o que ela fez, o grunhido dele agora não tem nada de raiva. — Cunhadinho, seu irmão chegou primeiro e conquistou meu coração, não posso mudar isso, no entanto precisamos arrumar uma garota para você, quero que voltemos a sair juntos, desde que Victor e Valentina começaram a namorar se afastou da gente.

O pesar na voz dela acerta a ferida no meu peito em cheio, a verdade é que se ficar perto dela e Giules já era difícil, depois que mais um casal se formou e eu fiquei a ver navios, estar próximo a pessoas apaixonadas como eles me fazia lembrar constantemente do que eu tinha e perdi, ao longo dos últimos dez anos a falta que Karen me faz nunca ficou mais intensa do que nos últimos tempos. Acho que aquela história de que o primeiro amor não esquecemos é verdade, pois por mais que tente encontrar alguém capaz de me fazer sentir tão vivo quanto ela, nunca consegui sequer um acelerar da pulsação, desde aquele tempo o sexo para mim se tornou uma simples necessidade biológica.

— *Nah*, estou bem, — digo depois que consigo me livrar do bolo que se formou na minha garganta. — Agora que a diversão vai começar para mim para valer.

— Posso saber por quê? — Giules pergunta.

— Sou o padrinho, não sou? — pergunto na maior cara de pau.

— Claro! — os dois respondem juntos e meu sorriso aumenta.

— Bom, terei que procurar uma companhia a altura do cargo, não vou sair nas fotos acompanhado de uma baranga — brinco e quase consigo ver a expressão nada contente da minha cunhada.

— *Tá* bom, mas essa sua acompanhante escultural terá que se contentar em ser uma convidada, sua companhia para fotos será a Dothy, minha amiga de Atibaia, acabei de fazer o convite e ela aceitou.

Minha animação cai um pouquinho, Dothy parece derivado de Doroteia que é nome de velha ou feiosa, espero que pelo menos a criatura seja simpática.

— Me sacrificarei, mas só porque eu amo vocês dois! — digo com sinceridade e ouço Ari fungar, minha doce cunhada é emotiva.

— Ah, Elano, você é tão fofo que não entendo por que não tem uma namorada ou ainda não casou — fala toda emotiva e sorrio para disfarçar o nervosismo que sinto.

— Porque ele é um chato, amor, só por isso — Giules diz minimizando o assunto, ele sabe o porquê e não me julga. — Mano, precisamos ligar pros nossos pais, você e a amiga da Ari foram as primeiras pessoas a saberem. Até mais!

— Obrigado pela consideração, parabéns novamente e até!

Desligo e solto um suspiro, conhecendo o meu irmão esse casamento vai acontecer o mais rápido possível, o que não discordo dele, já moram juntos e tudo, oficializar a união não precisará de tanto esforço e conhecendo dona Giovanna, sei como prepara uma festa em questão de dias com esmero.

Ainda estou com o telefone na mão quando ele volta a tocar, dessa vez é o rosto de Val que me sorri e atendo já ralhando com ela.

— Pensei que tinha evaporado no trajeto da França *pro* Brasil!

— Tão dramático, ele é! — Ela ri alto e imagino que o que quer que estivesse lhe preocupando para me enviar aquela mensagem já passou. — Tenho uma novidade.

— Nem a pau vai posar nua! — digo a frase que repito toda vez que a palavra novidade surge.

— Você é um imbecil, Elano, se eu quisesse posar nua, posaria e ninguém impediria, está me ouvindo? — Pronto, o lado rebelde dela foi ativado.

— O que seu namorado acha disso? — atiro e ela bufa do outro lado.

— Victor sabe tão bem quanto eu que é um trabalho artístico, até Giules já começou a ver esse mundo diferente, quando a carapuça de cretino e babaca vai sair de você, *hein*? — sua voz se torna embargada no final e me arrependo pelo que disse.

— Desculpe, mas sou o cretino número dois, lembra? — brinco e ela ri, meu peito alivia um pouco da tensão. — Me conte a novidade.

— Vou casar! — solta muito animada e meu rosto congela por alguns segundos.

— Como é que é? — a pergunta sai antes que a controle.

— O que, vai dizer que não posso casar também? — instiga e solto o ar que estava prendendo.

— Não é isso, foi só a surpresa, mesmo, não esperava que meus irmãos me diriam no mesmo dia que vão casar.

— O GIULES VAI CASAR?

Faço uma careta ao lembrar dele ter dito que eu e a amiga de Ari éramos os primeiros a saber da novidade.

— Acho que ele vai te ligar a qualquer momento para dizer, bom que você já o surpreende também — tento contornar.

— Claro, será uma boa surpresa. — Ri alto.

— Amor, a Ari e seu irmão também vão casar! — a voz de Victor se faz ouvir e o riso de Val aumenta.

— Acabei de ficar sabendo, será maravilhoso, podemos fazer um casamento duplo! — Ela parece bastante animada com a ideia.

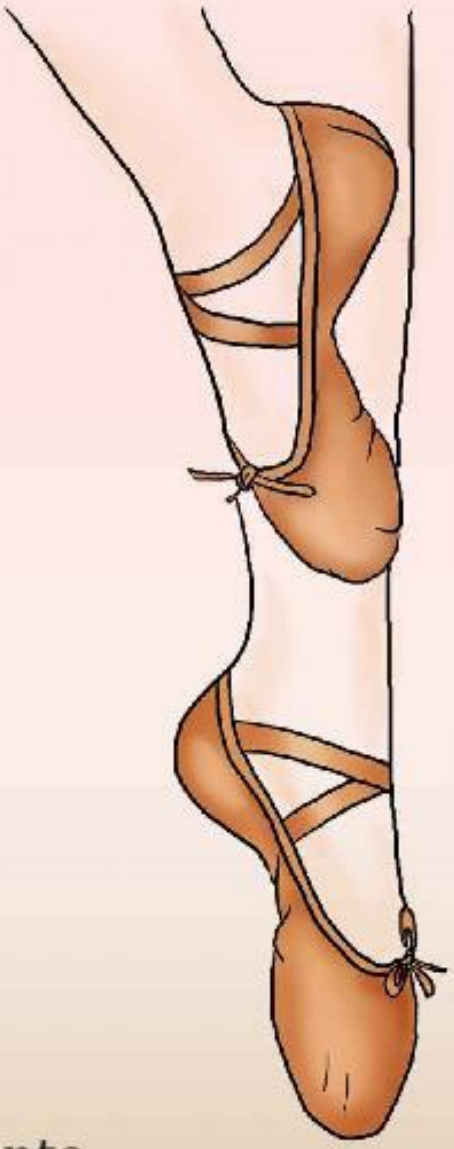
— Você acha que eles vão querer casar em dois meses? — a ansiedade na voz de Victor traz uma pulga a minha orelha.

— Não sei, Vi, podemos perguntar isso depois. Elano, eu vou desligar, ainda não disse a *mamma* a novidade e conhecendo o Giules sei que vai abrir o bocão, mas desde já lhe comunico que você será nosso padrinho, então trate de se animar para estar comigo nos preparativos, está me ouvindo?

— Sim, senhora! — provoco-a antes de desligar.

Balanço a cabeça e suspiro não acreditando que justo hoje meus dois irmãos resolveram ficar noivos. Uma pontada de inveja se infiltra no meu peito, se as coisas não tivessem tomado o rumo confuso que tomaram, hoje eu provavelmente estaria casado com a Karen, ou não, sei lá, mas no fundo do meu peito eu sabia que ela era uma garota para a vida inteira, pena que nosso para sempre durou pouco mais de um mês.

Capítulo Seis



Estás Só

Estás só.
Ninguém o sabe.
Cala e finge.
Mas finge sem fingimento.
Nada 'speres que em ti já não exista,
Cada um consigo é triste.
Tens sol se há sol, ramos se ramos buscas,
Sorte se a sorte é dada.

Ricardo Reis, in "Odes"



— Então vão me dizer por que estamos aqui? — pergunto assim que chego à mesa onde os pombinhos estão, de um lado Valentina e Ariana foleiam uma revista e do outro Giules e Victor as olham com cara de bobos alegres.

Olho para a Cafeteria onde estamos sem entender nada, pensei que iríamos almoçar em algum restaurante para comemorarmos o grande acontecimento do ano.

— Se queriam tomar café, nossa família tem apenas nesse bairro duas filiais da *Nonna Fiorella* e nossos baristas são excelentes no manuseio dos grãos — digo todo orgulhoso. A ideia de contratar pessoas especializadas em preparo de cafés diferentes foi minha e a primeira aceita pela diretoria, ainda sinto a emoção todas as vezes que lembro do olhar do meu pai para mim.

Nossa relação demorou um bocado de anos a voltar ao normal, por muito tempo o culpei por ter perdido o contato com a Karen, na minha cabeça de adolescente apaixonado se ele não tivesse me forçado a viajar ou se tivesse passado na sua casa na manhã seguinte tudo teria sido diferente, mas com o

passar dos anos e a maturidade percebi que provavelmente nada mudaria o fim da nossa história, se ela quisesse manter algum contato comigo teria deixado sequer um telefone ou endereço com sua amiga de escola. E se está se perguntando se passei a fazer plantão na porta da escola que estudávamos? A resposta é sim, mas como tudo que fiz foi em vão. No fim aceitei que não era pra ser.

— Bom dia para você também, cretino número dois! — Giules abre um sorriso irritante para mim. — Ai amor!

Acho que Ari acaba de chutá-lo por baixo da mesa, isso fica claro quando ele abaixa para alisar a canela.

— Senta aí, cara! — Victor, por incrível que pareça, é mais gentil do que o meu próprio irmão.

— Senta aqui, Lano! — Valentina levanta, indicando que devo sentar entre ela e Ari. Ihhh, isso está estranho.

— Eu acho melhor sentar com os caras — digo, começando a me afastar, mas ela me puxa de volta.

— Não, você senta aqui!

Não discuto dessa vez, sento entre elas e espero que contem logo o que está acontecendo, não gosto de suspense.

— Então, Elano, nós pensamos que uma vez que estamos noivos e

isso aconteceu simultaneamente, vamos fazer um casamento duplo — Ari começa a falar.

— Em dois meses! — Valentina complementa com um sorriso enorme.

— Dois meses? Por que tão rápido? — Olho de um para o outro, mas justo nessa hora eles resolveram ficar calados. — Então, ninguém vai falar nada?

Me recosto no encosto da cadeira e cruzo meus braços esperando que comecem a falar, sei como esse joguinho funciona, se querem brincar, aqui estou eu.

— Lano — Valentina começa e estende a mão entrelaçando a do noivo que sorri para ela daquele jeito de apaixonado que me deixa desconfortável. — Eu estou grávida.

Prendo a respiração por um momento e olho para o idiota a minha frente, seus olhos desviam de Valentina para mim e pelo menos ele tem a decência de parecer desconfortável com o olhar matador que lhe dirijo. Noto que Ari está tensa ao meu lado e logo fito Giuliano.

— Vocês também? — Arregalo os olhos sem acreditar.

— Quê? Não rá-rá-ra! — Ari explode em uma risada e os demais a acompanham, eu por minha vez respiro aliviado.

— Então por que essa tensão toda? — pergunto não querendo acreditar que tenham ficado assim por minha causa.

— Porque você é o mais cri-cri-cri dos meus irmãos — Valentina diz, passando o braço pelos meus ombros. — Eu sei como se preocupa comigo, mas acredite, nunca estive tão feliz nessa vida.

Sinto meu peito se contrair com o carinho na sua voz, puxo-a para um abraço e beijo o lado da sua cabeça.

— Eu fico feliz em saber disso, Val, tudo que quero é a sua felicidade e você tem feito um bom trabalho, bab... Victor. Acho que devo dar os parabéns duplo a vocês!

O sorriso que ele dá em direção a minha irmã reafirma o amor dele por ela, essa constatação me ajuda a não o estrangular nesse momento, como também saber que meu sobrinho ou sobrinha precisará do pai, do contrário ele não me escaparia.

— E nós não merecemos parabéns também? — Giules pergunta fazendo beicinho e reviro os olhos para ele.

— Você não está grávido, seu bastardo. — Atiro uma bola de guardanapo nele e esse apenas ri. A felicidade deles é contagiante e começo a perceber que fui um babaca sensível demais nos últimos meses, poderia ter me divertido com meus irmãos e as pessoas que eles escolheram amar.

— Mas seremos tios, isso já é motivo suficiente para comemorarmos.

— Nisso eu concordo, o que me faz perguntar mais uma vez o que estamos fazendo aqui ao invés de em um restaurante? — insisto e vejo eles trocarem um olhar cúmplice.

Esses quatro estão aprontando algo e não sei se gosto de saber disso. Me ajeito na cadeira e olho para cada um deles deixando claro que não aceitarei que me enrolem mais.

— Mano, mantenha a mente aberta, tudo bem? — Giules diz com um olhar cauteloso, nada típico dele.

— Você sabe que será nosso padrinho, *né*? — Ari começa com sua voz dócil e eu estreito os olhos, ela é aquele tipo de pessoa que é tão gentil que sentimos vontade de lhe retribuir imediatamente a gentileza que ela ainda nem fez.

— Sim, dos dois casais, o que me fez pensar se vou ter duas acompanhantes no altar, por favor, me digam que terei — brinco para ver se eles param de dar voltas antes de falar.

— Não, seu cretino! — Valentina bate no meu ombro e ri. — Eu conversei com a amiga da Ari, ela é um doce e eu não quero muita dor de cabeça na hora de organizar tudo, serão três famílias reunidas, então ela será seu par e nós teremos vocês dois como padrinhos e isso já basta.

Vejo as outras três cabeças concordarem com ela e começo a afastar a cadeira me preparando para o rumo que essa conversa levará, pois sei que precisarei me afastar deles por algumas horas ou dias depois de ouvir.

— Vamos ser sinceros com ele de uma vez. — Victor parece nervoso. — Essa Cafeteria e Confeitaria é da Dorothy, amiga da Ari, ela se mudou de Atibaia há três meses e nós decidimos que ela será a fornecedora dos doces e dos bolos da festa. — Estreito os olhos.

— E apesar do casamento ser duplo, teremos bolos separados. — Valentina bate palmas animada e me olha com esses olhos brilhantes de empolgação.

— E o que eu tenho a ver com isso? — pergunto desconfiado.

— Ah, vou dizer logo, mano, as meninas acham que você e ela podem se dar bem e acabe rolando um clima e aí, irmão, é só correr para o abraço! — Giules finalmente diz o que eles pretendem com isso.

Mal as palavras saem dos seus lábios estou fora da cadeira, sabia que não ia gostar nada disso, era só o que me faltava, eles querendo me arrumar uma namorada. Inclino-me para trás e começo a rir quando o logo sobre o cardápio entra no meu campo de visão. É uma flor no alto, dela sai uma espécie de corrente que suspende um par de sapatinhos vermelhos sobre uma estrada de tijolos dourados, uma representação do clássico O mágico de

Oz[11].

— Por um acaso ela vai bater os sapatinhos de rubi na hora do casamento? — Quatro pares de olhos me fitam com expressões distintas, Ari está corada como sei que fica quando se segura para não responder a uma grosseria, Valentina balança a cabeça descrente e Victor e Giules seguram o riso. — Vou ser o padrinho de vocês, com muito prazer, mas não tentem me arrumar uma namorada, ficante ou qualquer uma dessas merdas, eu não estou procurando por uma.

Sei que posso estar sendo um babaca com eles, mas o nó que se forma na garganta e a dor que reaparece no meu peito toma a melhor sobre minhas emoções, como aconteceu todas as vezes que pensei em finalmente me ligar a alguém. A lembrança de Karen está marcada a fogo na minha mente e coração, por esse motivo eu preciso sair daqui antes que cause mais desconforto para eles, ninguém precisa estar por perto em um dos meus momentos ruins.

— Desculpem, eu preciso... — Começo a me afastar e caminho rapidamente em direção a saída, as paredes parecem que estão se fechando a minha volta.

— Elano, espera! — Ouço a voz de Ari vindo atrás de mim, mas não paro, sou um homem com um objetivo.

— Deixa ele, amor... — Giules diz ao longe.

Meus ouvidos registram que o sino da porta da Cafeteria toca quando ela é aberta, melhor para mim, passarei mais rápido assim que chegar nela. Ergo a cabeça e todo o ar que tenho nos meus pulmões some, a garota que acaba de entrar é a causa desse meu estado emocional, minha boca fica seca e uma leve vertigem me atinge assim que os olhos castanhos miúdos me encontram, sua boca bem feita forma um “O” perfeito e ela também fica parada me fitando.

— Karen... — seu nome sai pelos meus lábios em um sussurro e noto como ela treme levemente, o que significa que ouviu.

— Dothy, que bom que você chegou! — Ari sorri nervosa e me puxa em direção a garota, não ela não é mais uma garota, as curvas do seu corpo agora são de uma mulher.

O corpo magro substituiu as curvas generosas da adolescência, o rosto redondo deu lugar a um oval, seus olhos também têm olheiras em volta deles, mas ainda assim são os mesmos que me olharam com amor ao se entregar para mim.

— Elano, essa é minha amiga, Dorothy, Dothy, esse é meu cunhado e padrinho de casamento. — Ariana, alheia a tudo, nos “apresenta” e não sei se lhe estendo a mão ou a puxo para os meus braços e enterro meu nariz no seu

pescoço para sentir o seu perfume que ficou impregnado na minha memória.

As boas maneiras que a *mamma* me ensinou levam a melhor e mesmo sem que eu dê a ordem minha mão se ergue em cumprimento, mas a verdade é que preciso ter a certeza de que ela é real, não posso estar fantasiando esse momento como fiz durante anos. Noto que também está visivelmente abalada e reluta em me tocar, seus dedos tremem levemente e seus lábios se abrem em um arfar quando nossa pele se toca depois de tantos anos.

Ela aperta a minha mão em um cumprimento tímido, os olhos que se desviam dos meus a todo instante brilham com lágrimas não disfarçadas. A sensação de tocá-la e saber que está aqui é como um bálsamo para a dor pungente que por anos assolou o meu coração sem piedade.

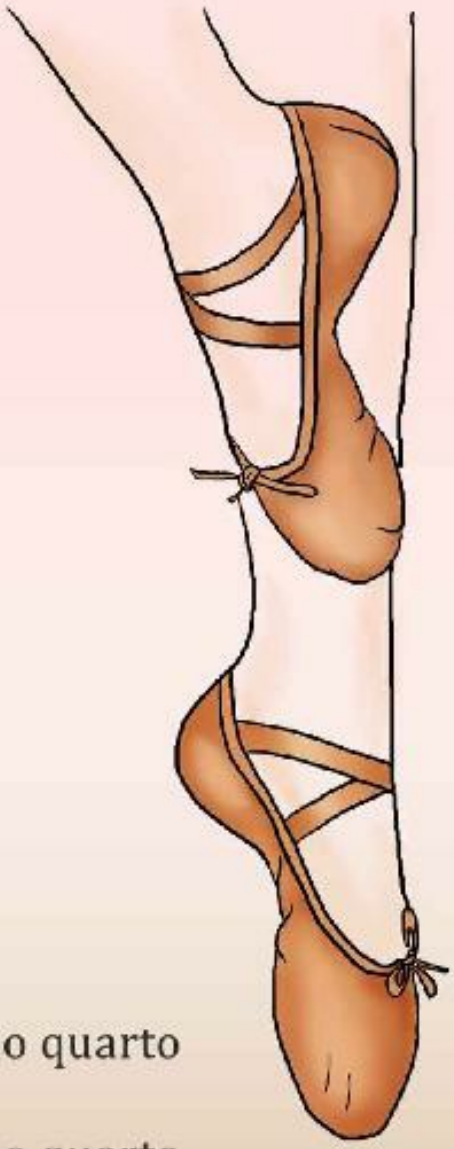
Estamos tão envolvidos nesse milésimo de segundo infinito que não percebemos a porta da Doceria ser aberta de uma vez e antes que o seu corpo seja atingido a puxo na minha direção, seus olhos se erguem com um pedido de desculpas nos lábios e me fitam saudosos, como se o meu aperto sobre ela fosse desejado há tempos. E nessa fração de segundos o mundo para ao meu redor, a respiração trava e a memória do meu amor da adolescência me atinge com tudo, puxo uma lufada de ar e seu cheiro floral me enche as narinas confirmando o que meu coração e corpo já sabiam. Se não tivesse ainda convencido que é ela realmente aqui na minha frente a certeza teria chegado agora. Basta esse olhar mais atento e posso ver, é ela, mesmo depois de dez

anos, é sim. As mechas claras no cabelo não complicam o reconhecimento, mesmo que a minha garota tivesse longas madeixas castanhas escuras, nada a ver com esse loiro curto.

Minha mente é inundada com as imagens dela com aquela farda bizarra do Colégio Padre Pio, as freiras com certeza faziam as garotas vestirem aquilo para não ser possível notar sua real beleza por baixo dele, só que eu a vi, nada impediu que os olhos pequenos e escuros me fizessem *refém dos seus encantos* ou que me apaixonasse perdidamente por ela, da mesma forma como acontece agora, meu coração disparando com a invasão de sentimentos é a prova que mais uma vez estou muito ferrado.

E o irônico disso é que nunca quis tanto estar como agora, ferrado até a minha sétima geração.

Capítulo Sete



Ah, no terrível silêncio do quarto

Ah, no terrível silêncio do quarto
O relógio com o seu som de silêncio!
Monotonia!
Quem me dará outra vez a minha infância perdida?
Quem ma encontrará no meio da estrada de Deus —
Perdida definitivamente, como um lenço no comboio.

Alvaro de Campos

Dorothy

— Giovanna, não vou chamar outra vez, está bem? — digo, parando na porta do quarto dela e quando a vejo já vestida entro de uma vez.

— Não me chame assim, é Anna, mãe! — Sabia que a reclamação viria, desde que decidimos que iríamos nos mudar para São Paulo veio com essa história de nova identidade, por mais que me divirta com isso, não dou o braço a torcer.

— Seu nome foi escolhido por um motivo, mocinha, então para mim será Giovanna! — replico e vejo seus olhos verdes girarem nas órbitas e os lábios irem para o lado.

— Sim, sim, eu sei que esse é o nome da minha avó, mas já viu quantas Giovannas tem na minha escola nova? — Seus olhos astutos me fitam esperando que eu ceda a pressão.

— Que seja, para mim você é Giovanna, única e exclusiva, mas fique à vontade para se apresentar como Anna, eu mesma sou conhecida por algumas pessoas como Karen, mas para outras eu sou Dorothy e para sua madrinha só Dothy.

O sorriso da minha filha se abre ao mencionar Ariana, foi ela quem me convenceu a vir embora um ano depois de me formar, mas voltar para cá não foi tão fácil assim.

— Quando vamos encontrar com ela de novo? — pergunta ansiosa e aproveito para pegar sua mochila.

— Nessa sexta, vamos experimentar vestido pro casamento dela! — O sorriso dela se amplia com a menção do casamento próximo, afinal ela será dama de honra. — Agora vamos, temos um dia e tanto, mocinha!

— Sim, senhora!

Saímos de casa com tempo cronometrado para chegar a sua escola e nem me permito admirar a beleza caótica que é a cidade. A grande São Paulo é a minha cidade de nascimento, foi aqui que passei a minha infância e parte da adolescência, é onde conheci o meu primeiro e único amor, onde vivi coisas incríveis, mas também onde tudo desmoronou...

Dez anos atrás

— Eu não quero me afastar de você! — Elano diz, beijando minha testa.

Estamos parados diante do portão da minha casa, seu pai nos observa a distância, mas nem esse conhecimento me faz se afastar dele.

— Também não quero que essa noite acabe — falo ao inclinar minha

cabeça e beijá-lo com todo o amor que sinto.

Seus braços enlaçam minha cintura e me puxam para perto, meus dedos entram em seus cabelos e os puxo de leve como já percebi que gosta, isso é o fósforo na sua gasolina e logo sinto-o ficar excitado, rio em sua boca e ele afasta nossos lábios, mas mantém nossos corpos muito perto.

— Eu acho que estou viciado em você, minha musa! — Todas as vezes que ele me chama assim meu coração sofre pequenas paradas.

— Use o resto da noite para escrever mais poesias, eu amo ouvi-las! — Um sorriso surge nos seus lábios e vejo o brilho no seu olhar se intensificar.

— Ah, eu farei sim, para depois colocarmos elas em prática! — Pisca um olho safado e coro.

— Combinado, agora eu preciso entrar, aposto que dona Valeria está nos observando da janela do quarto. — Inclino a cabeça sutilmente na direção que a cortina se movimenta de leve.

— Nos vemos amanhã, então? — a ansiedade na sua voz faz o meu coração inquieto diminuir a corrida. Tinha medo de que depois de hoje ele sumisse.

— Sim, até amanhã!

Beijo seus lábios de leve e enfim entro para a garagem de casa. Na

sala mamãe me sorri e vai para a cozinha, não digo nada e ela não exige, acho que o brilho nos meus olhos é suficiente para dizer quão mágico foi tudo hoje, bom tirando o início do ato, mas depois que pegamos o ritmo foi perfeito. Tiro o vestido e vou para o banheiro, lá noto que há sangue na minha calcinha, a prova que o que aconteceu foi real, entro debaixo do jato d'água e tomo meu banho antes de ir para a cama tentar dormir.

Ainda é madrugada quando o som do telefone tocando se faz ouvir pela casa toda, abro os olhos meio grogue e vejo que são apenas quatro da manhã, os passos de mamãe cruzando o corredor me despertam completamente e sento na cama, meu peito de repente se comprime como se algo ruim estivesse para acontecer. Saio em direção a sala e chego lá bem a tempo de ver minha mãe cair de joelhos e um grito agudo sair rasgando pela sua garganta.

— NÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃOOOOOOOOO! — Ela chora com o fone na mão.

— Mãe, o que foi? — Ajoelho ao seu lado e tento fazê-la olhar para mim. — Mãe?

— Por que, meu Deus, por quê? — lamenta em um soluço doloroso e todos os pelos do meu corpo se eriçam.

Pego o telefone das suas mãos e levo para o meu ouvido, uma voz

insiste do outro lado com urgência.

— Senhora Valeria, está aí? — a mulher repete isso várias vezes.

— Oi, eu sou a filha dela, o que está acontecendo? — Olho para minha mãe e vejo que deitou em posição fetal no carpete. — Quem está falando?

— Eu me chamo Tania e trabalho para a Avinor Airlines. — Meus ouvidos começam a zunir nesse momento.

— Meu pai e Natan estão bem? — pergunto mesmo sabendo que não, do contrário minha mãe não estaria nesse estado, mas preciso ouvir.

— Sinto muito, o avião em que o Senhor Mario Twan e seu filho Natan Twan estavam sofreu uma pane elétrica cerca de uma hora depois da decolagem, os motivos ainda não sabemos ao certo — a mulher continua falando, até que suspira longamente. — Não há sobreviventes.

Diferente da minha mãe eu não grito, tudo a nossa volta se torna um grande branco, a mulher continua falando e meus olhos varrem tudo tentando encontrar um ponto de lucidez, ele vem quando o choro da mamãe volta a ser ouvido e sei que ela precisa de mim, agora somos apenas nós duas.

— Em uma hora uma equipe irá buscá-las, precisam fazer o reconhecimento dos corpos — ela fala sonoramente cansada, como se

estivesse fazendo esse discurso muitas vezes hoje.

— T-tudo bem... — a minha voz sai tão vazia quanto se eu estivesse falando de dentro de um túmulo.

Encerro a ligação depois que ela passa algumas instruções e me viro para minha mãe, sufoco a dor dilacerante no meu peito e me aproximo dela.

— Mãe, a senhora precisa levantar, eles virão nos buscar — tento me fazer ouvir, as lágrimas não derramadas queimando meus olhos. — Mãe, precisamos ir, por favor.

As primeiras lágrimas rompem as barreiras e sei que não resolverei nada se ficar aqui ao seu lado, munida pela dor levanto e corro para o quarto, jogo algumas peças de roupas e meus documentos na mochila, troco o pijama por qualquer coisa e parto para o seu quarto, faço o mesmo com as roupas dela e procuro sua bolsa antes de voltar à sala para vesti-la, ela não se moveu, continua encolhida no sofá e dentro de mim sinto que acabo de perder minha família por completo.

Dias atuais

— Mãe, está me ouvindo? — Giovanna sacoleja meu ombro algumas vezes me trazendo para o aqui e agora.

— Sim, sim, estou! — Balanço a cabeça para dispersar os fantasmas

do passado.

— Está nada, a senhora fica assim às vezes e desde que chegamos aqui tá pior. — Ela não está errada.

— Não é nada, só muito trabalho na Cafeteria — disfarço e acho que a convenço. — Está pronta? Pegou tudo?

Ergo uma sobrancelha para ela, ontem esqueceu o lanche e tive que ir meia hora depois levar. Giovanna é intolerante a lactose, por isso eu preparo seu lanche para que não caia na tentação de comer algo que lhe faça mal, como já aconteceu antes e tive que sair correndo da faculdade para lhe socorrer, ela tinha cinco anos na época e viu uma coleguinha comendo chocolate e não resistiu, depois desse dia passei a pesquisar receitas saborosas sem lactose para que não passasse vontade e esse virou um dos segmentos para mim no curso de Gastronomia com especialização em Confeitaria.

— Sim, Dorothy, eu peguei tudo! — Se estica para beijar o meu rosto se preparando para sair do carro com a mochila pendurada apenas de um lado.

— Olha o respeito, mocinha! A Erica vem buscar você para o fim de semana, tudo bem? — Erica é minha prima, seus pais que nos acolheram na sua casa anos atrás quando decidi que minha filha e eu merecíamos um

futuro, meus tios se tornaram os avós que ela não tinha e Erica e o marido, na época namorado, são padrinhos de batismo de Giovanna e Ariana de consagração[12], conheci Ari através dela e sou muito grata por elas existirem na minha vida.

— Tem certeza de que não vai poder ir? — pergunta com os olhos verdes com pontículos dourados me fitando ansiosos.

— Não dessa vez, amorzinho, tenho uma grande encomenda para finalizar, por isso sua madrinha está vindo buscá-la, mas nos falaremos muito, muito! — Puxo seu rosto e beijo muitas vezes.

— Não, me ligue só quando estiver deitada, quero ouvir a senhora lendo! — Sorri iluminando meu mundo.

— Combinado, eu amo você!

— Também te amo — diz e sai do carro.

Fico parada olhando-a seguir até o portão da escola, a mesma que um dia eu estudei e onde ela foi concebida dez anos atrás, mas isso nunca vai saber, como não conversamos que seu pai pode estar por aí. Pensar em Elano traz aquele bater de borboletas ao meu estômago e por um instante é como se o tempo não tivesse passado, mas passou e hoje não sou mais uma garota, sou mãe e a felicidade da minha Anna vem em primeiro lugar. Balanço a cabeça ao me dar conta que a danadinha me fez chamá-la pelo apelido, mesmo que

sem querer.

Dou partida no carro e antes de chegar à esquina o meu telefone toca, é Ariana, eu sei que estou atrasada para o nosso café da manhã com sua cunhada e o noivo, minha amiga fará um casamento duplo e eu serei sua madrinha, pensei que Victor seria meu par, mas ele vai casar com a irmã de Giuliano, noivo de Ari, sobrando para meu par o cunhado dela que se chama Elano, mesmo nome dele, mas eu soube que não era ele pelas vezes que o nome foi citado, o meu Elano ia estudar Literatura, não Administração e não era um pegador metido a cretino, sem falar que Giules não parece com ele em nada.

— Eu sei que estou atrasada! — Atendo o telefonema pelo sistema de som do carro para não perder mais tempo.

— Não esquenta, amada, Elano também não chegou, deve estar com algum rabo de saia, segundo Giules! — Bom se o irmão disse isso, quem sou eu para dizer o contrário, não é mesmo?

— Ainda bem, preciso dar uma passadinha rápida no banco, mas chego aí antes do meio-dia, segura todo mundo que eu chego! — Não sei se tento convencer a ela ou a mim.

— Pode deixar, vou segurar o homem *pra* você! — Reviro os olhos diante do seu comentário.

— Ari, pode parar, não estou procurando romance e muito menos com um cafajeste, não posso colocar alguém assim na vida da Anna. — Por mais que soe como desculpa é a realidade.

Ao longo dos anos eu evitei qualquer tipo de envolvimento romântico, não me sentia pronta para um relacionamento sério e não colocaria minha filha nessa situação de se habituar com a presença de um homem nas nossas vidas e depois ele sumir quando descobrisse que não estava tão disponível emocionalmente para ele. Não que eu tenha ficado no celibato total, mas não me aventurei tanto assim, saí com dois caras e depois de não conseguir chegar lá desisti e desde então meu colega de gaveta a base de pilhas tem sido uma companhia e tanto.

— Dothy, confie em mim quando digo que Giules era cem vezes pior — tenta me convencer, mas apesar de saber da história de amor deles não acredito que um raio caia duas vezes no mesmo lugar, como dois cretinos não se regeneram assim.

— Mesmo assim, se for bonito e despertar a minha libido que hiberna há anos, pode ser que depois do casamento, drink vai, drink vem, poderemos nos divertir, mas isso só o tempo dirá. Agora pare de tentar bancar a cupido e foca no que interessa, faltam dois meses e temos muitas coisas para fazer.

— Nem me fale, estou tão empolgada! — Sorrio com a alegria quase infantil que ela demonstra. — Até daqui a pouco, então!

Desligo e começo a prestar atenção ao trânsito e o meu pequeno atraso se estende, quando dou por mim já vai dar meio-dia e agora que consegui sair do banco, mas precisava resolver esse problema ou quando o dia de pagamento chegasse meus funcionários não receberiam e quem trabalha merece ter seus honorários pagos corretamente. Por sorte daqui para a Flor do Tejo não é longe, dei esse nome a Cafeteria em homenagem ao famoso rio de Lisboa, terra do meu poeta favorito e Marcos, meu sócio, adora O mágico de Oz, logo insistiu que colocássemos elementos da história na logo. Estaciono na minha vaga de sempre e em trinta segundos estou passando pela porta.

Vejo Ari assim que entro, ela está levantando e caminhando em minha direção, logo atrás de um rapaz que caminha de cabeça baixa, de repente os pelos do meu corpo se eriçam e o ar se torna espesso, quase posso senti-lo entre os dedos. Ele ergue a cabeça e tudo a minha volta congela. Elano está aqui, o meu Elano, está mais velho, os cabelos estão mais escuros, uma barba rala cobre o seu queixo, mas os olhos, ah esses olhos são os mesmos que estiveram comigo em pensamentos durante todos esses longos anos.

— Karen... — meu nome sai pelos seus lábios em um sussurro, se não estivesse olhando para o rosto dele jamais saberia que tinha dito. O ar já carregado se torna impossível de ser respirado. Não consigo sequer piscar,

sou como um peixe fisgado, só esperando o momento que o anzol será puxado para fora da água.

— Dothy, que bom que você chegou! — Ari sorri nervosa e o puxa em minha direção, não há resistência da sua parte.

— Elano, essa é minha amiga, Dorothy, Dothy, esse é meu cunhado e padrinho de casamento.

Ficamos nos olhando por alguns segundos depois que ela faz a apresentação sem saber que esse é o garoto sobre quem passei horas e horas conversando com ela. Meu corpo não atende o comando que envio para fingir normalidade, mas ele toma a iniciativa diminuindo o embaraço da situação ao estender a mão na minha direção. Quando retribuo o gesto a porta começa a ser aberta e seus braços me puxam para junto dele, o aroma cítrico invade minhas narinas e sinto como se estivesse em casa depois de muito tempo longe. Seus olhos verdes me fitam com reconhecimento, a boca aberta sugando o ar que as narinas não conseguem e o coração batendo tão acelerado quanto o meu, os pontos dourados das íris dos seus olhos tomam o verde e a enxurrada de lembranças e sentimentos volta com tudo, mais uma vez sou só uma garota tímida sendo observada pelo garoto mais bonito que já viu na vida e para quem dei meu coração de bom grado e de forma definitiva.

Capítulo Oito



A espantosa realidade

Eu não sei o que é que os outros
pensarão lendo isto;
Mas acho que isto deve
estar bem porque o penso sem estorvo,
Nem idéia de outras pessoas
a ouvir-me pensar;
Porque o penso sem pensamentos
Porque o digo como as minhas palavras o dizem.

Uma vez chamaram-me poeta materialista,
E eu admirei-me, porque não julgava
Que se me pudesse chamar qualquer cousa.
Eu nem sequer sou poeta: vejo.
Se o que escrevo tem valor,
não sou eu que o tenho:
O valor está ali, nos meus versos.
Tudo isso é absolutamente independente
da minha vontade.

Alberto Caeiro



— Karen, meu Deus, Karen! — Os braços de Elano se fecham ao meu redor e sua cabeça se encaixa na curva do meu pescoço e ele puxa o ar profundamente.

Por um longo tempo meu corpo permanece imóvel sem saber se corro para longe dele ou se o abraço o mais apertado que posso. Meu corpo decide pela segunda opção e meus braços rodeiam sua cintura, não deixando espaço algum entre nós. Respiro profundamente e seu perfume mais uma vez me atinge, a emoção que me toma é demasiadamente intensa e antes que consiga controlar meus impulsos um soluço me escapa e choro copiosamente com a cabeça enterrada em seu peito.

— *Xiii*, está tudo bem, — diz, acariciando minha cabeça com carinho da mesma forma como fez naqueles dias perfeitos, a lembrança aumenta a torrente de lágrimas e o aperto ainda mais junto a mim, não me importando que estejamos em público.

— Está tudo bem? — Ouço alguém perguntar vagamente.

— Não sei, eles se abraçaram e o choro começou — a voz de Ari

parece ansiosa.

— Sério?

— Huhummm!

Aperto os meus olhos e os anos que passamos longe inundam minhas pálpebras. Os medos, a angústia, a saudade imensa, as noites insones pensando o que ele poderia estar fazendo ou em claro junto ao leito da minha mãe, o nascimento de Giovanna e como sua chegada me fez sentir perto dele.

“Giovanna!”, meu Deus, ele não sabe dela!

Pensar nisso me faz dar um passo atrás, saindo do cerco dos seus braços e não consigo olhá-lo, ele vai fazer perguntas que não estou pronta para responder com toda sinceridade. Afinal se passaram dez anos e segundo relatos ele nada tem a ver com o garoto a quem me entreguei por inteira. E se não quiser conhecer nossa filha ou a rejeitar? Não suportaria ver a decepção no seu rostinho lindo, todos esses anos ela rezou fervorosamente pela oportunidade de conhecê-lo e meu medo não me permitiu procurá-lo, mesmo não sabendo muito da sua vida não seria difícil conseguir seu contato, afinal estudamos na mesma escola, os professores me queriam bem, se contasse a minha história provavelmente me ajudariam.

— Karen? — Sua mão toca minha face e aquela corrente elétrica passa da sua pele para a minha me fazendo tremer por inteira.

— *Pera* aí, ela é a Karen, a sua Karen? — Olho para o lado e vejo Giuliano ao lado de Ari, a forma como disse que sou dele faz as borboletas se agitarem no meu estômago. Ele olha do irmão para mim de olhos arregalados. Agora entendo de onde veio a sensação de reconhecimento quando lhe conheci, ele lembra a irmã caçula de Elano, Valentina, enquanto Elano é diferente dos dois.

— É, é ela, sim! — Elano responde sem tirar os olhos de mim, mesmo eu o evitando posso senti-los sobre a minha pele.

— *Caraío véi*, desculpa o palavrão, mas isso é muito louco! — diz realmente surpreso, eu também estou.

— O que está acontecendo aqui? — Uma moça chega ao lado de Victor e basta que a observe por alguns segundos para reconhecê-la, Valentina não mudou muito.

Vê-la me faz pensar como Natan estaria hoje em dia se não fosse a fatalidade que o tirou de mim tão prematuramente. Meu irmãozinho era apaixonado por ela e nunca teve coragem de assumir seus sentimentos. De repente sinto que preciso dizer a ela que foi muito amada na adolescência.

— Espera, você não é a irmã do Natan? — Os olhos de Valentina crescem de tamanho e lágrimas inundam seus olhos. — Eu sinto muito!

Ela se atira para mim e apesar de eu ser menor que ela recebo seu

abraço e mesmo depois de muitos anos ver alguém lamentar pela perda do meu irmão me emociona.

— Obrigada! — digo quando se afasta, mas mantém a mão na minha e um sorriso triste nos lábios.

— Eu sou o único perdido aqui ou mais alguém não sabe o que está acontecendo? — Giuliano pergunta e vejo seu olhar pousar em Elano que dá de ombros. — Deixa eu ver se entendi, a Dorothy é na verdade a Karen que foi a namorada do Elano, por quem ele surtou quando foi embora sem deixar rastros, mas a Val a conhece e o irmão dela também, é isso?

— Acho que sim! — Victor diz olhando para nós.

— Onde você se enfiou? Cara, se eu te contar tudo que o rolou por aqui... — Giuliano começa, mas para. Vejo que todos os olhos estão em Elano e em mim.

— E- eu... — De repente não consigo pensar direito.

— Giuliano, já chega! — Elano fala com raiva, suas mãos se fechando em punho, a mandíbula endurecida e um olhar diferente do que me deu há pouco minutos.

— Pessoal, deixem-na respirar um pouco. — Ari toma a frente e me puxa para o seu lado. — Agora que ela chegou podemos conversar e desvendar toda essa confusão.

Todos começam a se afastar em direção a mesa, mas Elano se mantém no lugar, seus olhos fitando a porta antes de desviar para mim e o gelo toma de conta do verde dourado.

— Desculpa, Ari, mas terão que fazer isso sem mim.

Ele passa por mim como um raio e logo o barulho do sino da entrada se faz ouvir indicando a sua passagem, vê-lo se afastar faz uma dor diferente subir pelo meu peito e se não fossem os braços de Ari me segurando eu teria caído no chão, com toda certeza.

Ancorada pela minha amiga vou até a mesa e me permito sentar na cadeira entre as meninas, Valentina está contando para o irmão e o noivo sobre como a notícia da morte de Natan chegou a escola e pegou todos de surpresa, meu irmão tinha ficado em segundo lugar nas Olimpíadas sul-americanas de Biologia, a direção estava com uma festa de boas-vindas preparada para ele e acabou que usaram para o seu memorial. Não estive presente, depois que voltamos de Santa Fé, na Argentina, onde fizemos o reconhecimento dos corpos, fomos direto para Pedra Bela, era lá que a família da minha mãe morava em uma fazenda, meu pai e irmão foram sepultados no cemitério do alto da colina onde meus antepassados estavam em seu descanso eterno. Durante todo o relato me mantenho calada, Valentina chora quando fala como Natan era inteligente e gentil.

— Dorothy, eu não quero parecer indelicado nem nada, mas preciso

perguntar por que não nos contactou, Elano sofreu muito com a sua partida, se tivesse ligado sei que teria dado um jeito de encontrá-la — Giuliano, que geralmente é brincalhão, parece medir suas palavras.

— A fazenda da família fica afastada de tudo e durante um bom tempo não pude sair de perto da minha mãe para ir à cidade, ela entrou em depressão profunda, foram anos muito difíceis. Eu liguei para sua casa do aeroporto antes de embarcarmos para a Argentina, mas ninguém atendeu e depois tudo ficou tão confuso e difícil de absorver.

Sinto que não devo fazer tantos esclarecimentos para eles, não sem Elano aqui, ele deve ser a primeira pessoa da família a saber sobre Giovanna, sei que se souber dela por outra pessoa não irá me perdoar nunca. Meus olhos desviam de todos e pousam sobre Ari, ela tem lágrimas nos olhos e vejo sua boca formar a pergunta. *"Giovanna e Elano?"* inclina a cabeça para o lado e uma sobrancelha se ergue, ela está juntando as peças. Balanço sutilmente a cabeça confirmando e vejo as lágrimas se soltarem dos seus olhos, engulo as minhas próprias para não cair no choro também.

— Pessoal, não temos como resolver nada hoje mesmo, então sugiro que deixemos que os ânimos se acalmem, a Dothy e o Elano precisam sentar e conversar, há muito a se falar e anos de explicações a se ouvir — fala deixando a dica de que preciso falar logo a verdade. — Agora, por que não pedimos algo para o nosso café da manhã tardio? A Val está grávida e tem

que se alimentar direitinho.

— Claro! — dizem todos em uníssono e aproveito a deixa para levantar e me afastar.

— Vou ajudar o Marcos, assim a comida de vocês sai mais rápido. — Quatro cabeças balançam em concordância e dou um sorriso amarelo.

Mas antes de chegar a porta da cozinha Ari está do meu lado passando o braço sobre os ombros e me leva em direção ao pequeno escritório. Sento no pequeno sofá e seu abraço apertado me ampara no choro que sai pelos meus lábios, com ela não preciso manter a bravata de durona, já me senti quebrada antes, mas nada me preparou para o olhar frio de Elano, porém não posso culpá-lo, para ele eu fui embora sem deixar nenhuma pista e até onde eu sei ele se tornou um cafajeste de carteirinha, ou seja, hoje somos dois estranhos que compartilharam um passado, nada mais.



— Mãe, você está bem?

Ouço a voz da minha filha antes mesmo que ela entre no quarto, Anna

sabe que alguma coisa mudou, apesar dos seus nove anos, minha filha e eu somos amigas, a ponto de reconhecermos pequenas nuances uma da outra, como o fato de eu não a ter recepcionado depois de dois dias longe. Passo as mãos para secar as lágrimas traiçoeiras que se tornaram presença permanente no meu rosto, me preparando para encará-la.

— Estou bem, querida e você? Como foi o seu fim de semana em Atibaia? Se divertiu com seus *dindos* e seus avós?

Por um momento a expressão preocupada dela se desfaz e um sorriso lindo enfeita seu rosto. Meu estômago revira como se tivesse levado um soco, é o sorriso dele, até agora não tinha me dado conta de que Anna herdou o sorriso do pai, se bem que não lembro dele sorrindo muito na época da escola, sempre meio carrancudo, quando o fez foi em momentos que estávamos a sós. Mas esse não é o momento para pensar sobre ele, não quando ainda não sei o que fazer ou falar para minha filha.

— Foi tãoooooo bom, só faltou você lá, sabia que o tio Jeff e a tia Layla vão mudar pra Santa Catarina? Ele disse que podemos visitar sempre que quiser e eu disse que ia me comportar para a senhora deixar. — Jeff é meu primo e irmão de Erica, ele é o caçula da família e foi o babá da minha pequena por anos. Anna aperta os lábios formando um biquinho deixando que seus olhos sorriam por ela, os olhos dele.

Isso é demais para mim e antes que me dê conta já estou chorando

novamente, como não faço há dez anos, quando dois meses e meio depois de mudar de São Paulo para Pedra Bela descobri que estava grávida, achava que tinha derramado todas as lágrimas possíveis, mas a revelação que um pedaço de Elano crescia dentro de mim me emocionou, assustou e trouxe uma miríade de emoções que chorar foi libertador em meio a todo o nada que minha vida tinha se transformado. Minha menina moça, mesmo sem entender o porquê do meu choro, vem até mim e joga seus bracinhos ao meu redor, aperto-a junto de mim e choro por um longo tempo sem conseguir me recompor.

— Vem mãe, deita aqui comigo — diz, puxando-me pela mão até a cama.

Não resisto, tiro os sapatos e deito na cama, Anna senta encostada na cabeceira da cama e bate com a mão na coxa indicando para que eu deite a cabeça ali, sorrio em meio as lágrimas e faço como pede.

— Agora eu sou a mãe e você é minha filhinha fofinha que amo muito, muito!

Diz enchendo meu rosto de beijos e acabo gargalhando, até que ela começa a cantar uma das músicas que eu costumava cantar para ela anos atrás.

— Todo mundo sentando quietinho
Todo mundo deitando no chão

Dando as mãos, vamos brincar
Ouça o seu coração
Todo mundo fechando os olhos
Todo mundo pensando em alguém
Veja agora um lindo lugar
Vamos brincar de sonhar
Quanto mais a gente imaginar
Quanto mais além
Vamos ter mais histórias quando acordar
Sonho de brincar
Quem quiser pode dar um sorriso
Quem quiser pode até encontrar
Um novo amigo nesse lugar
Feito pra gente sonhar

A letra de *Sonho de brincar* [13]da Xuxa me faz rir com lembranças doces, mas também traz lágrimas ao lembrar de todas as vezes que segurar minha filha no colo era o único alívio para os meus momentos de desespero. Guardo essas lembranças para não revivê-las agora, não quando Anna canta e alisa meus cabelos de uma forma tão gostosa que o sono inevitavelmente vem.

— Vale tudo que o sonho sonha
Vale tudo que a gente quiser
Nenhuma regra existe aqui

Vamos brincar de dormir
Quanto mais a gente imaginar
Quanto mais além
Vamos ter mais histórias quando acordar
Sonho de brincar
Sonho de brincar

— Boa noite, mãezinha!

Beija minha testa no último verso que eu mal escuto, entrei num universo paralelo onde medo e mágoas não existem, só a certeza que nos sonhos tudo é possível.

Capítulo Nove



Colhe o Dia, porque És Ele

Uns, com os olhos postos no passado,
Veem o que não veem: outros, fitos
Os mesmos olhos no futuro, veem
O que não pode ver-se.

Por que tão longe ir pôr o que está perto —
A segurança nossa? Este é o dia,
Esta é a hora, este o momento, isto
É quem somos, e é tudo.

Perene flui a interminável hora
Que nos confessa nulos. No mesmo hausto
Em que vivemos, morreremos. Colhe
O dia, porque és ele.

Ricardo Reis

Elano

“Elano, abre essa droga de portão agora, eu sei que está aí e não vou sair daqui até falar com você, mano.” A mensagem de Giuliano vem carregada de frustação, é a décima ou centésima que envia e entre as suas estão as de Valentina, Ari, Victor e até mesmo a *mamma* me enviou uma preocupada comigo, não sei por que esses idiotas foram falar para ela que Karen voltou. Se por um lado fiz do *papà* por um longo tempo o culpado por ter perdido o contato da minha garota, por outro a impressionante Giovanna Borella tomou para si a culpa, sabia que eu jamais me chatearia com ela e queria a família unida, o que aconteceu cerca de dois anos depois quando meu *nonno* me entregou a escritura da casa e disse que não precisava pagar por ela, mas fazer as pazes com o *babbo*.

Acho que aquela foi a conversa mais difícil da minha vida, eu, um moleque de dezenove anos ressentido, e *mio papà* tentando não parecer tão

autoritário, o *nonno* foi firme quando disse que devíamos baixar a guarda e conversar, do contrário teria que tomar providências mais severas. Se *nonno Guiseppe* dava uma ordem acatávamos e foi o que fizemos, ouvi meu *babbo* falar como sentia muito pela minha dor, pois sabia que quando um Borella se apaixona era para a vida toda e ao ouvir aquilo chorei feito criança ao perceber que não me livraria da dor de não tê-la.

"Elano Matteo Borella, para de dar piti e abre a droga desse portão, virou a merda de um maricas chorão, véio?". Bufo irritado por minha família intrometida não compreender que às vezes tudo que preciso é ficar sozinho e encontrar a Karen mexeu comigo de uma forma que não esperava. De início veio a surpresa, em seguida a emoção por estar com ela por alguns segundos nos meus braços, mas bastou ver como me olhava assustada e até mesmo constrangida por todos ali ficarem sabendo do que tivemos no passado que uma raiva sem tamanho tomou conta de mim, sem falar que não explicou porra nenhuma do que aconteceu quando Valentina mencionou o irmão dela, que pelo que eu lembro estudava com a minha irmã, não prestei atenção ao que falavam, meus olhos estavam na mulher que

domina meu coração há anos mesmo que tenha ficado distante por boa parte deles.

“Será que ela já é casada?”, a pergunta vem. Não acredito que seja, do contrário meus irmãos e cunhada não estariam tentando nos colocar em uma espécie de encontro às cegas. Mas se não foi isso que lhe causou o desconforto perto de mim, o que teria sido? A mesma raiva que senti no Café por ela ainda me abalar tanto volta com tudo, o que custava ela ter me telefonado e dito que estava viva? Será que o que vivemos foi tão insignificante a ponto de ela partir sem olhar para trás?

— Foda-se! — digo, levantando do sofá quando mais um correio de voz chega, dessa vez de Victor, era só o que me faltava.

Abro a porta e aciono para que o portão abra. Assim que o tenho aberto vejo um Giules exasperado com as mãos posicionadas fechadas em punhos e ao seu lado o bobo alegre de Victor, esse está com as mãos nos bolsos e olha para os pés, com certeza só está aqui porque Valentina o obrigou.

— Vão entrar ou não? — falo sem emoção alguma na voz.

Os dois entram e logo o portão começa a baixar, entro em casa sem esperar por eles e sento na minha poltrona de modo a não ficar de frente para a porta. Pela visão periférica vejo quando sentam no sofá, meus olhos seguem

para a parede a frente onde um grande painel de madeira dá suporte a TV e algumas fotografias sobre o *rack* abaixo, todas elas da Karen. Fixo o olhar na primeira que tirei dela, sem que percebesse, ainda não tinha criado coragem para me aproximar, mas consegui capturar seu olhar sonhador ao ler o mesmo livro de quando nos falamos pela primeira vez. As demais foram tiradas durante as semanas que ficamos juntos até a noite do baile, precisei convencer o fotógrafo oficial da escola a me ceder todas as que estávamos juntos. Por muitos anos elas foram a única coisa que me restou dela.

— Vai nos ignorar por muito tempo, seu cretino? — a voz de Giules sai carregada de aborrecimento. Dane-se ele.

— Não estou fazendo isso, só não quero olhar para suas caras feias! — retruco e meu irmão ri, ele não consegue manter a bravata carrancuda por muito tempo.

— Como se você fosse a coisa mais linda de se ver! — diz, levantando e indo em direção à cozinha, se tem uma coisa que não existe no vocabulário e na vida de Giuliano é cerimônia. Logo ouvimos a porta da geladeira e dos armários abrirem e fechar.

— Uma bela coleção de fotografias! — Victor fala e meu olhar vai para ele que levantou e está observando os porta-retratos com sua calma típica.

— É — limito-me a dizer apenas isso.

— Eu não fazia ideia de que você morasse aqui. — Franze as sobrancelhas.

— Não moro — digo tentando entender onde ele quer chegar.

— Sabia que foi com o dinheiro da venda dessa casa que ela comprou o prédio da Cafeteria?

Perco a paciência e levanto me aproximando dele, fico cara a cara com ele e o encaro, se ele quer ficar dando voltas e voltas, vá fazer isso na casa do caralho, não aqui na MINHA CASA!

— O que você quer, Victor? Acha que a conhece, que me conhece? Não sabe droga nenhuma, ninguém sabe, porra!

Meu peito começa a queimar novamente, isso sempre acontece quando eu acho que estou pronto para dar um passo além e a presença constante dela na minha mente me afasta de qualquer possibilidade de relacionamento que eu quisesse ter, por esse motivo optei por casos de uma noite, assim não há cobranças, não decepciono ninguém.

— O que eu sei é que vocês tiveram um passado, não faço ideia da merda que você viveu, mas eu conheço a Dorothy há tempo suficiente para saber que a vida dela não foi nada fácil até hoje, então pare de lamber a merda das suas feridas como um cão abandonado e vá até ela, vocês têm

muita coisa para conversarem. — Ergo uma sobrancelha desdenhando do que acaba de falar, mas meu peito sente o peso das palavras.

— Pois é, vá atrás da sua garota, mano! — Giuliano aparece na sala tomando a suco na boca da caixa. Isso sempre me irritou nele.

— Ela não é minha garota! — rebato e meu peito troveja em protesto.

— Se acredita nisso por que mantém o santuário para ela intacto por todos esses anos? Olha para essa casa, Elano, você fez uma reforma, mas a manteve igualzinha, mudou os móveis, mas a casa parece mais dela do que sua. — Olho para ele sem entender como sabe que montei a casa pensando no gosto dela.

— Você veio aqui?

— Quem você acha que ajudou o vovô sobre a compra, seu idiota? Claro que eu vim aqui antes e vim depois também, a chave que você deixou com mamãe fica comigo na verdade, como eu viria checar se estava bem depois das suas bebedeiras?

Olho para o meu irmão sem palavras, eu não fazia ideia de que ele sequer me notava nas muitas vezes que saímos, sempre era o primeiro a conseguir uma garota, enquanto eu ficava horas e horas bebendo, às vezes depois de muitas doses acabava indo parar na cama de alguém e de lá voltava para cá, por isso mantenho a geladeira e os armários abastecidos. Da primeira

vez que vim parar aqui depois de acordar em um hotel vomitei tanto que pensei que não conseguiria parar e depois estava tão esgotado que precisei ligar para minha mãe vir me buscar, foi aí que lhe entreguei uma cópia da chave.

— Você vinha aqui me checar todas as vezes? — Ainda não consigo acreditar.

— Na maioria da vezes, nos últimos tempo mais do que antes, já que não saíamos mais juntos, mas você parecia tão incomodado com o meu relacionamento com a Ari, que não quis te impor minha presença mais do que o necessário, mas sempre vinha aqui depois de ligar para a *mamma* e nos tranquilizar que você estava bem.

— Por quê? — Não consigo entender. Ele sempre pareceu tão seguro de si e por vezes, nos primeiros anos depois que tudo aconteceu, me disse inúmeras vezes para parar de chorar e aproveitar a vida, pois foda nenhuma valia a pena aquela tristeza toda. Descobrir que mesmo falando tudo isso tentava cuidar de mim mexe com algo dentro do meu peito.

— Voce é meu irmão, *véio*! Se isso não fosse motivo suficiente eu te amo, eu sei que falava muita asneira antes, mas eu não conhecia a sensação de estar apaixonado até Ari entra na minha vida e porra, se algo me separasse dela acho que enlouqueceria, como se acontecesse contigo, irmão, eu não me perdoaria, assim como se comprometeu a cuidar da Val, me comprometi a

cuidar de você, fazer o quê?

Dá de ombros e eu controlo as lágrimas que de repente surgiram nos meus olhos, Giules não costuma falar sobre sentimentos, além dos que tem por Ariana, é claro.

— Eu não fazia ideia de nada disso — sou sincero.

— A ideia era ser discreto e mesmo ninguém acreditando eu sou um poço de discrição! — diz cheio de pernas.

— *Hã-hã*! — Victor tosse e ri. — Se o momento filmes *sessão* [14] *da tarde* terminou eu acredito que temos um jantar para irmos na casa dos pais de vocês e Valentina já me enviou quinhentas mensagens para saber se conseguimos convencer o cretino número dois a se fazer presente. — A careta que ele faz é impagável.

Minha irmãzinha sabe ser persuasiva quando quer algo e sabendo o bobo apaixonado que ele é deve estar comendo um dobrado com ela.

— Prometem não me encherem o saco com o papo sobre minha ex que retornou dos mortos, praticamente? — pergunto e noto como eles trocam um olhar sinistro, mas não quero pensar, falar ou responder nada sobre a volta da Karen por hoje.

— Só se você prometer que irá pensar com calma depois e vai sentar com ela em algum momento e conversarão sobre tudo e eu lhe digo, há muita

coisa! — Victor fala e isso me intriga, é a segunda vez que insinua que preciso saber de algo.

— Tudo bem, mas não hoje!

Me afasto deles e começo a pegar minha chaves e sobre o aparador está o livro que ficou para trás, o de Fernando Pessoa como Álvaro de Campos, sem pensar folheio e lá está a letra dela no canto da folha onde a poesia que me disse depois do nosso primeiro beijo que era a que lia quando fui falar com ela está, as frases ali ainda conseguem mexer comigo mesmo apesar de tanto tempo.

“Ele me notou e meu coração errou algumas batidas, minhas mãos tremeram e minha pernas bambearam, apesar de tudo continuo viva, no fim afirmo que há esperanças...”

Meu coração dispara como na hora que a vi na entrada da Cafeteria e se tem uma coisa que ele nunca deixou de ter, mesmo contra a vontade da minha mente, foi esperança, talvez ele seja mais esperto do que pensei afinal.

Capítulo Dez



Começo a conhecer-me. Não existo.

Começo a conhecer-me. Não existo.
Sou o intervalo entre o que desejo ser
e os outros me fizeram,
Ou metade desse intervalo,
porque também há vida...
Sou isso, enfim...
Apague a luz, feche a porta
e deixe de ter barulho
de chinelas no corredor.
Fique eu no quarto só
com o grande sossego de mim mesmo.
É um universo barato.

Álvaro de Campos

Dorothy

— Droga! — Balanço a mão várias vezes seguidas tentando espantar a ardência que toma conta das pontas dos meus dedos.

Desisto e coloco minha mão sob o jato de água fria, o que deveria ter feito assim que distraída deixei meus dedos irem de encontro a panela quente onde preparo a calda de frutas vermelhas, já é a segunda ou terceira vez que isso acontece apenas essa semana.

— Se você continuar fazendo isso não vai sobrar dedos nessa mão para eu pedir em casamento! — Marcos, meu amigo e sócio, diz rindo da minha cara de alívio.

— Eu posso estar fazendo isso de propósito, afinal você já é casado e Antonio é muito gentil para que o traiamos assim. — Rio da sua cara de ofendido.

— Ahhhh, o Toni adoraria ter você e a Anna morando conosco, ele é louco pela pequena.

A forma carinhosa com que se refere a minha filha aquece o meu coração, Antonio, marido de Marcos, é professor na escola onde Giovanna

estuda e eu estudei anos atrás, desde que o trabalho na Cafeteria aumentou pegou para si a tarefa de trazê-la no fim do expediente, uma verdadeira mão na roda para mim, pois às vezes trabalho até tarde e ela acaba dormindo no apartamento deles que providencialmente fica acima do meu.

— Eu moro abaixo de vocês, não é o suficiente? — Pego a toalha que me estende para secar a mão com cuidado.

— Não quando você paga aluguel e temos dois quartos livres — diz, fazendo um bico por não poder ser mais protetor comigo do que já é.

Marcos é meu amigo desde que mudei para Atibaia e foi ele junto com Ari que me convenceram a entrar em um acordo com o *buffet* onde eu trabalhava, me mudar para São Paulo e abrir meu negócio.

— Marcos, eu venho lutando minhas batalhas há muito tempo, amigão, sou uma garota crescida e pagar o aluguel do lugar onde moro com a minha filha é o mínimo que posso fazer.

— Eu sei, tampinha, mas sabe que tenho instintos protetores aguçadíssimos em relação a você, por esse motivo que essas suas distrações consecutivas ao longo dos últimos quinze dias me preocupam — explana seus pensamentos ao passar um braço sobre os meus ombros.

Viro o rosto na direção oposta para que não perceba como estou severamente constrangida. Desde o meu reencontro com Elano queimei

diversas caldas de chocolate, troquei alguns ingredientes dos doces e salgados que oferecemos e tive que refazer um bolo de casamento duas vezes por não conseguir acertar o ponto exato, isso tudo sem contar nas queimaduras que sofri, mal sarava uma e outra já surgia sobre a minha pele.

— O que está acontecendo com essa cabecinha linda, *hein*? — Beija o topo da minha cabeça e meus olhos enchem de lágrimas.

Desisto de guardar toda a confusão da minha cabeça só para mim e me viro para encará-lo, sua expressão ao ver as lágrimas prestes a cair é de solidariedade e seus braços se estendem para me receber, mas me afasto, se o abraçar não colocarei para fora as palavras que venho mantendo presas na garganta longe dos ouvidos de todos, principalmente da minha filha.

— O pai da Giovanna apareceu — digo em um fôlego só.

— Como? — Seus olhos se arregalam e as mãos vão a boca.

— Pois é, exatamente isso, depois de dez anos eu dei de cara com Elano e bem aqui na Flor do Tejo, justamente aqui. — Franzo os meus lábios segurando o choro.

— Nãããõoooo! — Sua incredulidade é cômica.

— E não para por aí a divina comédia de gosto duvidável que é minha vida, ele é irmão do noivo de Ariana.

— Minha Nossa Senhora das grandes coincidências! — diz aturdido.

— Caramba, Dothy, isso é quase um enredo para novela mexicana.

A risada que sai pelos meus lábios é de nervosismo. Viro-lhe as costas e puxo uma respiração profunda, ele não faz ideia de como essa situação tem me deixado no limite do precipício emocional.

— É por isso que insistiu que levássemos Anna conosco para Atibaia, mesmo com aquela grande entrega a ser feita? — a censura é notável na sua voz e não consigo negar.

— Não, já havia combinado com a Erica a visita dela antes de reencontrar ele, mas foi bom a terem levado já que na sexta-feira foi a primeira prova de vestido de Ari e da cunhada, você sabe, elas vão casar no mesmo dia, Anna se parece muito com o pai, não tinha me dado conta desse detalhe da aparência deles até que estivemos cara a cara, Valentina veria a semelhança e rapidamente faria as contas e não acho justo que outras pessoas da família saibam antes dele, mesmo que não tenha criado coragem de procurá-lo ainda — falar tudo isso é como tirar um grande peso dos meus ombros.

— Mas sabe que o tempo está passando, em um mês e meio será o casamento, como você vai aparecer com Anna nesse dia sem causar um alarde?

Essa é uma questão que tem me tirado o sono, se por um lado não

quero que essa notícia seja jogada no colo dele, por outro morro de medo de como será sua reação e por mais que Ari tenha entendido o meu cancelamento da prova do vestido da Giovanna na semana passada, ela não poderá me dar cobertura para sempre, afinal está tendo que guardar o meu segredo do noivo e de toda a família dele.

— Eu sei, mas... — Seu olhar endurecido me faz calar.

— Dothy, eu te amo, amo muito mesmo, mas não vou passar a mão na sua cabeça nessa situação, você encontrou o pai da sua filha depois de anos e ao invés de tentar achar uma forma de conversar com ele sobre isso e com a Anna, que sabemos muito bem que sente falta da figura paterna na vida dela, você está fugindo, como se tivesse culpa de engravidar e se ver no olho do furacão que sua vida se transformou nos anos seguintes.

As palavras dele acertam em cheio, eu tenho fugido de tudo que possa me levar a encontrar Elano, Ari mesmo me enviou dois endereços onde eu poderia encontrá-lo facilmente caso tomasse a decisão de procurá-lo. Mas a verdade é que a garota apaixonada que ainda vive em mim sonha com ele entrando pela porta da Cafeteria e me puxando para os seus braços, a imagem dele saindo o mais rápido possível de perto de mim está gravada a ferro na minha mente e por mais que evite admitir não era essa a reação que esperava dele ao nos reencontrarmos.

— Eu... Ah, Marcos, minha cabeça está uma bagunça, se por um lado

tenho consciência de que preciso falar com ele e com ela e proporcionar esse encontro de uma forma natural, por outro eu não consigo me sentir segura quanto a isso, pelo que soube nos últimos anos Elano se tornou um *bon vivant* e não quero minha filha tendo a imagem perfeita que eu sei que faz do pai ser destruída, até por que o pai que lhe apresentei ao longo dos anos era um garoto gentil que gostava de poesias e me fazia sentir especial quando estava ao meu lado, mas esse sujeito de hoje eu não conheço.

A compreensão está estampada nos seus olhos e dessa vez quando me estende os braços eu vou de bom grado, encosto a cabeça no seu peito e recebo o carinho do meu melhor amigo como em muitas vezes ao longo dos anos, suas mãos acariciam minhas costas enquanto as lágrimas vão caindo dos meus olhos há uma movimentação na antessala que separa a cozinha da Cafeteria e essa parte onde preparamos as encomendas de bolos e doces para eventos.

— Dorothy, desculpa atrapalhar. — Fabrícia, uma das atendentes da Cafeteria, entra nervosa, viro para ela e Marcos também, mas mantém o braço na minha cintura. — Mas tem um rapaz que quer falar com você e, mesmo eu dizendo que quando começa a fazer as encomendas não gosta de ser incomodada, ele insiste.

O nervosismo na sua voz me faz estreitar os olhos, quem poderia deixar a pobre garota nervosa assim? Marcos deve estar vendo o mesmo que

eu, seus olhos arregalados e o leve rubor nas bochechas mostram que a pessoa a deixou bem nervosa.

— Criatura, não foi avisado que quando começamos a criar nossas maravilhas gastronômicas não queremos ser interrompidos? — Marcos a repreende, mas eu o cutuco, a garota parece que vai ter um troço a qualquer momento.

— E-eu...

Ela não tem tempo de responder, a porta vai e vem se abre e por ela um Elano, lindo de viver com sua calça *jeans* colada aos músculos bem torneados de suas pernas e uma camisa social branca com as mangas erguidas até os cotovelos e os primeiros botões abertos me permitindo ver o início dos pelos sobre o seu peito, entra. Seus olhos verdes intensos me fitam antes de subir e descer pelo meu corpo parando onde está o braço de Marcos e o indício de sorriso que estava surgindo nos seus lábios some, deixando uma linha fina no seu lugar.

— Elano, o que faz aqui? — digo surpresa e dou um passo a frente involuntariamente.

— Esse é o Elano? — a voz estridente de Marcos atrai ainda mais atenção para ele, o que não parece bom. — Jesus Coroado, amiga ele é a reencarnação do *Finnick Odair* [15]de *Jogos Vorazes*.

Agora quem o fuzila com olhos *laseres* sou eu, essa criatura parece que não sabe a hora de ficar quieto, Fabrícia solta uma risadinha e meus olhos vão para ela e ao ver como está olhando pro nosso convidado inesperado posso entender o porquê da sua afobação anterior, Marcos parece notar também já que ri alto. Os pelos do meu corpo se arrepiam todos e meus olhos vão para Elano, a forma como me encara alheio à risada das gralhas ao meu lado deveria ser proibido, é como se me desnudasse por inteira, mesmo em público. Meu coração entra em disparada e todo o mais deixa de existir por alguns segundos.

— Eu queira falar com você — Elano diz por fim e como se um elástico tivesse sido puxado a realidade volta com tudo.

— Eu estou ocupada — falo a primeira coisa que me vem à cabeça.

— O que, com esses dedos queimados? Nem pensar que vai chegar perto do fogo, tampinha, eu cuido de tudo por aqui, e você *Finnick Odair*, não pode estar aqui sem touca nessa cabeleira linda. — Meu Jesus, eu mato esse idiota.

— Desculpe, não pensei sobre isso. — Elano muda o peso do corpo de um pé para o outro, constrangido.

— Está desculpado, agora vão, vão que preciso terminar alguns recheios.

Marcos praticamente nos expulsa da cozinha, Elano na frente e eu alguns passos atrás, quando acho que Fabrícia virá nos fazer companhia para amenizar a tensão que toma a antessala enquanto retiro meu avental e touca, ouço meu amigo recrutá-la para ser sua auxiliar.

— Você quer tomar um café? — pergunto sem olhar para ele.

— Eu... Bom, se pudermos conversar em outro lugar — diz indeciso.

— Tudo bem. — Balanço a cabeça e retiro a touca da minha cabeça, seus olhos vão para os meus cabelos e um suspiro sai pelos seus lábios.

— Por que mudou a cor dos seus cabelos? — a pergunta me surpreende, de tudo ele vem me perguntar justamente isso.

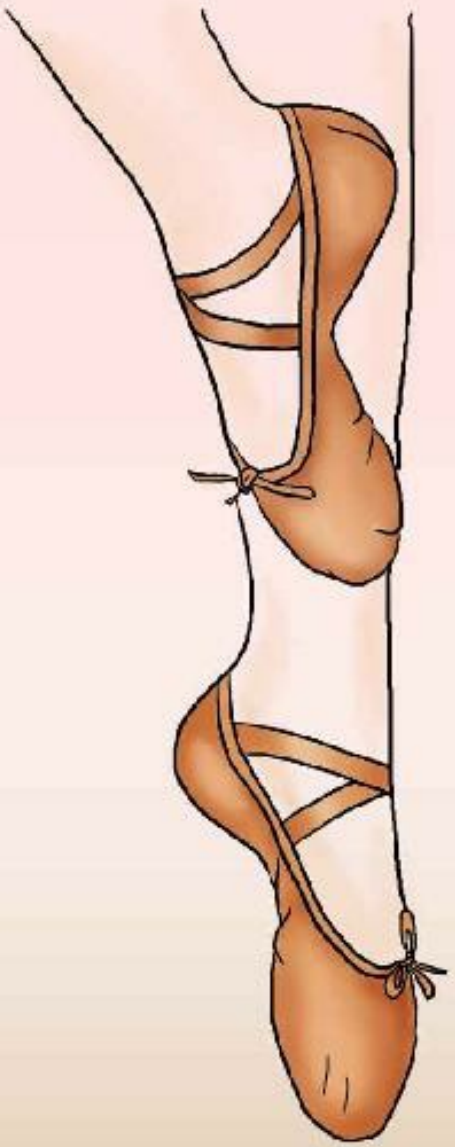
— E-eu... ehr, só quis mudar um pouco, só isso. Vamos ou mudou de ideia sobre o café? — gaguejo pois a minha decisão foi pautada em um pedido da Anna, quando me olhou com seus olhinhos brindando e argumentou que gostaria se parecer comigo pelo menos um pouquinho não resisti e no dia seguinte estava abandonado o castanho.

— Não, vamos. — Estende o braço indicando que devo passar a sua frente e assim faço, a essa hora a Cafeteria está com pouco movimento, por isso saio sem me sentir culpada por Fabrícia desfalcar a equipe.

Como Marcos bem colocou, estou fugindo do inevitável, não posso protelar essa conversa com Elano por mais tempo, não quando cedo ou tarde

eles verão minha filha e tudo virá à tona, quer eu queira, quer não.

Capítulo Onze



Tenho tanto sentimento

Tenho tanto sentimento
Que é frequente persuadir-me
De que sou sentimental,
Mas reconheço, ao medir-me,
Que tudo isso é pensamento,
Que não senti afinal.

Temos, todos que vivemos,
Uma vida que é vivida
E outra vida que é pensada,
E a única vida que temos
É essa que é dividida
Entre a verdadeira e a errada.

Qual porém é verdadeira
E qual errada, ninguém
Nos saberá explicar;
E vivemos de maneira
Que a vida que a gente tem
É a que tem que pensar.

Fernando Pessoa



— O que estamos fazendo aqui?

Minha voz sai mais aguda do que eu esperava assim que percebi a rua que estávamos entrando, minhas pernas tremeram e o coração sofreu uma pequena parada. Por insistência de Elano viemos no seu carro, mesmo que o ar tenha se tornado escasso pelos últimos trinta minutos, tentei não pensar muito sobre para onde estávamos indo e sim no que falaria para ele quando chegássemos.

— Logo saberá — diz, acionando um controle e o portão da minha antiga casa começa a se erguer, isso não acontecia antes, mas a visão da fachada exatamente igual traz uma dor aguda ao meu peito.

A última vez que estive aqui foi uma semana depois do sepultamento do meu irmão com os meus tios para fazer as malas definitivamente, foi a sensação mais difícil da minha vida me despedir das lembranças que o interior dessa casa guardava. Elano entra para o pequeno quintal, que agora tem uma cobertura para carros, e estaciona ali, o fim de tarde está frio e assim que desço o vento frio do fim do inverno me atinge, mas o tremor no meu

corpo nada tem a ver com isso, ele vem de dentro e tem origem no meu estômago. Não quero entrar, sei que vou sucumbir assim que entrar e não tiver o cheiro de lar habitado ou pior ainda, o cheiro de outras pessoas que não a minha família.

— Eu... Não podemos conversar aqui fora mesmo? — pergunto em um fio de voz, o nervosismo mais forte do que achei possível.

— Não, eu preciso que entre — fala franzindo as sobrancelhas.

Respiro profundamente e mesmo com meu corpo querendo seguir na direção oposta o sigo pelos três degraus que levam ao corredor/área de serviço onde fica a porta da casa. De olhos arregalados vejo ele pegar a chave, introduzir na fechadura e girá-la, não há rangido, a porta também parece que foi trocada ou pintada recentemente, o piso do corredor parece que foi refeito há pouco tempo. Noto que é a mesma casa, só que também não é.

— Você primeiro! — diz, dando um passo para o lado.

Com os meus batimentos cardíacos trovejando no meu peito, a ponto de senti-los sobre os meus ouvidos, entro na casa da minha infância e primeiros anos da adolescência, a primeira coisa que faço é fechar os olhos e inspirar profundamente, não tem cheiro de lugar que ficou muito tempo fechado, tão pouco tem o cheiro da mamãe cozinhando, mas há um aroma

levemente conhecido no ar, essa mistura de cítrico e amadeirado que senti quando os braços de Elano me puxaram para junto de si dias atrás.

A compreensão me bate rapidamente e giro nos calcanhares para encará-lo, não acreditando que seja possível.

— Você mora aqui? — a pergunta sai em um fôlego só.

Com as mãos nos bolsos e os olhos mirando o chão Elano se mexe inquieto até que se encosta na porta e ergue a cabeça para me encarar.

— Praticamente — responde simplesmente.

— Desde quando? — Por algum motivo eu preciso saber desses detalhes, meus olhos já marejados deixam escapar uma lágrima rebelde com as inúmeras possibilidades que me batem.

— Desde que a comprei da sua família.

É o limite para mim, as lágrimas rompem a barreira e rolam soltas pelo o meu rosto sem controle.



As lágrimas, que até então estavam presas nos olhos de Karen, rolam

pelo seu rosto e isso me quebra mais uma vez, vê-la chorar não me parece nada certo, não quando a garota por quem me apaixonei vivia sorrindo.

Tomei a decisão de procurá-la num impulso, depois da conversa com Giules e Victor dias atrás me abstive de falar ou pensar nela, mesmo que esse último não tenha saído exatamente assim. Quando minha mãe tentou uma abordagem do assunto me esquivei e disse-lhe que precisava de tempo para digerir melhor as coisas antes de falar sobre, desde então não voltei a casa dos meus pais, firmei residência aqui com tantas lembranças se passando na minha cabeça e um desejo errante de que ao chegar ela estivesse aqui me esperando insistiu em se infiltrar através dos meus sonhos.

Por esse motivo que larguei tudo essa tarde na empresa e fui a sua procura, chegando na Cafeteria, que somente hoje percebi que tem o nome de um rio português, país natal do seu poeta favorito, tive que batalhar para vê-la, a atendente insistiu que não poderia interrompê-la naquele momento ou seria demitida pelo seu chefe e isso me confundiu pra caramba, a chefe não é a Karen, por que se referiu a ela como se fosse homem? Mas com alguma persuasão consegui que me levasse até ela.

Confesso que fiquei impressionado com a estrutura montada além da cozinha, a divisão de ambientes evita que haja alguma confusão nos preparos das encomendas, segundo a funcionária prontamente me informou. Quando fui deixado para trás e ouvi uma voz masculina meu sangue ferveu e o ciúme

foi mais forte do que eu, prometi a garota que ficaria ali esperando, mas não suportei a ideia da minha mulher com outro, sim, ainda trago no peito a tola ideia de que ela e eu somos um do outro. Quando meus olhos pousaram sobre ela foi como fazer uso do bálsamo para toda a dor que sentia, no entanto encontrar aquele sujeito com o braço firme na sua cintura me fez ver em vermelho e por pouco não fiz besteira. O alívio ao notar que ele não representava nenhum perigo para mim foi enorme, sim, eu confesso.

Mas vê-la assim tão frágil diante de mim me paralisa e penso que talvez tenha me precipitado em procurá-la. Minhas pernas se movem automaticamente em sua direção e a envolvo com meus braços, meu corpo inteiro treme por tê-la perto depois de tanto tempo e inspiro seu cheiro floral, ainda tão conhecido, mas com uma nuance a mais, que o deixa ainda mais embriagante. Suas mãos pequenas se agarram a minha camisa e um soluço doloroso sobe pela sua garganta, aperto-a um pouco mais antes de erguê-la nos meus braços e sentar no sofá com ela no meu colo, nesse momento quero ser o que ela precisar de mim. Sua cabeça se aloja na junção do meu ombro e pescoço e ficamos assim por um longo tempo até que seus soluços vão diminuindo e os tremores do seu corpo começam a parar.

— D-desculpe — diz, começando a sair do meu colo e por mais que não queira perder o contato das nossas peles eu a deixo levantar.

— Não, eu é que peço desculpas, achei que você estaria preparada

para conversarmos, mas não pensei que seria assim. — Estou realmente constrangido pelo meu egoísmo.

— Não fez nada de errado, Elano, eu já estava pensando em te procurar mesmo. — Ergue a cabeça e fecha os olhos com força. — Eu deveria estar preparada para vir aqui, mas desde que fui embora não voltei, essa casa tem muitas lembranças que... — sua voz falha no fim.

— Se quiser ir embora... — De repente nada do que pensei em lhe falar é mais importante.

— Não, precisamos conversar, não posso adiar isso por muito mais tempo, não é justo, só não sei como começar — fala com pesar e meu peito se contrai.

— Tente pelo início — sugiro e ela balança a cabeça em concordância. — Por que não senta enquanto pego algo para bebermos? Pelo visto não será uma conversa rápida. Quer uma água, um chá, algo com álcool? — Tento amenizar a tensão, mas o piadista da família é Giuliano, não eu.

— Uma água está bom! — Balança a cabeça já sentando e vou para a cozinha, apenas quando chego lá e começo a encher o copo noto que minhas mãos tremem, pelo jeito não é só ela que está nervosa com essa conversa.

Volto à sala e a encontro sentada na poltrona de frente para o sofá, é a

mesma que tinha no quarto dela, apenas mandei reformar e a forma como senta com as pernas recolhidas me dá uma ideia de como ficava nela quando adolescente.

— Você fez um excelente trabalha nela — diz, acariciando o braço da poltrona.

— Conheço a pessoa certa para esses trabalhos. — Rio quebrando um pouco do nervosismo.

— Isso é bom. Obrigada! — Pega a água e toma um grande gole, sento no sofá a sua frente e espero. Respira fundo e solta o ar pela boca antes de começar. — Não sei se você soube, mas na madrugada seguinte ah... Hum, eh... Bem, o baile da escola, recebemos um telefonema da companhia área pela qual meu pai e irmão viajavam depois das Olimpíadas de Biologia no Chile, uma pane elétrica não muito bem explicada levou o avião ao chão e não sobreviveu ninguém.

Puxa o ar com força e me pego repetindo os seus gestos, de repente tudo a minha volta se torna uma profusão de imagens desconexas, enquanto ela me conta como foi que teve que tomar a dianteira da situação uma vez que a mãe estava em choque. Eu lembro que estávamos na Itália quando a notícia desse acidente chegou até nós, mas estávamos tão concentrados nos últimos suspiros da *nonna* que não me liguei a isso.

— Eu tentei ligar para você da Argentina, mas ninguém atendeu e estava tudo uma confusão sem tamanho, mamãe ficava lúcida lá por poucos minutos e ainda assim só chorava, foram os quatro dias mais difíceis da minha vida e quando enfim voltamos com os corpos fomos de Guarulhos direto para Pedra Bela, minha família é de lá e os meus tios cuidaram dessa parte para nós. Fiquei por lá uma semana inteira, foi quando mamãe tentou se suicidar cortando os pulsos, ela foi levada para uma clínica psiquiátrica e meus tios decidiram que não tínhamos condições de voltarmos para casa, vim com eles para fazer as malas definitivamente e mais uma vez tentei entrar em contato com você e não tinha ninguém em casa aparentemente.

As lágrimas voltam com força e posso sentir a dor por trás das suas palavras, saber que ela passou por tudo isso sozinha me enfurece assim como aconteceu naquela época, eu sabia que não tinha simplesmente ido embora e me esquecido, aquela dor no meu peito não era por ter sido deixado e sim por saber que algo não estava certo nessa história.

— Eu sinto muito, Karen! — Me aproximo e sento sobre minhas pernas a sua frente, seguro suas mãos e começo a esfregá-las ao notar que estão geladas.

— Já faz muito tempo, eu precisei tanto de você naqueles dias, quando olhava para minha vida nada fazia sentido, estava tão perdida, tão sem rumo...

Puxa uma lufada de ar e me sinto o mais miserável dos homens por não estar com ela quando mais precisou, mesmo que diga mil vezes o quanto sinto por tudo que passou não seria suficiente e virá um tanto tarde. A lembrança dela aos quinze anos enche minha mente e sinto o meu peito comprimir a ponto do ar me faltar. Culpa, tristeza, raiva, desespero, medo, tudo isso se mistura no meu peito e beijo suas mãos diversas vezes sem conseguir expressar em palavras o que estou sentindo.

— Onde você estava, Elano, por que sumiu? — seu sussurro quebradiço faz os cacos do meu coração se estilhaçarem em pedaços tão pequenos que não contenho mais as lágrimas, deixo elas virem e correrem livremente.

— Eu, a minha bisavó que morava na Itália estava muito mal, viajamos na manhã seguinte ao baile e ficamos lá por quase um mês, eu não sabia, me perdoe por não estar aqui para você quando mais precisou de mim. Quando voltamos e vim te procurar e não encontrei foi desesperador, ninguém parecia saber de nada sobre vocês ou não quiseram me falar, fui a escola e tentei encontrar aquela sua amiga que estava sempre ao seu lado, mas ela também não aparecia, era como se tivesse evaporado. Ninguém me disse o que aconteceu com o seu irmão, do contrário não teria parado de procurá-la esses anos todos, jamais.

Suas mãos tocam o meu rosto e secam as lágrimas com um afago,

ergo meus olhos e vejo que apesar de todos esses anos aquele sentimento puro de adolescente ainda está aqui, pois me olham como naquela noite quando se entregou para mim e nos amamos de corpo e alma sob as estrelas.

— Eu sinto muito que tenha passado por isso também, Elano, foi uma sucessão de tragédias, não é mesmo?

— Sim, as piores possíveis — respondo, apertando os olhos para tentar assim estancar as lágrimas.

— Eu aprendi ao longo desses anos que sempre há um por que em tudo, não que seja fácil enxergarmos, às vezes será desesperador, eu sei, eu vivi momentos que pensei que não fosse possível suportar mais um segundo, ainda assim estou aqui, não estou? — Um sorriso tímido surge em meio as suas lágrimas e sem pensar muito levo meus lábios aos seus, o toque causa uma corrente elétrica poderosa e arfamos juntos. Tão logo acontece, ela se afasta e me olha assustada.

Pronto, meti os pés pelas mãos e estraguei tudo novamente, que merda há de errado comigo?

Capítulo Doze



Colhe o Dia, porque És Ele

Uns, com os olhos postos no passado,
Veem o que não veem: outros, fitos
Os mesmos olhos no futuro, veem
O que não pode ver-se.

Por que tão longe ir pôr o que está perto —
A segurança nossa? Este é o dia,
Esta é a hora, este o momento, isto
É quem somos, e é tudo.

Perene flui a interminável hora
Que nos confessa nulos. No mesmo hausto
Em que vivemos, morreremos. Colhe
O dia, porque és ele.

Ricardo Reis, in "Odes"



O toque dos seus lábios nos meus, apesar de suave, desperta algo que até então pensei ter perdido, aquela corrente que se cria a partir de onde a pele se toca e toma o corpo inteiro em um calafrio que acende até sua alma e o mundo parece que ganha um tom diferente. O choque e rapidez com que isso aconteceu me fez recuar assustada com a invasão de sensações, no entanto, olhando para a forma constrangida com que me fita, acho que interpretou erroneamente minha reação.

— Me desculpe, não deveria ter feito isso, você contando sobre tudo que aconteceu e eu deixando meus impulsos me dominarem — diz levantando. Ele está se afastando de mim, da mesma forma que fez aquele dia na Flor do Tejo.

— Não peça desculpa, por favor? — Levanto não querendo que uma barreira se forme entre nós, não quando já houve tantos maus entendidos nesses dez anos.

— Eu senti sua falta, Karen, senti muita falta — fala, enfiando as mãos nos cabelos fartos e puxando uma respiração, como se confessar isso

estivesse lhe cobrando muito de si.

— Sei que sentiu, também senti, mas muitas coisas aconteceram, você mudou, eu mudei, nossa forma de ver a vida e as prioridades mudaram — digo mais para mim do que pra ele, preciso colocar no meu coração a ideia de que aqui na minha frente não está o mesmo garoto de antes, ainda que seus olhos me mostrem que talvez seja sim, o meu Elano.

— Nem tudo mudou — sua voz vem baixa.

O meu coração dispara gritando para a minha mente que devo acreditar nele, que ainda temos uma chance de recomeçar mesmo depois desse vácuo temporal.

— Tem certeza? Até onde sei você é o cretino número dois!

Sei que usar o apelido que Victor se referia a ele quando estava com raiva do mundo não é justo, principalmente por que Ari me disse que não era bem assim, mas pensar nele assim me ajuda a manter a mente no lugar.

— Não sei o que Victor e Ari te contaram sobre mim, mas as pessoas só sabem o que eu deixei que soubessem, com eles não foi diferente.

Seus olhos brilham para mim igual àquela tarde quando me confessou gostar de poesia e pediu que guardasse segredo, pensando por esse lado é bem possível que tenha se mantido reservado em relação a tudo na sua vida. Sinto minha força de vontade de mantê-lo afastado começar a se esvair, por

isso desvio meus olhos dos seus e viro-lhe as costas, fingindo observar a casa, como se não estivesse praticamente igual. No entanto, meus olhos são atraídos para a coleção de fotografias sobre o *rack* de madeira.

Meus pés vão naquela direção sem o meu comando, são vários porta-retratos e estou em todos, alguns sozinha, em outros estamos juntos. Sinto as lágrimas voltarem com força total, minhas pernas fraquejam e ajoelho ficando com o rosto na altura certa para vê-las. Ele manteve elas aqui ou só fez isso depois que decidiu me trazer para essa conversa?

"*Isso faz diferença?"*, aquela voz chata na minha mente se intromete, mas a verdade é que importa sim, se estão aqui desde sempre significa que ele fez de tudo para não me esquecer, não apenas comprou a casa que foi da minha família, como também a deixou quase igual e fez desse móvel um pequeno memorial do que vivemos. Será possível que ele ainda me ama?

Meus olhos vão para ele, parado a dois passos de mim e vejo como parece nervoso ao mudar o peso do corpo de um pé para o outro, as mãos nos bolsos dianteiros da calça também são uma característica que sempre indicou que estava se segurando para não fazer algo que queria muito, foi assim que ficou antes do nosso primeiro beijo.

— Você... — Forço minhas pernas a se erguerem, meu corpo ansiando estar perto do seu o máximo possível, um ímã invisível nos atraindo de forma inevitável.

— Eu não esqueci de você um só dia — diz com aquele franzir de lábios e os coloca um pouco para o lado. — Seria como esquecer de respirar.

— Elano... — tento falar, mas as palavras ficam presas na minha garganta.

— Karen!

Seus braços circulam minha cintura antes que sua mão segure firme no meu pescoço e seus lábios desçam sobre os meus, fazendo tudo se tornar secundário a minha volta, meus braços indo ao seu pescoço e nossos corpos colando até que nem o vento ultrapasse o espaço entre eles. Sua língua chama a minha para o duelo que há tanto não sei como se luta e não resisto, deixo que me beije e o beijo derramando em seus lábios toda a saudade, tristeza, medo e amor que sempre esteve em meu coração.

— Karen! — repete meu nome ao separar nossos lábios buscando por ar, mas logo está deslizando-os pelo meu pescoço e um arrepio me sobe a espinha junto com aquele desejo abrasador que se torna líquido e deságua entre minhas pernas, gemo sem conseguir controlar, faz muito tempo que não sinto algo remotamente parecido e essa invasão de sentimentos me deixa

tonta. — *Dio Santo*, pensei que nunca mais ia tê-la assim nos meus braços de novo, como eu senti falta disso.

Volta a me beijar descendo as mãos pelas minhas curvas e puxa minhas pernas até me ter em seus braços, cruzo meus pés atrás dele e o beijo com a mesma intensidade, sua excitação se fazendo presente entre nós e gememos com o atrito dos nossos corpos. Minhas mãos vão aos seus cabelos e sinto a maciez igual a antes, puxo de leve e ele grunhe ao sentar no sofá comigo no seu colo, um calor intenso se apossando do meu corpo de repente vestido demais. Suas mãos empurram o meu casaco e aproveito para puxar sua camisa, separando nossos lábios apenas quando preciso passá-la pela sua cabeça.

Abro os olhos e analiso seu abdômen cheio de músculos que antes não existiam, meus dedos vão até ele e dedilham como se fosse um piano e a cada toque sua respiração fica mais pesada. Subo para o seu peito coberto por uma fina penugem acariciando ali também, quando seguro no seu pescoço e o olho no seu rosto vejo o dourado tomar conta do verde e aquele sorriso maroto que deixa uma pequena covinha se formar no lado esquerdo surgir.

"Tão parecido com a nossa filha...", o pensamento me vem e tensiono meu corpo, ele não parece notar ou se o faz, disfarça, pois traz seus lábios para o meu pescoço e começa a distribuir pequenas mordidas que me

fazem gemer descaradamente e os pensamentos coerentes me somem no momento que suas mãos tocam meus seios sobre a camiseta e o líquido ao sul do meu corpo aumenta consideravelmente. Se não lhe parar agora não terá volta e por mais que meu corpo anseie por isso há anos, não posso ser egoísta e medrosa.

— Espera! — digo sem fôlego.

— Por quê? Eu quero e sei que você também — Beija o canto da minha boca.

— Eu quero, mas não podemos, ainda não! — Seguro suas mãos que começam a subir minha camiseta e as trago até os lábios para beijá-las. — Eu preciso te falar uma coisa antes.

— Não me diga que você tem alguém? — Seus olhos aumentam de tamanho e mais uma vez noto semelhança com Giovanna.

— Não, quer dizer, sim, é complicado! — Como vou explicar para ele?

— O que é complicado, Karen? Ou tem ou não.

Solta suas mãos e essa é minha deixa de sair do seu colo, tento ajeitar o máximo possível minha roupa e cabelos bagunçados para que possa dar a ele a notícia que pode nos unir cada vez mais ou afastar de uma vez, pois

ninguém é mais importante para mim do que minha filha.

— Eu tenho alguém, Elano, mas não é como está pensando, ela veio de forma inesperada.

— Ela? Eu não sabia que você... — sua voz vai sumindo e um tom de vermelho toma sua face. — E não pareceu que fosse agora há pouco. Você é bissexual, é isso? — Sua expressão é impagável, se não estivesse tão nervosa estaria rindo da sua cara.

— Não, eu não sou, mas e se fosse? — lanço a pergunta para amenizar a tensão nos meus ombros.

— Eu não sei, a única coisa que sei é que eu quero você, sempre quis e se tiver que lutar com alguém para isso ser possível, o farei — diz, dando um passo em minha direção e antes que me envolva novamente pelos seus braços ponho as mãos sobre seu peito e o sinto tremer.

— Não precisará lutar com ninguém, a não ser consigo mesmo, pois vai depender de como reagir ao que lhe contarei, senta — peço e ele estreita os olhos.

— Está me assustando Karen Dorothy! — Meu nome não deveria ficar adorável na sua voz. — Aliás, por que não me disse que tinha dois nomes?

— Porque... — Não sei a resposta. — Sei lá, nunca surgiu o assunto.

Coloque a camisa, por favor, não consigo pensar direito olhando você assim.

Desvio os olhos do seu tanquinho perfeito para lavar roupa até não se aguentar mais. Não quero conversar com ele sobre algo tão importante com a distração do seu corpo me fazendo babar.

— Isso a perturba? — Ergue uma sobrancelha com aquele sorriso travesso estampado no rosto, cretino!

— Coloca logo essa camisa, caramba! — digo, estreitando os olhos para ele antes de voltar a sentar na minha antiga poltrona.

— Pronto, satisfeita? — Balanço a cabeça em concordância. — Agora fala.

Meus olhos vagam por todo o cômodo enquanto eu crio coragem para lhe contar tudo o mais que aconteceu e me fez evitar procurá-lo por todos esses anos.

— Quando fui embora e as coisas se aquietaram um pouco eu comecei a planejar uma forma de voltar quando chegasse a maior idade, na fazenda não tínhamos telefone e a ida para a cidade era coisa esporádica, mas eu tinha um plano, assim que começasse a estudar novamente continuaria tentando entrar em contato com você. — Não olho para ele, as batidas do meu coração sendo ouvidas até fora do corpo.

— O que mudou? — Meu olhar encontra o seu e vejo a ansiedade ali

também.

— Eu descobri que estava grávida! — solto de uma vez, se ficasse dando voltas era capaz de não conseguir.

— Grá-grá-ávida? — gagueja e seus olhos aumentam de tamanho. — Você estava esperando um filho meu?

— Filha, eu tive uma filha sua. — Minha boca fica seca e a respiração tão rasa quanto a sua.

— Temos uma filha? Como?

A pergunta não é de todo absurda, afinal usamos camisinha, na época eu também me fiz a mesma pergunta.

— Eu não sei explicar, não conferimos se aquela camisinha estava furada ou não, o fato é que dois meses e meio depois que fui embora e semanas passando mal minha tia não me deixou quieta até que me levou a um médico, pensava que era estresse ou algo do tipo, afinal tinha perdido minha família inteira em tão pouco tempo, mas depois de um exame a gestação foi confirmada. E se com a morte do meu pai e irmão me senti sem chão e perdida, aquela notícia foi como um sopro de ar fresco, era um pedaço seu criando vida dentro de mim e eu já o amava muito por isso.

As lembranças do que foi ouvir os batimentos cardíacos da minha filha pela primeira vez traz lágrimas aos meus olhos como aconteceu naquele

tempo.

— Eu tenho uma filha e durante todo esse tempo você não me procurou para contar... Será que não pensou que eu merecia ficar sabendo de algo tão importante assim? Você foi embora esperando um filho meu, não foi como tivesse levado uma peça de roupa ou um bichinho de estimação, é uma criança que eu não estive presente na vida dela por todos esses anos.

A acusação na sua voz não me assusta, estava esperando por isso, mas admito que o fato de não questionar a paternidade e parecer chateado não por termos uma filha, sim com o fato de não estar presente na vida dela me agrada, no entanto, como tudo na minha vida, nada é tão simples assim.

— Eu ia fazer dezesseis anos, *porra*, minha mãe estava internada e meus tios eram meus responsáveis legais, mas não se opuseram quando eu decidi que queria ter o bebê, cuidaram de mim e não me deixaram sair de perto deles quando no terceiro mês tive um início de aborto e minha pressão começou a subir, por meses o médico da família foi à fazenda para me atender em casa assim não correria o risco de algo acontecer no trajeto devido à estrada ruim até a cidade. Acha que eu não queria você perto de mim? Só que depois de tentar te ligar quando meu pai e irmão morreram cheguei a pensar que o número que me deu estava errado, eu era só uma garota que estava grávida do primeiro namorado que tinha ido embora e não pensava muito racionalmente com tanta coisa acontecendo num espaço de tempo tão

curto.

Ele não pode me culpar por ter que jogar com as cartas que me foram dadas pelo destino, tive que aprender muitas coisas num espaço de tempo limitado e com restrições devido a minha condição clínica.

Capítulo Treze



Cansaço

Há sem dúvida quem ame o infinito,
Há sem dúvida quem deseje o impossível,
Há sem dúvida quem não queira nada —
Três tipos de idealistas, e eu nenhum deles:
Porque eu amo infinitamente o finito,
Porque eu desejo impossivelmente o possível,
Porque quero tudo, ou um pouco mais, se puder ser,
Ou até se não puder ser...

E o resultado?
Para eles a vida vivida ou sonhada,
Para eles o sonho sonhado ou vivido,
Para eles a média entre tudo e nada, isto é, isto...
Para mim só um grande, um profundo,
E, ah com que felicidade infecundo, cansaço,
Um supremíssimo cansaço,
Íssimno, íssimo, íssimo,
Cansaço...

Álvaro de Campos



Ouço o relato de Karen sobre como foram os meses de gestação da nossa filha e caramba, temos uma filha. Meu coração está batendo tão acelerado que acho que se espirrar o terei jogado no tapete da sala. Meus olhos fitam os olhos dessa menina mulher que mesmo com tão pouca idade viveu coisas que muitas pessoas levam uma vida e não sabem o quão implacável o destino pode ser.

— E depois que ela nasceu? — minha voz sai arranhada pela garganta apertada.

— Depois que Giovanna nasceu... — Meu coração para de bater mais uma vez num intervalo de tempo minúsculo.

— Você deu a ela o nome da minha mãe? — Meus olhos voltam a ficarem turvos de lágrimas.

— Sim, eu queria que ela tivesse algo da família e você sempre falava da sua mãe com tanto carinho que achei adequado nossa filha receber o nome da avó. — Ela parece insegura quanto a isso e se não estivesse tão impactado com tudo a puxaria para os meus braços e a beijaria até perdermos a noção de

tudo.

— Eu agradeço que tenha pensado assim, mas ainda não sei por que não me procurou, eu fiquei louco quando os meses foram passando e nada de você aparecer, quando passei aqui em frente e vi a placa de “vende-se” perdi as esperanças de uma vez por todas, isso significava que não voltaria.

— Por isso que a comprou?

— Sim, era uma forma de ter você por perto, por um tempo eu conseguia sentir seu cheiro em alguns cômodos, só depois que sumiu que resolvi reformar. — Ela sorri entristecida.

— Como ia dizendo, após o nascimento de Giovanna eu fiquei com medo de procurar você, mesmo que soubesse que era errado não fazer isso, mas foi justamente nessa época que minha mãe teve uma melhora considerável e foi para a fazenda, ela se apegou a nossa menina e eu não poderia sair de perto dela, não enquanto ainda estava tão debilitada, ela tinha dias realmente bons, mas outros em que a depressão a tirava por semanas do convívio da família, sempre isolada no seu quarto. Com isso os meses foram passando, Giovanna crescendo e ficando cada vez mais parecida contigo e eu sempre dizia a mim mesma que quando minha mãe se mantivesse estável por mais do que uma semana iria atrás de você, mas então dois anos depois ela teve pneumonia e se foi, Anna foi toda a família que me sobrou e eu não achava justo chegar na sua vida depois de quase três anos com uma filha nos

braços, nem sabia se você ainda morava por aqui. — Dá de ombros e mesmo se eu quisesse não conseguiria ficar com raiva dela.

— Eu as teria recebido de braços abertos e as amaria, mas entendo que você lidou com muita coisa nesses anos, no entanto não deixo de lamentar que tenha sido assim, tenho uma filha de quase dez anos que sequer sabe da minha existência ou que eu sempre sonhei como seria se os nossos mundos não tivessem se afastado.

— Eu sinto muito, o destino não foi justo conosco, mas a Anna de certa forma te conhece, tenho comigo as fotos da noite do baile e contei tudo sobre nós, bom, a parte que se dá para contar a uma criança. — Suas bochechas ganham um tom rosado lindo.

— Ela pergunta por mim? — O medo de não ser alguém que minha filha queira conhecer aperta o meu peito.

— Todos os dias, Giovanna é muito esperta e sonha em te conhecer, por mais que não diga por saber que me afligia não poder realizar um sonho dela.

O ar a minha volta fica escasso, levanto e passo as mãos na cabeça algumas vezes tentando colocar as ideias em ordem. Não sei qual emoção é mais forte no meu peito nesse momento, elas se misturam e separam em uma velocidade tão rápida que é difícil raciocinar. Ando de um lado a outro até

parar na cozinha, mesmo que queira beber algo forte para diminuir essa sensação de estar me afogando não o faço, quero toda a lucidez possível, por isso me sirvo um copo d’água e tomo em um gole só.

Quando volto a sala encontro ela sentada no mesmo lugar, os olhos fixos nas mãos que parecem tremer um pouco e há lágrimas deslizando por seu rosto, me sinto mais uma vez um miserável por ser o causador delas, mesmo que não saiba o motivo exato, sei que tenho culpa. Por esse motivo, e por estar mais calmo, resolvo mudar a abordagem.

— Como conheceu Ariana? — Ela ergue a cabeça surpresa, estava entretida e não notou que eu tinha voltado, passa as costas das mãos nas bochechas e respira fundo.

— Um mês depois da morte da mamãe minha prima, Erica, foi para a fazenda em Pedra Bela e me convenceu de que estava na hora de voltar a pensar em mim e no futuro que eu queria dar a minha filha, não pensei muito, fiz as malas e me mudei para Atibaia. Conheci a Ari na escola quando voltei a estudar, estava um pouco atrasada, mas fiz o último ano do ensino médio e ela era da minha turma, logo nos tornamos amigas e mesmo quando veio estudar aqui nossa amizade continuou e por todos esses anos ela insistiu que eu deveria me mudar também. Só depois que me formei e fiz especialização em Confeitaria que peguei o dinheiro da venda dessa casa e algumas economias que tinha guardadas, minha família tem uma renda das fontes de

águas minerais que existem nas nossas terras e depois da morte da mamãe a parte dela ficou para mim, quando tive o suficiente vi que era hora de voltar.

— E por que não veio antes? — Quero saber de tudo sobre ela.

— Não tinha como, eu estudava porque os meus tios, pais de Erica, cuidavam de nós duas e passaram a ser os avós de Giovanna, foi graças a ajuda deles que consegui fazer faculdade de Gastronomia, se viesse para cá não teria com quem deixá-la e jamais me afastaria da minha filha — a ferocidade com que fala me diz o tipo de mãe que ela é e isso me deixa muito feliz.

Eu entendo tudo isso o que ela falou, juro que entendo, mas são muitos anos longe da minha filha para que eu simplesmente vire para ela e diga que está tudo bem. De repente conhecê-la se tornou primordial, nem faz uma hora que soube da sua existência e essa menina que nunca vi domina meus pensamentos.

— Quando poderei conhecê-la? — pergunto, ajoelhando em frente a ela, nossas cabeças na mesma altura e seus olhos castanhos brilham do mesmo jeito que brilharam para mim anos atrás e sinto meus batimentos cardíacos pararem por um segundo e retornarem a bater duas vezes mais rápido.

— Me dê um dia, preciso conversar com ela primeiro — diz e seus

olhos descem até os meus lábios, minha língua sai e desliza pelo meu lábio inferior e a vejo engolir em seco.

O desejo está aqui novamente, meu amigo sedento ganha vida e aperta o zíper da calça *jeans*, mas esse não é o momento para isso, a loucura de agora há pouco pode esperar.

— Não me olhe assim, Elano, por favor? — pede em um fio de voz.

— Eu estou tentando, mas *tá* difícil — confesso e levo a mão ao seu rosto, a forma como deita a cabeça para receber o meu toque é indescritível. — Eu quero você na minha vida outra vez, Karen, nunca deixei de querer, mas sei que há questões mais importantes a se resolver e só por isso não vou deitá-la nesse tapete e matar a saudade que nossos corpos sentem um do outro.

Os olhos dela se arregalam e aquele brilho libidinoso surge, junto com um corar e a respiração acelerada, me inclino e beijo o topo da sua cabeça mantendo meus lábios sobre sua pele para que um pouco dessa ânsia de senti-la diminua.

— Sei esperar, já fiz isso por dez anos e precisamos desse tempo para que voltemos a conhecer tudo um do outro, eu vou te provar que você e a nossa menina estarão seguras ao meu lado — digo e ela pisca.

— Como sabe que eu...?

— Está estampado nos seus olhos, minha musa, mas como disse farei por merecer, começando em conhecer nossa filha.

— Eu fico muito agradecida pelo seu gesto, me diz muito e o faz ganhar muitos pontos aqui. — Toca o peito. — E aqui. — Toca a cabeça e sorri daquele jeitinho tímido que me faz lembrar da Karen adolescente e não me controlo, a beijo com suavidade por poucos segundos, mas ainda assim um beijo que serve para acalmar a minha fera interior por enquanto.



Elano para o carro em frente ao edifício onde moro, o caminho até aqui foi feito em um silêncio confortável, deitei a cabeça no vidro da janela e fiquei olhando a minha cidade favorita no mundo, não que tenha visto muitas, passar por mim. Desde que voltei não tinha me permitido algo assim, sempre estava no volante, logo precisava estar atenta a tudo. Durante o trajeto meus lábios mantiveram a sensação que foi ter Elano me beijando, senti todo o carinho que quis transmitir ao tocar meus lábios com tanta suavidade, por um momento foi como se o tempo não tivesse passado e o amor que sentimos estivesse mais vivo do que nunca.

“Mas será possível que mesmo depois de tantos anos longe esse sentimento tenha se mantido intacto?”, essa pergunta não para de rodar na minha mente, eu desejo ardentemente que ele consiga me mostrar que está pronto para assumir seu lugar na vida da nossa filha, pois não há nada que me faça colocar Giovanna no meio de uma possível ilusão amorosa, mesmo que seja com o pai dela, nesse caso seria mais doloroso para aceitar, eu sei que sim.

— Chegamos — digo depois que nenhum parece disposto a sair do lugar.

— É — Elano fala e seu olhar vai para o edifício com uma emoção nova nele. — Como eu faço para falar com você?

Aquele frio parecido com pânico de estreia toma conta do meu estômago e puxo uma respiração profunda, movimento errado, o carro é repleto do cheiro dele e esse me atinge em cheio, seguro o suspiro de prazer que ameaça me colocar em apuros. Me remexo e pego um dos cartões da Cafeteria dentro da bolsa, agradeço a Marcos em pensamento por ter os feito e me forçado a andar com eles.

— Pode me ligar. — Estendo o cartão para ele e sua mão envolve a minha, o calor se espalha por todo o meu braço e restante do corpo assim que meus olhos encontram os seus.

— Eu não quero me afastar, tenho medo de que na hora que você sair por essa porta eu descubra que foi apenas um sonho, que não te reencontrei e vou estar em casa sozinho outra vez — suas palavras saem carregadas de uma dor antiga, sei bem como ela é, pois a vivenciei.

— Mas é tudo real, Elano! — Toco seu rosto com a minha mão livre e seu rosto se inclina para receber o meu toque assim como fiz na sua casa. — Pode me sentir, está vendo? — Ele vira a cabeça e me beija a palma da mão.

Esse simples gesto faz o desejo correr solto pelas minhas veias, é como se tivesse um ímã me puxando para ele e quando menos espero estou com o rosto a milímetros do seu, seus lábios se abrem e o hálito faz cócegas sobre os meus, é impossível segurar o gemido rouco que me escapa.

— Eu sinto você em cada um dos meus poros, Karen — diz antes de juntar nossos lábios e sua língua adentrar minha boca em um beijo dominador que faz todos os pelos do meu corpo se eriçarem, esse tem um sabor diferente, é como se estivéssemos saboreando um ao outro e demarcando-nos como nossos.

Acaricio seu rosto antes de deslizar a mão por seu cabelo e puxar sua cabeça para mim, como se nada fosse perto o suficiente, se pudesse me fundir a ele e nunca mais deixá-lo longe do meu toque, o faria. Meu coração dispara com a possibilidade desse ser o último beijo entre nós e passo eu a tomar sua boca e para minha surpresa ele se rende a mim sem reservas, as mãos

segurando-me firme a cintura, me puxando para perto, infelizmente a alavanca da marcha não permite que nossos corpos se colem, o que é bom, do contrário não conseguiria dizer não para ele, de forma alguma meu corpo conseguiria resistir ao seu toque mais íntimo sem sucumbir.

— Se você não sair agora mesmo eu irei levá-la de volta para casa e não te deixarei sair tão cedo — diz, colando sua testa na minha e respirando com dificuldade como eu.

— Minha filha está me esperando — digo, não sei se para convencê-lo ou a mim.

— Nossa filha! — corrige-me, mas não com raiva, o sorriso de lado que tanto amo brota nos seus lábios e os olhos verdes brilham me olhando. — Eu não sei como vou dormir essa noite, mas sei que precisa do seu tempo para conversar com ela, só não demore muito, por favor?

Seu pedido me quebra por inteira, se já tinha planos de conversar com Giovanna assim que chegasse em casa, tenho cada vez mais certeza ainda sobre isso. Eles já passaram muitos anos longe e seria egoísmo meu adiar esse encontro por mais tempo.

— Amanhã, no fim do dia na Flor do Tejo, ela precisa estudar e assim tenho tempo de prepará-la.

— Obrigado! — Sorri e me beija estalado antes de distribuir beijos

pelo meu rosto. — Eu prometo que vou tentar ser o melhor pai para ela.

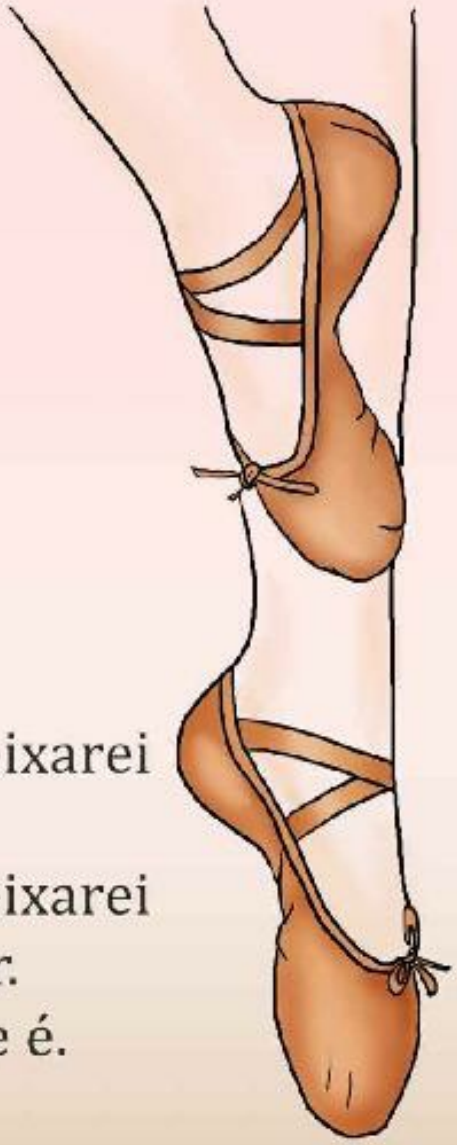
— Eu sei que vai — digo e sinto realmente isso.

— E vou reconquistar você também! — a seriedade com que fala faz as borboletas voarem livremente no meu estômago.

— Acho que isso não será tão difícil — admito e lhe dou um selinho já abrindo a porta.

O sorriso que me dá em resposta me faz suspirar e é preciso toda a minha força de vontade para obrigar meus pés a me levarem para longe dele, que por sua vez fica parado até me ver passar pela portaria do prédio e só então acelera e vai embora.

Capítulo Catorze



Amo o que vejo porque deixarei

Amo o que vejo porque deixarei
Qualquer dia de o ver.
Amo-o também porque é.

No plácido intervalo em que me sinto,
Do amar, mais que ser,
Amo o haver tudo e a mim.
Melhor me não dariam, se voltassem,
Os primitivos deuses,
Que também, nada sabem.

Ricardo Reis

Dorothy

— Oi, mãe! — a saudação chega até mim assim que passo pela porta. Giovanna está sentada no sofá assistindo uma das muitas séries que curte, a da vez é sobre um grupo de crianças que lutam contra coisas sinistras na cidade que moram.

— Oi, filha, como foi a aula? — faço a pergunta de sempre e vejo como seus ombros caem um pouco.

— Foi bem — sua resposta não me convence, minha filha não é de ficar cabisbaixa assim por qualquer coisa.

Caminho até ela e sento no sofá ao seu lado, não preciso dizer o que fazer, logo aperta o botão e pausa o episódio, ficando de frente para mim.

— Então, o que aconteceu? — Seus olhinhos verdes brilham com as lágrimas não derramadas.

— Fui convidada para fazer uma apresentação de dança na escola — diz e olha para o outro lado.

— Amor, isso é muito legal, você adora dançar, não entendo por que esta carinha tristonha. — Realmente não entendo, uma das preocupações de

Giovanna ao nos mudarmos foi que não pudesse se apresentar com o balé da escola como fazia em Atibaia, Antonio precisou garantir que conversaria com a professora da escola nova para tranquilizá-la.

— É, mas é uma dança para comemorar o início da primavera e ao final terá uma homenagem e todas as garotas irão até seus pais para entregar algo e eu não tenho um para fazer isso. Não fique com raiva, mamãe, a senhora é a melhor mãe do mundo inteirinho, eu juro que é, mas... — Morde o lábio e uma lágrima desliza pela sua bochecha.

— Venha aqui, vem? — Abro meus braços e minha menininha logo está no meu colo. Meu coração aperta por vê-la segurando a emoção a todo custo. — Você tem um pai.

Acaricio seu cabelo loiro que agora chega até a cintura, ela me fez pintar o cabelo de loiro para ficarmos parecidas, mas quando disse que cortaria o meu ela implorou para que não fizesse o mesmo com o dela e respeitei sua vontade, minha filha é vaidosa, muito mais do que eu.

— Eu sei, mas ele não mora com a gente. — Funga, passando os braços pelo meu pescoço e deitando a cabeça no meu ombro.

— Você gostaria de conhecê-lo? — pergunto mesmo que já tenha certeza da sua resposta.

— Se tivesse como eu queria, queria muito mesmo — a sinceridade e

respostas diretas de Giovanna sempre me impressionam.

Minha filha cresceu muito e tem uma compreensão maior do que os seus nove anos sugerem, às vezes esqueço fácil de que dentro dessa garota responsável que aprendeu a se defender desde cedo existe um serzinho frágil que esconde suas emoções até mesmo de mim. A primeira vez que notei essa característica nela tinha apenas cinco anos e descobri que tinha colocado um garoto dois anos mais velho do que ela no devido lugar ao defender uma coleguinha do balé da escola e só fiquei sabendo por que a mãe da garota veio nos agradecer no dia seguinte, quando perguntei ela apenas me olhou com esses olhinhos sérios e disse que achou certo, dando de ombros como se não fosse nada demais.

Ali vi que minha filha compreendia as coisas muito mais do que as outras crianças da sua idade e foi pouco depois disso que ela parou de me perguntar pelo pai, as vezes que o mencionava mudava o rumo da conversa quando notava que a resposta ficara-me presa na garganta. E durante todo esse tempo não fui capaz de notar como manter essas coisas para si a magoavam, me sinto uma mãe de merda nesse momento. Marcos tinha razão, já poderia ter dado um jeito deles se conhecerem e evitado que minha filha sofresse com a ideia de fazer uma homenagem para os pais sem o seu estar por perto.

— Ele também quer muito conhecer você, Giovanna — digo e ela se

afasta de mim para me olhar.

— Jura, mamãe? — pergunta e noto seu rostinho mudar a expressão de tristonha para esperançosa. Quero me bater por não ter feito isso antes.

— Sim, filha, eu encontrei o seu pai. — Controlo as lágrimas ao ver que as suas rolam livremente e seus lábios tremem levemente. Ela sempre evita chorar, sempre foi assim.

— E ele mora aqui ainda? — Os pontos dourados nos olhos ganham o verde quase que completamente e não posso deixar de lembrar de Elano.

— Sim, ele ainda mora em São Paulo e sim, ele quer mesmo conhecer você e se tudo der certo, talvez se apresente com ele assistindo.

— Será, mamãe? — Meus olhos transbordam de lágrimas ao ver seu peito subir e descer acelerado, espero que Elano cumpra a promessa que me fez, pois se decepcionar minha filha nada me impedirá de fazer picadinho dele.

— Lembre que eu disse talvez, seu pai trabalha e pode ser que não consiga ir. — Tento manter as expectativas controladas, não suportaria ver minha filha frustrada.

— Não tem problema, mãe, eu vou conhecer o meu pai e isso já é bom pra caramba. — Seca as lágrimas e me exibe um sorriso radiante. — Quando eu vou ver ele?

— Amanhã, depois da aula pedirei que o tio Toni leve você direto para a Cafeteria e lá poderão se conhecer. — A expressão sonhadora de Giovanna faz o meu peito apertar um pouquinho mais.

— Eu vou conhecer o meu pai, dá pra acreditar?

Fica em pé, dá uma pirueta perfeita e para de frente para mim, seus olhos de repente ficam cautelosos e não compreendo o que aconteceu.

— E se ele não gostar de mim, mamãe? — a pergunta me pega desprevenida e preciso me lembrar que a sua insegurança é normal.

— Claro que vai, como alguém não gostaria de uma coisinha linda como você? Por que acha que não? — Tento tranquilizá-la.

— Não sei, só que...

Dá de ombros e coloca os lábios de lado franzindo a testa pensativa, sei que deve estar catalogando todos os motivos, inexistentes, para o pai não gostar dela, por isso a puxo para o meu colo e abraço seu corpinho delgado até que suspira soltando o ar que prendia, mais uma coisa que faz quando está nervosa.

— O seu pai pediu para te conhecer, ele, mesmo nunca tendo a visto já te ama, sabe por quê?

Ela balança a cabeça de um lado ao outro e me olha esperando a resposta, espero que consiga convencê-la do contrário alguém não dormirá

nada essa noite.

— Porque você é a concretização do nosso amor, seu pai e eu nos amamos muito e o dia em que veio parar aqui na minha barriga foi muito bonito e ele sabe que alguém gerada com tanto amor é linda por dentro e por fora.

Ela sorri e seus olhos se iluminam, a ternura e encanto infantil neles me enchem o peito de um amor imenso, pois se tem uma coisa que nunca me foi dúvida é que naquela noite Elano e eu nos amamos, nossa filha é o fruto desse amor.

— Vocês ainda se amam, mamãe? — Eita que essa garotinha quando começa não para.

— Eu não sei como responder essa pergunta, filha. — Decido ir pela verdade. — Ficamos muitos anos separados, mas aconteça o que acontecer entre seu pai e eu, nada mudará o que sentimos no passado, nem o amor por você, bonequinha!

Ela pondera minha resposta por alguns minutos, os olhos se apertando um pouco ao me fitar, não desvio meu olhar dela e isso parece convencê-la, balança a cabeça e volta a me abraçar pelo pescoço. Ficamos assim abraçadinhas por um longo tempo, até que seu estômago ronca e rimos já levantando e nos dirigindo a cozinha para preparar nosso jantar. Giovanna

gosta de ser minha auxiliar na cozinha e acho que isso vem de família, pois segundo Ari, o tio dela é um padeiro de mão cheia e eu amo cozinhar de um tudo, principalmente doces e bolos, acho que no fim está no sangue dela a paixão pela gastronomia.



— Mãe? — Olho para a porta do quarto que acaba de ser aberta.

Sabia que a sua ansiedade iria ao limite depois que soubesse do pai, mas não poderia simplesmente chegar com ela amanhã na frente de Elano e dizer *"esse é o seu pai!"*, não mesmo.

— Oi, amor? — Afasto a coberta para o lado e com passos apressados se infiltra ao meu lado. — Não conseguiu dormir?

— Não, eu juro que tentei, mas meus olhos não me obedecem — diz franzindo a testa e não resisto, beijo ali com carinho.

— É normal quando se está ansiosa, mas sabe que precisa dormir, do contrário amanhã estará com olheiras *enooooormes*. — Arregalo os olhos para ela e vejo como os seus aumentam de tamanho também.

— *Nãooo,* eu não quero estar feia no dia que vou conhecer o meu pai. — Seguro o riso para o seu argumento.

— Isso é algo impossível de acontecer, você é linda de qualquer jeito, mas precisa sim dormir.

Puxo-a para junto de mim e beijo suas pálpebras antes que seus olhos me fitem ao morder o lábio. Sei que quer falar algo, mas está decidindo como pedir.

— Mamãe?

— Sim, amor?

— Você canta pra eu dormir? — Para Giovanna estar pedindo isso quer dizer que está mais ansiosa do que quer que eu note, faz muito tempo que ela disse que não era mais um bebê para dormir comigo cantando para ela, sempre querendo ser a mocinha perfeita.

— Claro, bonequinha, que música quer que eu cante? — Ela abre um sorriso lindo antes de me responder.

— Aquela de onde você tirou meu apelido!

Não preciso pensar sobre, tem uma canção do primeiro disco *Xuxa só para baixinhos* [16]que eu cantei muitas vezes para ela e vendo ela dormir comecei a chamá-la de bonequinha por causa da música, pois Giovanna sempre será minha bonequinha perfeita.

— Tudo bem, mas deve dormir antes que a música acabe, não vou repetir dessa vez — brinco com ela e me ergo um pouco na cama para que ela deite a cabeça sobre a minha barriga e eu possa acariciar seus cabelos loiros.

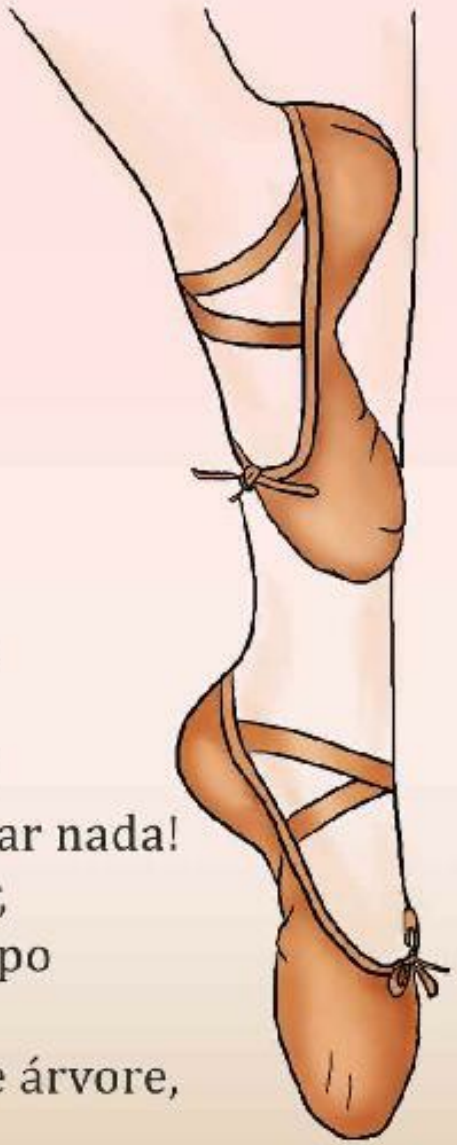
— *Tá* bom! — Sorri e começo a cantar.

— Eu tenho uma bonequinha assim
Ela veio de Paris pra mim
Ela tem um lindo chapéu
E também um amor de véu
Eu ponho ela em pé não cai
Ela diz mamãe papai
Mas um dia sem razão
Escorregou e caiu no chão
Quebrou o rostinho dela
E também o dedinho do pé
Eu levei ela no doutor
Que sabia curar sem dor
A bonequinha chorou, chorou
E eu também chorei, chorei
Só depois que ela sarou
Eu brinquei, brinquei, brinquei...

Diferente do que eu disse que faria, canto a música mais duas vezes até notar o seu ressonar suave. Me ajeito e logo minha respiração está em

sintonia com a dela, aos poucos o sono vai tomando conta do meu corpo e me entrego ao cansaço de bom grado.

Capítulo Quinze



Aproveitar o tempo

Aproveitar o tempo!
Ah, deixem-me não aproveitar nada!
Nem tempo, nem ser,
nem memórias de tempo
ou de ser!...
Deixem-me ser uma folha de árvore,
titilada por brisa,
A poeira de uma estrada involuntária
e sozinha,
O vinco deixado na estrada pelas rodas
enquanto não vêm outras,
O pião do garoto, que vai a parar,
E oscila, no mesmo movimento que o da alma,
E cai, como caem os deuses, no chão do Destino.

Álvaro de Campos



Acho que essa é a noite mais longa da minha vida. Depois que deixei Karen em casa dirigi por algum tempo até vir parar nos meus pais, minha mãe notou que algo estava diferente, mas não forçou uma conversa, ela já me conhece o suficiente para saber que quando estiver preparado falarei. Só não esperava passar a noite inteira virando de um lado a outro sem conseguir pregar os olhos, a ideia de que em poucas horas conhecerei a filha que não fazia ideia da existência me tirou o sono.

Quando tudo aconteceu e Karen e eu nos separamos, qualquer projeto sobre futuro se perdeu, mas agora que sei que ela existe e é fruto da noite mais especial que já vivi um sentimento novo surgiu no meu peito, de repente é como se essa vontade de colocá-la no meu colo estivesse aqui desde sempre. Desisto de forçar meus olhos a se fecharem, levanto e decido ir para a cozinha.

Na casa dos meus pais o café da manhã não segue uma regra, aquele que primeiro acorda começa a preparar e os demais membros da família que estiverem em casa vão se juntando e ajudam, todos menos a Val, essa sempre dava um jeito de ser a última a levantar, mas hoje eu não me importo de ficar

sozinho. Começo a preparar um pão caseiro e na hora de sovar a massa uso todos os sentimentos confusos dentro de mim na tarefa, minhas mãos vão de encontro a ela com punhos fechados. Quero me bater por não ter me empenhado mais em encontrar ela no passado, por não ter prestado atenção aos sinais óbvios diante dos meus olhos, por não estar lá todas as vezes que ela e minha filha precisaram de mim, por todos esses anos da vida da minha garotinha que perdi e, por mais que tente, não poderei recuperar.

— Vai com calma, irmão, seja o que for, nem a massa ou sua mão são culpadas. — Ergo a cabeça e dou de cara com Giules e um pouco atrás dele está Valentina.

— O que estão fazendo aqui? — pergunto por saber que faz meses que se mudaram, não faz sentido agora que estão de casamento marcado voltarem para a casa dos nossos pais.

— A *mamma* ligou — Valentina diz se aproximando e meus olhos vão para a barriga dela que está ainda quase imutável, mas não posso deixar de imaginar como Karen ficou durante a gestação. — O que aconteceu, maninho?

Ela envolve meus ombros com seus braços e um tremor percorre o meu corpo, um nó se forma na minha garganta e não consigo responder, é um sufocamento fodido que me impede de falar.

— Sabe que pode falar conosco qualquer coisa, não sabe? — Giules vem na minha direção e agora meus olhos ardem além do suportável. — *Siamo i tuoi fratelli e non c'è niente che non faremo per te[17]*.

— *Niente mio fratello amico e caro protettore*[18] — Valentina corrobora o que ele falou e uma lágrima solitária desce pelo canto do meu olho.

O nó na minha garganta se desfaz ao toque da mão do meu irmão no meu ombro segundos antes dele me puxar para um abraço onde fico entre os dois e já não controlo mais o choro que sobe pela garganta, deixo ele vir livremente até que o peso sobre o meu peito comece a dar sinais que diminuirá. Ficamos assim por algum tempo, as mãos de ambos acariciando minhas costas e vez ou outra Valentina deposita um beijo no meu rosto ou ombro, meus olhos vão para ela e pela primeira vez noto como minha irmã cresceu, está uma mulher belíssima e já tem esse olhar que as mães têm, aquele filho da puta tem uma sorte tremenda por tê-la.

— *Cosa? Perché mi guardi così?[19]* — Franze o cenho da forma que a deixa adorável.

— *Sto solo realizzando come è cresciuta la mia sorellina*[20] — respondo, beijando sua testa e o sorriso dela se amplia.

— Vamos parar de choradeira e terminar esse café logo, o *babbo*

acorda daqui a pouco e vai querer saber por que seus *bambinos* estão chorando.

Meus olhos vão para esse cretino e ele realmente tem lágrimas não derramadas empoçando seus olhos, assim como Valentina. Meu amor por eles nesse momento aumenta para um nível inexplicável, sei que deixaram seus noivos para estar comigo, com certeza dona Giovanna lhes disse que eu não estava nada bem. Por falar na minha mãe, lembro que minha filha tem o seu nome e fico pensando qual será a sua reação.

— Eu preciso contar algo para vocês — começo a falar quando eles tomam suas posições na espaçosa cozinha, Val pega os frios e Giules começa a preparar o café.

— É por isso que estamos aqui! — ele fala, ficando de frente para mim com braços cruzados, sua posição confortável quando está nervoso.

— Como sabem a Karen, minha namorada da época da escola, e a Dorothy, amiga da Ari, são a mesma pessoa. — Ambos balançam a cabeça confirmando. — Eu... Bom, não sei como contar tudo, nem mesmo consegui colocar os pensamentos em ordem, mas acontece que quando ela foi embora estava grávida de mim e tivemos uma filha — digo logo de uma vez, assim é mais fácil.

— *Buongiorno figli miei*[21]. — Olhamos os três para a porta da

cozinha e lá está nossa mãe que nos olha com lágrimas ameaçando deslizar pelo seu rosto.

— *Cê tá* de brincadeira, mano! — Giules diz sem conseguir controlar a língua.

— Não, eu não brincaria com algo tão sério! — Meus olhos continuam na minha mãe que me fita com lágrimas deslizando por seu rosto bonito.

— Eu sei, só que... *Caralho meu*, vocês são muito apressados, meus dois irmãos caçulas com filhos e eu não! — Com isso Valentina explode em uma risada e a acompanho.

Só o idiota do Giuliano para quebrar o clima dramático com suas pérolas, mas ele não deixa de ter razão, Val e eu nos adiantamos, no meu caso adiantei anos na sua frente.

— Você é um idiota, Giuliano! — Val atira uma uva nele, mas ele movimenta o corpo a tempo de pegá-la com a boca.

— *Bambinos,* sentem um pouco, precisamos conversar seriamente — *mamma* fala e toda a risada cessa. — Valentina, *cara mia,* acorde seu *papà,* ele precisa participar desse momento.

Com um balançar de cabeça minha irmã sai da cozinha, nossa mãe dificilmente insiste por conversarmos todos juntos, mas quando o faz não

ignoramos, acho que foi por isso que chamou meus irmãos no fim das contas, independente do que acaba de descobrir teríamos essa conversa. Não demora e Val volta acompanhada do nosso pai que mesmo sonolento senta-se a mesa assim como nós. O café é a única coisa que ficou pronto, *mamma* nos serve e senta ao lado do marido, segurando sua mão.

— Agora que todos estão calmos, vamos conversar. — Ela olha diretamente para mim, depois desliza o olhar para Giules. — Ontem a noite eu recebi uma notícia inesperada, *ma mi ha rallegrato il cuore*[22], *mio bambino*, *mio* Elano, já è *papà*.

Meus olhos aumentam de tamanho agora, como ela ficou sabendo disso se eu só falei sobre agora? Acho que a pergunta está estampada na minha expressão, pois aquele sorriso acalentador surge nos seus lábios e ela balança a cabeça sutilmente.

— Giules estava com Ariana quando liguei pedindo que viesse até aqui, pouco minutos depois ela me ligou para contar sobre a amiga e *mia nipotina*[23].

— Ari sabia? — falamos nós três ao mesmo tempo.

— Por que ela não me disse nada? — Giules parece um pouco magoado pela noiva ter guardado o segredo.

— Não era um segredo dela, *figlio mio*, não cabia a ela contar ou

não, como *una buona amica*, deixou que Karen tomasse a iniciativa, não fique bravo com ela. — Meu pai parte em defesa da nora, tanto quanto minha mãe ele a adora, mas quem não gosta dela?

— Eu não estou, só que... — Dá de ombros, balanço para dizer que tudo bem, eu não ia gostar de ouvir tudo da boca de outra pessoa e tão certo quanto dois mais dois são quatro, ele me contaria assim que ela lhe contasse.

— Foi por isso que ela não levou a filha para a prova de vestidos! — Valentina leva a mão a boca e olha em volta na mesa. — Claro, na hora que perguntei a idade da menina ela desconversou, mas estava tão ocupada com tudo que deixei passar.

— Deixamos passar muitas coisas, eu não notei que o seu colega de aula morto no desastre e o irmão dela eram a mesma pessoa. — A culpa me corrói desde que me contou tudo que aconteceu.

— Não estamos aqui para pensarmos no “e se”, mas para planejarmos o futuro, essa noite eu não consegui dormir pensando em tudo que Karen enfrentou esses anos todos — *mamma* fala e *papà* confirma com um aceno. — Daria a ela o tempo que sei que precisa para se sentir segura conosco, *ma voglio conoscere mia nipote.*[24] — Seus olhos ganham aquele brilho que a deixa com ar jovial. — Sei que você ainda não a conhece, mas traga-a aqui assim que possível, já foram muitos anos sem que a *bambina s*oubesse da

nossa existência, não quero perder mais tempo.

Suas palavras são como uma injeção de ânimo para mim, posso ver que não há resquícios de mágoa dela para com a Karen por não ter nos procurado e uma vez que Ari já lhe contou tudo não preciso repetir toda a tragédia que a acompanhou e nos afastou.

— *Sono la zia di una ragazza, Dio Santo*[25]! Que alegria! — Val atira seus braços no meu pescoço e logo está soluçando.

Olho para minha mãe e ela gesticula *"são os hormônios!"* sem emitir som, abraço minha irmã e vejo Giuliano sorrindo largo, todos estão felizes com a notícia, agora só falta eu conhecê-la para tudo ser ainda melhor.

— Qual o nome dela, *di nostra nipotina?*[26] — Val pergunta e meus olhos vão para minha mãe, ela parece ansiosa por saber também.

— *Giovanna, il nome di mia figlia è Giovanna*[27].

— *Dio mio!* Ela tem o meu nome! — A emoção no rosto da minha mãe é notável. — *Tua ragazza...* — Um soluço corta sua fala e meu pai a abraça.

— *Sì, mamma,* ela disse que foi um jeito da *nostra figlia* ter um pouco da *nostra famiglia* com ela.

— Isso é adorável da parte dela! — Val fala e vejo Giules secando

uma lágrima. — Está chorando, cretino número um?

Todos olhamos para ele que nos devolve com cara de pouca importância, meu irmão mais velho sempre finge se importar menos, quando na verdade é um poço de amor para dar.

— Que foi, *tô emocionado, porra!* E com raiva, minha filha ia chamar Giovanna, agora preciso procurar outro nome — fala e funga em seguida, isso arranca risos de todos.

— Você pode usar se tiver uma filha, eu só fui pai primeiro, que posso fazer? — Puxo o ar com força quando o peso das palavras chegam. — *Caralho,* eu sou pai de uma menina!

Meu coração começa uma corrida desenfreada e eu acho que vai sair pela minha boca. E se eu não for um bom pai? Se minha filha não gostar de mim e me culpar por todos esses anos longe? E se... Porra, eu estou perdido, o ar não está mais entrando certo nos meus pulmões, acho que vou sufocar. Todos olhos se voltam para mim, minha mãe sorri abertamente e meu pai estende a mão para mim.

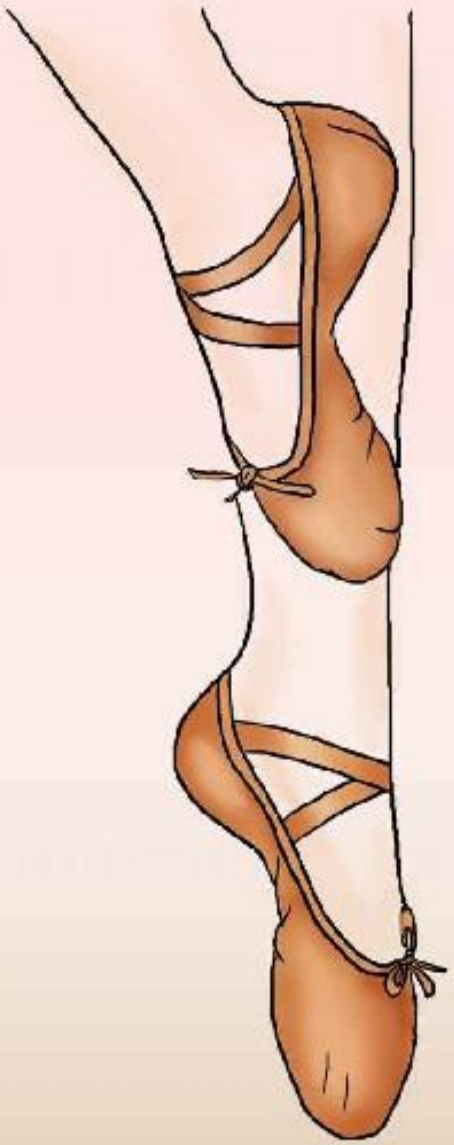
— É *bambino,* quando essa realidade bate o ar falta, mas você se sairá bem nisso, tenho certeza! — A convicção dele faz com que o meu coração desacelere um pouco.

— Claro que vai, ele está pronto desde sempre! — Val fala e beija o

lado do meu rosto, minha mãe e Giules balançam a cabeça reafirmando o que ela acaba de falar e eu espero mesmo que tenham razão.

Nunca me preocupei em ser o melhor em nada nessa vida, mas aqui está uma coisa que não posso fracassar, pela minha filha, por mim e pela mulher que eu amo. Não há a menor possibilidade no mundo de deixá-las fora da minha vida por não dar além do meu melhor, de forma alguma isso acontecerá.

Capítulo Dezesseis



Agora que Sinto Amor

Agora que sinto amor
Tenho interesse no que cheira.
Nunca antes me interessou
que uma flor tivesse cheiro.
Agora sinto o perfume das flores
como se visse uma coisa nova.
Sei bem que elas cheiravam,
como sei que existia.
São coisas que se sabem por fora.
Mas agora sei com a respiração
da parte de trás da cabeça.
Hoje as flores sabem-me bem
num paladar que se cheira.
Hoje às vezes acordo
e cheiro antes de ver.

Alberto Caeiro

Dorothy

— Ele está muito atrasado, mamãe! — Giovanna fala olhando para a entrada da Cafeteria pela décima vez desde que chegou da escola há quinze minutos.

— Eu lhe disse que ele avisou que tinha uma reunião importante e viria logo que essa acabasse, tenha um pouco de paciência, agora pare quieta ou vai acabar derramando comida na sua roupa e não quer que o seu pai a conheça parecendo uma porquinha, quer? — Arregala os olhos e nega balançando a cabeça várias vezes.

Minha pequena ansiosa me fez trazer um dos seus vestidos rodados favoritos para que pudesse se trocar logo que chegasse da escola, por esse motivo afasta um pouco mais a taça com suco de morango e posiciona o guardanapo na gola do vestido, assim evita um acidente com ele. Sorrio para ela e vou ajudar Marcos a colocar algumas bombas de chocolate na vitrine. Por mais que eu tente aparentar despreocupação por dentro estou uma pilha de nervos. E se Elano resolveu dar para trás? Apesar de não querer pensar nele como um covarde, foram muitos anos longe e sei como os homens tendem a surtar com a paternidade, imagina descobrir que já tem uma filha de

quase dez anos então?

Eu mato Elano se ele não aparecer, juro por Deus que o mato, pois esse foi um dos motivos que me levaram a ficar em silêncio todos esses anos após a morte da minha mãe, o medo de que Giovanna viesse a sofrer com a rejeição do pai. Mas ele não faria isso, sua voz mais cedo ao telefone parecia ansiosa o suficiente para conhecer nossa filha, nem sei o que serei capaz de fazer com ele se decepcionar minha menina.

O barulho do sino de entrada chama minha atenção e giro ansiosa naquela direção, assim como Giovanna, mas quem passa pela porta é um casal adolescente, sorrio para minha filha e vou em direção ao pequeno escritório já discando o número de Elano, a linha emite o som de discagem antes que comece a chamar e depois de cinco toques cai na caixa de mensagem e a apreensão toma conta do meu peito, respiro fundo e deixo uma mensagem para ele, controlando meu nervosismo.

— Eu sei que você tinha uma reunião importante, mas tem alguém que mal dormiu a noite passada de tão ansiosa que está, por favor, por favor, por favor, Elano, não a decepcione!

Encerro e viro-me para sair do espaço pequeno ensaiando um sorriso e uma desculpa para a minha pequena, mas paro assim que passo do limite do balcão. Bem a minha frente está Elano e Giovanna, eles se olham como se todo o mundo em volta deles não existisse, uma lágrima solitária desliza pelo

rosto da minha filha e molha o sorriso largo que exibe deixando a mostra suas covinhas. Como se sentisse minha presença seus olhos tão verdes quanto os do homem a sua frente me fitam com tanta emoção que perco o fôlego por um momento.

— Ele finalmente chegou, mamãe! — a frase sai tão carregada de emoção que ao final um pequeno soluço lhe escapa fazendo o meu peito contrair.

Mas antes que eu chegue até ela os braços do pai a envolvem e assisto paralisada o primeiro abraço entre as pessoas que mais amo nesse mundo.



— Droga! — Bato a mão no volante depois de dez minutos parado no mesmo lugar.

Que merda está acontecendo na cidade hoje que o trânsito simplesmente deu um nó no meio do dia? Pelo amor de tudo que é sagrado, justo hoje tudo tinha que desandar? Depois do café da manhã em família voltei para casa e me preparei para o trabalho com meu estômago dando

pequenas voltas sempre que a realidade batia sobre mim, se pudesse não iria à empresa hoje, mas essa reunião com fornecedores argentinos não poderia ser adiada, com os aumentos constantes do dólar precisamos tentar ao máximo baratear o trigo, assim não precisaremos repassar os aumentos aos clientes e esse grupo em especial não é adepto de viagem para longe de suas fazendas, quando abrem exceções é indicado que se aproveite. E se antes eu já era focado no trabalho e dava o meu melhor, agora que descobri a existência da minha filha quero ser alguém por quem ela sentirá orgulho.

Só não esperava que eles decidissem me fazer cruzar a cidade para os encontrar na nossa unidade da Estrada de Itapecerica, vai entender o que se passa na cabeça dessa gente. Agora estou aqui preso em um trânsito infernal em plena Marginal Pinheiros e atrasado para o encontro mais importante da minha vida. Vasculho no GPS do carro uma rota alternativa e vejo que a cem metros tem uma saída que me permitirá fazer um desvio, um pouco longo é verdade, mas pelo menos estarei em movimento.

Meia hora depois estou estacionando em frente a Cafeteria da Karen, meu coração bate tão apressado que não paro para pegar nada, apenas desço e passo pela porta o mais rápido que consigo. Meus olhos varrem o lugar atrás da minha garota, mas Karen não está em lugar algum, no entanto sinto que sou observado e como se uma força maior me puxasse naquela direção meu olhar pousa na garota de um metro e meio parada ao lado de uma das mesas.

Perco a linha de raciocínio no instante que meus olhos travam com os dela, sei de quem se trata, como poderia não reconhecer a semelhança comigo? Tudo a minha volta deixa de existir, não ouço ou vejo nada que não seja a garotinha parada com olhos arregalados em reconhecimento. O verde brilhante é o mesmo que vejo no espelho a cada manhã e há também um pouco de Karen nas suas maçãs do rosto, mas a garotinha parada a uns passos de distância tem aquele porte altivo característico dos Borellas e sorrio contendo as lágrimas que ameaçam borrar a visão linda que minha filha é. Sinto que ela também segura a emoção ao me observar, testo minhas pernas dando um passo a frente, quando não caio dou mais outro até estar a um passo de distância dela.

Um sorriso lento começa a se formar nos seus lábios pequenos no momento em que uma lágrima rebelde desliza do seu olho, a pele do meu pescoço formiga de uma forma que só acontece quando minha garota está por perto, mas não arrisco tirar os olhos da linda menina à frente, o medo de que ao piscar ela suma como em um sonho é enorme, ainda não acredito que tudo seja real. Mas Giovanna vira ao notar a presença da mãe e exibe um sorriso tão lindo que sinto meu coração errar algumas batidas a observando.

— Ele finalmente chegou, mamãe! — declara com um misto de alegria e dor na sua voz e um soluço sai pela sua boquinha e é inevitável que eu a pegue nos braços pela primeira vez para acalentá-la.

Como se já tivéssemos feito isso muitas vezes, os braços de Giovanna se fecham ao redor do meu pescoço e sua cabeça se encaixa entre o meu ombro e queixo, inspiro seu cheiro doce de menininha e beijo os seus cabelos alguns tons mais claros do que os meus.

— Xiii, está tudo bem, *tesoro mio, Il tuo papà è qui con te*[28]! — digo e acaricio seus cabelos sem me importar dela entender italiano ou não, essa era a frase que meu pai me dizia quando era criança e espero que surte nela o efeito que tinha em mim.

— Você é mesmo real! — Afasta o seu corpinho um pouco para me olhar e segura meu rosto entre suas mãos pequenas, inclina-se e beija minha bochecha e preciso de toda a minha concentração para não cair de joelhos com a enxurrada de emoções que transbordam pelo meu peito. — Ele está aqui mesmo, mãe!

Olha para o lado e faço o mesmo, Karen está secando as lágrimas, mas seus olhos e nariz vermelhos denunciam como está emocionada. Ela nos olha com um brilho tão bonito que estendo o braço que não está segurando nossa filha em sua direção e logo seus dedos estão entrelaçando com os meus e o poder do seu toque sobre a minha pele é tão poderoso que me falta o ar, a puxo para mim e beijo o topo da sua cabeça.

— Sim, bonequinha, ele está aqui. — Karen olha para mim e sorri,

suas bochechas ganhando um tom rosado intrigante. — Ignore minha última mensagem de voz.

Balanço a cabeça concordando e volto meu olhar para a garotinha nos meus braços, ela olha para mim como se eu fosse uma miragem ou talvez o presente de Natal que esperou longos meses e enfim pode colocar suas mãozinhas nele. Esse é o tipo de olhar que faz o mundo fazer sentido, faz o nosso peito se expandir com um sentimento tão poderoso que fica difícil respirar e vendo mais uma lágrima deslizando pelo seu rostinho delicado eu faço uma promessa silenciosa de merecer cada uma delas, como também os sorrisos que me dirigir.



Tudo parece meio irreal ainda, estar aqui com o braço de Elano em volta do meu corpo e os meus abraçando-o e a nossa filha no meio da Cafeteria. Os olhos de Giovanna vão para o pai com uma descrença enorme, depois se voltam para mim e de novo para o pai, ela claramente deve estar maquinando alguma pergunta espirituosa.

— Não vai fazer direito, mãe? — Franzo o cenho para ela sem entender, com isso ganho em troca sua expressão de “não discuta” e ela volta a atenção para o pai. — Por favor, me coloca no chão?

Elano abre um sorriso largo e faz o que ela pediu, nossa filha ajeita a coluna e fica numa pose retilínea, então estende a mão na direção do pai que a observa como se estivesse vendo a coisa mais fantástica do mundo, e sem dúvidas ela é, pelo menos para nós, os seus pais.

— Olá, eu sou Giovanna Twan, sua filha! — fala muito séria pegando Elano de surpresa, já eu seguro o riso, minha filha tem seus momentos.

Elano me olha sem reação, eu inclino a cabeça um pouco e sinalizo que deve responder o cumprimento. Vejo como a mão dele treme ao estendê-la e segurar a da filha, a diferença entre elas é tanta que a mão de Giovanna se perde, mas ela não parece se importar.

— E-eu sou Elano Matteo Borella, o seu pai, e estou muito feliz em conhecê-la! — Balança a mão da filha de leve e vejo os olhos de Anna voltarem a encherem de lágrimas. — E não vejo a hora que me deixe chamá-la de Giovanna Borella, minha filha.

— Você vai casar com a minha mãe? — a pergunta vem rápida e certeira. Elano segura o riso assim que começo a tossir nervosa.

— Não agora, pois precisamos nos conhecermos de novo, nós três. Eu

não sei se ela vai me querer como marido, mas não vou desistir sem tentar, posso contar com a sua ajuda para isso? — Pisca um olho para a nossa filha.

— Ela quer, não quer, mamãe?

O rosto da minha filha se volta para mim e sua boca faz um “O” perfeito, acho que vou precisar me reidratar depois de hoje, pois meus olhos transbordam as lágrimas que não consigo controlar, como Elano pode insinuar um pedido de casamento aqui na frente da nossa filha, me encurralando dessa forma? Mas ao mesmo tempo isso pode significar que ele está nessa pra valer.

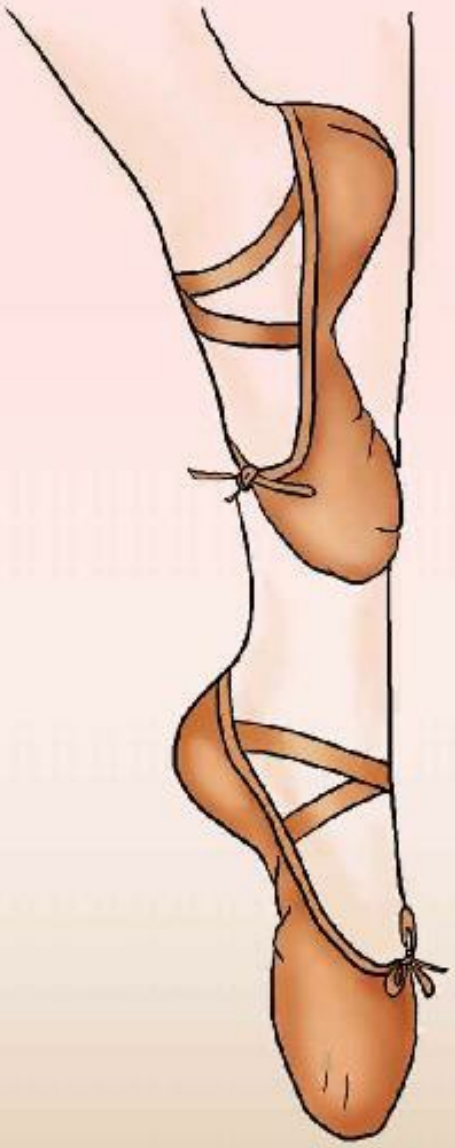
— Eu não responderei isso agora, você não terminou sua comida e seu pai precisa comer também, fiquem aqui que já volto. — Me inclino e beijo o rosto de Giovanna e lanço um olhar para Elano como aviso de que não continue com essa conversa, ele sorri e finge inocência, cretino.

Eles sentam de frente um para o outro mantendo as mãos unidas por cima da mesa, como se precisassem sentir que o outro é real. Assim que me viro ouço Giovanna rir com algo que o pai sussurra para ela.

— Ela se faz de durona, mesmo, mas é ó, *loquinha* por você!

Paro ao ouvir isso, mas não me viro, balanço a cabeça e caminho apressada para a cozinha, esses dois vão me causar pequenos infartos não restam dúvidas.

Capítulo Dezessete



ISTO

Dizem que finjo ou minto
Tudo o que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa que é linda.

Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é.
Sentir! Sinta quem lê!

Fernando Pessoa



O elevador para no andar onde fica o apartamento de Karen e nossa filha, as portas se abrem e eu saio dele com uma Giovanna adormecida no colo, apesar dos seus nove anos ela pesa quase nada, o corpo franzino e delicado perfeito para o balé, como ela bem disse mais cedo durante as muitas horas que conversamos na Cafeteria. Foi a tarde e início de noite mais incrível que já vivi, observar as nuances e trejeitos da minha filha me emocionou de uma forma que não consigo explicar. Vez ou outra percebi Karen nos observando a distância quando saia para resolver algo na parte reservada para encomendas de bolos e doces.

Pude ver por mim mesmo algumas semelhanças de Giovanna comigo, minha mãe, meu pai e até mesmo meus irmãos, mas a doçura ela herdou da mãe, o olhar gentil também. Por isso quando me pediu para conhecer onde ficava o meu trabalho não pensei duas vezes antes de olhar para Karen implorando sem palavras que deixasse. Com um dar de ombros minha garota se despediu dos funcionários e foi conosco até o prédio na Paulista. Anna, é assim que *mia bambina* pediu que a chamasse, olhou para a *5ª Avenida Brasileira*[29] e os tons das luzes noturnas com olhos brilhantes, agradeci aos

céus a decisão de colocar a parede espelhada no meu escritório, o que possibilitou esse momento para a minha filha.

Minha filha! Suspiro ao colocá-la na sua cama e me afastar para ver Karen trocar o vestido dela por algo mais confortável, a pequena se remexe e abre um pouco os olhos sonolentos, suas mãos se estendendo na minha direção.

— Deita comigo, papai? — o pedido vem tão naturalmente que parece que já me chama assim desde sempre, mas a verdade é que é a primeira vez que ouço.

Durante todo o tempo que passamos juntos ela parecia indecisa sobre como me chamar, o “você” do início foi substituído por o “senhor” depois que a mãe a repreendeu sobre respeitar os mais velhos, mas agora com o sono levando a melhor sobre o seu corpo ela perdeu o medo e enfim proferiu as palavras que tanto ansiei. Retiro os sapatos e deito ao seu lado sobre a manta, ela se aconchega no meu peito e volta a fechar os olhos, minha mão começa a acariciar seus cabelos que caem com cachos até metade das suas costas depois que as tranças foram desfeitas.

Karen informa sem fazer som que vai estar na sala e confirmo com um aceno. Prolongo o meu momento com minha filha pelo máximo possível, não quero ir embora, mas sei que não posso simplesmente aparecer na vida delas e me instalar de mala e cuia. Por isso que, mesmo não querendo,

levanto e beijo a testa da *mia principessa* antes de caminhar em direção à sala.

Apesar do silêncio consigo sentir a presença de Karen no ambiente, ela está de costas para mim na pequena cozinha americana separada da sala por um balcão de mármore, seu cabelo está molhado e vejo que trocou a roupa por uma camiseta confortável e um *short* que deixa suas pernas à mostra. A visão causa um tipo de calor no meu corpo que não sentia há muito tempo, uma vontade sem tamanho de chegar até ela e envolver seu corpo com meus braços e mordiscar todo seu pescoço. Engulo em seco e ajeito meu *jeans* para que não perceba como me afeta intimamente. Lentamente seu corpo se vira na minha direção e noto como seus olhos pequenos aumentam de tamanho junto com suas bochechas que ficam vermelhas como tomates maduros.

— Fiz chocolate, quente... *Ehr*, estava frio lá fora. — Desliza o olhar pelo meu corpo e logo o desvia constrangida e pega as duas canecas e as coloca sobre o balcão.

Saio do meu transe e caminho até a banqueta, sento e espero que ela sente ao meu lado, mas isso não acontece, ela permanece em pé de frente para mim. Pego a caneca com o líquido quente, mesmo não sendo muito fã de chocolate, me julguem, não sou e pronto, mas a ideia de experimentar algo que ela preparou para nós é irresistível, experimento e o sabor é muito melhor

do que o esperado, ela usou algumas especiarias, posso sentir um toque de canela e algo a mais. Sorrio por constatar que lembrou que gosto do sabor agridoce da canela.

— Perfeito! — Ela sorri me olhando com timidez. Por isso resolvo mudar o rumo da conversa. — Giovanna é maravilhosa, você tem feito um trabalho incrível!

Estendo minha mão e seguro a sua por cima do balcão, diferente do que imaginei ela não recua, ergue os olhos e me encara séria. Já comecei a notar que se o assunto for nossa filha Karen não teme nada e nem ninguém.

— Ela está muito feliz, principalmente porque aceitou ir à apresentação na escola dela. — Sorrio, ela fez questão de matricular nossa filha na mesma escola que estudamos, espero que *mia bambina* não seja adepta da estufa das turmas de biologia!

— Não perderia por nada, será a primeira vez que voltarei lá depois de tudo — confesso e vejo sua surpresa.

— E sua irmã, quem ia buscar? — Suspiro lembrando as brigas que arrumei com meu pai e irmão por me recusar a ir até a escola onde vivi os momentos mais felizes da minha vida.

— Giules, meu pai, minha mãe, eu não conseguia. — Balanço a cabeça envergonhado com a minha fraqueza. — Não me orgulho de muitas

coisas que fiz, mas não mancharia as lembranças boas que aquele lugar tinha, voltar lá e não encontrar você seria doloroso demais, mais do que não a achar em casa.

Abro meu coração para ela como não imaginei que precisasse fazer, mas a verdade é que durante os últimos dez anos dei fragmentos meus às pessoas, nunca permiti que adentrassem as barreiras que construí, por isso fui um bom *filho da puta* algumas vezes, descontei a minha dor em outras pessoas como forma de aliviar o sufoco e tentar seguir por mais algum tempo.

— Eu sinto muito — diz dando a volta no balcão, viro-me e a tenho parada a minha frente.

— Não foi culpa sua, mas queria que soubesse que durante todos esses anos não houve mais ninguém para mim, não emocionalmente, sempre foi você quem eu quis, desde a adolescência você me tem *refém dos seus encantos*, sorrisos e olhares, não estava brincado quando disse mais cedo que eu vou lutar para conquistá-la.

Inesperadamente as mãos de Karen se posicionam no meu tórax que sobe e desce apressado com um simples toque mesmo com o tecido da camisa entre nossas peles. Minhas mãos vão automaticamente para sua cintura e a puxo para perto, meus dedos adentrando o limite da camiseta para sentir a eletricidade passar da sua pele para a minha causando um prazer sem

igual. Seus olhos me fitam com aquele desejo evidente e ela umedece os lábios, mas não me atrevo a beijá-la, se fizer não pararei só nisso e prometi que a esperaria.

— Não precisa me reconquistar, meu coração sempre foi e ainda é seu, não há outra pessoa nesse mundo que eu queira mais do que a você! — Ela se inclina e muito suavemente toca meus lábios com os seus.

O beijo é rápido como o bater de asas de uma mariposa, mas causa um frenesi no meu sistema nervoso tão intenso que acho que a qualquer momento meu coração sairá da minha caixa torácica boca a fora.

— Mas preciso que me dê um pouco mais de tempo, eu não posso fazer planos com você de um futuro quando não nos conhecemos realmente, não será justo conosco e tudo que sentimos se estragarmos isso por pressa, nossa filha também não pode ser afetada. Então se você estiver disposto a esperar, estarei disposta a tentar, só que o assunto casamento está proibido, principalmente na frente da Giovanna — fala muito séria.

— Eu aceito, esperei dez anos, o que são alguns meses? — Ela abre um sorriso lindo para mim e envolve meu corpo com os braços, deitando a cabeça no meu peito.

Ficamos assim por um tempo, apenas ouvindo a respiração um do outro, meus dedos acariciando suas costas e ela beijando meu tronco vez ou

outra. Então me lembro que minha mãe está esperando uma resposta desde cedo, me admira que não ligou... Tiro as mãos dela para tatear meus bolsos e não encontro nada.

— O que foi? — pergunta se afastando um pouco.

— Meu telefone, não sei onde deixei. — Volto a puxá-la e beijo o topo da sua cabeça. — Minha família quer te conhecer, bom, meus irmãos já te conhecem, mas querem formalmente, como se deve, a *mamma* está nas nuvens com a notícia sobre Giovanna e se não apressarmos esse momento ela virá até aqui, não tenha dúvidas.

Sinto seu corpo ficar tenso, mas então relaxa e dá de ombros.

— Tudo bem, quando ela achar melhor estarei lá com Giovanna. — Sorri e não resisto, levo as mãos a sua cabeça e a beijo com vontade, minha língua adentrando sua boca e chamando a sua para a dança por um longo tempo até que estamos os dois tremendo com o desejo pelo que não nos permitiremos ter agora. Colo minha testa na sua e puxo o ar algumas vezes.

— Eu vou te dar o tempo que precisar, mas devo alertá-la que dona Giovanna já está pensando no casamento e ela tem o aval do pai, porém é você quem decide, quando e como.

Ela puxa uma respiração e balança a cabeça antes de voltar a deitar a cabeça no meu peito, um gesto tão simples, mas que para mim traz a

sensação de estar finalmente em casa, o que não deixa de ser verdade, já que meu coração sempre esteve com ela e aqui, tendo-a em meus braços me sinto completo novamente.



— Falta muito? — Giovanna pergunta do banco de trás do carro.

Estamos indo para a casa dos meus pais para o seu primeiro almoço em família. Nos últimos três dias pude conhecer um pouco mais da minha filha, como o fato de que gosta de ouvir músicas eruditas quando está estudando, o balé clássico e os livros de fantasia e poesias, esse último uma herança que recebeu tanto de mim quanto de Karen. Mas o mais incrível é que até quatro dias atrás eu não fazia ideia da existência dela, mas hoje não consigo visualizar um futuro onde ela não esteja.

— Você perguntou isso faz dois segundos, mocinha! — Karen responde, virando para olhá-la.

Pelo espelho retrovisor posso ver seus bracinhos junto à porta enquanto absorve tudo em volta com olhos encantados, segundo ela, ainda

não se acostumou com o tamanho da cidade nova, em Atibaia tinha menos gente e prédios. Abro um sorriso enorme por lembrar que na noite passada acabei adormecendo no seu quarto enquanto conversávamos sobre muitas coisas que para outras pessoas não tinha importância, mas para mim era essencial, pois é um meio de conhecer melhor a minha garotinha.

— Eu sei, mas já andamos um montão nesses dois segundos — fala sem desviar os olhos da cidade.

Solto uma risadinha, pois sua atitude me lembra Valentina, quando a minha irmã colocar as mãos nela não a soltará mais, disso tenho certeza.

— Não incentive essas atitudes, Elano! — Sinto o tapa de Karen na minha perna e aproveito o sinal vermelho para olhá-la.

— Essa não era a minha intenção, desculpe! É que lembrei que Valentina tinha esse tipo de respostas quando criança, tenho até medo de quando elas se encontrarem, vamos ter que estabelecer limites, isso, limites! — Sorrio para ela, pois sempre vi minha mãe falar sobre como uma boa criação começa com limites.

— Tipo o que você ultrapassou ao comprar para ela um celular novo com um *dock* de som, mesmo ela já tendo um que funcionava muito bem? — Aperta os olhos e coloca os lábios de lado ainda irritada com isso.

— Eu já pedi desculpas por isso, mas o telefone dela não suportava

muitos programas e a acústica do *dock* é melhor do que das caixas de som do computador. — Suspiro e viro minha atenção para o trânsito.

Na manhã seguinte a eu ter conhecido minha filha, fui ao apartamento delas para levar Giovanna para a escola pela primeira vez, no caminho enquanto conversávamos ela me disse que estava usando o computador para ouvir a música da apresentação na escola, mas o vídeo parava em alguns momentos para os anúncios e isso tirava a concentração dela. Perguntei qual a música e assim que a deixei em frente à escola fui direto as compras, no fim fui convencido pelo vendedor que aquele *dock* e o telefone compatível a ele seriam perfeitos para ela. Só esqueci de perguntar a Karen sua opinião, mas a verdade é que nem pensei direito, a chance de presentear minha menina estava ali e vi seus olhinhos brilhando ao ouvir a *Nocturne op.9 No.2* [30]de Chopin em alto e claro som, depois me abraçou tão apertado que toda a discussão com a mãe dela valeu a pena.

— Não muda o fato de que não pode sair comprando as coisas para ela assim. — Seu suspiro é audível. — Eu sei que é tudo novo para você, mas eu já ia dar no aniversário dela daqui a dois meses, agora vou ter que procurar outras opções.

Sua voz diminuiu para que nossa menina não escutasse, mesmo não estando próximo do meu ouvido ela me causa um pequeno arrepio. Seguro o desejo de aproximar o rosto e colar meus lábios aos seus, sei que não é isso

que ela quer, não voltamos a nos beijar depois daquela noite, mesmo que tenha dormido lá ontem, a promessa que fiz está de pé, lhe darei o tempo que pediu e quando sentir que ela confia que voltei para sua vida com o propósito de ficar, caso com ela e seremos uma família finalmente.

— Aniversário! Quando ela faz aniversário? — pergunto me dando conta que nesses três dias falamos sobre muita coisa, mas esqueci de perguntar o dia que minha filha nasceu.

— Dez de outubro, um mês depois do casamento dos seus irmãos. — Caramba, é verdade.

— Minha mãe com certeza vai querer dar uma festa, dona Giovanna adora festas.

— Sério, papai? — Olho no retrovisor e vejo os olhos da minha filha brilharem, meu coração erra uma batida todas as vezes que ela me chama assim, acho que vou demorar a me acostumar. — Minha vó vai fazer uma festa para mim?

Olho para Karen que dá de ombros como quem diz: resolva!, e ri, pois já me avisou que quando uma ideia entra na cabeça da pequena é difícil tirar de lá. Isso é típico do meu irmão, passei a vida tendo que lidar com seu lado ansioso, mas ver esse brilho lindo no seu sorriso me diz que se minha mãe não fizer, eu mesmo sou capaz de organizar tudo.

— Clarooooo, sua *nonna* está ansiosa para te conhecer, assim que souber que está perto a data já vai começar a organizar. — Pisco um olho para ela através do espelho e vejo como mexe os ombrinhos, relaxando um pouco.

— Tem certeza? — Volta a me olhar muito séria.

Estou aprendendo que Giovanna não é como as outras crianças de nove anos que conheci, a maioria das suas perguntas são sérias e ao obter uma resposta fica analisando. Por isso sei que algo a incomoda.

— Por que a pergunta?

— Eu... — Seus olhos vão para a mãe que agora a observa com atenção.

— Anna, pode nos falar qualquer coisa, sabe disso, não sabe? — questiono e aproveito outro sinal vermelho para olhá-la.

— Se ela não gostar de mim? — diz se encolhendo no banco e vira o rostinho para o lado.

— Filha... — Karen começa a falar, mas a paro com um balançar de cabeça.

Coloco o carro em movimento e estaciono logo que vejo uma vaga próxima a uma farmácia. Viro para olhar Giovanna que ainda olha para fora, a tensão nos ombrinhos visível e isso me angustia, pois imagino que pensou

algo assim quando soube de mim.

— Giovanna, olhe para mim? — peço e ela faz isso, mesmo que demore um pouco. — Eu sei que é tudo muito novo para você, é para mim, será para a sua *nonna*, o *nonno* e seus tios. O que eu sei também é que todos estão esperando pela sua chegada, por dez anos tudo o que eu mais desejei foi reencontrar sua mãe, mas a vida me recompensou por esses anos de distância me dando você, a *mia figlia*[31] e se tem uma coisa que posso lhe dizer é que eu te amo, *bambina***,** e vou estar com você para sempre, a sua *nonna* está muito feliz mesmo antes de conhecê-la, principalmente porque tem o nome dela e já espalhou para toda a *Famiglia Borella, la nostra famiglia*[32], que ela tem *una nipotina[33]* linda e que tem o nome dela.

Seus olhos aumentam de tamanho e ouço um fungar ao meu lado, olho nessa direção e vejo que Karen está secando as lágrimas, estendo minha mão e aperto a sua de leve antes de trazer aos meus lábios.

— Você é uma Borella, vai aprender que falamos alto, somos espalhafatosos e muitas vezes um pouco loucos, principalmente quando nos apaixonamos, mas amamos uns aos outros e fazemos tudo pela família, e *tu*

signorina[34], faz parte dela!

Toco a ponta do seu nariz e logo ela está me abraçando desengonçada pelo espaço entre os bancos, meus olhos vão para Karen que sorri ao mesmo tempo que lágrimas rolam pelo seu rosto e as seco com as costas da minha mão.

— *Ti amo, papà* — fala em italiano e sinto meu coração parar de vez e voltar a bater tão acelerado que demoro a lembrar como respirar direito. Com a minha demora para responder ela se afasta e me olha indecisa. — Falei certo? Aprendi no *Google* tradutor.

— Está certo, *tesoro*, foi a surpresa, *anch'io ti voglio bene, figlia mia![35]* — digo e beijo sua testa.

— Isso quer dizer eu também te amo, né? — pergunta curiosa.

— Sim, exatamente isso! — O sorriso que abre é lindo de se ver, Karen estende a mão e acaricia a cabeça dela e seus olhos se voltam para a mãe.

— E como se diz que a ama a mamãe? — pergunta sem desviar os olhos da mãe.

— *Ti voglio bene, mamma* — digo e ela volta o olhar para mim.

— Não, você dizendo para a mamãe. — Onde essa danada quer

chegar?

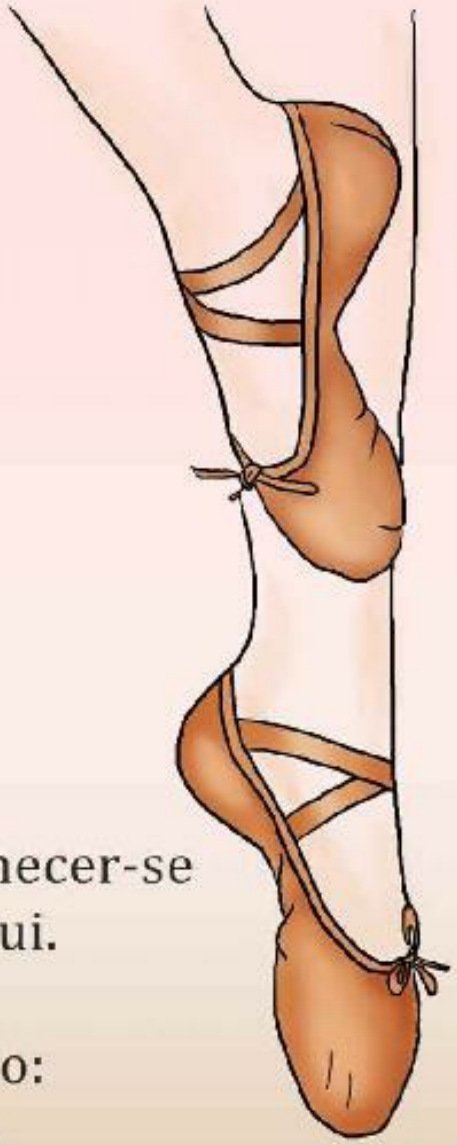
— Giovanna... — Karen começa, mas sou rápido.

— *Ti amo,* Karen Dorothy. — Os olhos da minha garota se voltam para mim e não recuo no que disse.

— Viu, mamãe? Eu falei! — Giovanna volta ao seu lugar e coloca o cinto.

Karen olha para mim com uma sobrancelha arqueada, lábios retorcidos e balança a cabeça. Sorrio ao ver que minha filha está me ajudando a reconquistar a confiança da mãe. Com essa torcida a favor dá até mais vontade de lutar por nós.

Capítulo Dezoito



Melhor Destino

Melhor destino que o de conhecer-se
Não frui quem mente frui.
Antes, sabendo,
Ser nada, que ignorando:
Nada dentro de nada.
Se não houver em mim poder que vença
As Parcas três e as moles do futuro,
Já me dêem os deuses o poder de sabê-lo;
E a beleza, incriável por meu sestro,
Eu goze externa e dada, repetida
Em meus passivos olhos,
Lagos que a morte seca.

Ricardo Reis



Quando Elano estaciona na garagem espaçosa da casa dos pais dele meu coração dispara e minhas mãos começam a suar tremendo levemente, respiro fundo enquanto ele dá a volta, aproveito esse meio tempo para que possa surtar rapidinho e me recompor. Há dez anos eu ficaria mais do que encantada em vir aqui para ser apresentada formalmente aos pais dele como sua namorada, hoje sinto-me indo de encontro ao tribunal, apesar de já conhecer e gostar bastante de Giuliano e Valentina, sinto que agora as coisas podem não ser mais tão simples, afinal deixei o irmão deles no escuro sem saber da existência da filha e imagino que presenciaram os tempos difíceis dele após a minha partida repentina.

— Chegamos, *principessa*! — Elano diz ao abrir a porta para Giovanna que desce animadíssima, mas então seus olhinhos se voltam para mim ainda dentro do carro e vejo a apreensão voltar a sua fisionomia.

— Mamãe, você não vem? — pergunta, colocando a cabeça para dentro do carro outra vez.

— Estou indo, filha! — Forço um sorriso e abro a porta.

Assim que meus pés tocam o chão e me ergo a porta lateral, que não notei a existência, é aberta e a mãe de Elano passa por ela com um sorriso enorme nos lábios. Ela está como lembrava, claro que com o peso de dez anos a mais, no entanto o porte altivo e olhar sagaz continuam igual. Seus olhos se voltam para a minha filha que agora está paralisada perto do pai e aperta a mão dele um pouco demais.

— *Buon Dio, mia nipote è finalmente qui![36]* — Giovanna Borella dá dois passos em direção a Anna e para ao chegar junto de mim. — *Mia cara*, eu sinto tanto que teve que enfrentar tantas perdas e uma responsabilidade tão grande sozinha.

E como se eu estivesse vendo do lado de fora do corpo, vejo os braços de Giovanna Borella me puxarem para um abraço afetuoso. Demoro alguns segundos para reagir e envolver seu corpo esguio com meus braços, ela beija minha cabeça algumas vezes antes de se afastar e segurar meu rosto entre as mãos.

— Você fez um trabalho excelente até aqui, mas não estará mais sozinha. *Siamo la vostra famiglia, tesoro![37]*

Sem que eu me dê conta as lágrimas começam a rolar, desde a morte do meu pai e irmão que não me sinto como parte integrante de uma família além da que construí com Giovanna, mesmo com todo o carinho que meus tios e primos me deram, ainda existia aqui dentro um espaço vazio que foi

quase completamente preenchido pela minha filha ao longo dos últimos anos, mas aqui, com a mãe do homem que sempre amei me dizendo que pertenço a esse lugar, um novo sentimento surge no meu peito, aquela sensação de pertencimento único de quem encontra o seu lugar no mundo.

— Obrigada, Sra. Borella! — digo quando ela volta a beijar meu rosto com carinho.

— *Nah*, eu que agradeço, *mia bambina*, pela sua coragem em seguir em frente mesmo quando o mais fácil era desistir! — Vira-se para onde Elano e nossa filha nos observam. — Agora deixa eu ver *mia nipotina* de perto!

Se aproxima e abaixa até estar com o rosto na altura do da neta, os olhos de Anna se voltam para mim e balanço a cabeça com um aceno de cabeça confirmando que tudo bem, ainda me recuperando da invasão de sentimentos que tomou conta de mim, nem em um milhão de anos esperava ser recepcionada pela matriarca da Família Borella com tanto carinho.

— Olá, *tesoro*, sou tua *nonna*, Giovanna! — diz estendendo a mão na direção da neta.

— Oi! — Anna responde ainda tímida, olha para cima e o pai a incentiva a continuar. — A senhora é muito bonita!

Como se não conseguisse controlar as mãos Anna ergue uma e toca os cabelos da avó que caem sobre o ombro dela. O gesto simples desperta em

Giovanna uma emoção sem tamanho, antes que consiga piscar minha filha está sendo envolvida pelos braços da avó, que a aperta erguendo-a do chão e enchendo seu rostinho de beijos ao dizer palavras carinhosas em italiano que já não consigo compreender. Um soluço sobe pela minha garganta e levo as mãos a boca para abafá-lo. Em um piscar de olhos Elano está ao meu lado me abraçando, me deixando molhar sua camisa com as lágrimas que rolam livremente.

— *Tá* tudo bem, meu amor, olha como elas estão se dando bem! — diz acariciando minhas costas e puxo uma respiração profunda, viro para ver minha filha segurar o rosto da avó e rir alto de algo que ela lhe disse. Logo a porta da garagem volta a abrir e vejo o Sr. Borella passar por ela.

— Giovanna, estamos esperando você lá na... — a voz dele vai perdendo o volume ao notar a nossa presença e seus olhos aumentam fitando a neta nos braços da esposa. — *Dio Santo, è molto bella nipote![38]*

Se aproxima como se estivesse sendo puxado por uma corda invisível e para ao lado das Giovannas, a esposa sorri para ele com lágrimas ainda empoçando seus olhos, já minha filha olha para Elano como se em busca de ajuda. Ele me beija a cabeça e me puxa até onde os três estão.

— *Papà*, essa é *mia* Giovanna e *mia*... Karen o senhor já conhece!

O senhor Borella vira-se para mim por uma fração de segundos e sorri

abertamente.

— Seja bem-vinda, Karen! — Agradeço, mas seus olhos estão mais uma vez na neta. — *Figlio*, ela se parece muito *con te*!

— *Sí*, *babbo*, Giovanna, esse é seu *nonno*, Luigi!

— *Sono molto felice di conoscerti*, *mia nipote!*[39] — o homem de quase um metro noventa diz com um sorriso largo e se curva um pouco para ficar na altura do rosto da neta e esposa, estende os braços em direção a Anna que me surpreende ao envolver o pescoço do avô e abraçá-lo apertado.

— Olha, mamãe, eu tenho um vovô e uma vovó também! — Anna fala olhando para mim e seu pai. — Uma família completa.

Meu peito aperta com a emoção estampada no seu rostinho e vejo que não cabe em si de tanta felicidade, Elano também parece uma criança abrindo presentes de Natal olhando os pais agarrados a nossa filha, já eu, não sei se rio mais ou choro com tudo que está acontecendo.

— O que está acontecendo de tão bom nessa garagem...? — a voz grave de Giuliano invade o ambiente e ele também para e olha para todos. — Carai, elas vieram mesmo! VALENTINAAAAAAA, ARIIIII!

Grita pela irmã e logo ela aparece acompanhada de Victor e logo atrás minha amiga de longa data. Ela abre aquele seu sorriso meigo já conhecido e logo minha filha é apresentada aos tios.

— Ah meu Deus, Lano, ela é muito mais bonita pessoalmente! — Valentina diz com os olhos chorosos. — Olha Vi, quero que se nosso bebê for uma menina, seja tão linda assim!

— Sai fora, Val, minha filha é única e para ser linda assim só se tivesse os mesmos pais! — Elano vira e pisca o olho para mim.

— Ah, vá, ela é bonita assim porque puxou o tio Giules aqui! — Giuliano fala e vira para onde Ari, Victor e eu estamos. — Diga que podemos ter uma também logo, meu doce? — pede com aquele olhar de cachorro pidão e Ari ri nervosa.

— Vamos conversar sobre isso depois, padeiro! — fala e ele pisca um olho sugestivo para ela e volta sua atenção para a sobrinha. — Ele pensa que eles já nascem desse tamanho!

— Deixa que quando o sobrinho ou sobrinha dele nascer, eu faço questão do cretino número um passar um dia cuidando, quando vir todo o choro e cocô pode ser que decida esperar! — Victor fala e eu viro para olhá-lo.

— Você não esperou — digo e ele abre um sorriso largo.

— Não, mas tenho feito aulas e assistido muitos vídeos com a Val, já estou me preparando — responde todo presunçoso.

— Se preparando para quê? — Ouço a voz de Elano antes que seus

braços envolvam minha cintura e ele beije minha cabeça. Esse gesto não passa despercebido pelos olhos atentos de Ari que ergue uma sobrancelha para mim e me encolho com um sorriso amarelo.

— Para ser pai, mas se bem que você não teve esse tempo, né cretino número dois? — Victor provoca e Elano mostra o dedo do meio para ele.

— Não faça isso na frente da Anna, por tudo que é sagrado! — aviso e é sua vez de se encolher as minhas costas.

— Vou me controlar, eu prometo!

— Ihhhh, já tem gente sob o cabresto também, Ari! — Victor e sua boca grande.

— Você se acertaram *pra* valer? — A curiosidade de Ari não é do tipo mexeriqueira, sim porque sabe como sempre coloco o bem-estar da minha filha a frente e se Elano e eu não dermos certo ela será a que mais sofrerá.

— Ainda não — respondo.

— Mas não é por falta de vontade da minha parte! — Elano não dá mole.

Ari troca um olhar com Victor e os dois riem como se dividissem um segredo.

— O quê? — pergunto olhando para baixo, vai que estou suja ou algo

do tipo.

— Nada, amiga, só que os Borellas sabem ser bem insistentes quando querem conquistar a pessoa amada.

Sorrio amarelo para ela, mal sabe que meu coração já foi conquistado por ele há muitos anos e sempre o pertencerá.

— Vi, você viu como ela é linda. Ah Dothy, você a tem educado tão bem, parece uma princesinha de tão doce e linda! — Valentina volta para onde estamos e meus olhos miram na minha filha que agora está nos braços do tio, mas tem os avós por perto, prontos para abraçá-la também.

— Minha filha é uma *principessa*, Valentina! — Elano diz todo cheio de si e rimos da baba que ameaça escorrer pelo canto da sua boca.

— Só porque não foi criada perto de você e do Giules! — a frase de Val, mesmo despretensiosa, causa um silêncio momentâneo, mas ela logo se corrige. — Desculpa, mano, mas todos os palavrões que eu conheço foram vocês quem me ensinaram. — Dá de ombros e o irmão ri.

— Pior que foi mesmo!

Viro-me para encarar Elano e ele se encolhe e sorri sem graça, mas é salvo pelos pais que vem com Giules e Anna em nossa direção.

— Vamos entrar, chega de confraternizar na garagem se temos sofás onde podemos ficar mais confortáveis! — Giovanna anuncia e todos parecem

concordar.

Deixo que caminhem na frente, minha filha está em êxtase ao ter toda a família do pai lhe dando atenção, quando vê Ariana e Victor os cumprimenta sorrindo e diz que está feliz que a dinda e o tio agora serão da família dela também, mas antes que os siga os braços de Elano me prendem no lugar, nem me dei conta de que ele tinha ficado.

— Você está bem? — a preocupação está nítida na sua voz e viro-me para encará-lo.

— Muito, por que a pergunta?

— Por nada, só quero me certificar de que não vai sair correndo a qualquer momento. — Ele ri e reviro os olhos. — Estou muito feliz de ter minhas meninas aqui comigo.

— Quanto a isso, disse que ia esperar — digo com um fio de voz.

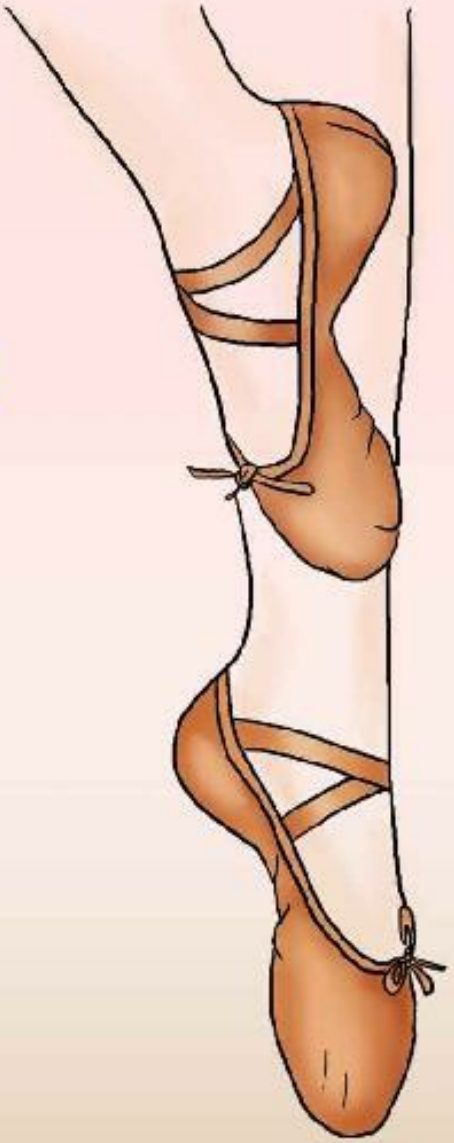
— E eu vou, mas não me peça para manter minhas mãos muito longe de você, às vezes preciso me certificar de que está aqui mesmo e tudo que estou vivendo é real.

O brilho e fragilidade que noto nos seus olhos me quebram, vejo eles nos da nossa filha há nove anos e nunca sei reagir a isso. Munida de uma coragem nova me coloco nas pontas dos pés e envolvo seu pescoço, ele abaixa um pouco para que nossos rostos fiquem na mesma altura.

— Desde que não ensine palavrão a nossa filha, ficaremos bem! — Sorrio e isso parece o incentivar.

Em segundos seus lábios estão sobre os meus e sua língua invade minha boca me agraciando com o beijo que anseio receber desde que o vi dormir com nossa filha depois da conversa interminável deles da outra noite!

Capítulo Dezenove



O Amor É uma Companhia

O amor é uma companhia.
Já não sei andar só pelos caminhos,
Porque já não posso andar só.
Um pensamento visível faz-me
andar mais depressa
E ver menos, e ao mesmo tempo
gostar bem de ir vendo tudo.
Mesmo a ausência dela é uma coisa
que está comigo.
E eu gosto tanto dela que não sei
como a desejar.

Se a não vejo, imagino-a e sou forte
como as árvores altas.
Mas se a vejo tremo, não sei o que é feito
do que sinto na ausência dela.
Todo eu sou qualquer força
que me abandona.
Toda a realidade olha para mim
como um girassol
com a cara dela no meio.

Alberto Caeiro



— Boa sorte, filha! — digo da coxia, enquanto o mestre de cerimônia parabeniza o grupo de garotas que acabaram de se apresentar e recebem os buquês de flores dos seus pais, não demora e ele começa seu discurso sobre a dança clássica que introduzirá a apresentação da minha filha.

— Ninguém diz boa sorte no balé, papai — Giovanna fala e revira os olhos.

— Não? — Dessa eu não sabia.

— Não, se diz “quebre a perna”! — Minha filha abre um sorriso enorme ao ver minha expressão de espanto, que coisa mais desagradável de se dizer a alguém que irá dançar, mas o que posso eu fazer? Tradição é tradição.

— Sendo assim, “quebre a perna”, *mio tesoro*! — Os lábios dela tremem levemente e seus bracinhos se estendem para mim.

Envolvo seu corpinho pequeno em um abraço apertado, meu peito disparando ansioso pelo momento que minha filha irá se apresentar, mesmo que já tenha visto ela ensaiando inúmeras vezes no último mês nada me

preparou para essa apreensão toda, ela está tão linda com sua roupa de balé clássico cor de rosa, o cabelo está preso no alto com um arranjo de rosas em volta dando um ar cada vez mais angelical a minha garotinha. Minha mãe, Karen, Val e Ari passaram toda a tarde a preparando para esse grande momento e eu, como pai bobão que sou, estou aqui quase borrando as calças de nervoso.

"E agora recebam com uma salva de palmas a nossa dama das flores, Giovanna Twan Borella, aluna do quarto ano!", ouvimos o nome dela ser chamado e mais uma vez meu coração para antes de acelerar, agora Anna é minha filha até mesmo na certidão de nascimento, os advogados da família agilizaram o mais rápido possível os trâmites legais, queria que nesse momento ela soubesse que o pai dela está aqui.

— Ele disse Borella, papai? — pergunta, afastando o corpinho para me ver. E aproveito para beijar sua testa e sentir seu cheiro doce de menina.

— Porque você é uma Borella, então é bom que todos saibam disso. — Giovanna abre um sorriso que ameaça dividir seu rosto ao meio antes de me encher de beijos no rosto.

Coloco-a no chão quando os aplausos chegam até nós e as luzes do palco se apagam.

— Vá lá e arrase, minha bailarina! — Ela balança a cabeça

confirmando antes de ficar séria. — Ah, sua *nonna* pediu para avisar que eles estão sentados bem no centro, então olhe algumas vezes para frente assim o vídeo ficará incrível — repito as palavras da minha mãe e minha filha ergue os olhos e retorce os lábios, mania que herdou de Karen, antes que ela erga os ombros e alinhe a postura para entrar no palco.

O silêncio impera todo o auditório, todos esperando pela dança que fechará as festividades da primavera, na minha época de aluno daqui não participava de nada, achava tudo muito chato, hoje, no entanto, não me vejo perdendo nada que minha filha estiver participando. E por falar nela, dois focos de luz se fixam sobre seu corpo miúdo sentado com os braços inclinados para frente quase tocando os dedos dos pés, quando a música começa ela ergue a perna direita e faz um arco perfeito, mexe os braços e vira o corpo começando a se erguer e como em um passe de mágica vejo diante dos meus olhos a reprodução perfeita da caixinha de música que Valentina tinha quando criança.

As cortinas são puxadas e espelhos espalhados por todo o palco como nas caixas de música ficam visíveis, Giovanna fica nas pontas dos pés e dá cinco voltas perfeitas, um, dois saltos seguidos, então se curva e em uma pirueta quase agacha, então puxa uma cordinha na sua saia e o tule é coberto por um tecido floral que fica visível a todos quando ela volta a se levantar. Meus olhos assistem os seus movimentos extasiados, eu sequer consigo

respirar, todo o meu ser está ligado a ela e sua dança incrível, estou fascinado e com o coração trovejando orgulhoso no meu peito.

— Senhor? — Alguém balança meu ombro e com muito custo desvio meus olhos da minha filha que ainda encanta a todos no palco. — Senhor, as rosas da sua filha.

A moça me estende o buquê com rosas brancas e azuis que meu pai fez questão de colher da sua estufa para *nostra principessa*, como ele mesmo disse. Recebo e antes que me vire outra vez ela me entrega um lenço, nem me dei conta que estou chorando, agradeço com um sorriso, seco as lágrimas rapidamente já me virando para a pessoa mais importante da minha vida, que agora rodopia nas pontas dos pés com os bracinhos elevados acima da cabeça e uma chuva de pétalas cai sobre ela, então seu corpo se inclina para frente, as pernas se abrem até que senta e movimenta os braços no momento exato que a música termina e o teatro da escola explode em aplausos, todos de pé vibrando e parabenizando a *mia bambina*.

— Pode entrar lá agora! — a moça me diz, mas não consigo mover minhas pernas, a emoção que sinto me paralisou.

As lágrimas voltam a deslizar pelo meu rosto quando me dou conta de que se não encontrasse Karen por acaso teria perdido esse momento único e insubstituível com a minha filha, por isso não posso me acovardar agora e ficar à margem como sempre fiz, crio coragem e dou o primeiro passo em

direção a Anna no instante que seu rosto se volta para onde sabe que me deixou e ao me ver caminhar para ela, fica em pé e corre para os meus braços. Aperto-a mais uma vez e afundo minha cabeça no seu pescocinho para esquecer que estou sob os olhares de todos, tenho pavor de palco, por esse motivo nunca mostrei minhas poesias para ninguém além de Valentina e Karen.

Pensar nela faz meu peito vibrar e meu olhos correm a primeira fileira em busca dela e lá está, entre minha mãe e Valentina, secando do rosto as lágrimas, mas nos lábios ela exibe um sorriso enorme e volto a respirar corretamente mais uma vez. Coloco Anna no chão enquanto o mestre de cerimônia agradece-a pela linda apresentação, aproveito para lhe entregar o buquê e seus olhinhos brilham encantada com as rosas, pois na última vez que esteve na casa dos meus pais seu *nonno* lhe apresentou a estufa e ela se apaixonou por essas em especial, por isso seu rostinho vira para onde ele está e logo manda beijos que são retribuídos por ele de uma forma nada discreta.

— Você foi perfeita, *tesoro*! — digo quando volto com Giovanna para detrás do palco.

— *Tava* mesmo, jura? Fiquei tãoooooooo nervosa que minha barriga ficou revirando. — Ela para e me olha muito séria. Sua inocência me encanta de uma forma inexplicável.

— É normal, meu amor, foi incrível ver você dançando, não estava

preparado para algo tão lindo. — Agacho para ficar da sua altura.

— Você chorou? — Seus dedinhos tocam meu rosto e não me envergonho em dizer que sim. — Eu amo você, papai!

Como resistir a uma declaração tão pura como a sua? Puxo minha filha para outro abraço e digo-lhe mil vezes que a amo mais do que tudo no mundo, pois essa é a mais absoluta verdade.

— Onde está a verdadeira artista da *Famiglia Borella*? — Ouço a voz de Giules e um tapa em seguida.

Fico de pé ainda abraçado com Giovanna e vejo toda nossa família preenchendo o espaço disponível: meus pais, Ari, Giules, Victor, Val e um pouco atrás Karen que ainda tem lágrimas nos olhos, mas esse é o nosso momento com nossa menina, muito mais do que deles, por isso estendo a mão e todos parecem entender já que abrem espaço e logo Anna está indo para os braços da mãe e eu recebo o abraço da minha que também chora baixinho.

— *Grazie a te, figlio mio!*[40] — fala baixinho.

— *Per cosa, mamma?*[41] — pergunto um pouco confuso.

— *Un giorno lo saprai, tesoro!*[42] — diz beijando meu rosto e então se afasta para ter seu momento com a neta que sorri extasiada pela atenção

que todos dispõem para ela, não é por menos, em pouco tempo Giovanna trouxe um brilho novo para nossa família e preencheu um espaço que nem mesmo havia notado que estava vazio.

Olho para minha mãe e de repente compreendo o que estava me dizendo, mas então o agradecimento não deve ser para mim, sim para a mulher que vira e mexe me dirige um olhar novo, desses cheios de segredos e significados, com pitadas de promessas silenciosas e sentimentos prontos para serem vividos. E nesse momento tudo que mais desejo é desvendar tudo por trás deles.



— Onde estamos indo, papai? — Anna pergunta do banco de trás, segurando o buquê de flores que o pai lhe entregou após sua dança.

— É uma surpresa, logo precisa esperar para saber. — Elano sorri para ela através do retrovisor e vejo seus olhinhos brilharem empolgados.

No último mês esses dois desenvolveram um relacionamento tão forte que quem não conhece a história toda duvidaria que não se conhecessem

desde sempre. Elano tem se mostrado um verdadeiro paizão, mesmo com toda a correria do dia a dia sempre consegue buscar Giovanna na escola e a leva até a Cafeteria, onde os dois ficam me esperando para irmos para casa, ou ficava na escola assistindo os ensaios para a apresentação e me entregava uma Anna já pronta para banho e cama. Essa pequena rotina familiar não passou despercebida aos meus amigos e vizinhos, tão pouco dos olhos atentos de Ariana nas vezes que foi com Valentina e Giovanna Borella até lá para que fossem, finalmente, decididos os doces da festa de casamento.

Nos fins de semanas Anna se dividiu em ficar comigo, a tia e madrinha, e com o pai curtindo a cidade de São Paulo muito mais do que eu que morei aqui por quinze anos, sempre que voltava tinha muitas histórias para contar, principalmente sobre o que se pode encontrar no transporte público e assim os dias foram passando e Elano e eu não voltamos a falar sobre nós dois depois do almoço com sua família. Como prometido ele me deu o tempo necessário para que voltasse a reconhecer nele o meu amor da adolescência. Tudo bem que agora ele detém um corpo que desperta coisas em mim que nem sabia ser possível, junte isso ao seu sorriso de lado estilo cafajeste que notei ser marca registrada dos Borellas do sexo masculino e o homem é a tentação em pessoa. Mas ainda há nele aquele olhar de garoto que me faz o amar cada vez mais e de muitas formas novas, como quando o ouvi recitar uma poesia de sua autoria para nossa filha dois dias atrás, senti que

meu coração enfim bateu no compasso correto. O meu Elano estava de volta.

— Você está mais quieta do que o normal. — Sinto sua mão tocar a minha ao pararmos num sinal vermelho.

Não o olho de imediato, a garota insegura que ainda vive dentro de mim diz que o fato de eu ter descoberto que ele ainda é o mesmo que eu amo, não significa que eu possa ser a garota dele, a forma como tem me olhado nos últimos dias me fez recuar todas as vezes que achei estar pronta para lhe falar sobre como me sinto, e desisti por medo de que ele possa ter descoberto que no fim não vale a pena arriscar o relacionamento saudável que construímos em torno da nossa filha.

— Só estou ainda emocionada com a apresentação da nossa pequena Anna Pavlova[43] — respondo usando o apelido que Marcos deu para nossa filha e Elano ri.

— Sim, foi de tirar o fôlego, mesmo depois de assistir vários ensaios a apresentação me deixou sem palavras, é assim sempre? — pergunta e confirmo com um balançar de cabeça sem ainda olhá-lo.

— Eu choro todas as vezes, desde o jardim de infância. — Dou de ombros e quando olho para trás vejo minha pequena bailarina cochilando no banco de trás. — Acho que a surpresa ficará para outro dia.

Elano olha para a filha e um sorriso reservado única e exclusivamente

dela surge nos seus lábios.

— Não admira que esteja exausta depois do dia corrido, ainda brincou horrores com o Giules, às vezes acho que ele é a criança da família.

Está aqui uma verdade, o entrosamento de Giovanna com os tios e avós se deu de uma forma natural, Giuliano sempre que possível se faz presente nos passeios dela com o pai, assim como o pai deles, a cada domingo escuto histórias de como o tio Giules e o *nonno* Luigi a deixam nas nuvens com toda a atenção que lhe dispõe. Não é por menos, por muito tempo fomos nós duas, mesmo com a minha prima e tios de Atibaia ajudando, Anna não tinha nada comparado à família do seu pai, pessoas que demonstram abertamente o amor e cuidado que terão por ela.

— Ela adora sua família! — digo e o vejo de relance franzir o cenho, mas logo o sinal abre e o carro volta a se mover.

O silêncio volta a reinar no carro depois disso, deito a cabeça no vidro da janela e fico olhando as luzes da minha cidade passar por mim, as cores se misturam e o cansaço toma meu corpo, fecho os olhos por um momento lembrando de como nos últimos dias estive trabalhando arduamente para deixar pronto todos os doces do casamento dos irmãos de Elano que acontecerá daqui a dois dias, como outras encomendas que surgiram de última hora e por estarmos começando o nosso negócio não podemos nos dar o luxo de recusar trabalho, todos os funcionários têm feito hora extra e ter a

ajuda de Elano para cuidar de Anna enquanto me concentro no trabalho chegou na hora certa.

Perco-me nas memórias das vezes que o peguei dormindo ao lado dela quando cheguei em casa ou como sua voz a embalava recitando poesias.

Para ti minha menina graciosa
Eu entrego o meu amor
Que por anos sofreu com o vazio
Deixado pela perda da pessoa amada
Sem saber que o destino
Preparava para mim
O melhor presente de todos
Que um dia eu ousei sonhar em ganhar
Guardando para o momento certo
A chegada daquela que colocaria todas as peças no lugar.

Transformando o escuro
Em um clarão radiante
Me dando coragem para voltar no tempo e poder
Mais uma vez alguns versos escrever
Minha amada Anna,
Essa rima foi feita pra você.

Pequena menina de sorriso encantado
Seus olhos brilhando para mim
Me mostram o quão honrado devo eu estar
Pois a vida me trouxe
O meu amor maior
Aquele que não sabia da existência
Mas que hoje a ausência
Partiria de forma irreversível meu coração.

Garota sorridente que detém as chaves da minh'alma
Me garanta que nada
Afastará seus passos dos meus
Pois se porventura
Isso um dia voltar a acontecer
Que venha junto com a morte
Alívio para todas as dores
Pois sem você há razão
Não há por que existir
Sem você não tenho vida
Sem você não saberia sorrir.

Ah pequeno tesoro
Que o valor não se pode medir

Fique comigo por todo o tempo que a vida me permitir viver
E eu juro que não haverá no mundo
Um pai que ame mais sua filha
Do que o quanto eu amo você.

Os olhos de Anna transbordam lágrimas enquanto o pai termina de recitar os versos da poesia feita para ela, eu também sei qual é a sensação, engulo em seco e me afasto da porta antes que me vejam, o meu peito ardendo em brasa com o ciúme infantil misturado com o medo de nunca mais o ouvir recitar poesias para mim.

— Karen? — Uma mão toca meu ombro e o balança de leve. — Chegamos!

Levo um tempo depois que abro os olhos para notar que não estamos na garagem do meu prédio e sim na minha antiga casa, hoje residência fixa de Elano. Rapidamente me ajeito no banco e olho em volta, Giovanna ainda dorme no banco de trás agarrada ao buquê de rosas que o pai lhe entregou depois da apresentação.

— Por que estamos aqui? — Não voltei a sua casa depois que me trouxe aqui e conversamos.

Mesmo depois de todos os anos ainda sinto meu peito apertando com as lembranças que invadem minha mente, volto o olhar para ele e acho que

nota o meu desconforto pelo jeito como seus ombros caem um pouco.

— Preparei uma surpresa para Giovanna, mas ela acabou dormindo, pensei que poderiam passar a noite aqui, como sempre acabo metendo os pés pelas mãos ao invés de perguntar a você se está tudo bem com isso, mas não tem problema, as levarei até em casa.

Quero me bater por não conseguir esconder minhas emoções, ele deve ter pensado muito nisso durante os últimos dias pela forma que se enrola nas palavras, noto um certo nervosismo.

— Não precisa, Elano — digo tocando sua mão e seus olhos verdes me fitam com um brilho novo. — Eu só tenho certa dificuldade em voltar aqui, são muitas lembranças.

— Eu sei, *il mio cuore, lo so e mi dispiace*[44] — suas palavras sussurradas aquecem o meu coração e olhando nos seus olhos não vejo por que sinto tanto medo.

— Obrigada!

— Pelo quê? — Franze o cenho.

— Por ter paciência comigo! — Sorrio e por um instante ele parece confuso, mas logo se recupera e ergue nossas mãos para beijar a minha.

— Venha, deixa eu tirar nossa bailarina do carro antes que ela fique com torcicolo pela posição.

Dá a volta e antes de abrir a porta para Giovanna ele abre a minha, olho em volta da garagem e vejo que agora no pequeno quintal há um jardim e um balanço de madeira ao centro, dando um ar novo ao que um dia foi sem graça. Lembro-me que mamãe sempre tentou cultivar algumas roseiras, mas não deu muito certo, meu peito infla com felicidade em ver que o desejo dela se realizou.

— Aqui, abra a porta por favor? — Elano me estende a chave antes de pegar nossa filha nos braços, caminho rapidamente até a porta e a abro.

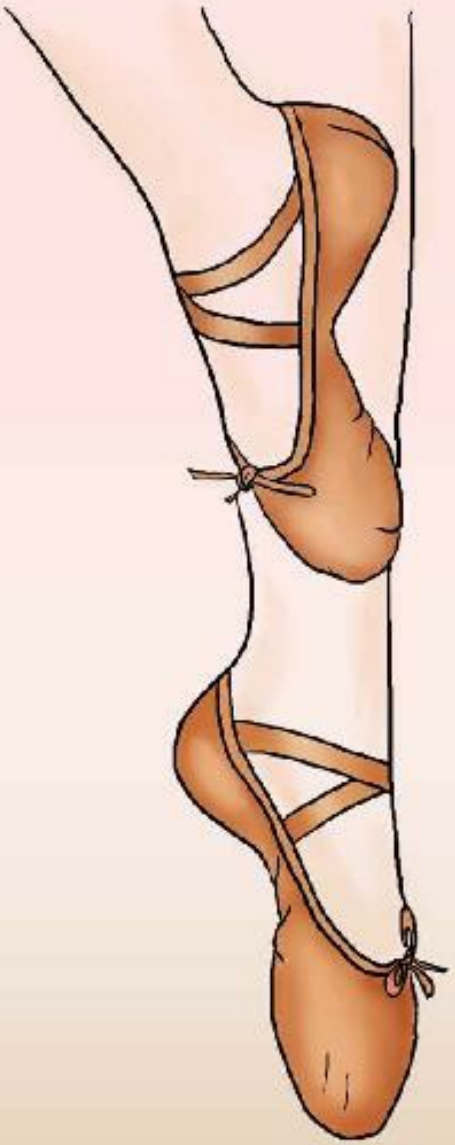
O cheiro que vem de dentro nada tem a ver com o da época que morava aqui, tão pouco com o da última vez, agora uma mistura de fragrâncias invade minhas narinas e logo vejo o porquê, há flores espalhadas por toda a sala, no aparador, na mesinha de centro, na mesa de jantar mais adiante e em jarros no batente da janela. Meus olhos se prendem nelas por pouco tempo, pois logo estou seguindo-o em direção aos quartos, o corredor está diferente, onde um dia existiu uma porta do lado direto e duas do esquerdo hoje há apenas uma de cada lado.

Vejo ele passar com Anna pela porta do quarto que um dia pertenceu aos meus pais e por um segundo hesito em entrar, respiro fundo e decido que tenho que trazer para minha vida apenas as coisas boas que o passado tem, as tristezas não podem ditar os meus dias. Com um passo longo entro no quarto e me surpreendo ao ver como está diferente. As paredes pintadas em um tom

de creme suave ao invés do verde claro de antes, a cama com dossel que me faz lembrar o filme de princesa que minha filha tanto ama e os demais móveis tornando o quarto uma réplica quase perfeita ao da personagem, a diferença maior é a barra para exercícios à frente do espelho que abrange toda a parede oposta às janelas do quarto e o piso de madeira adequado para que ela pratique a dança que tanto ama.

Meus olhos voltam a transbordar lágrimas, mas por motivos diferentes, ver como se preocupou em montar um pequeno estúdio de dança para nossa filha em casa, de forma harmoniosa com todo o ambiente, faz meu peito explodir com um sentimento novo e tão conhecido. Olho para a cama onde ele deita nossa menina com cuidado e beija sua testa antes de puxar a coberta sobre ela. Impossivelmente me apaixono mais uma vez, agora por um Elano crescido, pai, responsável e capaz de tudo pelo bem-estar da filha, junte isso ao garoto sedutor com alma sensível de poeta e estou irrevogavelmente ferrada, o mais engraçado é que não estou nem um pouco preocupada com isso.

Capítulo Vinte



ENTRE SONO E SONHOS

Entre mim e o que em mim
É o quem eu me suponho
Corre um rio sem fim.
Passou por outras margens,
Diversas mais além,
Naquelas várias viagens
Que todo o rio tem.

Chegou onde hoje habito
A casa que hoje sou.
Passa, se eu me medito;
Se desperto, passou.

E quem me sinto e morre
No que me liga a mim
Dorme onde o rio corre —
Esse rio sem fim.

Fernando Pessoa



— Por que está me olhando assim? — Elano pergunta depois de algum tempo observando nossa filha dormir.

Olho na direção do espelho e vejo que meus olhos estão levemente maiores e um tom ou dois mais escuros, minha respiração e pulsação aceleradas, não admira sua pergunta, tô com cara de tarada e não consigo disfarçar! Fecho os olhos e balanço a cabeça tentando voltar ao normal, mas ao puxar uma respiração sinto seu cheiro másculo muito próximo de mim, abro os olhos devagar e lá está aquele brilho meio malicioso, meio encantado que pertence apenas a ele refletido nos seus olhos verdes e uma mistura de farpas de gelos e borboletas voando soltas no meu estômago surge me tirando o fôlego.

— Eh, hummm... Eu acho melhor sairmos ou vamos acordar Giovanna — digo quando acho minha voz.

— *Huhummm*. — O safado sorri sabendo como me afeta e aproxima seu rosto do meu ficando com os lábios a centímetros, minha pele formiga já antevendo o momento que irá sentir o toque delicado ou possessivo quando

enfim me beijar... — Depois de você!

O filho de uma mãe diz, dando um passo atrás e fazendo uma mesura indicando a porta. Puxo o ar trêmula, meu corpo se sentindo órfão pelo beijo que não veio de um jeito tão intenso que um pequeno gemido desgostoso me escapa. Mas ergo meus ombros e passo por ele tentando parecer o menos afetada possível, sinto que me acompanha e me viro em direção a sala, no entanto não vou muito longe, braços se fecham a minha volta e minhas costas vão de encontro ao seu peitoral, sua cabeça se encaixa no meu ombro e o nariz percorre a curva ali causando-me um arrepio na espinha de imediato.

— Ainda não terminei de mostrar o resto da casa para você — fala com a voz rouca e seguro a respiração por um segundo controlando o gemido.

— E-eu pensei que a surpresa era para Anna — gaguejo como uma adolescente e sinto seu corpo tremer segurando o riso.

— É para as duas.

Seus braços me soltam e quase caio para trás sentindo falta do calor que emanava dele. Viro-me e encontro sua mão estendida na minha direção, a pego sem hesitar e deixo que me conduza até a porta do que um dia foi o meu quarto. Ele a abre e espera que eu dê o primeiro passo para dentro. A primeira coisa que noto é que aconteceu uma ampliação do cômodo, onde um dia

foram dois quartos deu lugar a um espaçoso e bem decorado quarto de casal, a grande cama com lençóis escuros, assim como as cortinas, contrastando com a mobília e paredes claras.

Solto sua mão e giro em cento e oitenta graus ficando de frente para as portas francesas que não existiam antes e além delas posso ver um deque de madeira, caminho até lá e vejo que dá para o quintal dos fundos que já não serve mais de lavanderia, mas que agora tem um ambiente propício para receber pessoas para um churrasco ou festa italiana mesmo, desde que não sejam muitas pessoas. Mudo o foco do meu olhar e vejo uma porta embutida um pouco a frente, caminho até lá e a puxo dando de cara com um banheiro digno de aplausos tanto pela decoração quanto pelo tamanho, o box escuro separado da banheira de louça branca são os opostos perfeitos, sobre a bancada noto que tem muitos dos produtos que tenho em casa e viro para olhar Elano e vejo que permanece junto a porta com as mãos no bolsos da calça social.

— Você fez um trabalho maravilhoso aqui — falo, caminhando na sua direção e vejo um sorriso tímido surgir nos seus lábios.

— Gostou? — a insegurança está presente na sua voz e isso me faz rir.

— Claro, esse quarto ficou maior do que pensei ser possível, não imaginava que tirar uma parede fizesse tanta diferença, e esse deque que

construiu parece que sempre esteve ali, o banheiro, tudo! — Não consigo esconder um sorriso satisfeito.

— Fiz tudo pensando em você! — confessa e caminha na minha direção.

— Em mim? — Não sei por que ainda me surpreendo com ele.

— Sim, nunca imaginei viver com mais ninguém aqui, nem em outro lugar, cada mudança foi pensada de forma a esperar a quem ela pertence. Queria deixar o mais fiel possível à casa dos seus pais, mas meu pai acabou me convencendo que algumas mudanças se faziam necessárias.

— Ele estava certo, apesar de guardar com carinho tudo que vivi com a minha família aqui, não sinto a dor das lembranças do que perdi, apenas uma saudade — falo e noto como é verdade, meu medo era que nunca conseguisse voltar aqui sem sucumbir a tristeza, ainda aconteceu ao chegarmos, mas bastou ver como as mudanças aconteceram a partir da sala e o desconforto foi diminuindo até como está agora, apenas um resquício suplantado pela emoção de ver como pensou com carinho a cada modificação feita.

— Que bom que deu certo, seria um trabalhão danado refazer tudo. — Sorri abertamente e fico olhando para ele feito uma idiota, com certeza até um filete de baba deve estar escorrendo pelo canto da minha boca, mas não

me importo. — Não me olhe assim.

— Assim como? — pergunto confusa.

— Não se faça de desentendida, Karen Dorothy, estou me segurando sem tocá-la como quero há tempo demais para resistir aos seus olhares ambíguos na minha direção. — Prendo a respiração sentindo o desejo para que ele toque onde e como quiser surgir com tudo.

— Quem disse que quero você se segurando? — Uma coragem não sei de onde me faz dizer as palavras e vejo seus olhos aumentarem de tamanho e um brilho libidinoso passar por eles no momento que dá um passo à frente.

— Isso significa que já sou digno da sua confiança? — pergunta ainda um pouco inseguro.

— Você sempre foi, eu que fui idiota demais para ouvir meu coração — digo com convicção e o sorriso dele aumenta. — E ele é perdidamente apaixonado por ti há muitos anos, mas confesso que ver o homem incrível que se tornou e o pai maravilhoso que vem sendo, me fez te amar ainda mais.

Mal termino de falar e seus braços estão me puxando até que nossos corpos estão colados, seu rosto a centímetros do meu e sinto as borboletas voltarem ao meu estômago e baterem suas asas apressadamente. Com as mãos trêmulas toco seu tórax e mesmo sobre o tecido da camisa sinto o calor

abrasador que vem dele, seus batimentos refletem os meus e sorrio ao abrir os botões para ter acesso a sua pele. Quando toco as pontas dos dedos sobre os pelos do seu peito prendo o ar ao ser atingida por uma descarga elétrica descomunal que faz todos os pelos do meu corpo se arrepiarem e as borboletas no meu estômago darem lugar a um fogo líquido que começa a vir de dentro para fora quando o desejo rompe a barreira e levo meus lábios aos seus de uma vez por todas.



Meu coração bate descompassado ameaçando sair do meu peito quando as palavras que venho sonhando ouvir saem pelos lábios de Karen, eu já tinha notado como ela vinha me olhando diferente, ora tinha aquele encantamento de quando nos conhecemos, ora com expectativa e ora com o semblante fechado e taciturno. Por vezes tentei abordar o assunto sobre nós dois, mas tive medo de estar entendendo errado os sinais e acabar estragando tudo, foi difícil manter minhas mãos longe dela durante as últimas semanas, o fato dela estar trabalhando mais do que o normal esses dias ajudou a amenizar o tremor involuntário das mãos que ansiavam por sentir sua pele na

minha, mas agora vejo que valeu a pena esperar.

— Eu a amo, menina bonita! — digo, usando o apelido carinhoso pelo qual a chamei na nossa primeira vez, com os lábios colados aos seus.

— Eu também te amo! — sua declaração vem como um sussurro entrecortado e não resisto.

Aperto ainda mais seu corpo junto ao meu e mordisco seu lábio, isso a faz arfar e me aproveito para passar minha língua pela abertura criada e chamo sua língua para dançar junto com a minha. Suas mãos que acariciavam meu peito sobem e seguram firme nos meus cabelos aprofundando ainda mais nosso beijo. Sugo sua língua com desespero, com medo de que esse seja apenas mais um sonho e ao abrir os olhos esteja sozinho no quarto que venho preparando para ser nosso desde que a perdi.

— Eu amo você, Elano! — diz arfante ao desgrudar seus lábios dos meus e colar a testa no meu peito.

Abro meus olhos e pisco algumas vezes para dar veracidade ao que estamos vivendo, é surreal senti-la entre os meus braços depois de tanto tempo sonhando com momentos como esse. Um riso alto escapa dos meus lábios e não aguento em mim de tanta alegria, não só tenho minha menina bonita aqui comigo, como também nossa filha dorme no quarto que preparei para ela do outro lado do corredor.

— O quê? — pergunta, se afastando para me olhar.

— Nada, só concluí que é difícil existir no mundo um cristão mais feliz do que eu nesse momento! — Beijo sua testa antes de depositar um beijo estalado nos seus lábios.

— Eu discordo, existe uma bem aqui!

Hipnotizado vejo o sorriso tímido da garota que sempre foi a dona do meu coração se abrir e logo um brilho novo passar pelos seus olhos castanhos e o tremor que sobre pela minha espinha em antecipação ao seu próximo movimento quase me derruba de joelhos. Se bem que não me importaria se acontecesse, serei o seu servo de bom grado se assim ela quiser.

— Concordamos em discordar, se bem que o importante é que estamos juntos. — Beijo a ponta do seu nariz e ela cora.

— Podemos ficar ainda mais! — a forma baixa como as palavras saem da sua boca me diz que está lutando contra a inibição.

— Karen, Karen, estou lutando para ir devagar, mas você não está facilitando minha vida.

Aperto seu quadril e a puxo de forma que sinta a minha excitação e isso faz seus olhos escurecerem e um “O” perfeito se formar nos seus lábios carnudos deixando o seu desejo evidente, é o fim da linha para o meu autocontrole. Torno a beijá-la ao mesmo tempo que me curvo para pegá-la

nos meus braços, com passos rápidos atravesso o quarto e a deito sobre a cama sem quebrar o contato dos nossos lábios. Minhas mãos deslizam por seu corpo com uma nova urgência, acaricio e aperto onde consigo encontrar pele até que chego a sua perna e puxo até seu pé estar sobre a cama.

— Você tem certeza? — pergunto com medo que diga que não.

— Mais do que nunca! — Puxa minha boca para a sua e aproveito para deslizar minha mão até a bainha do vestido e começar a erguê-lo, a cada centímetro que percorro sinto seus pelos eriçarem e me afasto para olhá-la maravilhado quando a tenho livre do tecido que cobria seu corpo.

Seus seios estão expostos e os bicos entumecidos de desejo, noto como seu corpo é dez vezes mais bonito do que minha mente lembrava, as curvas mais acentuadas me enlouquecem e me vejo precisando respirar fundo para não cair matando sobre ela como um adolescente afoito. Me afasto e termino de abrir os botões da minha camisa antes de jogá-la no chão de qualquer jeito, tiro os sapatos e calça antes de voltar para a cama com apenas a cueca boxer, nesse tempo todo seus olhos percorreram meu corpo com o desejo cru neles.

Deito ao seu lado, mas sou surpreendido por ela que em um movimento rápido me derruba de costas e senta sobre meu quadril, movimento para cima e a fricção entre nossos sexos, mesmo cobertos, nos faz gemer em uníssono.

— Não sabia que você gostava de dominar na cama? — brinco e vejo como ela cora.

— Nem eu, mas você fez tanto para me agradar e montou aquele quarto incrível para nossa filha que sinto que merece ser cuidado também — sua voz vacila ao final.

— Você vai cuidar de mim? — pergunto em tom de provocação para diminuir o nervosismo dela.

— Se deixar, eu gostaria muito! — Engulo em seco ao ver como a inocência dela é um afrodisíaco para mim e quero eu cuidar dela e lhe proporcionar todo o prazer possível, mas noto que é isso que quer no momento, não me farei de rogado.

— *Sono tutto tuo, amore mio*[45] — digo, abrindo os braços e um sorriso lindo aparece nos seus lábios.

— Eu amo você. — Karen se inclina e beija meus lábios. — Amo o homem incrível que você é. — Beija meu queixo e vai deslizando os lábios pelo meu corpo. — Amo como me faz sentir especial e única.

— Você é especial e única para mim! — Seguro seus cabelos e seus olhos travam com os meus, vejo que nublam de lágrimas e um calor gostoso toma meu peito e não resisto, mudo nossa posição ficando sobre o seu corpo. — Eu deixarei que faça o que quiser comigo, mas por favor, me deixe fazer

amor com você antes?

— Sou sua! — fala me olhando nos olhos.

Com um grunhido volto a beijá-la, mas deixo de lado a urgência, degusto do sabor inigualável dos seus lábios enquanto minhas mãos deslizam pelo seu corpo estimulando-o, acariciando, apertando e sentindo cada arrepio que lhe acomete. Toco seu seio e ela geme se contorcendo, desço pelo seu pescoço com beijos molhados até ter o bico rosado entre meus lábios e o sugo devagar, acariciando com minha língua no mesmo ritmo que faço com os dedos sobre o outro, a outra mão desce em direção ao sul do seu corpo e toco sua intimidade sobre a calcinha e sinto a umidade ali formada indicando que ela está pronta para me receber. Reluto, mas me afasto do seu corpo e pego um preservativo na gaveta do criado-mudo e retiro minha cueca.

Karen ergue o corpo e assiste enquanto deslizo a camisinha pelo meu membro com os olhos ardentes de desejo, volto para ela e me inclino para retirar sua calcinha, seu quadril se ergue para facilitar e meu coração erra uma batida ao tê-la nua diante dos meus olhos. Seu rosto fica ainda mais vermelho diante do meu olhar desejoso e se remexe inquieta com a minha apreciação, quando faz menção de se cobrir com os braços os seguro e beijo seus lábios a tranquilizando.

— Seu corpo é a visão do paraíso na Terra, meu amor, deixe-me olhá-la enquanto ainda estou sobre o controle das minhas ações — peço com a voz

trêmula pela dificuldade em respirar que me acomete.

— Você sabe ser fofo e safado no mesmo nível, sabia? — diz cobrindo o rosto, sei que a inibição dela está dando as caras.

Me posiciono segurando suas pernas para que possa ficar entre elas e sustento o peso do meu corpo nos antebraços ao deitar sobre ela, puxo suas mãos e quando ela me deixa ver seu rosto é como se eu fosse transportado ao passado, a fragilidade e insegurança estampada no seus olhos me quebram e incendeiam meu interior ao mesmo tempo.

— Sabe que não precisamos continuar, se ainda não tiver certeza — falo para que saiba que quem detém o controle é ela.

— Eu quero, quero muito, mas... — geme e desvia os olhos dos meus.

— Mas? — instigo.

— Desde que nos separamos não tive o que possa chamar de ganho de experiência, já você, bom, sua fama o precede e tenho medo de que acabe se decepcionando — o pedido de desculpa está estampado na sua voz e rio nervoso.

— A minha fama não passa disso, nem tudo que falam sobre mim é verdade, tudo bem que fiquei com outras mulheres, mas nenhuma experiência que vivi se comparou ao que vivemos aquela noite, ali foram duas pessoas que se amavam se entregaram um ao outro não apenas fisicamente, naquela

noite eu me senti completo de forma que nunca mais voltei a sentir, sempre faltava um grande pedaço do meu coração que ficou com você esses anos todos.

— E o meu estava com você! — responde me fitando com olhos brilhantes.

— Eu nunca amaria mais ninguém como eu te amo, Karen, mesmo que levasse uma vida inteira e não nos reencontrássemos, meu amor ainda continuaria sendo seu.

Seus braços circulam meu pescoço e me puxam na sua direção até que nossos lábios se tocam em um leve roçar.

— Eu nunca poderia amar outro homem, não quando deixei meu coração ao seus cuidados há muito tempo. — Sorrio em seus lábios e meu membro pulsa com o sentimento de posse que suas palavras despertam em mim. — Faça amor comigo, Elano!

Seu comando faz todos os pelos do meus corpo se eriçarem e tomo seus lábios nos meus com rapidez, minha língua invade sua boca e a sinto arfar com a surpresa, deixo meu peso cair um pouco sobre o seu corpo e assim ela poderá sentir quão desejoso por tê-la por inteira eu estou, seus dedos se prendem nos meus cabelos e puxam de leve, deslizo uma mão pela lateral do seu corpo até chegar a sua perna e puxá-la colocando nas minhas

costas, seguro meu membro e afasto meu rosto para olhar nos seus olhos enquanto faço amor com ela. Espero pelo seu comando que vem com um balançar de cabeça sutil. Deslizo para dentro dela e esqueço como se respira ao sentir suas paredes internas me apertarem a cada centímetro conquistado.

— Oh Deus! — sai dos lábios de Karen quando nossos sexos se conectam por completo, estou no paraíso bem antes de me redimir dos meus pecados e puta que pariu se não é o melhor lugar do mundo.

— Puta merda! — Exclamo ao senti-la me apertando com o início do seu clímax.

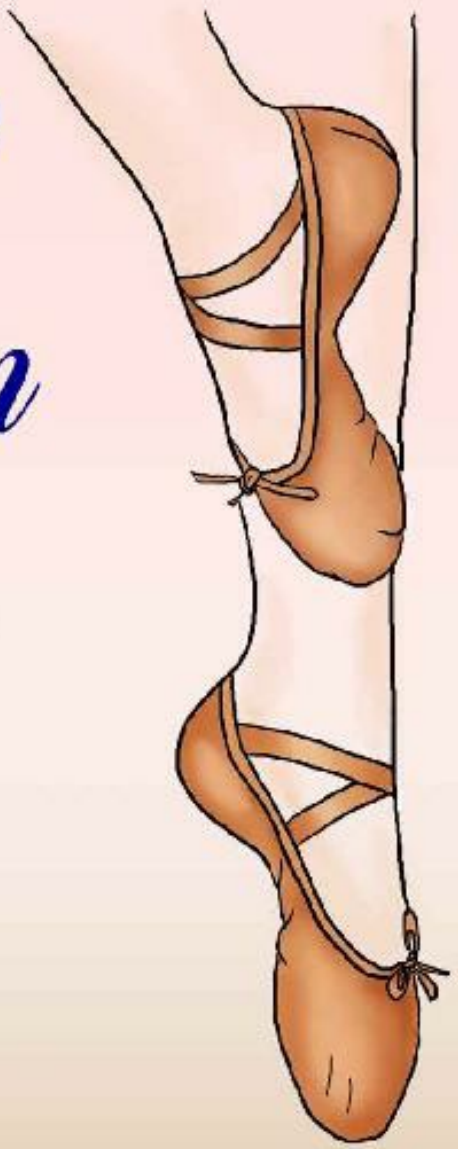
Colo meus lábios nos seus para engolir seu gemido e deslizo para fora devagar, tento prologar ao máximo o nosso momento, seu corpo responde a cada um dos meus movimentos e vamos nos adaptando a tudo outra vez, os sons, os cheiros, o suor que se forma sobre nossa pele, os nossos corações que aceleram e param bruscamente a cada nova investida e o ar que parece escasso demais para nossos pulmões.

— Eu amo você, porra, como eu te amo! — grunho sentindo meu membro aumentar de tamanho no seu interior, mas não quero ir antes dela.

Notando isso, Karen muda sutilmente de posição e abraça minhas costas com as pernas, isso me permite ir mais além e com movimento circular atinjo um novo ponto seu que a leva a erguer as costas da cama e agarrar

meus cabelos com força, sorrio deslizando os lábios até o seu pescoço e torno a me mover como antes, basta apenas mais um movimento e a tenho se desfazendo em um gozo lindo em meus braços, seus olhos se reviram e seu corpo inteiro treme, sua intimidade me aperta tornando impossível segurar o meu próprio gozo e me deixo ir, chamando seu nome e a abraçando o máximo que consigo. Meu mundo inteiro ganhando novas cores e sentido agora que enfim a tenho comigo.

Capítulo Vinte e um



Eros e Psique

Mas cada um cumpre o destino
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora,

E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.

Fernando Pessoa



Sinto meu corpo flutuando perdido no tempo e espaço enquanto o mundo explode multicolorido ao meu redor, Elano me aperta um pouco mais me ancorando com o mundo real e sorrio satisfeita, enfim sinto-me inteira novamente e essa é uma sensação indescritível. Ficamos em silêncio por alguns instantes, nossas respirações voltando ao normal depois do que parece uma eternidade e quando abro os olhos o verde mais brilhante que já vi me fita com todo o amor estampado neles.

— Casa comigo? — o pedido me pega de surpresa e engasgo com saliva.

Elano sai de dentro de mim e senta me puxando para o seu colo, batendo de leve nas minhas costas antes de começar a rir.

— O que tem de tão engraçado nisso? — pergunto quando consigo controlar a tosse.

— Eu a peço em casamento e você se engasga a ponto de chorar! — Seca as lágrimas, que nem notei estarem rolando, com beijos e acabo rindo também.

— Fui pega de surpresa, não pode me culpar por reagir assim — defendo-me e seu sorriso aumenta.

— Não deveria ficar surpresa, eu amo você há anos e não me vejo dividindo a cama e a vida com mais ninguém — o safado fala, segurando meu rosto entre as mãos e meu coração se derrete cada vez mais.

— Fazer um pedido como esse depois de me dar um orgasmo alucinante desse é golpe baixo, porque fica difícil dizer não.

— Esse é principal motivo! — fala e me coloca sentada na cama, levanta e pega algo no criado-mudo. — Eu tinha esse anel há algum tempo, mas com a ajuda de Giovanna consegui apertar o aro. — Ajoelha do lado da cama e abre a caixinha de veludo preto.

Dentro há um anel com um belo topázio rodeado de pequenos brilhantes ao centro e involuntariamente escondo minhas mãos nas costas. Agora sei por que Giovanna vinha fazendo muitas perguntas sobre joias e até pediu meu anel de formatura emprestado, segundo ela era só para fazer umas fotos e mostrar as amigas, quando na verdade era cúmplice do seu pai, danadinha essa minha filha.

— Como falei, não vejo minha vida ao lado de mais ninguém, sei o que é acordar e não saber onde você está, se pensa em mim, se está bem. Eu não quero nunca mais sentir falta do meu coração e ele é seu desde que

coloquei meus olhos na garota tímida que gostava de ler poesias nos cantos mais afastados do pátio da escola. Eu te amo, Karen Dorothy, com todo o meu ser e nada me faria mais feliz do que ter você como minha esposa, casa comigo?

Engulo em seco sem conseguir articular palavra alguma, minha visão está embaçada pelas lágrimas que rolam soltas e nem se eu quisesse conseguiria dizer que não, mas então o lado racional diz que estamos apressando demais as coisas, só que ao mesmo tempo sinto que já perdemos tanto tempo longe um do outro, tudo que me falou reflete ao que vivi estando longe. Os motivos para dizer sim são maiores e vencem a batalha contra a razão, limpo minhas lágrimas e deixo minhas mãos sobre o meu colo. Elano não perde tempo e segura a minha mão direita com o anel já pronto para deslizar pelo dedo anelar.

— Me pedir em casamento depois de um orgasmo, pelado e falando essas coisas é covardia, sabia? — Ele sorri e beija meus dedos. — Mas também não me vejo ao lado de mais ninguém, nunca me vi, sempre foi você, Elano Borella e sim, eu aceito me casar com você!

Assisto Elano deslizar o anel pelo meu dedo e erguer minha mão, sentando ao meu lado e admiramos a luz refletir nas pedras, as lágrimas voltam a borrar minha visão e me atiro sobre ele com tudo, caímos deitados sobre a cama rindo, levo meus lábios aos seus e selamos nosso noivado com

um beijo que faz qualquer raciocínio lógico sumir da minha mente. Não demora para que eu o sinta crescer de tamanho tocando minha barriga e rio me surpreendendo com o desejo por mais sexo que surge no meu interior, nas duas vezes que me permiti sair com alguém sequer cheguei a ter um orgasmo e quando acabou juntei minhas coisas e fui embora, usando a desculpa de que Anna estava me esperando para dispensar qualquer coisa a seguir. Com Elano sempre desejo mais e mais, e não tenho receio, deixo-o me levar para o meu novo lugar favorito no mundo onde só existe nós dois nos amando, dando e recebendo prazer até cairmos do abismo juntos.



— Podemos casar depois de amanhã? — Elano pergunta, acariciando meus cabelos depois de tomarmos banho de banheira e fazermos amor ali também.

— Só pode estar brincando! — Ergo meu tronco para olhá-lo e vejo seu franzir de testa. — Acabamos de nos acertarmos e ficarmos noivos, não podemos casar logo em seguida.

— Por que não? Eu amo você, você me ama, temos uma filha linda que amamos, não vejo motivos para esperar. — Sua expressão contrariada é idêntica à da nossa filha quando ela quer algo e não permito.

— Primeiro porque existem os trâmites legais para um casamento e segundo que eu não quero nada corrido, como se estivéssemos correndo contra o tempo, isso dá azar. — Apelo para um possível lado supersticioso dele e parece funcionar.

— Não é justo, eu quero ter você comigo todas as noites e acordar do seu lado, vê-la andar por aí com minhas camisetas e poder roubar um beijo seu ou abraçar minha filha sempre que estiver em casa e não gosto da ideia de ter que esperar muito mais por isso — suas palavras trazem o cenário perfeito a minha mente e a ideia não é de todo ruim.

Sento e depois levanto, indo em direção à porta e vejo seus olhos me fitarem todo o tempo, vou à cozinha, pego um copo com água e sorrio por sentir seu corpo se aproximando do meu.

— O que foi? Estou sendo insistente demais, é isso? Por isso precisou se afastar? — Viro-me e toco no seu rosto com carinho.

— Um pouco, mas eu vim aqui beber água. — Dou de ombros e ele estreita os olhos para mim. — Estou na sua casa no meio da noite, vou dormir ao seu lado e andei por aí usando isso. — Seguro a bainha da camiseta que

em mim virou vestido e ele sorri, aproveito e roubo-lhe um beijo. — E acabo de te beijar, nossa filha está no quarto aqui perto, basta ir lá e abraçá-la.

Ele demora um pouco para entender o que estou insinuando, mas quando o faz um sorriso lindo de se ver desponta nos seus lábios e seus braços me puxam para junto de si.

— Isso quer dizer que vai morar comigo? — Tão apressado esse garoto!

— Não necessariamente, quero dizer que estou com você e não vou a lugar algum nem nossa filha, podemos fazer isso dar certo sem apressar as coisas, você pode ficar na minha casa sempre que quiser e eu venho com Giovanna para cá, tanto faz, o que importa é que não se livrará de mim tão fácil!

Fico nas pontas dos pés e toco meus lábios nos seus, mas ele é mais rápido e segurando minha cabeça firme aprofunda o beijo até que estamos os dois sem fôlego, mas sorrindo como bobos.

— Deus me livre de um dia eu me livrar de você, se acontecer pode me internar num sanatório, pois significa que perdi a lucidez. — Cola sua testa na minha e suspiro satisfeita. — Eu gostei da sua ideia, só não me faça esperar mais dez anos para que possa chamá-la de minha esposa, sim?

— Prometo que estaremos casados antes do décimo quinto aniversário

da Anna! — brinco e ganho um tapa no meu bumbum e grito de surpresa.

— Muito engraçada, menina bonita, mas venha, já que vou esperar seis meses para me casar com você, quero aproveitar a despedida de solteiro a partir de agora. — Sorri safado e reviro os olhos para a forma como tenta me enrolar.

— Seis meses de despedida de solteiro! Isso soa perfeito. — Rimos e ele me ergue nos braços, cruzo as pernas na sua cintura e seguimos em direção ao quarto. Mas antes passamos no de Giovanna e beijamos nossa menina antes de enfim nos rendermos a primeira noite de sono que passamos ao lado do outro e como noivos, a primeira de muitas que ainda virão.

Capítulo Vinte e dois



Cada Um

Cada um cumpre o destino
que lhe cumpre,
E deseja o destino que deseja;
Nem cumpre o que deseja,
Nem deseja o que cumpre.

Como as pedras na orla dos canteiros
O Fado nos dispõe, e ali ficamos;
Que a Sorte nos fez postos
Onde houvemos de sê-lo.
Não tenhamos melhor conhecimento
Do que nos coube que de que nos coube.
Cumpramos o que somos.
Nada mais nos é dado.

Ricardo Reis



— Amadaaaaaa, que anel bafo é esse? — Marcos grita ao ver o anel de noivado no meu dedo quando passo a mão na testa depois que colocamos o segundo bolo de casamento sobre a mesa. Enquanto o de Ari é o clássico de três andares branco com algumas flores e o brasão com as iniciais dela e Giules no tom rosa chá, o de Valentina é o oposto perfeito, minha futura cunhada gosta de cores e escolheu um nos tons verde mar e dourado com detalhes rendados sobre a pasta, deu trabalho, mas ficou excepcional, meu amigo e sócio trabalha muito bem, mas é escandaloso que só ele.

— *Shiiii*! — digo para ele, olhando em volta se mais alguém escutou seu grito.

— O quêêêêê? — Reviro os olhos para o drama que ele começa a fazer. — Não vai me enrolar agora, vai Dothy?

Essa não era minha intenção, mas se bem que posso torturá-lo um pouco mais.

— Eu não sei do que está falando, Marcos, presta atenção naquela mesa, não parece que falta algo? Será que ficou uma remessa de doces na

van? — digo e começo a me afastar dela, mas sabendo da sua ansiedade ele logo vem atrás de mim.

— Karen Dorothy Twan, eu a conheço há muitos anos e nunca vi você usando essa belezinha aqui. — Pega minha mão e ergue para olhar mais de perto a delicadeza da joia. — É mais bonito ainda vendo de perto, vai amiga, diga logo que o bonitão te pediu em casamento, por isso você e a Anna sumiram desde sexta feira a noite!

Rio ao lembrar como minha pequena acordou na manhã seguinte no seu novo quarto e saiu gritando pelo pai, quando saímos do quarto ela pulou no colo dele e chorou agradecendo pela melhor surpresa que ele lhe fez, foi difícil segurar as lágrimas, mas me controlei para não chorar também. Passada a emoção ela nos olhou desconfiada e viu o anel no meu dedo, foi motivo para mais gritaria e abraços para todo lado, por ela e Elano teríamos ligado para todo mundo contando a novidade, mas faltando tão pouco tempo para o casamento dos irmãos dele achei melhor esperar até amanhã para contarmos, assim não tiramos o foco dos noivos.

— Não surta, nem faz auê ainda, mas sim, estamos noivos! — digo com um sorriso que ameaça dividir meu rosto ao meio.

— Como não fazer auê, *mana?* Tu vai casar! — Marcos passa os braços em volta dos meus ombros e me aperta praticamente pulando, meus olhos se enchem de lágrimas ao perceber o quão feliz ele ficou por mim. —

Vou fazer o bolo de casamento mais lindo que essa cidade já viu! — Rio e beijo seu rosto.

— Eu pensei que esse era o meu! — Ouvimos a voz de Valentina se aproximando e peço para que ele fique de bico fechado.

— O seu está espetacular, Val, o de Ari também, toda a decoração está belíssima.

Concordo com ele, apesar de optarem por um casamento duplo a decoração transmite a essência das duas, sem que fique afetado ou simples demais, foi como se os gostos das duas se complementassem.

— Sim, está como imaginamos! — Ariana se aproxima e abraça os ombros da cunhada.

— Mas esses dois estão nos enrolando, Ari, estavam aqui falando sobre um bolo que farão que será o mais bonito de todos os tempos. — Valentina faz um beicinho e vejo de quem Anna herdou esse traço.

— É apenas Marcos pensando alto — desconverso, mas movimento a mão para enfatizar o que digo, esqueço que o anel está ali e os olhos de Ari acompanham o movimento de olhos arregalados.

— *Manaaaaaa*, tu vai casar? — grita soltando Val e vindo me abraçar. — Não acredito que guardou segredo de mim! — Faz um beicinho, mas logo me abraça apertado.

— Para tudo, isso quer dizer que o meu irmão vai casar e não disse nada a ninguém? — Valentina fala chamando a atenção de todos em um raio de quinhentos metros. Seus olhos passam do anel no meu dedo para além de mim e acho que a magoamos de alguma forma. — Quando a *mamma* descobrir...

Tremo inteira pensando como poderá ser a reação da minha futura sogra, agora já não sei mais se foi uma boa ideia guardar segredo por enquanto.

— Não seja malvada com minha noiva, Val! — Elano surge atrás de mim e respiro aliviada. Desde ontem à noite não o via e já estava louca de saudades, ele ficou com os rapazes e seu pai, enquanto Anna dormiu no apartamento de Giules com as noivas. Já eu passei boa parte da noite com Marcos conferindo se tudo estava ok.

E minha futura sogra, como boa anfitriã que é, recebeu os parentes de Victor e Ariana que vieram para o casamento na sua casa.

— Só estou sendo realista, quero só ver a cara dela quando ela descobrir que o *ragazzino*[46] dela ficou noivo e não avisou — apesar do seu tom ser de brincadeira tremo, Giovanna Borella recebeu a mim como uma integrante da sua família, não apenas a mãe da sua neta e tudo que não quero é magoá-la por um motivo algum.

— Pro seu governo ela já está sabendo! — Elano diz, passando os braços pela minha cintura e me puxando para junto de si. Deposita um beijo no meu ombro antes de continuar: — A *mamma* e eu conversamos ontem e eu contei, ela aceitou a decisão DA MINHA NOIVA em manter em segredo até seu casamento acontecer, sua ingrata. Desculpa, amor, mas não poderia deixá-la no escuro. — Balanço a cabeça sinalizando que está tudo bem, se a minha estivesse viva também seria alguém para quem contaria.

Vejo o semblante de Val cair um pouco quando o irmão fala o nosso motivo por trás do sigilo.

— Você fez isso por nós, Dothy? — Estende a mão e seguro, assim como a de Ariana, as duas tem lágrimas nos olhos.

— Eu não queria tirar o foco de vocês e não vou, quando voltarem da lua de mel poderemos comemorar e começar os preparativos para daqui um ano ou dois — digo e sinto so braços de Elano me apertando.

— Ela quis dizer seis meses! — Reviro os olhos e todos riem da pressa do meu noivo.

— O que vai ser em seis meses? — Olho para o lado e vejo Victor e Giules se aproximarem e abraçarem as noivas.

— Pronto, adeus segredo! — Marcos ri, lhe dirijo meu olhar afiado e ele ergue as mãos, se não fosse sua insistência ainda estaria em sigilo.

— Nosso irmão ficou noivo e não ia contar nada pra nós! — Valentina diz implicando com Giules e esse ri alto.

— É isso aí, cretino número dois! — Victor ergue a mão e Elano bate nela.

Giules por sua vez larga a noiva e quando penso que vai abraçar o irmão me puxa e ergue nos seus braços com uma alegria quase infantil, nisso Elano tem razão, Anna se comporta melhor na maior parte do tempo.

— Bem-vinda oficialmente a família, cunhada! — O maluco me gira e não controlo a gargalhada.

— Giules, ponha minha mulher no chão e vá agarrar a sua, *véio*! — Elano me reivindica e me derreto quando seus braços me puxam para junto de si e diante de todos beija meus lábios com paixão. — Eu te protejo desse brutamontes, menina bonita!

— Será que posso pelo menos abraçar e desejar parabéns a ela? — Victor pergunta entre uma risada e outra e mesmo a contragosto Elano me solta e sou abraçada por todos, assim como ele, é tanta felicidade que sinto meu peito contrair ameaçando explodir.

— Aqui estão vocês! — Fátima, a cerimonialista aparece com sua prancheta. — Já deveriam estar se arrumando, faltam poucas horas para o grande momento. Rapazes para a direita e moças para esquerda! — Aponta a

direção e com relutância nos separamos dos nossos noivos e a seguimos, mas não sem que façam uma pequena algazarra comigo assim como ouço Victor, Giules e Marcos fazerem com Elano.



— Papai? — Ouço o chamado da minha garotinha e meu coração acelera ao vê-la ainda mais bonita do que achei ser possível.

A pedido de Ari e Val, Anna entrará com as alianças em uma pequena apresentação de balé, por isso seu vestido foi modificado de forma que não atrapalhe seus passos. Minha garotinha teve apenas dois dias para ensaiar, mas usou todo tempo no seu novo estúdio no quarto que preparei para ela em nossa casa e se apresentará ao lado do seu amigo da escola, Tiago, um garoto que a olha de forma demorada demais *pro* meu gosto, mas que a ajudou prontamente logo que pediu, só me restando aceitar que minha garotinha é linda e encanta a todos.

— Essa beleza toda é para mim, *tesoro?* — pergunto e suas bochechas coram destacando o verde dos seus olhos ainda mais.

— Para, papai! — Abro os braços e ela vem rapidamente. — O senhor também está muito bonito. — Ergue a cabeça e me sorri daquele seu jeito lindo de menina.

— Como está se sentindo, nervosa? — Sento no sofá do quarto e a coloco no meu colo.

— Um pouquinho assim. — Mostra afastando o dedo indicador do polegar e fechando um olho. — Mas o Tiago, esse *tá* se borrando todo. — Ri do nervosismo do amigo e vou junto com ela.

— Deixa-me te contar um segredo, as garotas são mais corajosas do que os garotos, por isso vocês são tão especiais!

— Eu sou? — Os pontos dourados nos seus olhos tomam a íris quase que completamente.

— Você é a mais especial de todas para mim, *tesoro*, o melhor presente que já recebi da vida! — Vejo como seu peito sobe e desce rápido e lágrimas se formam nos seus olhinhos.

— E a mamãe? — Ela sempre inclui a mãe em tudo.

— Ela é o segundo melhor presente! — digo e seu sorriso aumenta.

— Você ouviu, mãe? — Olho para a porta e lá está minha menina bonita.

Meu coração para por um segundo vendo-a passar pela porta com seu

vestido creme longo, mas que tem um decote generoso na frente que me lembra o que está por baixo do franzido do tecido, despertando o desejo libidinoso em mim, mas então olho para minha filha no meu colo e digo ao meu colega animado para ficar quieto por enquanto.

— Ela não está linda, pai? — Giovanna sai do meu colo e corre para abraçar a mãe.

— Belíssima, tão linda quanto uma poesia de amor. — Levanto e caminho até elas, puxo Karen para um abraço e minha mão desliza pelas suas costas nuas.

Dou um passo para o lado e inclino a cabeça um pouco e juro que tenho um pequeno infarto, o vestido dela atrás não tem nada mais do que duas faixas de tecidos advindas das alças e se unem no início da saia alguns centímetros acima do seu quadril. É impossível não imaginar muitas safadezas com esse vestido envolvido, pedirei que o use por toda a noite depois que colocarmos Giovanna para dormir, ah se vou.

— De tirar o fôlego! — cochicho no seu ouvido e sinto o seu corpo tremer e seus olhos me fitam maiores do que o normal, engole em seco e ergue-se para me beijar.

Colo meus lábios nos seus e, como sempre acontece, sinto que estou no lugar a que pertenço, por esse momento infinito esqueço de tudo até ouvir

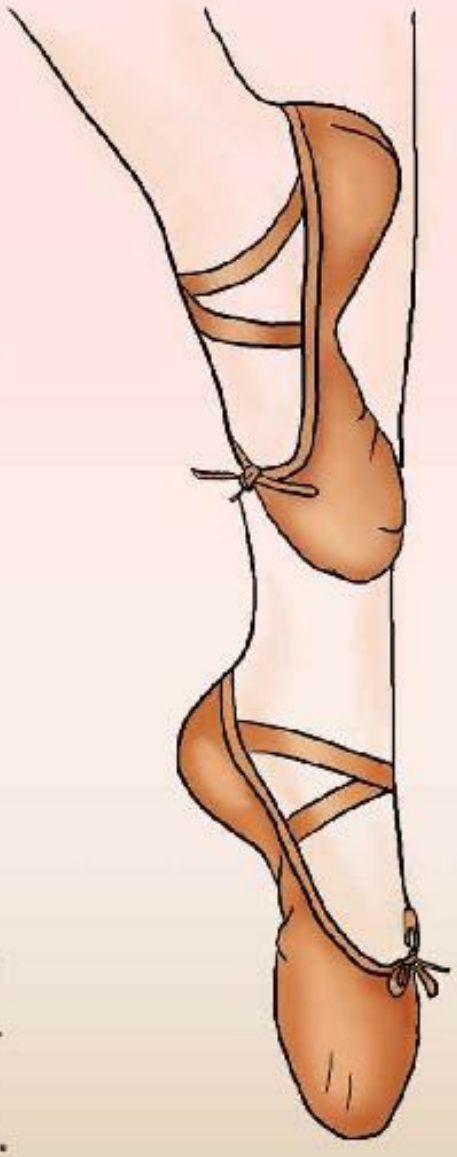
três batidas na porta e Giovanna correr para abri-la. A cerimonialista entra com a sua pressa, a qual já me acostumei, e nos diz que já está na hora de irmos para o altar, uma vez que somos o único par de padrinhos dos noivos. Beijo a testa da minha filha antes que Fátima a leve para o lugar onde deve aguardar o momento certo de entrar.

— Me daria a honra, menina bonita? — pergunto, estendendo a mão para ela.

— *Per tutta la vita, amore mio*![47] — O sorriso mais radiante surge nos seus lábios e não aguento ficar sem beijá-la como desejo.

Colo nossos lábios e exploro sua boca, me rendendo a esse amor que me acompanha há tanto tempo e seus braços se fecham ao redor do meu pescoço me mantendo cativo do seu abraço, assim como o meu coração sempre foi *refém dos seus encantos* e para sempre será!

Anna



Eu te amo porque te amo.
Não precisas ser amante,
e nem sempre sabes sê-lo.
Eu te amo porque te amo.
Amor é estado de graça
e com amor não se paga.

Amor é dado de graça,
é semeado no vento,
na cachoeira, no eclipse.
Amor foge a dicionários
e a regulamentos vários.

Eu te amo porque não amo
bastante ou de mais a mim.
Porque amor não se troca,
não se conjuga nem se ama.
Porque amor é amor a nada,
feliz e forte em si mesmo.

Amor é primo da morte,
e da morte vencedor,
por mais que o matem (e matam)
a cada instante de amor.

Carlos Drummond de Andrade

— Anna, eu não sei se consigo! — Tiago fala tremendo dos pés à cabeça, o medroso. Reviro os olhos sem acreditar que esse bobão vai amarelar justamente agora.

— Consegue sim, nem é você quem vai dançar, só vai entrar segurando minha mão! — Cruzo os braços e fecho a cara *pro* seu lado.

Se não tinha coragem de se apresentar devia ter dito, tia Val teria conseguido alguém para entrar comigo, sei que sim, o papai, nossa como é bom falar essa palavra, eu agora tenho um pai, não sou mais só eu e mamãe e eles vão casar, tomara que me deem logo um irmãozinho ou irmã, vou curtir pra caramba ser a irmã mais velha, eu acho.

Nossa me perdi nos pensamentos de novo, mas voltando ao que ia dizer, que era o que mesmo? Ah, lembrei! O papai sempre diz que a minha tia Valentina tem o dom de conseguir tudo o que quer e o meu tio Giules concorda tanto que eles chamam o tio Victor, noivo da titia e pai do bebezinho dela, de *cani addestrati*[48], nem sei o que significa e a mamãe me proibiu de procurar a tradução no Google. Mas não importa, eu quero ser como a minha tia e conseguir tudo que quero também, na hora é fazer o Tiago não desistir de me acompanhar quando entrar com a cesta com as alianças que meus tios trocarão no casamento.

— Vocês entrarão em quinze minutos! — a tia Fátima da organização

fala e juro que o Tiago fica verde de nervoso.

— Ah meu Deus, você não vai vomitar não, vai? — pergunto indo pegar a garrafa com água que sempre carrego quando vou me apresentar e entrego pra ele.

— Obrigado! — Tiago toma um gole bem grandão e se engasga, não seguro a risada vendo a careta que ele faz. — Que *porra* tu colocou nessa água, Anna?

— Eu nada, já minha mãe sempre põe raspa de gengibre e rodelas de limão. — Dou de ombros.

— *Mano* do céu, não pensou que devia me contar?

— *Nop*! — Seguro o riso. — Mas veja pelo lado bom, não *tá* mais verde.

Sorrio para ele do jeito que a mamãe sorri pro papai e a tia Val faz pro tio Victor, não demora e ele tem aquele olhar de lesado igualzinho o meu pai e o meu tio ficam. Acho que já estou aprendendo a ser como minha tia afinal. A dinda não faz essas coisas com o tio Giules, nem acho que precise, meu tio é um criação, mas eu amo ele, pois nos divertimos muito toda vez que saímos.

— Então me deu isso de propósito? — Faz uma careta e rio, logo ele também ri e vejo um furinho na sua bochecha esquerda quando faz isso.

Inclino minha cabeça para o lado e noto que ele fica mais bonito quando faz isso. Esse pensamento me assusta, não acho meninos bonitos, eles são nojentos, se bem que o Tiago não é, de todos os meninos da nossa turma ele é o único que foi legal comigo quando mudei de Atibaia para cá e ficamos amigos logo de cara.

— Só um pouquinho. — Dou de ombros.

— Acho que funcionou! — Fico tão feliz quando ele diz isso que abraço ele bem forte que quando o solto ele *tá* com um olhão arregalado.

Vou perguntar se *tá* tudo bem com ele, mas escuto a música começar e olho pela brechinha da cortina e vejo o papai entrando de braços dados com a mamãe, eles se olham e sorriem, tem sido assim desde que acordei na casa dele ontem, nunca vi minha mãe tão feliz, nem eu fui tão feliz.

— Eles estão bonitos! — Reviro os olhos, estão *muiiiito* mais que isso.

— Eles são lindos! — Nem viro para olhar para ele, logo a música muda e vejo a minha dinda Ariana andar de braços dados com o papai dela e logo depois tia Val com o *nonno* Luigi.

Quando o casamento começa pego a cestinha na mesa e espero tia Fátima, quando ela aparece e diz que *tá* na hora, pego na mão gelada, mas suada de Tiago e saímos para o salão, a música recomeça e ando de cabeça

erguida em direção ao altar, quando chegamos no lugar indicado, aperto a mão de Tiago indicando que está na hora de soltar e ir me esperar lá na frente, ele sorri daquele jeito que fez lá onde esperávamos e sinto um troço estranho no meu estômago, um frio esquisito, mas logo passa. Olho para onde meus pais e tios estão e começo a coreografia que ensaiei, não tive tanto tempo para aprender os passos.

Me curvo para frente alongando todo o corpo e ao levantar fico nas pontas dos pés dando pequenos passos, faço um arco com meu tronco e faço um *Adagio*[49] antes de tomar impulso para os dois *Grand Jetés*[50] seguidos que me levarão para o lugar certinho onde o Tiago me espera. Quando chego lá, ele ergue sua mão e a seguro girando nas pontas dos pés, me inclino e estendo a cesta com as alianças para os meus tios. Tio Victor é o primeiro a pegar e logo em seguida tio Giules, tia Val e a dinda Ari fazem o mesmo.

Volto a ficar em pé com os pés em um *En dehors* [51]perfeito e todos a nossa volta aplaudem, me curvo agradecendo e dou dois passos para o lado como a tia Fátima disse para fazer e olho para tia Val e a dinda e vejo como estão lindas, parecem princesas saídas dos contos de fadas, elas sorriem e choram um montão, mamãe também *tá* chorando e o papai finge que não tem lágrimas nos olhos piscando eles bem depressa, o tio Giules não esconde nada e chora também, só o tio Victor que puxa o ar mais vezes do que eu acho normal.

O padre chama atenção de todos e começa aquele momento dos noivos colocarem as alianças, vejo o meu pai falar algo baixinho no ouvido da mamãe ela ri e chora, quando o padre diz que pode beijar a noiva ele beija ela, danado, nem casaram ainda, mas só rio e antes que eu note sinto o beijo que Tiago dá na minha bochecha. Meu coração começa a bater tão rápido que olho para ele e vejo como seus olhos azuis estão arregalados, minhas mãos *tão* geladas igualzinho a minha barriga por dentro.

Alguma coisa na minha cabeça diz que devo beijar ele de volta, e pensando bem ele sempre foi legal comigo, se apresentou mesmo com medo, por isso fico na ponta dos pés, pois sou mais baixa que ele uns centimetrozinhos, e beijo na sua bochecha, um *"AHHHHHHH!"* suspirado é dito pelo pessoal perto de nós e olho assustada para o altar onde os olhos do papai fitam o Tiago tão arregalados que tenho medo dele fazer alguma coisa com meu amigo, mas então mamãe diz algo para ele e isso o acalma, já meus tios riem da cara dele, tadinho do meu papai, mando um beijinho para ele e ele devolve com aquele sorriso que sei que é só meu.

— Eu gosto de você, Anna, mas seu pai me dá medo! — Tiago diz baixinho e eu rio.

— Até a gente crescer você perde o medo, ele é legal — digo defendendo o meu paizinho.

— Espero mesmo, pois vou casar com você um dia e vai ser uma festa

bonita assim.

Por que meu coração disparou com o que ele disse? Eu não quero casar ou quero? Ah Jesuizinho, eu quero fazer *ballet*, não casar. Preciso dizer isso para ele, mas quando viro para falar ele *tá* sorrindo daquele jeito de novo e não digo mais nada. Olho para o altar outra vez e vejo meus pais rirem abraçados vindo em nossa direção e isso é a minha resposta, se eles ficaram um tempão sem se ver e vão casar, eu posso ser um bailarina famosa e depois de um tempo voltar e casar com o Tiago também.

— *Tá* bem, mas só depois que eu for uma bailarina famosa, *tá* me ouvindo? — Aponto o dedo para ele e ele balança a cabeça concordando.

Abraço meu amigo por uns segundinhos antes que a mãe dele o chame e eu seja erguida pelos braços do meu pai.

— Você foi perfeita, *tesoro!* — Ele beija meu rosto e eu o seu.

— A mais linda sempre! — mamãe diz e beija do outro lado.

— Mas não saia por aí beijando garotos, está muito cedo para que eu tenha um ataque cardíaco.

— Para de bobagem, amor! — Mamãe ri. — Eles são apenas crianças e lembre que nos apaixonamos na escola.

— Por isso mesmo o meu medo, mas Anna só estava sendo gentil, não *tesoro*?

Balanço a cabeça e sorrio. Passo os braços no pescoço deles abraçando os dois, melhor deixar o que Tiago disse em segredo, papai não precisa ter um... O que foi mesmo que ele disse? Ah, não importa, falta muito tempo para que eu case com o Tiago, até lá eu faço o papai gostar dele, sei que sim!

Fim



Depois do Pedido

Epílogo da Trilogia Irmãos Borella

Giules

e

Ari



Giules

Minhas pernas estão tremendo mais do que vara verde e não há nada que eu faça que resolva isso, nunca fui um sujeito bom em lidar com ansiedade, só não estou pior do que o cretino que se tornará meu cunhado em pouco mais de — olho no relógio mais uma vez para constatar que não passou nem mesmo a droga de cinco minutos — dez minutos de atraso, ela quer acabar comigo, só pode!

— Você está com cara de quem vai vomitar! — Victor, o cretino que engravidou minha irmãzinha, fala com um sorrisinho besta nos lábios, mas basta olhar para a forma como as mãos dele se abrem e fecham várias vezes para saber que tá me enchendo só pra não borrar as calças também.

— Melhor vomitar do que se mijar, Cretino! — Aperto meus olhos ao fitá-lo e ele balança a cabeça sutilmente.

— Onde está o Cretino número dois? — pergunta e minha vontade é

dar uma bifa nele.

— Esqueceu toda a merda dita no ensaio, não foi? — Balanço a cabeça mostrando descrença, mas estou gostando dessa interação, assim não tremo tanto.

— Ah! — Bate na testa e olha para os lados.

Involuntariamente faço o mesmo, o salão está tomado por nossas famílias e amigos próximos, pelo bem da sanidade da *mamma* decidimos casar no mesmo dia, ela mesma disse que não aguentaria organizar duas festas em um espaço de tempo curto. Só que ela não contava que Elano fosse encontrar seu amor da adolescência e agora estivesse trilhando o caminho rumo ao altar, Dorothy terá muito trabalho para fazer ele esperar por mais de seis meses, mas sabendo do amor que ele tem por ela é bem capaz que faça tudo para deixá-la ainda mais feliz.

Pensar no meu irmão e tudo que ele enfrentou ao longo dos anos me faz ver quão abençoado fui, a primeira garota por quem me apaixonei me disse sim e há mais de dois anos meus dias e noites são repletos da certeza do amor que sentimos um pelo outro, olho para o lado e vejo Victor controlando o tremor das mãos e percebo que nunca o agradeci pelo que fez anos atrás, mas antes tarde do que nunca, não é mesmo?

— Obrigado! — falo e minha voz sai um pouco tremida pela emoção.

— Pelo o quê? — Franze o cenho confuso.

— Por ter ido até a *Nonna Fiorella* aquele dia e me dado o mapa pro coração de Ari. — Pigarreio no final quando um bolo se forma na minha garganta e o vejo fazer o mesmo antes de me responder.

— *Ehr*, não precisa agradecer, ir até lá foi a coisa certa a fazer e foi lá que vi minha mulher pela primeira vez — sua voz sai com um toque saudosista e sorri. — Achei que ela fosse namorada do Cretino número dois.

— Fala sério! Já pensou o tamanho da sua infelicidade? — Rio alto.

— Foi o que pensei, mas aqui estamos nós, não é?

Dou um passo até estar com meu ombro tocando o dele e o empurro de leve.

— Também tenho que agradecer, se não tivesse me incentivado a ir atrás dela aquela noite agora poderia ser outro no meu lugar — fala, fazendo careta e o imito, minha irmã poderia ter feito uma escolha ruim outra vez, saber que ajudei nesse quesito me deixa mais feliz do que achei ser possível.

— Somos dois sortudos filhos da puta, não somos? — Abro os braços e ele me abraça, daquele jeito rápido que os caras fazem estando em público, os troncos mal se encostando, três tapinhas nos ombros e é como se levássemos um choque elétrico, nos afastamos e fechamos a cara para manter a fachada de durões intacta.

— Somos muito sortudos e... — Ele para de falar assim que a melodia que indica que o momento mais do que aguardado por nós começa.

As cortinas se abrem e logo o meu irmão aparece de braços dados com sua Karen e o sorriso do cretino é tão grande que ameaça rasgar o rosto ao meio, quando eles chegam aos seus lugares e se posicionam um de cada lado, as benditas cortinas voltam a se fechar e a música muda. Meu coração para nesse meio tempo aguardando a abertura outra vez e quando acontece sinto o poder de todo o amor que sinto pela minha morena me atingir em cheio. De onde estou vejo-a olhar por todos os lados sorrindo e acenando de leve para todos, mas não olha para onde estou e sinto a tremedeira voltar com tudo.

"Olhe para mim, amore mio?", peço em silêncio repetidas vezes, quero ter um vislumbre do brilho intenso que seus olhos têm quando me fitam, convidando-me para o labirinto de emoções e sensações que só ela tem o poder de trazer a minha vida dia após dia.

— Puta merda, ela está ainda mais linda — Victor sibila ao meu lado e por um instante acho que está falando da minha Ari, então vejo Valentina surgir alguns passos atrás com meu pai e se posicionarem ao lado de Ari e seu Onofre, meu sogro.

Minha irmã parece uma princesa, o vestido tem uma saia com muitas camadas que lhe caiu muito bem no seu corpo levemente alterado pela

gestação, olho-a por meio segundo antes de voltar meu olhar para Ariana outra vez, minha noiva é o oposto de Val, seu vestido de renda traz simplicidade e elegância na mesma medida o que a deixa ainda mais bonita, meus olhos fixam-se no decote em V e penso em muitas coisas pervertidas para fazer quando estivermos entre quatro paredes.

— Está babando, mano! — Elano fala chegando bem perto e involuntariamente passo a mão na boca, está seca e me seguro pra não dar um socão na cara desse cretino.

— Deixa só chegar sua vez... — respondo sem olhar para ele, meus olhos estão fixos nela esperando o momento que vai me olhar.

Lentamente sua cabeça se ergue e meu coração troveja no peito enlouquecido, quando me fita todo o mundo para de existir e já não escuto mais nada, tudo se resume a ela caminhando para mim, o pobre Onofre mal acompanha seus passos, eles chegam no limite de cadeiras onde nossos convidados estão e não espero mais, vou buscar minha mulher assim como Victor sua Valentina.

— *Voi due avete fretta*[52]! — o *babbo* diz com um sorriso largo ao pegar a mão de Val e colocá-la sobre a de Victor. — *Abbi cura della mia bambina, ragazzo!*[53]

— Pode deixar, senhor! — Victor fala com convicção, já eu não

consigo dizer coisa alguma, apenas sorrio como uma criança na noite de Natal.

— Estou lhe entregando o meu bem mais precioso, cuide dela com a sua vida ou eu saberei te encontrar! — Engulo em seco, o meu sogro é um investigador da polícia militar aposentado, sei que saberia como fazer isso, mas basta ver o sorriso de Ari se abrindo com a frase do pai que o risco vale mais do que a pena.

— Prometo cuidar dela para sempre! — afirmo e logo a mão da minha garota está sobre a minha e nos viramos para onde o padre nos aguarda e a cerimônia que nos oficializa como sendo um do outro começa.



— Filha? — a voz do meu pai chega até mim e sinto que o nó no meu estômago duplica de tamanho, se tivesse conseguido comer alguma coisa sólida hoje com certeza já teria colocado pra fora.

Puxo uma respiração antes de me virar e encará-lo junto com mamãe, ela vem chorando litros desde que contei sobre o noivado, então sei que vou chorar assim que ver lágrimas nos seus olhos.

— Mamãe... — Abro os braços e minha rainha me toma em um abraço apertado, meus pais sempre foram meu pilar, mesmo quando me mudei para São Paulo sabia que os tinha comigo apoiando cada uma das minhas escolhas.

E hoje estou há minutos de mais um degrau naquela que foi a decisão mais acertada que já tomei, dar uma chance ao meu padeiro doce e gentil com cara de marrento e uma pegada que me joga no lixo todo juízo que me resta.

— Não acredito que a minha menininha está prestes a casar! — ela fala dando um passo atrás e secando as lágrimas.

— Pois é, encontrei um louco para mim — brinco e papai estala a língua discordando.

— Aquele sujeito que tem sorte de você ter aceitado ele, isso sim e ai dele se pisar na bola, meus anos investigando crimes me deram alguma noção do que fazer para não ser pego. — Se uma risada não viesse em seguida juraria que estava falando sério.

— Onofre, não fale essas coisas, Giuliano é um bom rapaz e ama nossa filha! — Adoro o fato da minha mãe ter pego meu noivo para o posto

do filho homem que ela não teve, o carinho que um tem pelo outro muito me agrada.

— Deixe de defender aquele sujeito, Larissa, ele está levando minha princesinha para sempre ... — sua voz fica embargada ao final e o bolo volta com tudo.

— Não me faça chorar, papai! — Ele abre os braços e vou de bom grado.

Ficamos assim abraçados até que Janete, ou melhor, Jane, aparece dizendo que está na hora da minha mãe ir para o seu lugar e papai e eu nos posicionarmos para o grande momento. Recebo um beijo na testa da mamãe e respiro fundo antes de pegar o buquê de lisiantos brancos e rosé, saímos para o corredor e lá está Valentina segurando firme no braço do meu futuro sogro. Luigi Borella é um sujeito bonito, mesmo com quase setenta anos ainda preserva o ar jovial e tem uma criança interior idêntica à que vive no filho mais velho, se a aparência não os denunciasse como pai e filho, a irreverência de Giules idêntica à sua seria uma dica.

— Ari, *come sei bella, cara mia*![54] — Luigi fala, abrindo o braço livre para me receber em um abraço apertado. — Meu filho tem muita sorte em ter você!

Suas palavras me emocionam, as lágrimas traiçoeiras ameaçam se

soltarem e me deixar com nariz vermelho e olhos inchados durante toda a cerimônia.

— Eu falo isso direto! — Papai quebra o clima meloso e todos rimos.

— Ari... — Val diz já fungando e viro-me para olhar minha cunhada e amiga.

Nos últimos dois anos criamos laços tão fortes de amizade que é como se estivéssemos juntas durante toda a vida, ela é a irmã que não tive e agora vamos nos tornar cunhadas oficialmente. Dou um passo atrás para admirá-la linda no seu vestido estilo princesa que a deixa com a aparência de ter saído de um conto de fadas, os quase quatro meses de gestação ainda não visíveis por seu corpo a permitiu estar como sempre sonhou e fico muito feliz por isso.

— Val, está tão linda! — Estendo minha mão e logo ela a segura, já suas lágrimas deslizam facilmente.

— Você também, eu não consigo parar de chorar desde que coloquei o vestido e daqui a pouco vou estar tão inchada que se o Vi quiser desistir do casamento não poderia culpá-lo. — Ri da própria piada.

— Ele não faria isso, iria atrás do sujeito até no fim do mundo! — Papai fala e ela se joga nos braços dele.

— Ah, tio Onofre, você é um amor!

E o ex-detetive durão se derrete todo com o abraço da minha cunhada, se tem alguém dessa família que conquistou o meu velho foi Valentina, isso é, antes teve Giovanna, mas até então não sabíamos que ela era filha de Elano com minha amiga Dorothy, então com Val foi imediata a afeição.

— Está na hora! Onde estão os padrinhos? — Jane gira atrás de Elano e Dothy que não vi desde que ficou pronta há mais de quarenta minutos.

— Aqui! — meu cunhado diz, saindo de um dos quartos ao lado da noiva que exibe um sorriso lindo de se ver no rosto que um dia teve um semblante entristecido.

— Certo é a deixa de vocês! — Jane fala assim que o quarteto de cordas começa a tocar uma melodia suave.

— Vocês estão lindas! — Dothy abraça a mim e Val, assim como Elano e logo eles passam pelas cortinas que nos mantém ocultos dos demais.

— Três, dois, um... está na hora! — Jane anuncia e minhas pernas começam a tremer mais do que o normal, de repente já não sei se consigo chegar ao altar.

— Pai, eu...

— Você consegue, é o homem que escolheu que está lá te esperando.

— Eu acho que vou vomitar! — Valentina anuncia e me solidarizo com ela, mas queria eu ter a desculpa de uma gravidez para justificar minha

ânsia também.

— Quer esperar um minuto? — Luigi pergunta preocupado.

Mas essa é Val, a garota corajosa que enfrentou os irmãos para que pudesse ir atrás do seu sonho, com um balançar de ombros e uma respiração profunda ela ajeita a postura e sorri abertamente.

— Não, eu estou bem, só não me deixe cair, *babbo*! — fala, passando o braço no do pai.

— Se quiser fugir a hora é agora! — papai brinca e rio antes de olhar nos seus olhos tão parecidos com os meus e ter um vislumbre do amor que sente por mim ali estampado.

— Não, eu comprei um vestido bonito para a ocasião, não vamos desperdiçá-lo. — Franzo o nariz e todos riem.

A música muda e a *Marcha Nupcial* começa e nos posicionamos, seguro na mão de Val enquanto esperamos as cortinas serem puxadas. Sinto minha pele formigando do jeito como acontece sempre que estou sendo observada por ele, damos o primeiro passo e não arrisco olhar em direção ao altar ainda, sei que se o vir não conseguirei desviar meus olhos. Aproveito para absorver toda a decoração do ambiente, o cheiro das múltiplas flores que ornamentam o salão e as pessoas que aqui vieram presenciar esse momento tão especial para nós.

Damos mais um passo e a atração que ele exerce sobre o meu corpo me impele a erguer os olhos e lá está, aquele brilho intenso no castanho escuro que me arranca o fôlego e faz dos meus dias mais felizes. Minhas pernas parecem seguir um comando silencioso que não sou eu quem lhe dá, os passos se tornam lentos demais, quero estar ao seu lado, sentir o toque da sua mão na minha e aquela faísca de eletricidade passar entre nossas peles. Então quando enfim chego onde o homem que eu amo está tudo se torna secundário, mal noto Val ser dada a Victor pelo pai ou as frases trocadas pelo pai e Giules, não percebo quando nos posicionamos diante do padre ou as palavras proferidas por ele, vagamente noto minha mãe e sogra chorarem, todo o meu foco está no homem incrível diante de mim, no sorriso infantil apaixonante dele e no jeito como não sente vergonha de suas lágrimas que espelham as minhas. Nada mais importa, não quando o tenho aqui.



— Está feliz, esposa? — Giules pergunta, beijando o meu ombro.

Viro para encarar o meu marido e a emoção de poder falar isso faz meu peito se contrair e expandir de uma vez só. Os olhos dele brilham muito mais do que achei ser possível e saber que é o amor que tem por mim o que

traz esse brilho me deixa muito, muito feliz mesmo.

— Tanto que não consigo colocar em palavras! — falo e logo seus lábios estão sobre os meus. O suspiro que me escapa é movido pelo desejo que sinto em sentar no seu colo e tirar todas essas camadas de tecido do corpo como fizemos tantas vezes.

— Acha que já ficamos aqui tempo suficiente? — Giules pergunta com os lábios junto aos meus. Pelo jeito não sou a única querendo apressar as coisas.

— Achar eu até acho, mas ainda falta algum tempo para termos permissão de sair. — Rio e ele geme frustrado.

— Ainda bem que isso só acontece uma vez, não sei se teria muito autocontrole para ver você tão linda e sexy em um vestido de noiva e não ter permissão para deslizar minhas mãos por debaixo dessa renda e descobrir o que tem ali, mas também ficaria feliz de descobrir que não tem nada — fala deslizando a mão sobre minha perna e aquele arrepio gostoso sobe pela minha espinha.

— Você é um safado, padeiro! — Rio e o grunhido dele vem um pouco mais alto e isso atrai o olhar de Elano que ri antes de levantar para o seu discurso.

— Boa noite, senhoras e senhores! — fala ao chegar onde o

microfone está posicionado. — Bom, eu não sou o melhor em discursos da família, mas fui escolhido para ser o padrinho de casamento de duas das pessoas mais importantes da minha vida.

Sinto quando a mão de Giules procura a minha por baixo da mesa e repito seu gesto, impressionada por Elano estar falando de sentimentos abertamente. Durante todo o tempo que o conheço meu cunhado sempre se manteve mais reservado, dificilmente se tornava o centro das atenções e quando o fazia evitava que se perdurasse o momento, acho que o reencontro dele e Dothy fez muito bem aos dois. Olho para o outro lado da mesa e vejo os olhos da minha amiga brilharem.

— Cresci tendo o melhor amigo, irmão e parceiro do crime de todos, Giules e eu fomos os heróis das galáxias, os cavaleiros do velho oeste, os desbravadores de lugares imagináveis, coitados dos nossos pais, tiveram que se desculpar com os vizinhos muitas vezes, não é mesmo? — Rimos do revirar de olhos de Luigi e o dar de ombros de Giovanna. — Nossos primos e tios então, *Dio Santo,* como aprontamos, fizemos tantas traquinagens, não é mesmo irmão?

— SIMMMM! — o urro de Giules vibra. — Menos do que merecíamos, cara.

— Com certeza, aprendemos tantas coisas juntos, mas o mais

importante foi a cuidar *della nostra dolce Principessa*[55]*. Val...*

Olho para ela e vejo as lágrimas molharem seu sorriso, ela olha para Victor que a puxa para junto de si e beija o lado da sua cabeça.

— Sei que muitas vezes fui aquele irmão chato pra caralho, mas *poh*, tinha que cuidar da minha irmãzinha e você não facilitou minha vida de forma alguma, não é mesmo?

— Não mesmo! — Val responde rindo.

— Claro que não e se pudesse voltar no tempo não mudaria nada, foi a melhor infância de todas e assisti aos dois trilharem seus caminhos para o amor e não poderiam ter feito escolhas melhores, por isso convido a todos aqui presentes a erguerem suas taças em um brinde aos meus irmãos e cunhados, que o amor de vocês floresça a cada manhã e se mantenha brilhante como as estrelas apesar de qualquer tempestade!

Todos erguemos nossas taças e recebo um beijo carinhoso do meu marido, assistimos os demais discursos, nossos pais que não deixariam passar a oportunidade de nos envergonhar e nossas mães que, entre uma lágrima e outra, nos fizeram rir com histórias que nem lembrávamos, bom, Val tem mais dessas do que eu, Victor é um caso à parte, as lembranças boas que ele evoca do meu início aqui em São Paulo me emocionam, mas então toda a sua atenção se volta para a esposa e o discurso dele emocionaria até mesmo a

pessoa mais durona de todas. E quando menos espero sinto o corpo de Giules se remexer inquieto, olho para ele e recebo apenas um piscar de olho cúmplice.

— Senhores, esposa... — fala, colocando a cabeça de lado. — Não sou bom com palavras como o meu irmão, tão pouco sei colocar meus sentimentos de uma forma tão bonita como meu cunhado, mas eu canto. — Rio do seu jeito descontraído. — Isso foi uma vantagem e tanto quando precisei conquistar minha garota, mas não foi apenas isso, pois desde que a conheci eu senti que precisava ser alguém melhor, ser digno do seu amor e desde que me aceitou na sua vida meus dias têm sido, não perfeitos, os de ninguém são, mas tem chegado muito perto disso. Eu a amo muito mais do que imaginei ser possível e a cada amanhecer que abro meus olhos e a primeira coisa que vejo é você sinto que estou no lugar certo, aquele que sempre estive destinado a pertencer, agora eu queria saber se me daria a honra de dançar comigo?

Em meio às lágrimas balanço a cabeça já que não sei onde minha voz foi parar, me levanto e com as pernas um tanto trêmulas vou ao seu encontro, paro abaixo do palco e quando penso que deixará o microfone lá, ele o tira do pedestal e como deixa a banda começa a tocar a música que ele cantou no aniversário de casamento dos pais naquela noite que nos entregamos a nossa *doce paixão* pela primeira vez.

— Posso parecer repetitivo, mas nenhuma música é tão perfeita para dizer o que sinto e tudo que você representa para mim do que essa.

Seu braço circula minha cintura e me puxa para junto de si, deito a cabeça junto do seu peito e logo sua voz grave começa a cantar *Never Knew I Needed* [56]do Ne-Yo e começamos a nos mover.

For the way you changed my plans

For being the perfect distraction

For the way you took the idea that i had

of everything that i wanted to have

and made me see there was something missing...[57]

Aperto meus braços em volta do seu corpo e ergo a cabeça, seus olhos fitam os meus e já não consigo me mover, sinto o poder das suas palavras e meu coração sofre pequenos espasmos sendo preenchido por esse amor imenso que cresce cada vez mais.

Now it's so clear, I need you here always...[58]

— Eu amo você, Ari! — fala enquanto a banda continua a música em seu lugar.

— Eu te amo, Giuliano! — Seus braços se fecham em minha cintura e seus lábios tocam os meus me fazendo flutuar na maciez deles.

Nossos corpos voltam a se mover com a mesma lentidão que nossos lábios, estamos degustando o que vivemos querendo que se prolongue pelo tempo que for preciso, é o nosso momento, estamos em nossa bolha de felicidade onde nada mais importa, só nós dois e a nossa *doce paixão* que evoluiu e se tornou um amor imenso.


Por toda
a vida

Dois anos depois

Giules

— Amor, estamos atrasados! — digo batendo na porta do quarto, acho que pela quinta vez.

— Só um minuto, vai ligando o carro. — Reviro os olhos sem acreditar que vou me atrasar para o grande dia do meu irmão.

Elano, diferente do que pensei, cedeu às vontades da noiva e os dois esperaram por dois anos até o casamento, a verdade é que a expansão comercial da nossa rede de padarias fez com que eles tivessem mais trabalho do que achavam ser possível, principalmente depois que a Doceria dela passou a fazer parte da nossa empresa, as encomendas aumentaram potencialmente, por sorte Marcos, sócio de Dorothy, teve paciência para fazer a seleção dos novos funcionários e tem sido um grande sucesso e vantajoso

para ambas as partes.

O que importa é que eles finalmente vão casar, se bem que já moram juntos faz tempo e já tem uma filha de onze anos, ah, minha sobrinha Giovanna, está se tornando uma mocinha lindíssima e vai dar uma dor de cabeça danada ao meu irmão, principalmente com o gênio forte que a *bambina* tem, é a mistura de Valentina, Elano e eu numa criaturinha só, por aí você tira.

— Giules, amor você ainda está aí? — a voz de Ari vem abafada do outro lado da porta.

— Sim, *amore mio*! — A risada dela enche meus ouvidos de prazer.

— Não foi ligar o carro como pedi, foi? — Minha esposa me conhece como ninguém.

— *Ehr*, não, por que não sai logo daí e vamos ligar ele juntos? — proponho e mesmo distante sei que está revirando os olhos.

— Ah, Giules, entra logo de uma vez e me espera!

Não preciso de um segundo incentivo, abro a porta e sento na cama esperando que saia do *closet*. Quando isso acontece perco meu fôlego completamente, meus olhos vão em direção a sua barriga protuberante dos cinco meses de gestação e um nó se forma na minha garganta. Uma emoção sem tamanho me toma todas as vezes que lembro que ali dentro cresce um

serzinho metade eu, metade ela, fruto do nosso amor.

— E então, valeu a pena esperar? — Dá uma voltinha e sibilo baixo tendo a visão privilegiada das suas curvas cada vez mais pronunciadas, minhas mãos formigam para tocá-la e não me privo disso.

— Está deslumbrante, a mulher mais linda que estará lá essa noite! — Imponho as mãos sobre seu ventre arredondado e sinto o movimento do bebê. — Ele ou ela concorda comigo!

Falo, tocando seus lábios com os meus e ela ri, isso causa mais uma sucessão de movimentos que tem ligação direta com o meu coração que troveja no peito e logo as lágrimas empoçam meus olhos.

— Até parece, mas obrigada mesmo assim, você é um doce, querido! — Ela toca meu rosto e acaricia ao mesmo tempo que a outra mão segura a minha sobre o seu ventre.

— Sou querido agora, *né*? — Pisco um olho e movimento as sobrancelhas de forma sugestiva e o riso dela em resposta é alto.

— Nem pensar, padeiro, não podemos nos atrasar, lembra?

— Ah, voltamos ao padeiro? — Circulo seu corpo e a puxo comigo até cair deitado na cama com seu corpo sobre o meu. — Só uma rapidinha, não seja malvada.

— Giules, nós dois sabemos que nada com você é rapidinho, lembra

quantas vezes nos atrasamos? Somos os padrinhos, nem Victor e Valentina irão se atrasar e olha que eles têm uma criança pequena em casa. — Adoro como ela argumenta quando quer convencer a si mesma mais do que aos outros.

— É, mas nós logo estaremos com uma também, você pode alegar um mal-estar, essas coisas... — falo, deslizando as mãos pelas suas pernas de forma sugestiva e mordisco sua orelha como sei que a enlouquece.

— Giulessss... — diz com sua voz carregada de desejo e sei que não é justo, mas ela está mais sexy do que nunca e desde que descobrimos sua gravidez os hormônios têm trabalhado ao meu favor. — Não, não vamos transar agora, se você se comportar eu posso até de repente sentir um desejo louco de comer uma boa baguete com sorvete de chocolate e calda de menta!

Suas palavras fazem a minha “baguete” se animar mais ainda e grunho puxando sua cabeça em direção a minha, devoro seus lábios com uma forme descontrolada, sou um andarilho que encontra água em meio ao grande deserto, mas logo ela se afasta e me dou por vencido.

— Vamos, se não sairmos agora chegaremos muito atrasados! — Olho no relógio para constatar que ainda temos quase duas horas.

— Sabe que não é verdade, o casamento é na mesma rua que fica a casa dos meus pais, que fica a quinze minutos daqui.

— Não importa, vamos! — fala já pegando sua bolsa e saindo do quarto. Frustrado, ajeito meu amigo nas calças e vou atrás dela.

Ari para na cozinha e procura alguma coisa nas gavetas do armário, ficou me lembrando que não podemos chegar atrasados, mas arruma desculpas para não sair, *tá* meio suspeito. Paro ao seu lado e cruzo os braços, esperando que encontre seja lá o que for.

— O que está esperando? — pergunta quando não me movo.

— Minha esposa. — Dou de ombros.

— Sua esposa vai tomar as vitaminas dela, assim o bebê, que cresce no ventre dela deixando-a com aparência de bola ambulante, vai se desenvolver saudavelmente. — Sorri daquele jeito que já identifiquei como *"não tente me vencer"* e desisto.

— Certo, madame, vou ligando o precioso carro! — Jogo as mãos para o alto, na verdade estou frustrado por ainda estar excitado e essas implicâncias todas só fazem minha libido aumentar.

— Ligue o aquecedor, está fazendo frio lá fora.

Não respondo e passo por ela, abro a porta lateral que dá acesso a garagem e paro no lugar ao ver o que tem sobre o capô do carro. Um balão azul suspenso com uma fita da mesma cor amarrada a um par de sapatinhos de crochê, ao lado uma placa com a frase *"É um menino"* e um porta-retrato

com a foto da ultrassonografia compondo a surpresa.

— Ari... — minha voz sai em um suspiro, minhas mãos começam a suar e as pernas ameaçam vacilarem, eu não arrisco dar um passo à frente. Engulo em seco e viro-me para encarar minha esposa que sorri tão lindamente que faz meu coração parar um instante. — Quando...?

— Ontem antes de ir para o chá de *lingerie* da Dorothy, sua mãe foi comigo e me ajudou a providenciar tudo.

— Você me enganou direitinho! — falo já puxando-a para junto de mim, o riso dela aumenta e colo nossos lábios.

Minhas mãos deslizam e se posicionam sobre seu ventre onde nosso filho está protegido, beijo seu queixo e agacho até estar com o rosto na altura da sua barriga.

— Oi, filhão, o papai está tão feliz e ansioso para te conhecer, mas não precisa vir antes da hora, vamos aguardar sua chegada, nesse meio tempo deixaremos as coisas em ordem e vez ou outra você pode ouvir uns barulhos estranhos, mas não liga, é só o papai e mamãe se divertindo um pouquinho. — Como se entendesse meu filho se remexe e rio mais feliz do que posso descrever.

Beijo o ventre da minha esposa e quando ergo os olhos vejo as lágrimas deslizarem por seu rosto, levanto e a beijo com carinho, Ari joga os

braços ao redor do meu pescoço, aprofundando o beijo, o desejo líquido correndo pelas minhas veias como sei que correm pelas dela.

— Eu amo muito você! — diz, colando nossas testas e buscando por fôlego.

— Eu sei, me sinto da mesma forma! — respondo e ela morde o lábio, sorrindo daquele jeito sugestivo.

— É mesmo? — Balanço a cabeça confirmando. — Então me mostre o quanto me ama, padeiro — sua voz sai com aquela voz de sexo que não deixa espaço para lhe negar nada.

— Não íamos nos atrasar?

— Só uma rapidinha no sofá da sala, temos pelo menos quarenta minutos e eu posso sempre usar a desculpa de que estava com enjoo e precisei de um remedinho especial! — Pisca o olho e caminha rebolando em direção a sala.

Não posso fazer outra coisa senão a seguir, como sei que farei por todos os dias da minha vida.

Valentina

e

Victor



Valentina

— *Mia bambina*! — meu pai diz assim que saio para o corredor onde me esperava para o meu grande momento.

— *Babbo*... — minha voz sai embargada, tenho chorado desde que acordei, não sei onde estava com a cabeça quando decidi casar estando grávida, se noivas já choram naturalmente, com quase cinco meses de gestação é choro em dobro.

— É pra valer, *mia principessa* vai casar, não é mesmo? — pergunta, passando os braços em volta do meu corpo.

— Sim, vou casar, mas exijo continuar sendo sua *principessa*, não interessa quantos anos eu tenha! — Faço beicinho e ele ri.

— Claro, *tesoro*, esse lugar te pertence, mesmo que hoje *sono il nonno di una bambina affascinante*.[59] O seu lugar no meu coração é vitalício — refere-se a minha sobrinha Anna que desde que a conhecemos

nos tem reféns dos seus encantos de menina.

— *E anche il tuo sarà qui per sempre, papà* [60]. — Abraço-o apertado e as batidas fortes e rápidas do seu coração me acalmam um pouco.

Não demora e Ari também aparece ao lado do seu pai, Jane, nossa cerimonialista, aparece agitada como sempre, procura por Elano e Dothy e quando os dois aparecem sorriem tão abertamente que contagia. Meu irmão finalmente tem aquele brilho bonito nos olhos verdes, tão parecidos com os da *mamma*, foram anos sem o ter por inteiro conosco, agora consigo enxergar o mesmo garoto que me ensinou a andar de bicicleta e fazia questão de ler histórias para mim durante a infância e que secretamente escrevia poesias e escondia debaixo do colchão para que ninguém as encontrasse, mas que as lia para mim quando achava que eu já estava dormindo. Vê-lo feliz assim faz a minha felicidade ser completa.

— Está linda, *sorellina*[61]!

— *Anche tu, caro fratello*.[62] — Beija minha testa e então se posiciona para entrar com sua noiva.

Quando eles passam pela cortina que nos oculta sinto meu estômago começar a embrulhar mais e mais, sabia que não deveria ter tomado sorvete de flocos com Doritos[63], mas o desejo foi maior do que eu, agora estou correndo o risco de vomitar justamente na hora do “sim” ou antes disso e

sujar meu vestido. Jane anuncia que chegou o momento e a bile começa a subir pela minha garganta.

— Eu acho que vou vomitar! — digo sentindo o nervosismo tomar um nível imensurável.

— Quer esperar um minuto? — papai pergunta preocupado.

Fecho os olhos por um momento e o sorriso de Victor surge na minha mente, o brilho dos olhos dele quando lhe disse que estava grávida, as lágrimas ao ouvir o coração do nosso bebê pela primeira vez.

"*Basta respirar e tudo dará certo*!", a frase que ele sempre me diz antes de começarmos as sessões de fotos vem a minha mente e é tudo que preciso para me sentir bem. Balanço os ombros e puxo uma respiração.

— Não, eu estou bem, só não me deixe cair, *babbo*! — falo, passando o braço no do meu pai.

Ele não precisa dizer nada, a forma como sua mão aperta a minha de leve é seu jeito de me transmitir segurança. Ari segura-me a mão livre e olho para ela até que a cortina é aberta e meus olhos não perdem tempo, vão diretamente para ele, o meu amor, meu companheiro e pai do meu filho ou filha.

Victor está espetacular no seu terno escuro, o cabelo que geralmente está bagunçado, dessa vez não ostenta nenhum fio fora de lugar, sei que isso

é obra da minha futura sogra. Sim, casarei com o filhinho da mamãe e não me importo, pois a partir de hoje, ele se torna o meu homem oficialmente. E ele parece ansioso por isso, já que sai do altar e vem nos encontrar assim que chegamos nos limites das cadeiras.

— *Voi due avete fretta*! [64]— o meu pai diz com um sorriso largo ao pegar a minha mão. — *Abbi cura della mia ragazza, ragazzo*! [65]

— Pode deixar, senhor! — Victor fala com firmeza e meu coração martela alto nos meus ouvidos. E em um gesto tão velho quanto o mundo, meu pai coloca minha mão sobre a sua, eu não consigo dizer nada. Somente quando meu pai estende a mão para Victor e ele a aperta que meus olhos desgrudam dos seus e aproveito para olhar tudo em volta. Isso dura poucos segundos, logo estamos nos posicionando diante do padre que começa a falar sobre o amor na sua verdadeira essência.

— Você está muito linda! — Victor sussurra e por mais que já nos conheçamos intimamente sinto meu rosto corar com suas palavras.

— Você também! — Meus olhos disparam para o seu rosto e o sorriso nos seus lábios são uma tentação a parte.

Para minha sorte chega o momento que Anna fará sua apresentação e o quarteto de cordas começa a tocar e minha sobrinha linda e talentosa surge ao lado do seu amiguinho, eles andam até pararem na metade do salão e o

garotinho mesmo tremendo caminha sozinho até próximo ao altar. O braço de Victor circula minha cintura e deixo meu corpo recair junto ao seu, suas mãos automaticamente vão ao meu ventre, mesmo com todas as camadas de tecido do vestido consigo sentir o calor do seu toque e isso faz com que o bebê se remexa, ele tem feito muito isso nos últimos dias, não vejo a hora de tê-lo nos meus braços.

— Eu amo você! — fala baixinho no meu ouvido e ergo a cabeça para receber um selinho de leve.

Quando afasto a cabeça vejo as lágrimas rolarem pelo seu rosto, não somos os únicos chorando, tanto Ari como Giules também choram, Elano e Dorothy então, são manteigas derretidas assistindo a filha dançar. Quando ela faz o último passo e estende a cesta com as alianças dentro, damos um passo à frente e pegamos as dos nossos pares. Seguramos com as mãos unidas para a benção e depois disso tudo passa rápido demais.

Dizemos o *"eu aceito"* com convicção e juramos amar um ao outro pra sempre mesmo que a vida resolva dificultar as coisas, sei que o juramento é sincero, pois não consigo imaginar minha vida por nem um segundo sequer distante dele e do nosso amor.

Victor

— O que foi? — Valentina me olha daquele seu jeito de garota levada, meio de lado, com um sorriso que parece tatuado de forma permanente nos seus lábios e sinto meu coração disparar e o fôlego me falta.

— Nada, só admirando minha bela esposa! — Colo meus lábios nos seus de forma casta, estamos em nossa festa de casamento e boa parte dos olhares estão em nós, não podemos fazer o que mais desejamos nesse momento, mas a felicidade de chamá-la de minha esposa é enorme o bastante para me fazer esperar o tempo que for.

— Sua esposa adora ser admirada pelo príncipe dela — fala piscando os olhos de forma sedutora e é preciso tudo de mim para não a puxar pro meu colo.

— Sabe que falar essas coisas quando estamos entre tantas pessoas é maldade, principalmente se me deixou na vontade pelos últimos três dias. —

Estou quase choramingando.

— Temos alguns *toilettes* espalhados por aí se sua vontade estiver além do suportável, mas daí estragaria nossa noite de núpcias, escolhi a *lingerie* perfeita e acho que o ideal seria vê-la por inteiro, não apenas um pouco em uma rapidinha. — Dá de ombros e vira o rosto como se não tivesse dito nada demais.

Solto um palavrão baixo e me remexo na cadeira tentando achar um jeito que meu membro não fique tão esmagado devido a minha excitação. Antes que lhe responda, o cretino número dois levanta e vai em direção ao palco, tenho que admitir, o bastardo sabe como usar as palavras, mesmo que diga que não e sei, talvez seja o clima de romance no ar ou ainda estou absorvendo as palavras do cretino número um pouco antes do casamento, mas a verdade é que olho para esses dois sujeitos, por quem nutri uma antipatia no passado, e se tornaram para mim os irmãos que durante toda a infância desejei.

Não que eu vá falar isso para eles, essa implicância que mantemos torna tudo mais divertido. O discurso de Elano faz as lágrimas de Valentina voltarem e puxo seu corpo para junto do meu e beijo o lado da sua cabeça ao lhe oferecer um lenço.

— Obrigada! — Seca as lágrimas e levanta para abraçar o irmão quando ele caminha de volta à mesa.

Os discursos vão se passando e meu nervosismo aumenta cada vez mais, sou o próximo e de repente tudo que passei dias ensaiando diante do espelho me foge da mente.

— Agora é com você, rapaz! — Seu Onofre, pai de Ari, aperta meu ombro ao sentar-se.

Assinto e beijo o ombro de Val antes de ir para o palco, olho para os lados buscando na mente as palavras, mas elas não vem, a solução é improvisar. Retiro o microfone do pedestal e escondo a outra mão no bolso para não notarem o quão nervoso estou.

— Boa noite... — Respiro fundo e olho na direção da pessoa mais importante do meu mundo. — Amor, eu juro que tinha decorado o meu discurso, mas o esqueci, o que não é novidade, desde que meu caminho trombou, literalmente, com o seu, tudo se tornou secundário para mim, logo coisas fáceis de se esquecer, no entanto tudo que te envolve é sempre memorável, até mesmo as pequenas coisas.

Os lábios de Val tremem e noto como aperta o lenço entre suas mãos, minha garota doce não gosta de mostrar vulnerabilidade, mas para mim ela deixa todas as suas facetas expostas e essa confiança que deposita em nós me faz amá-la cada vez mais. Por saber desse seu lado resolvo amenizar o clima.

— Bom, antes de tudo vou falar um pouco sobre Giuliano, sim, estou

falando do meu cunhado ou carinhosamente chamado por mim de cretino número um, mas não vou ficar falando sobre momentos que vivenciamos, nada disso, falarei da melhor coisa que há nele, a esposa, sim, Ari é sem dúvida a melhor coisa que ele tem, vocês hão de concordar comigo!

Todos riem e Giules grita um sonoro SIM que arranca lágrimas e sorrisos da minha melhor amiga.

— Conheci Ari na universidade, essa menina doce e tímida de imediato conquistou um lugar no meu coração, logo nos tornamos amigos e posteriormente colegas de apartamento, como sabem ela é alguém que nos faz bem só por estar perto, esse sorriso gentil e carinhoso aquece o coração de todos a sua volta, mas nunca tinha a visto com um brilho tão lindo nos olhos como aconteceu quando esse padeiro, que era metido a galanteador, entrou na vida dela, demorei um tempo para assumir para mim mesmo que ele talvez fosse digno do coração da minha melhor amiga. Então sendo eu o “homem da casa” fui até ele para saber das suas intenções, só não imaginava que aquela seria a decisão que mudaria toda minha vida, pois na saída uma garota marrenta, com nariz empinado e com ar que deixava claro que não levava desaforo para casa, entrou no meu campo de visão e não teve mais um dia que os olhos castanhos ou a voz dela não me voltassem à mente, seja dormindo ou acordado.

Sinto um nó se formando na minha garganta e as lágrimas queimam

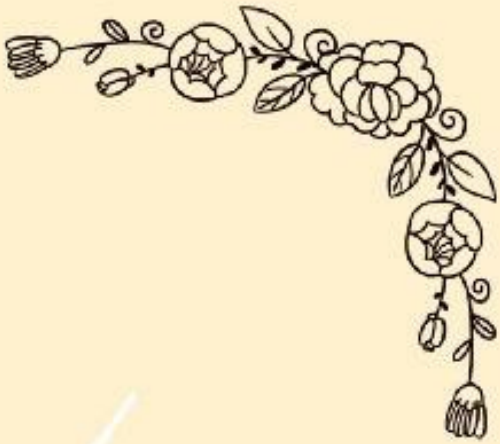
loucas para caírem, puxo o ar de forma ruidosa antes que continue.

— Eu achava que sabia o que era amar alguém, depois pensei que não precisava de amor, mas bastou um olhar seu, um sorriso espontâneo e lá estava eu rendido, vivenciando um sentimento tão forte e tão novo que me senti fora do prumo, todas as minhas certezas foram desfeitas e refeitas outras no lugar e desde então não há um dia que eu não agradeça aos céus por ter me dado a dádiva de descobrir o poder do amor verdadeiro, do tipo que vem para nos completar, que nos faz colocar o outro em primeiro lugar, e agora você está me proporcionando viver algo tão incrível que não consigo explicar a enormidade de tudo, só me restando dizer obrigado.

As mãos de Valentina vão ao seu coração e ela já não se importa que todos vejam as emoções correndo soltas através do seu olhar para mim.

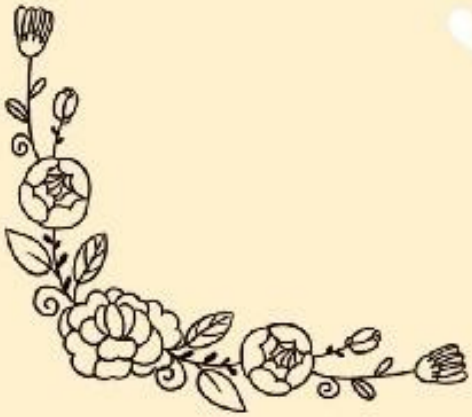
— Obrigado, meu anjo lindo, por me amar, por me deixar amá-la, por ter me dito sim tantas vezes e de tantas formas, por estar carregando o nosso bebê e me dar algo que nem fazia ideia que desejava ardentemente. Nunca conseguirei ter o suficiente de você ou do nosso amor, então acho que o para sempre já é um bom começo de tempo para que eu possa te amar. Um brinde, senhoras e senhores, aos meus amigos Ari e Giules, que a união de vocês seja cheia de emoções e certo como o amanhecer. E a ela, a mulher mais linda que meu olhos já viram, minha linda e encantadora esposa. Eu te amo, Val!





1+1=

3





Meses depois...



— Vi, amor, está em casa? — Entro em nossa casa depois de uma sessão de fotos para o catálogo de uma rede loja de produtos infantis e recebo o silêncio como respostas.

Victor provavelmente ainda está na agência cuidando para que tudo fique bem quando tirar licença. Decidimos que ficaremos seis meses longe dos holofotes depois que nosso bebê nascer, por isso temos trabalhado em várias campanhas, algumas que temos contrato há um bom tempo, outras que surgiram depois da descoberta da minha gravidez pela mídia, mas para os primeiros meses como pais queremos privacidade e uma vida tranquila, o máximo que for possível. Sento no sofá e acaricio minha barriga redonda e enorme nas quarenta e uma semanas, já estamos dentro dos dias a mais e esse

bebê não decidiu que já está na hora de vir ao mundo.

— Ai-ai, não acha que a mamãe já está redonda e inchada o bastante? — pergunto a acariciando e logo sinto seu movimento que causa um desconforto na minha bexiga. — Bebê, não faça isso, já não sei como vai ser quando você nascer, com certeza irei precisar de fralda geriátrica por causa da incontinência urinária.

Pensar nisso faz a vontade de fazer xixi voltar, levanto e vou em direção ao banheiro, antes paro na porta do quartinho que está pronto, desde que mudamos para a casa nova dois meses depois do casamento começamos a arrumar o lugarzinho dele ou dela, sim, optamos por não saber o sexo do bebê, como antigamente. Claro que enfrentamos protestos das nossas mães e minhas cunhadas, mas no fim nossa vontade prevaleceu e estamos cada vez mais ansiosos para o grande momento das nossas vidas.

Suspiro olhando os detalhes, as paredes claras, o berço de madeira escura, a cômoda, trocador, os nichos na parede com a família urso, alguns deles ainda estão vazios esperando sua chegada para que decoremos com carrinhos ou bonecas. Deslizo a mão sobre minha barriga e me curvo ao sentir uma fisgada no centro da minha coluna, a dor me tira o fôlego pelo que parece uma eternidade, quando começa a aliviar solto o ar que não tinha notado estar prendendo e volto com passos lentos para a sala a fim de ligar para Victor.

— Sentindo minha falta, esposa? — diz ao atender depois de dois toques.

— Amor, eu acho que *tá* na hora... — falo com toda a calma que consigo reunir, sem querer fazer alarde.

— Sim, eu sei, já estou indo para casa... — Ah Deus, ele não entendeu.

— Não é isso... PUTA MERDA! — Outra contração me toma e dessa vez veio mais intensa e não controlo o grito.

— Vai nascer? Ah meu Deus, estou a quatro quarteirões de casa, aguenta firme, querida, lembra de respirar, estou chegando, sim?

Se não estivesse sentindo dor até riria do seu desespero, está mais atordoado do que eu e olha que a dor é nas minhas costas.

— Tudo bem, vamos ficar bem. — Acaricio a barriga e noto que está mais firme do que antes.

— Não vou desligar, vamos conversando e você me diz o que está sentindo. — É tocante a preocupação dele, mas preciso ligar para a minha mãe, preciso dela nesse momento.

— Eu preciso ligar para a *mamma*... — começo a dizer, mas ele me corta com veemência.

— Não, aviso quando estivermos indo para o hospital.

Penso em debater com ele, mas não vou entrar no mérito da discussão, não quando outra contração me atinge. Em meio à névoa momentânea da dor lembro que preciso cronometrar o tempo entre elas, afasto o telefone da orelha e estreito meus olhos para ver a hora.

— ... ina, Val, está me ouvindo? — a voz de Victor vem ansiosa.

— Sim, estava vendo a hora, as contrações estão vindo com um intervalo curto, isso deve significar que está perto, não é mesmo? — Tento pensar racionalmente, sei que me desesperar agora não irá resolver nada.

— Estou virando a esquina, aguenta só mais um pouquinho! — diz e suspiro aliviada.

Olho em volta e lembro que preciso pegar a bolsa que tenho deixado pronta desde que cheguei a trigésima sexta semana. Caminho lentamente para o quarto e quando chego lá ouço a porta da sala ser aberta em um rompante através da ligação.

— Val, amor? — O nervosismo dele é até fofo.

— Quarto! — falo e não demora cinco segundos ele está ao meu lado.

— Como está se sentindo? — Segura meu rosto e me beija a testa.

— Agora, sem dor, mas acho que não demora muito para outra contração vir.

— Vamos, deixei o carro ligado! — Pega minha mão, mas não saio

do lugar. Um líquido quente começando a me escorrer pelas pernas. — Val?

— Preciso trocar de roupa — digo vagamente.

— Está linda assim.

— Não é por vaidade, minha bolsa acaba de estourar.

Abaixo a cabeça e ergo o vestido para que veja a pequena poça que se formou ao meus pés. Rapidamente Victor corre até o *closet* e pega um dos meus vestidos longos e junto com ele traz a valise que deixei pronta para esse momento.

— Mãos pra cima, docinho! — Faço como diz, não resisto implicar com ele.

— Mas nem ganhei um beijo, ainda. — Pisco um olho e ele ri alto.

— Certo, está fazendo piadas, isso deve ser um bom sinal!

— Eu amo você e se eu me transformar em uma ogra daqui a pouco tenha em mente que nada que eu disse foi por querer, só releve e lembre disso — falo quando ele se agacha para retirar a minha calcinha molhada. Já vi vídeos de partos o suficiente para saber que algumas mulheres mudam completamente nesses momentos.

— Não se preocupe com isso, nada do que me diga vai mudar o que sinto, estamos nisso juntos. — Levanta e pega o vestido limpo, o passa pelos meus braços e cabeça e estou pronta. — Agora vamos, estou ansioso para

conhecer nosso ou nossa bebê.

Balanço a cabeça e deixo que me guie porta a fora, passamos no quarto do bebê e pegamos sua malinha, sorrio ao fechar a porta de casa por saber que quando voltar seremos três finalmente, mas o sorriso logo morre nos meus lábios, pois antes de entrar no carro outra contração se faz sentir e quase esmago a mão dele de tanto que aperto, sorte dele que o hospital não é tão longe, do contrário algumas partes suas sairiam quebradas.

Victor

— Quando a próxima contração vier, empurre para baixo com um pouco mais de força, Valentina, o bebê já está coroando! — o médico instrui e minha mulher toda suada, no entanto mais linda do que nunca aos meus olhos, me olha pedindo ajuda, deixando claro que está no limite das suas forças.

Já estamos aqui há seis horas, o que achamos que seria rápido se estendeu por ela não estar com a dilatação necessária para a passagem do bebê e como já tínhamos decidido que não optaríamos por uma cesariana a menos que fosse a última opção, acabamos aqui, minha mão esquerda já foi esmagada, mordida, beliscada e duvido que eu consiga fazer qualquer campanha publicitária que tenha que mostrar as mãos depois disso, já que a direita está indo pelo mesmo caminho, mas tenho consciência que meu sofrimento é uma fração mínima em comparação ao que ela vem passando.

— Vi, acho que não consigo mais... — Val choraminga e o cansaço e desamparo estampados em sua expressão me desconcertam.

— Desculpa, amor! — Nem sei por que estou dizendo isso, mas isso traz um sorriso fraco aos seus lábios.

— Não peça desculpas, amor, mesmo eu tendo dito que você era o culpado disso tudo, não é verdade, eu te amo! — o carinho na sua voz me enche de um entusiasmo que não imaginei estar precisando.

Sinto-me péssimo por não poder ajudá-la mais, tudo que posso fazer é ficar ao seu lado e permitir que destrua quantos dedos meus conseguir no processo. Inclino minha cabeça e colo minha testa a sua, seus olhos castanhos me fitam com o brilho um pouco apagado e sinto meu coração contrair entre uma batida e outra.

— Você consegue, amor, estarei aqui por todo o tempo que for preciso! — Beijo seus lábios de forma casta, uma forma de tranquilizá-la e me acalmar também.

— Está vindo outra contração, Valentina, respire fundo e empurre com toda sua força! — o médico diz, erguendo a cabeça de forma que possamos ver seus olhos sobre o lençol.

Mesmo que não anunciasse o aperto de Val na minha mão seria a dica do que está vindo. Os olhos dela giram nas órbitas por um milésimo de segundo e então se fixam nos meus outra vez, agora eles brilham tão intensamente e de uma forma tão determinada ao fazer como o médico disse que impossivelmente eu me apaixono por ela mais uma vez. Meu coração para de bater por um segundo e esse se estende de uma forma que não achei ser possível. De repente diante dos meus olhos se passam tantas imagens de nós dois, desde o esbarrão na Nonna Fiorella quando achei que o amor não me era mais possível, o seu teste na agência e a implicância de um com o outro, nosso primeiro beijo, o ciúme louco que sentia por ver como os outros caras babavam ao vê-la, aquela viagem onde tudo mudou, a primeira noite juntos onde deixamos cair por terra todos os nossos medos e nos rendemos ao sentimento que não conseguíamos mais esconder, ela me contando da gravidez no dia que a pedi em casamento e o momento que jamais esquecerei, Valentina caminhado na minha direção no dia do nosso

casamento. Tantas coisas vividas ao longo dos anos e ainda desejo viver mil vezes mais.

Um som novo enche a sala de parto e todo o mundo para, ergo meus olhos e vejo um pequeno corpo se remexer nas mãos do médico. O grito agudo me tira do transe, meus olhos voltam para Val e ela tem lágrimas descendo pelo seu rosto, a mão livre cobre a boca segurando o soluço, minha mulher não gosta de chorar em público e isso nunca mudará.

— Parabéns, vocês são pais de uma menina! — Não achei que fosse possível meu coração caber mais amor, mas aqui estou eu vivenciando algo que não esperava.

— Conseguiu, meu amor! — Beijo suas pálpebras e seu soluço rompe a barreira que impôs, também deixo as lágrimas rolarem soltas, não me importando de estar parecendo um molenga, a emoção que sinto é tão grande que não sei colocar em palavras.

Meus olhos voltam para o outro lado da sala ansiando por segurar nossa filha nos braços, mas sinto que minha mulher deveria viver isso antes de mim, então a mão de Val aperta a minha, agora de leve, e viro para olhá-la dividido entre as duas pessoas que mais amo no mundo.

— Vai lá! — Sorri me incentivando a ir para junto da nossa menina, beijo seus lábios e caminho para onde a pediatra cuida dela e paro ao lado

maravilhado, olho todos os cantos possíveis do seu corpinho pequeno.

Ela se remexe não gostando de ser cutucada, tão brava quanto a mãe, sorrio feito um bobo quando a médica a enrola em um tecido azul e vira para mim, meus braços formigam desejando segurá-la e é automático o instinto, quando minha garotinha é colocada no espaço que preparei para ela e seus olhos pequenos e redondos mira na direção do meu rosto, sinto como se o mundo perdesse completamente o poder gravitacional e agora o que me mantivesse em terra firme fosse essa *pessoinha* em meu colo. Como um *serzinho* minúsculo pode exercer tanto poder sobre mim? Como não consigo mais visualizar a vida sem ela?

Caminho em direção a Val que nos olha com um sorriso lindo nos lábios, seus braços assim como os meus automaticamente formam um ninho perfeito para abrigar nossa menina e quando eu a coloco ali, observo encantado o primeiro encontro de mãe e filha, é como se o mundo parasse de existir e só nós três restássemos. Seguro a *mãozinha* minúscula e vejo encantado Val posicioná-la junto ao seu peito.

— *Oiiii*, pequena? — Val fala baixinho como se temesse perturbar a perfeição do momento. — Ela é perfeita, Vi, tão parecida com você!

Seus olhos voltam para mim por um mísero segundo, mas não se demoram, é como se não conseguisse desgrudar da filha, eu entendo bem a sensação, não consigo desviar os olhos delas por muito tempo.

— Você acha?

— *Huhum*, os olhos, a boca...

— Mas o queixo é o seu, o nariz também! — falo notando como os das duas são retinhos e afilados.

— É verdade, uma junção perfeita de nós dois, amor! — o encantamento na voz dela reflete o que sinto. Nossa filha é perfeita e linda.

— Qual nome vamos dar a ela? — pergunto, pois tínhamos umas três ou quatro opções.

— Acha que ela tem cara de quê? Clara ou Mariele? Porque Giovanna está descartado! — diz lembrando que Elano já tomou a frente na última opção.

Olho para minha filha, que quietinha nos braços da mãe olha para o nada sem se importar com a nossa conversa sobre o seu nome, os olhos piscando lentamente. Ela é linda.

— Mariele, ela tem um ar de soberania e pureza, o nome é perfeito, não é, Mari! — chamo-a com o mesmo tom de voz que falava com ela dentro da barriga da mãe e Mariele se remexe como se reconhecesse a minha voz. Sei que é bobagem, mas é como se dissesse para esses dois bobos aqui que esse é seu nome.

— Nossa pequena Mariele, *la mia perfetta principessina! La tua*

mamma ti ama tantissimo![66] — Val inclina a cabeça e beija a cabecinha minúscula.

— O papai também te ama muito! — digo e assisto mais um pouco esse momento fascinante até que a enfermeira nos diz que precisam levá-la para fazer medições e outros exames.

Relutantemente Valentina deixa nossa filha ir e não demora para que ela seja encaminhada para o quarto onde poderá descansar um pouco, aproveito esse meio tempo para ir à sala de espera onde sei que toda a família espera por notícia. Chegando lá sou abraçado por todos, minha mãe, sogros e cunhados, mas não fico ali por muito tempo, aviso que podem ver nossa filha no berçário através do vidro e não demora para debandarem para lá. Volto ao quarto e fico ao lado de Valentina enquanto espero que tragam nossa filha. Val dorme um pouco e velo seu sono por todo o tempo, quando Mariele é trazida em seu bercinho peço a enfermeira que avise a nossa família na sala de espera. Fico olhando para ela sem ainda acreditar na grande benção que me foi concedida e sinto que não existe outro lugar no mundo onde eu desejaria estar nem motivo forte o suficiente que me faça ir para longe da minha mulher e filha.

— Eu amo você! — a voz rouca, devido ao sono, de Val chega até mim e a olho sentindo meu coração se expandir e contrair ao mesmo tempo com todo o amor que vejo refletido em seu olhar.

— E eu a você! Obrigada por me proporcionar esse momento maravilhoso, Val. — Sento na cama ao seu lado e seguro seu rosto entre minhas mãos para beijar-lhe os lábios suavemente. Quando nossos lábios se afastam a abraço e observamos a pequena dona dos nossos corações adormecida no berço.

— Obrigada por ter ido atrás de mim aquela noite e ter ficado ao meu lado todo esse tempo, mesmo quando eu gritei com você, disse que te odiava e não te queria me tocando nunca mais durante o trabalho de parto, e também por quase quebrar sua mão. — Faz um beicinho e eu a beijo rindo.

— Na loucura e lucidez!

— Isso não estava nos votos, mas acho que deveriam colocar isso com certeza, principalmente se eles forem ter filhos através de parto normal!

— Concordo plenamente! — Aperto-a um pouco mais junto a mim e beijo o topo da sua cabeça, seu suspiro sincronizado com o meu demonstra como esse momento não precisa de palavras para explicá-lo, somente vivê-lo.

— Faz tempo que trouxeram ela para o quarto?

— Não, estava aproveitando um pouco o silêncio antes que a família entre, eles não são muito silenciosos. — Ergo uma sobrancelha e Val ri, sabe que tenho razão.

— Mas poderíamos desejar outro tipo de família? — Olho para nossa

filha e depois para ela e a resposta vem fácil.

— Não, de forma alguma!

— Nem eu, amor, nem eu!

Inclino-me e beijo seus lábios, mas isso dura poucos segundos, logo o quarto está sendo invadido pela família, Mariele acorda, brindando a todos com o poder dos seus pulmões em um choro alto. Anna olha para a mãe e pergunta se ela era assim e Dorothy diz que todos são assim, Giules que até outro dia pedia um bebê a Ari, fala que podem esperar um pouquinho mais, rimos e babamos sobre a nova integrante da família Borella Novaes, que já detém o amor de todos. Olho para Val que me devolve o olhar com a certeza de que não trocaríamos nosso mundo e família imperfeitamente perfeitos por nada.

Elano e Dothy





— Isso está apertado, acho que alguém mexeu no tamanho! — falo depois que o último botão do meu vestido é fechado às minhas costas.

— Você engordou! — Valentina fala atrás de mim, ela me acompanhou à última prova, já que Ari não conseguiu por ter uma sessão de fotos. Mas de certa forma é bom, assim Giules e Victor ficaram com Mariele, que com quase dois anos está cada vez mais levada, mas linda e inteligente, e eu posso assim ter o auxílio de uma das minhas madrinhas.

Mas que não está me ajudando muito, pois venho fechando a boca desde que escolhi esse modelo de vestido, estilo sereia que marca todas as minhas curvas e agora faltando uma semana para o casamento sentir ele me apertando não ajuda a manter minha calma que já foi parar sabe Deus onde.

— Não é possível, talvez tenham apertado demais, sei lá! — Olho no espelho virando de um lado ao outro para ver onde esse aumento de peso foi

parar.

— Não mexeram nele depois da última prova, Dothy, a não ser a barra que não interfere em nada da cintura. — Bufo irritada, tenho certeza de que algum desavisado mexeu sim no tamanho, por isso ele não está entrando direito.

Coloco as mãos na cabeça sentindo meu coração disparando, sabia que tudo estava perfeito demais. Desde que Elano e eu nos reencontramos nossa vida tem sido de descobertas sobre nós e como nos amamos e amamos nossa filha... Ah, essa nossa filha! Giovanna está entrando na adolescência e com ela levando os fios de cabelos do pai que morre de ciúmes dela, por vezes o impedi de colocar o pobre Tiago, melhor amigo e *crush* dela, para correr lá de casa, a desculpa dele é que demorou muito tempo para conhecê-la e não admite dividir com ninguém, mas nem vou contar a ele que já notei olhares apaixonados entre eles, isso será secreto até ela fazer quinze ou dezesseis.

— Dothy, está me ouvindo? — Valentina estala os dedos a minha frente me fazendo piscar.

Outra coisa que tem acontecido muito nos últimos tempos, tenho me desligado do mundo e até mesmo cochilado quando começo a divagar sobre determinados assuntos.

— Desculpa, acabei me distraindo pensando em uma solução — conto uma meia verdade.

— *Hummm*, pareceu que você tinha se perdido em pensamentos, me diz, está muito apertado? — Faz uma careta e respondo balançando a cabeça positivamente. — Vou atrás de Carmen, ela deve saber o que fazer, enquanto isso não solta o ar, nem senta pra não estourar os botões.

Apesar da sua risada, sinto as lágrimas empoçando meus olhos, não posso respirar, nem sentar, nem tomar água depois que o vestir e torcer para que não rasgue no meio da cerimônia. Por que universo, justamente comigo que sempre tentei ser uma boa pessoa essas coisas tendem a acontecer? O ar diminui a minha volta e uma tontura ameaça me derrubar, para a minha sorte Valentina volta justamente quando estou prestes a cair e me segura.

— Calma, Dothy, Carmen vai dar um jeito nisso, não se preocupe! — Abro os olhos e vejo a senhora gentil sorrindo para mim e a saudade da minha mãe volta com tudo, eu nunca senti tanta falta dela como nesses últimos dias.

Ela falava sobre esse momento durante toda a minha infância, me contando como apesar da idade avançada a minha avó lhe acompanhou em todo o processo e ela esperava viver isso comigo, mas não foi possível, a tragédia de avião não levou apenas o meu pai e irmão, sim toda a minha família. Suspiro assim que o vestido é aberto e deixo meus ombros caírem

um pouco, a carga emocional está me deixando exausta. Deveria ter seguido minha intuição e de Elano, fazendo um casamento pequeno só para os íntimos, mas não, me deixei levar pela empolgação dos Borellas e agora temos uma festa pronta pra trezentos convidados, alguns vindos até mesmo da Itália.

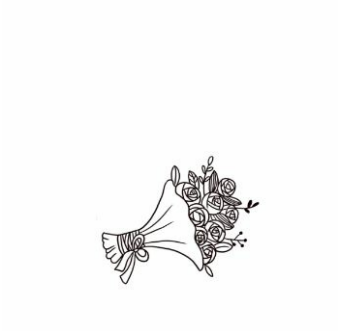
— Por sorte deixamos um pouco de tecido nas laterais, assim podemos aumentar o tamanho, me diga onde exatamente está apertando?

— Nos quadris e busto, é onde mais sinto apertar! — Carmen e Valentina trocam um olhar cheio de segredos, se eu não estivesse tão estressada tentaria descobrir, agora não tenho forças para isso.

— Vou ver o que posso fazer, mas só conseguirei entregar horas antes do casamento, tudo bem?

Na verdade, não está nada bem, mas o que posso fazer? Correr o risco de o vestido abrir em pleno casamento? Não, não, se ela diz que me entregará, eu acredito, por isso balanço a cabeça em concordância e vou me vestir para voltar ao Flor do Tejo, nossa maratona para preparar os doces do meu casamento está apenas na metade. Desde a fusão com a rede de padarias da família de Elano nossos pedidos só aumentaram e não tivemos folga, e tanto Marcos quanto eu estamos orgulhosos que nosso negócio tenha crescido tanto, não é pra menos, o que era apenas um sonho se transformou e hoje é uma belíssima realidade, só espero conseguir focar no trabalho, agora que

mais essa preocupação surgiu na minha cabeça.



— Mãe? — a voz estridente de Giovanna chega até mim antes que ela entre no quarto e sorrio por minha filha continuar igualzinha, mesmo com o passar dos anos.

— Oi, amor! — Saio do banheiro secando o cabelo com uma toalha e outra em volta do meu corpo, mas logo a retiro e troco por camiseta. Meus seios estão sensíveis demais esses dias, a bendita menstruação está para descer, só pode, há anos que não sei o que é isso, como recomendação médica comecei a usar anticoncepcional de forma contínua, pois a cada vez que a TPM chegava meu martírio começava, tontura, sensibilidade, estresse ao limite e o pior de tudo, dores de cabeça, já comecei a sentir os incômodos há uma semana e essa manhã no ateliê de vestidos de noiva quase caio depois de uma tontura, agora é esperar que se concretize, se bem que desejaria que não acontecesse tão perto do meu casamento.

Faz cinco meses que parei de usar anticoncepcional e segundo o meu médico é comum que meu corpo demore a voltar à regularidade mensal de

menstruação, mas confesso que no primeiro e segundo mês fiz testes de farmácia para ter certeza que não estava grávida, Elano e eu queremos outro filho e não vejo a hora que isso aconteça, no entanto não me transformarei na louca que faz testes e testes, nada disso, quando tiver que acontecer, vai ser no tempo certo. Só espero que meu corpo não decida me pregar uma peça justamente no dia do meu casamento.

— Mãe, você está estranha! — Anna fala chamando minha atenção, mais uma vez me perdi em pensamentos.

— Desculpa filha, disse alguma coisa? — Sento na cadeira em frente a penteadeira e logo ela está atrás de mim penteando meu cabelo, outro hábito que não se perdeu com o tempo e mais uma vez meus olhos inundam, estou uma bagunça emocional.

— Sim, perguntei se quando você e papai viajarem eu posso convidar o Tiago pra ir na casa da vovó, ela disse que pode, mas só se vocês autorizassem, mas o papai implica com ele, não sei por quê.

Pelo espelho vejo seu revirar de olhos, tão parecida com a tia. Na verdade, eu sei por que o pai implica, mas não lhe contarei, não adiantarei a descoberta dos sentimentos que existem entre ela e o amigo.

— Por mim tudo bem, mas só se me prometer que não vai aprontar nada, não é por que seus avós te dão liberdade que você pode abusar dela.

O sorriso que abre chega aos olhos verdes, idênticos aos do pai, ainda sinto borboletas batendo asas no meu estômago toda vez que vejo o quão parecidos eles são.

— Eu prometo, não vou dar trabalho! — Beija minha cabeça e sai correndo do quarto.

Antes da porta fechar ela é aberta outra vez, dessa vez por ele, o dono dos meus pensamentos e coração, que entra em disparada assim que Elano me estende uma rosa azul. Estendo a mão trêmula para pegar sem entender por que essa confusão de sentimentos dentro de mim, era de se esperar que a essa altura me acostumasse com ele ao meu lado, mas a cada dia é como se fosse o primeiro.

— Boa noite, menina bonita! — diz me puxando e deslizando o nariz pelo meu pescoço.

Um arrepio sobe pelo meu corpo e tremo em seus braços, ergo minha cabeça e fico nas pontas dos pés para que possa tocar meus lábios nos seus. O beijo começa lento, o reconhecimento depois de um longo dia de trabalho separados, mas logo ganha intensidade e não demora para estarmos na cama com ele sobre mim, mordiscando meus pontos sensíveis e me fazendo contorcer abaixo dele.

— A Val me disse que você se chateou hoje na prova do vestido —

fala entre um beijo e outro. Minha cunhada e sua boca grande.

A tensão volta ao meu corpo e ele percebe, vira o corpo me puxando de forma que eu fique com a cabeça sobre o seu peito.

— O vestido ficou apertado, mas não entendo por que, estou controlando a boca tem um mês pra nada! — Faço um beicinho e ele se inclina para me beijar.

— Amor, não quero que se estresse, é pra ser um dia inesquecível, mas por momentos bons, não por não ter conseguido aproveitar, se esse não serviu coloca *jeans* e All Star [67]e entra naquela igreja, ainda vai ser a mulher da minha vida, a mais bonita e doce de todas.

Suas palavras me aquecem o peito e sorrio, ele é lindo de tantas formas que nem consigo colocar em palavras.

— Seria épico, imagina o bom exemplo que daríamos a Giovanna, rebeldes sem causa mesmo depois de adultos, você poderia ir de bermuda e regata, igual àquela que gostava de usar na escola, que acha?

A risada dele enche o quarto e eu como boba apaixonada que sou fico olhando e babando. Quando nota meu olhar volta a me puxar para que nossas bocas se encontrem e não demora para que estejamos suando e com a respiração ofegante enquanto aproveitamos nossos últimos dias de solteiros da melhor forma possível, nos braços um do outro.

Elano

Olho no relógio pelo que deve ser a décima vez, mas os minutos não passam, eles resolveram zombar da minha cara, só pode. Isso é o que acontece quando decidimos fazer o que não queremos, não pedi uma despedida de solteiro, nem queria passar essa noite longe da Karen, só que colocar isso na cabeça de Giules é meio difícil, meu irmão às vezes tem menos juízo que nossa sobrinha com menos de dois anos.

— Olhar pro relógio direto não vai fazer as horas passarem, *tá* sabendo *né*? — Victor, outro cretino, zomba de mim.

— Vai que consigo mudar isso? — respondo sem humor algum.

— Ah, mano, parece até que está sendo torturado por nós, que custa ficar aqui com a gente e assistir bobagens, não é como se estivesse fazendo algo errado — Giules corrobora na argumentação.

— Só não vejo motivos para isso, Giules, você não tinha que ficar com a Ari? Ela está grávida, requer cuidados, essas coisas, Victor, Val não precisa de ajuda com a Mariele?

— Não, mano, as nossas garotas estão com a *mamma* na sua casa, Ari falou algo sobre alguma coisa de *lingerie* surpresa para Dorothy, então sossega aí e deixa elas se divertirem, amanhã antes do meio-dia você vai estar casado, não se preocupe — Giuliano fala com um sorriso de bobalhão.

— E com sorte, terão muitas novidades na lua de mel! — Victor complementa e os dois batem o punho fechado.

Balanço a cabeça não acreditando em como as coisas nos últimos anos aconteceram, como a entrada de Ari na nossa vida, trazendo esse cretino a tiracolo fosse ser a chave para que eu reencontrasse a única mulher por quem o meu coração bate mais forte. São peças que a vida nos prega para nos mostrar que não temos controle de nada.

— Mano, tu *tá* com uma cara de safado do caralho! — Giules zomba, jogando a tampa da garrafa de cerveja em mim. — Pensa só como vai ser depois que a festa de casamento acabar, *hein*?

— Ah, essa ansiedade é excitante, mesmo! — Victor coça o queixo pensativo.

— Vocês dois estão babando! — digo, mas meu pensamento volta

para essa manhã quando acordei ao lado de Karen e pensei que era nosso último dia como solteiros.

Mesmo ela tendo aceitado morar comigo poucos meses depois que a pedi em casamento, hoje seria o último dia da nossa vida como um, amanhã começamos um novo capítulo e diferente da maioria não vejo a hora de me amarrar oficialmente a ela, os anos longe me ensinaram muitas coisas, principalmente a valorizar cada espaço de tempo que tenho ao seu lado. Olho para meu irmão e cunhado que começaram uma conversa animada sobre as coisas que mudaram desde que casaram dois anos atrás e sinto em meu peito aquele borbulhar de sentimentos misturados pedindo para serem liberados.

— Preciso ir até o escritório do papai, não se preocupe que deixei o telefone aqui, não vou estragar a diversão das garotas! — aviso e eles, após trocarem um olhar, sinalizam que posso ir.

Entro no cômodo da casa onde o cheiro do meu pai é mais forte, ele a qualquer momento chegará, foi buscar nossos parentes que vieram da Itália para o meu casamento. Procuro dentro da gaveta papel e caneta antes que as palavras deixem a minha mente, mesmo que tenhamos decidido que nossos votos serão os tradicionais, sinto que se não escrever essa poesia explodirei. Sento na cadeira do meu pai e deixo as palavras fluírem da minha mente e coração indo parar na ponta da caneta, como se eu nunca tivesse parado de escrever poesias e só voltado a escrever depois que Giovanna entrou na

minha vida e depois disso nada mais me surgiu, até agora.

Você e eu

para

sempre



Dothy

Abro os olhos meio grogue e puxo a coberta para cobrir minha cabeça, mas as batidas incessantes na porta não me deixam outra escolha senão levantar e ver quem é.

— Você está atrasada! — Val entra no quarto com Mariele no colo como um furacão.

A garotinha de bochechas rosadas e cabelos cacheados abre seu sorriso de sempre e estende os braços para mim. Não resisto e a pego no colo, seu perfume doce é tão bom que a cheiro outra vez, mas é a coisa errada, um enjoo forte me bate junto com uma tontura que me obriga a sentar na cama. Val rapidamente pega a filha e me olha preocupada.

— Está tudo bem?

— Só uma tontura, fico assim quando estou de TPM e não comi nada ainda!

— Então vai tomar banho que vou pedir a *mamma* pra preparar seu café — diz já caminhando para a porta.

— Sua mãe já está aqui? — Pego o celular e vejo que são apenas seis e meia da manhã. — Ari já foi?

— Sim para as duas perguntas, a *mamma* chegou cedo e Ari foi preparar a surpresa para Giules, ela vai nos encontrar na igreja, agora vá lá, que vou acordar a Anna, ela e Mariele podem ficar brincando enquanto nos arrumamos.

Balanço a cabeça em resposta e assim que ela sai escuto o grito animado da minha filha, ela adora a prima e não será problema ficar de olho nela, também está mais do que ansiosa para saber qual o sexo do bebê de Ari e Giules, já disse que vai ajudar no que for possível para treinar quando eu e o pai lhe dermos um irmãozinho. Levanto e agora sem sentir nada estranho vou tomar meu banho, demoro um pouco deixando a água quente relaxar meus músculos, mesmo sabendo que está tudo pronto, meu lado perfeccionista não vai dar trégua até que aconteça e eu esteja nos braços do meu Elano, essa noite ele me disse ao telefone que tinha algo para mim e não vejo a hora de descobrir.

— *Tá* vestida? — minha sogra pergunta, entrando no quarto com uma bandeja cheia de coisas gostosas.

— Ah meu Deus, não vou entrar no vestido mesmo! — brinco, sentando a mesa próxima a janela onde logo a bandeja é colocada.

— Claro que vai, até a hora de vestir já terá queimado tudo, ansiedade faz isso e vou te contar, no dia do casamento tudo que a noiva menos faz é comer durante a festa. — Pisca um olho e vem ficar atrás de mim, começando a pentear meus cabelos.

Ontem à noite durante o meu chá de *lingerie* confessei que sinto a falta desses momentos com a minha mãe onde apenas sentávamos e penteávamos os cabelos uma da outra e apesar de ter Anna e fazer isso, não é igual. Ela me garantiu que apesar de não suprir essa falta, me amava como se fosse sua filha. Seguro na sua mão que está no meu ombro e ergo a cabeça para olhá-la.

— Obrigada! — Uma lágrima rola pelo meu rosto sem que eu consiga evitar.

— Não há de quê, querida, eu que sou grata por toda felicidade que trouxe à vida do *mio figlio*. Cheguei a pensar que nunca mais fosse ver um sorriso verdadeiro no rosto dele e mesmo que eu ame *mios bambinos* igualmente, Elano tem uma alma frágil, sempre teve e *mio core* não tinha paz vendo-o apenas levar a vida sem realmente viver desde que você partiu.

Sua voz está embargada e posso ter uma ideia do sofrimento do seu

filho, passei o mesmo e por vezes achei que não voltaria a sorrir como antes, por mais que ficasse feliz sempre faltava algo que iluminasse meus olhos ao fazer isso, era ele.

— Eu prometo fazê-lo feliz! — digo com convicção.

— Sei que vai, *cara mia*, já o faz! Agora coma que Valentina foi apenas à farmácia comprar alguma coisa e volta já como o furacão que é, *mia bambina* é uma força da natureza.

Não discuto, isso é a mais pura verdade, por isso me empenho em comer o máximo que consigo, o que não é muita coisa com o nó que se forma no meu estômago toda vez que lembro que em menos de cinco horas estarei casando com o amor da minha vida.



— Pronta pra colocar o vestido? — Carmen pergunta se juntando a equipe que transformou o meu quarto em um salão de beleza improvisado.

Sinto um buraco se formando na boca do meu estômago, não sei como lidar para o caso de ele não ter ficado perfeito, a ansiedade é tanta que sinto o meu café da manhã ameaçando voltar com força total, mas lembro das palavras de Elano, não importa a roupa, decoração, nem nada, somos ele e eu e nos amamos.

— Bora lá ver como ficou — digo sem confiar muito.

— Dothy! — Valentina entra no quarto com seu vestido azul marinho que marca o corpo nos lugares certos, realçando ainda mais a sua beleza. — Carmen, pode ir ver o laço do vestido de Mariele? Meu pequeno furacão conseguiu arrancá-lo fora em um só puxão.

É impossível não rir da sua cara desesperada, ela está apenas começando a descobrir os prazeres da maternidade, ainda terão muitas traquinagens para consertar até que as coisas se acalmem, não que eu tenha passado muito por isso, Giovanna sempre foi calma, mas quando aprontava era algo memorável.

— Pode esperar até eu ajudar a Dorothy se vestir? — Carmen pergunta já abrindo o saco do vestido.

— Ah, eu a ajudo enquanto você faz isso, pode deixar! — fala dando um sorriso amarelo nada típico dela, como se quisesse que a mulher saísse.

Estranho o comportamento dela, mas não falo nada, nem Carmen, que

dá de ombros e pega sua bolsa de costura e sai do quarto. Assim que estamos só as duas, Valentina volta à porta e sinaliza para alguém, minha sogra entra com as mãos para trás e o mesmo sorriso da filha e eu fico ainda mais cismada do que antes.

— O que está havendo? Por que estão com essas caras? Elano ligou falando que não quer mais casar, é isso? — Sinto meu peito contraindo com uma sensação ruim, aquele pensamento de que tudo estava bem demais que ando tendo nos últimos dia volta com tudo.

— NÃO! — as duas respondem na mesma hora.

— Dothy, está tudo bem, é que eu acho que com a correria dos últimos dias, você acabou deixando algumas coisas passarem desapercebidas. — Val se aproxima e segura minha mão.

— Que coisas? — Meus olhos vão de uma para a outra que também se olham, mas é Giovanna quem responde.

— *Cara mia*, há quantos dias vem sentindo enjoos e tonturas?

Ah, é isso, elas pensam que estou grávida! Sinto um enorme alívio em saber disso, porque se fosse o caso de Elano ter desistido eu não saberia como lidar, isso sim seria desastroso.

— Eu não estou grávida, não se preocupem! — as tranquilizo. — Minha menstruação está para descer, fico assim sempre uns três ou quatro

dias antes que venha.

Começo a me virar para ver minha imagem no espelho ainda não acreditando como o maquiador conseguiu me deixar tão bonita, mas sem ser exagerado nas tonalidades, afinal é um casamento matutino.

— Você falou bem, três, quatro dias, mas já tem mais de uma semana que isso vem acontecendo ou estou enganada? — Val questiona erguendo uma sobrancelha e começo a fazer uma regressão na minha cabeça, faz quantos dias mesmo que venho sentindo isso?

Pelas minhas contas começou há quase dez dias, mas venho me alimentando precariamente e muito cansada pelo trabalho pesado nas últimas semanas, é normal meu corpo reclamar. *Argh*, quem eu quero enganar? Estou procurando desculpas por medo de fazer outro teste e ver apenas uma listrinha indicando que não foi dessa vez ainda.

— *Aff*, não vou discutir sobre isso, *mamma*, dá logo esses testes para ela! — Val diz quando nota a minha falta de resposta.

Ela disse testes? Um só não era o suficiente?

— Aqui, falei pra Valentina que um só era o suficiente, mas ela, bem, sabe como *mia bambina* é, não sabe? — Ah, se sei!

Balanço a cabeça e me viro outra vez para receber a sacola que minha sogra me estende. Olho para Valentina que sinaliza em direção ao banheiro

com um inclinar de cabeça, reviro os olhos e mesmo sentindo aquele buraco outra vez na boca do estômago faço o que me disse. Abro as três caixinhas de marcas diferentes e fico uns bons minutos as olhando sem muita coragem de ir adiante.

— Dothy, já fez? — Valentina grita da porta do banheiro.

É certo que não me deixará em paz até que tenha feito, mas nem posso falar nada, fizemos o mesmo com Ariana e com certeza faremos com ela se voltar a engravidar.

— Não e se ficar me apressando aí que não conseguirei! — respondo segurando o riso.

Olho no espelho sobre a bancada e puxo o ar profundamente. *"Não seja covarde, Karen Dorothy, dessa vez não estará sozinha!"*, digo o incentivo e sento de uma vez por todas para fazer os benditos testes, os colocando sobre a pedra de mármore outra vez enquanto os minutos passam, nesse espaço de tempo minha mente volta há doze anos quando recebi a notícia da gravidez estando sozinha, mesmo que a mulher do meu tio estivesse lá segurando minha mão e garantindo que estava comigo, sentia um grande vazio a minha volta, não tinha mais o meu pai, meu irmão, minha mãe estava internada depois da primeira tentativa de suicídio e Elano, bem, não sabia se um dia voltaria a ver ele outra vez. Agora é diferente, mesmo que esteja nesse banheiro sem ninguém aqui, no meu coração sei que além dessa

porta há muitas pessoas que me amam e me apoiarão em tudo.

— Me desculpa, mana, mas não aguento esperar! — Valentina entra e me encontra sentada sobre a tampa do vaso. — Você está chorando, que aconteceu?

Ergo minha cabeça para encará-la e só então sinto as lágrimas deslizarem pelo meu rosto.

— Só estava pensando em doze anos atrás e como tanta coisa aconteceu, algumas maravilhosas, mas outras difíceis de superar — minha voz sai arranhada e logo ela está se agachando a minha frente e segura minhas mãos dentro das suas, o calor nelas me mostra como estou gelada.

— Ah, Dothy, sinto tanto não ter estado por perto quando enfrentou tudo isso e sei que Elano também sente mil vezes mais do que eu, mas posso lhe garantir que te amamos, muito, você e Ari são as irmãs que não tive e tem a Anna que veio trazer uma luz diferente às nossas vidas, não sabe o quão gratos somos por devolver o brilho nos olhos do meu irmão, eu amo o Giules, mas o Elano sempre foi meu melhor amigo, meu confidente, super herói, por anos o vi perdido, se magoando ao mudar quem ele era e não podíamos fazer nada, pois existia um vazio dentro dele quem ninguém tinha o poder de sanar, só você!

Suas palavras fazem as lágrimas aumentarem e logo está com um

lenço secando-as. Sorrio agradecida antes de puxá-la para um abraço apertado.

— Também és muito especial para mim, Val, nunca te contei, mas meu irmão falava muito de você com um brilho lindo nos olhos, foi a primeira e única paixão dele e sempre que a vejo feliz me alegro, pois sei que era isso que o Natan iria querer.

Seus olhos agora também transbordam lágrimas e sorrimos deixando elas rolarem. Mas essa é Valentina Borella, aquela que não deixa a peteca cair jamais.

— Natan também foi a minha paixão de início de adolescência, descobri isso depois de muito tempo, quando comecei a me relacionar com garotos e não sentia aquelas bolhas estranhas estourarem no meu peito quando eles pegavam na minha mão, conversei com a *mamma* e ela me explicou a diferença de gostar e estar apaixonada.

— Obrigada, Val!

Sorrio com um novo tipo de felicidade, uma das coisas que sempre me entristeceu foi pensar que meu irmão não chegou a viver um primeiro amor como se devia, mas pelo menos agora sei que ele foi correspondido e onde quer que esteja sei que estará feliz em ver sua amiga feliz como ela é.

— Certo, agora vamos parar de suspense que a *mamma* está quase

fazendo um buraco no chão do seu quarto ansiosa pelo resultado. — Levanta e me ajuda.

— Não se anime tanto, acho que não... — minha voz vai perdendo o volume conforme meus olhos fixam-se nos três testes que mostram claramente que quem está errada sou eu. — ... estou grávida!

O mundo a minha volta dá um giro rápido e sinto o poder do movimento de rotação da Terra sobre o meu corpo, meus pés começando a perder a força, não caio porque os braços de Valentina me seguram.

— *Mamma*, entra aqui! — ela grita, mas é como se eu estivesse ouvindo através de um túnel distante.

— Qual o resultado? — Olho para Giovanna e abro a boca algumas vezes, mas não sai som algum.

Minhas mãos, mesmo trêmulas, se unem em concha e vão para a minha barriga, que percebo agora estar levemente arredondada não porque engordei, sim por que dentro de mim está crescendo pela segunda vez uma vida, que fiz com o homem que eu amo!

— *Buon Dio, un altro nipote!*[68] *Mio* Elano como sempre sai na frente! — o que Giovanna diz me desperta para o agora.

— Elano, preciso falar com ele! — falo já indo em direção ao quarto para pegar o telefone.

— Quê? Não, nada disso, ele vai querer vir até aqui e não podemos perder tempo — Valentina fala apressada. — *Mamma*, leve a Dothy para se vestir que vou preparar o presente de casamento perfeito para que ela entregue ao meu irmão depois da cerimônia.

Olho para minha cunhada sem acreditar que eu consiga segurar a notícia por muito tempo.

— Confie em mim, ele vai cair pra trás, mas vocês já estarão casados! — Val pisca um olho e decido confiar nela, mas sei que será muito difícil.



"Senhoras e senhores, recebam com uma salva de palmas o senhor e a senhora Elano Borella!"

O cantor da banda anuncia e entramos no salão de mãos dadas, como aconteceu na igreja depois que o padre disse a famosa frase: "*vos declaro marido e mulher*", meu coração para por alguns milésimos de segundos antes

de voltar a bater descontrolado. Puxo Karen para que fique de frente para mim e segurando na base do seu pescoço a beijo como tenho feito a cada poucos minutos desde que saímos da igreja.

Para a minha sorte o casamento não demorou muito, nem minha mulher me fez esperá-la por tanto tempo. Quando as portas se abriram e ela andou na minha direção todo o resto do mundo passou a ser secundário, meus olhos não desgrudavam dela a cada passo que dava ao lado de Marcos, seu amigo e sócio, ela é linda, mas hoje tem algo a mais que ressalta sua beleza, um brilho novo no olhar que me fez me apaixonar mais uma vez por ela, como acontece todas as manhãs.

— Está feliz? — pergunto ainda com os lábios colados aos seus.

— Muito! — responde e noto uma lágrima deslizando pelo canto do seu olho.

Ela chorou durante toda a cerimônia, assim como eu, não nego que ao repetir as falas do padre tive que respirar fundo para fazer as palavras saírem, por sorte escolhemos sermos tradicionais, não conseguiria proferir meu votos se tivesse que os ler, disso tenho certeza.

Sentamos à mesa reservada para nossa família e padrinhos, a banda começa a tocar a seleção de música que pedimos ao mesmo tempo que o almoço começa a ser servido, foi nossa escolha o casamento acontecer

durante o dia, pois nosso voo para a Itália sai amanhã pela manhã e assim conseguiremos desfrutar da nossa noite de núpcias como se deve.

Quando os discursos começam a emoção toma conta mais uma vez de todos, principalmente quando vejo minha filha andar em direção ao palco e o cantor ajeita o pedestal do microfone para que ela fale.

— Oi! — começa tímida. — Acho que *tooodo* mundo aqui sabe que sou a Anna, filha dos noivos. — Aponta na nossa direção e pisco um olho encorajando-a. — Por um tempão, foi só eu e a mamãe e era bom, mas faltava uma pessoa muito importante pra mim, o meu papai, e quando ele me conheceu eu senti o meu coração doer um *tantão*, mas de feliz e depois veio meus tios, o vovô Luigi e a minha vozinha que tem o mesmo nome que eu. E assim, se antes com a mamãe era legal pra caramba, com a minha família fico ó — estala os dedos para dar ênfase, — *muiiiito* melhor, principalmente porque ela sempre ficava tristinha e eu sei que era por causa dos meus outros vovôs que estão no céu. Acho que eu estou falando muita coisa, *né* tia Val?

Olho na direção da minha irmã que sorri para a sobrinha e manda beijos incentivando que continue.

— Então, o que eu quero dizer é que amo muito vocês, papai e mamãe, e todo dia peço ao Papai do Céu para que nunca mais a gente se separe e fiquemos assim juntinhos! — Ela dá aquele seu sorriso lindo que tanto amo e é com grande esforço que não choro outro vez. — Agora vou

dançar especialmente para vocês, papai, nada de ficar olhando feio pro Tiago!

Ela avisa e todos no salão riem, como deixa o moleque irritante, que olha para a minha filha como *un cucciolo che è addestrato*[69], entra pela lateral do salão e se posiciona no centro fazendo uma mesura para ela que caminhou altiva na sua direção. O filho da puta até entrou para as aulas de balé por ela, minha Anna domina qualquer palco que a coloquem, mas só confia fazer duetos com ele e apesar de ser grato, não consigo não sentir ciúmes dela, é *mia principessina*, que comecei a conviver apenas outro dia, não me sinto preparado para dividi-la com ninguém.

Anna olha para trás e sinaliza para a banda que começa a tocar a música *Céu de Santo Amaro* [70]do Caetano Veloso, minha filha começa a dançar dando giros em torno do moleque que se torna um coadjuvante diante da beleza dos seus passos, mas a segura nos momentos exatos e mesmo sendo um pai ciumento não posso negar como eles são lindos juntos, é como se ele fosse o porto seguro para ela durante a dança, aquele que a ancora e sinto meu coração apertar de um jeito nada bom, estou nutrindo uma empatia pelo moleque que pode tirar minha garotinha de mim daqui uns anos. Nada bom, Elano!

A música está chegando nos últimos acordes e Anna gira três vezes antes de ao lado de Tiago darem um salto e ele se ajoelhar para que ela se

incline na sua direção ficando muito perto dos lábios se tocarem, juro que sinto meu coração parando por todo o tempo que eles ficam na maldita posição, voltando a bater apenas quando os aplausos começam e eles levantam para fazerem as mesuras de agradecimento. Solto o ar e sorrio, notando agora as lágrimas rolando pelo meu rosto, *mia bambina* me dará pequenos infartos antes do quarenta, não me restam dúvidas.

— *Mia principessina*! — Recebo-a de pé para que possa abraçá-la apertado, nunca conseguirei agradecer aos céus por tudo que me deu.

— Você gostou, papai? — pergunta, segurando meu rosto entre as mãos e unindo nossas testas.

— Muito, agora fique aqui com a mamãe que o papai precisa falar algumas coisas. — Pisco para ela que me responde com outra piscadela, olho para o moleque que treme mais do que vara verde toda vez que me vê e sinto vontade de rir, coitadinho. — Você também dançou muito bem, Tiago!

— O-obrigado, senhor! — Pro meu azar o filho da puta ainda é educado. A porra do genro perfeito, segundo Karen.

Por falar nela viro na sua direção e é quando vejo que Valentina olha para ela com um sorriso emocionado e minha esposa, caramba, Karen é minha esposa mesmo, devolve o olhar cúmplice entre elas, aperto sua mão sobre a mesa ao me inclinar e a beijo antes de ir até o palco. Paro por alguns

segundos respirando fundo e olhando em volta, abro o meu paletó, pego a folha no bolso interno e dirijo meu olhar para ela.

— Uau, foi uma apresentação e tanto, não? — Todos concordam e aproveito para me acalmar. — Minha filha, Anna, tem esse dom e assim como ela, a mãe também me deixa sem palavras em boa parte do tempo. Conheci a Karen na escola, eu geralmente não prestava atenção nas pessoas, mas foi difícil não notá-la, mesmo que seu grande objetivo fosse se esconder para ler seus livros de poesias nos lugares mais afastados do pátio da escola, acho que foi justamente por isso que meus olhos a descobriram e não conseguiram mais se desgrudar, tínhamos algo em comum que não havia conseguido encontrar em mais ninguém, a paixão pelas palavras e desde o primeiro contato direto com ela, se tornou inspiração para as minhas poesias e hoje quero recitar uma das inúmeras que fiz ou farei, o nome é *Você e eu*.

Fixo meus olhos em Karen que seca as lágrimas sem desviar o olhar de mim, puxo uma respiração prolongada antes de começar.

— Você e eu, é como uma canção

Daquelas que ouvimos uma vez

E a melodia na nossa mente decide ficar,

Como o raio de um novo dia

Ou as estrelas que no céu aparecem,

Mesmo em noites sem luar.

Você e eu, não tivemos roteiro

Foi como uma explosão

Um choque na pele

Um bater de asas

Uma fogueira a incendiar

Você e eu, estava escrito nas páginas do destino

E não houve desatino

Que impedisse do meu caminho

Com o seu cruzar.

Você, doce e gentil

Com olhar sonhador

Mas nos lábios o esplendor

De alguém que sabe da vida o grande segredo

Você, meu porto seguro

Minha amiga

Minha amada,

Aquela a quem o meu coração entreguei

Sem medo

Sem receio

Sem esperar nada em troca

Você, que torna o mundo mais colorido

Que a minha vida dá sentido

Que domina meu pensamento,

Você, que ao de mim se afastar

Deixou um vazio impossível de ser preenchido

Você, que nos olhos tem o brilho

Que clareia a minha estrada

Você, aquela que nada

Me fará deixar de amar.

Já eu, sou um poeta recluso

Que na vida não vê uso

Da sua poesia

Se a sua menina bonita

Não estiver por perto,

Você e eu somos certo

Que para sempre irá durar

E se tudo que ao teu lado vivi

Tiver sido um sonho

Não me acordem, eu peço

Que me leve de uma vez o universo

Pois sem você eu jamais poderia ficar.

Termino de recitar no momento que Karen levanta e pega alguma coisa que Valentina lhe entrega, caminha na minha direção tentando se livrar das lágrimas.

— Ergam suas taças em brinde a minha linda esposa, você e eu somos para sempre! — digo para ela, coloco o microfone no pedestal e entrego a taça ao músico, antes de descer do palco para encontrá-la no meio da pista de dança.

— É pra você! — Me estende uma caixinha retangular e a olho questionando.

— Alguma dica? — Balanço-a e algo faz barulho dentro.

— É uma segunda chance por assim dizer! — reponde com um sorriso tão bonito que sinto meu coração errar uma batida.

Abro e a primeira coisa que vejo é um cartãozinho escrito “Eu + Você = a 4!” e abaixo dele estão três testes de gravidez embalados com o que parece durex, sei que são, pois comprei iguais para ela meses atrás, meus olhos vão para ela que aumenta o sorriso e olho outra vez para o cartão até

que consigo entender a mensagem ali, torno a olhar para Karen que confirma com um balançar de cabeça, olho outra vez os testes e então solto a caixa no chão para puxá-la para os meus braços e a beijar enquanto a giro.

— Dessa vez estaremos juntos! — Karen diz antes de um soluço lhe escapar.

— VAMOS TER OUTRO FILHO! — anuncio quando a coloco no chão e todos vibram, minha mãe sorri largo, meu pai nos olha e acena daquele jeito que sei que quer dizer que sente orgulho, Giules agita o braço no ar e Ari seca as lágrimas, meu filho ou filha nascerá meses depois do deles e crescerão como amigos, não tenho dúvida. Meus olhos vão para Victor que abraça Val, minha linda irmãzinha é a única que levanta e caminha na nossa direção, olha para Giules que a segue e param ao nosso lado, ela agacha para pegar a caixa.

— Vocês merecem toda felicidade do mundo, mano, pelo homem incrível que é, nunca vou poder dizer quanto *ti voglio bene*[71]! — Seus olhos inundam de lágrimas e sei que está mesmo emocionada, Val quase nunca chora.

— Nunca mesmo, o melhor irmão, amigo e parceiro do crime de todos! — Giules complementa e agora já somos três Borellas chorões. — E você também, Dothy, obrigado por aturar esse pé no saco e nos livrar dele de

uma vez por todas.

Karen ri e o som é música aos meus ouvidos, seguro seu rosto e lhe dou um beijo estalado antes de me virar e abraçar meus dois irmãos, mas ela não fica sozinha, Victor e Ari se juntam a nós na pista de dança junto com Anna e damos o abraço em grupo mais desajeitado e emocionante da história. Todos aqui viveram e sobreviveram as suas dores, todos temos histórias para contar, até mesmo minha filha, tão jovem já sabe o que a falta de alguém querido faz, todos aqui nesse abraço aprenderam que não podem controlar o destino, mas podemos fazer o melhor com o que nos foi dado por ele.

Quando desfazemos o abraço o cantor anuncia a primeira dança e voltamos a ficar apenas minha mulher e eu na pista de dança, ela não sabe a música que pedi a eles que tocasse, disse que confiava em mim e espero ter acertado na escolha, ele começa a cantar *Memories* [72]do Maroon 5 e seus olhos brilham emocionados, essa música fala basicamente sobre nós, como temos que brindar e sermos gratos por tudo que vivemos, a quem amamos, aqueles que perdemos, como precisamos manter vivas todas as memórias importantes, pois foram elas que nos trouxeram até aqui.

— Eu amo você! — digo ao seu ouvido quando começamos a nos mover no ritmo da música.

— Eu amo mais! — brinca e a aperto um pouco mais.

— Só por que está amando por dois, mas não me importo, isso significa que unindo nosso amor, temos o suficiente para muitas gerações!

— Isso me parece amor suficiente!

Seguro seu rosto e paro de nos mover hipnotizado pelos seus olhos e sorriso, apaixonado por ela. Puxo seu rosto para mim e a beijo devagar, saboreando o momento, tudo em volta perdendo o foco para nós e sei que assim como eu, ela tem essa sensação de flutuar que só quando estamos ao lado da pessoa que nos completa somos capazes de sentir. E se temos amor suficiente para essa e outras vidas, flutuaremos por um bom tempo.

Fim


Curtiu essa história?
Deixe uma avaliação, adoraria
receber seu feedback!
Dunda de Alencar

A autora

Danila de Alencar

Cearense apaixonada por livros.

Escreveu seu primeiro livro em 2015, Voltando a Amar.

Casada, mãe de uma linda menina que é a luz dos seus olhos. Aprendeu desde cedo que a melhor forma de viajar sem tirar os pés do chão é através da leitura. Por isso antes de ser escritora é uma leitora voraz, assim consegue vivenciar mil e uma emoções ao mesmo tempo.

Rede Sociais

Amazon

Facebook

Instagram

Wattpad

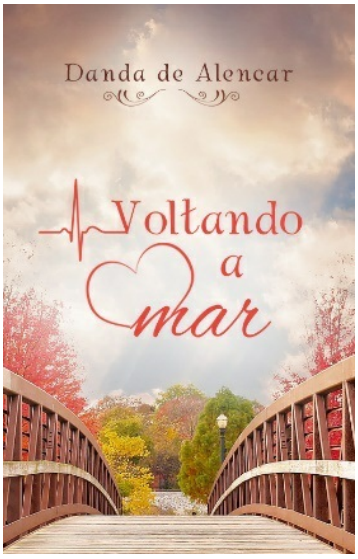
Twitter

Tumblr

dandadealencar@gmail.com

Outras obras

Danda de Alencar



VOLTANDO A AMAR

Estar de frente para a morte por mais de uma vez, não me fez ter medo de enfrentá-la. Pelo contrário deu-me ainda mais motivos para continuar seguindo, podem me chamar de mórbida ou sem noção, mas nada que eu enfrentei doeu tanto quanto a imagem que minha mente projetou.

O difícil não é partir. Quando não se tem motivos que te façam querer ficar, isso seria até mesmo considerado uma benção, porém, desde que Ethan entrou na minha vida, tudo que era pálido e frio ganhou cor e calor, o que era escuro se iluminou e meu coração, há tanto adormecido, novamente voltou a bater no meu peito, ele deu-me um motivo para lutar, um amor, uma família. Trouxe-me de volta o ar, agora aqui estou agarrando-me com unhas e dentes à vida, irônico até, depois de ter desejado que ela me fosse tirada, mas agora não sou apenas eu quem perderá com a minha morte.



[*O VIZINHO*]

Darla

Tem sido quase impossível dormir com tudo que meu corpo sente, desde o beijo que James me deu dias atrás, só de pensar nele sinto meu corpo inteiro alerta, sentada em minha cama volto a minha leitura e agora sim, posso imaginar que Charles é James e eu sou, de verdade, Lina, em Field Goal, a continuação de Safety, livro brasileiro que me conquistou.

Fico grata por ter me dedicado a este idioma por tantos anos. Helen, que tinha vindo do Brasil estudava aqui conosco porque sua família queria dar a ela a oportunidade de uma educação internacional e eu tive a sorte dela ser paciente comigo, me ensinando sua língua nativa por quase cinco anos. Aprendemos Espanhol no internato, por isso, apesar de ser uma língua

complexa, aprendi Português por assimilação. Já o Alemão, não foi assim tão fácil.

Volto a sonhar com o personagem Charles, para mim, agora ele tem a aparência de James. No livro, o amor desse lindo casal me toca. Na vida real, por mais impossível que possa soar, penso que meu Charles possa ser o meu vizinho.

Uma batidinha suave na porta me tira do transe em que entrei, na minha mente fantasio que seja James e irá invadir o meu quarto me beijando com tudo. Doce ilusão a minha, claro que deve ser Bella, que mais uma vez esteve aprontando das suas.

— Não devia perder seu tempo comigo, se está procurando um namorado...

“Minha nossa senhora dos malucos que sonham acordados, o que ele está fazendo aqui?”

Parado a minha porta, está aquele que não me saiu um segundo sequer da cabeça, desde nosso beijo no beco ao lado.

— Desculpe, mas não pude mais esperar, estava louco de saudade!

Diz ao entrar no meu quarto, fecha a porta com cuidado e volta para mim, logo estou nos seus braços, sua boca desce sobre a minha em um beijo de tirar o fôlego, transformando minhas pernas de sólidas a líquidas. Seus

braços me apertam junto dele, dando ênfase as suas palavras.

O beijo ganha um novo ritmo, cada vez mais urgente, meu corpo pegando fogo, refletindo o calor do dele. Ficamos assim por alguns minutos nos beijando desesperados, ele para e encosta sua cabeça na minha ofegante.

— O que você está fazendo comigo, anjo? — pergunta sem fôlego.

— O mesmo que faz comigo! — digo num sussurro.

— Isso pode parecer loucura e um tanto precoce, mas eu não aguento mais ficar longe de você, foram dias infinitos. — Meu coração acelera com suas palavras. — Eu não sabia o que fazer para entrar em contato contigo, até que vi uma das internas que sempre consegue escapar daqui a noite. Imaginei que ela poderia me ajudar a encontrá-la.

— Você é louco! — tento ser sensata, mas é impossível resistir a essa loucura que está acontecendo.

— Não sou! É você que me deixa louco sua diabinha! — Sua boca volta a tomar a minha, é a minha vez de puxá-lo para mim, minhas pernas movendo-se automaticamente.

Com três passos sou deitada sobre a minha pequena cama, mas o seu tamanho não importa, já que ele está sobre mim, seu corpo encontrando o meu nos lugares mais que certos, fazendo o fogo que senti no beco voltar com força total.

Sem receberem um comando direto minhas mãos começam a tirar sua camiseta, tenho uma necessidade infinita de sentir sua pele. Ele ergue o tronco para facilitar meu trabalho e logo estou com as unhas arranhados suas costas, seus dentes tomam meu lábio inferior e os puxa, mordendo de leve, causando um frenesi no meu ponto mais sensível.

— Quero sentir sua pele, posso? — pede desolado, como se estivesse com dor e o fato de me tocar fosse sua cura.

Faço que sim com a cabeça, uma vez que não consigo falar nada de tão ofegante que estou. Com cuidado suas mãos tocam na barra da minha camisola. Por sorte hoje não trajava um de meus tradicionais moletons para dormir e sim a camisola da Victória Secret marfim que ganhei de Bella no meu último aniversário. Lentamente vai puxando-a para cima começando a expor minha roupa intima, é uma noite de mais descobertas, pelo que vejo, mas não sei se estou preparada para tantas.

Acho que meu medo transparece no meu corpo, James para o movimento e me olha nos olhos sério. Transmitindo-me a segurança que está me faltando.

— Não vou passar dos limites, vou até onde você quiser, basta dizer e eu paro!

Mais uma vez apenas balanço a cabeça e então estou completamente

livre da minha camisola, suas mãos sobem e descem pela lateral do meu corpo, parando logo em seguida na curvatura dos meus seios. Sinto um arrepio gostoso quando seus polegares os acariciam, de forma suave, meu núcleo se contraindo de desejo, minha boca se abre soltando um gemido rouco, logo abafado por sua boca.

Sua língua me invade, pronta para duelar com a minha, enquanto sua carícia continua sobre mim, sua boca vai descendo, enchendo minha pele com beijos, indo em direção ao sul do meu corpo, estou me segurando a uma linha finíssima, que se romperá a qualquer segundo. Olhando-me nos olhos se livra da minha calcinha, volta a beijar minha barriga antes que sua boca desça ainda mais.

Meu Deus, o que estou fazendo? O que o estou deixando fazer? Mas não consigo parar, suas carícias são maravilhosas, sua língua trilhando um caminho em minha pele me deixa em um estado de excitação que eu ainda não tinha experimentado e então acontece, sua boca chega em meu centro, causando um frenesi inimaginável. O misto da sua língua brincando no meu ponto mais sensível com suas duas mãos provocando meu corpo já sedento faz romper por completo a barreira da minha sanidade e perco o controle sobre as minhas reações, deixando um terremoto de sensações invadir o meu corpo me fazendo contorcer e convulsionar sob o seu toque, subindo, subindo, subindo até o limite e então caio no limbo sem fim, ofegando e

gemendo o seu nome.

Quando começo a voltar da viagem alucinante que acabo de fazer, abro os olhos envergonhada, a tempo de vê-lo levar seus dedos à boca e chupá-los fechando os olhos como se fosse a coisa mais saborosa do mundo inteiro. Deus, o que deu em mim para ir tão longe? Mal o conheço. Não consigo olhá-lo nos olhos, temo que verei sua reprovação por ser tão fácil e libertina. Sempre fui a mais ajuizada de todas, me mantendo dentro das regras, eu não cometo deslizes.

— Lina, meu Anjo, olhe para mim! — pede já segurando no meu queixo e fazendo-me olhá-lo nos olhos. — Nada de vergonha, lembra? Diga-me já havia beijado alguém antes? — nego envergonhada agora por minha falta de experiência. — Fui o primeiro a quem beijou! Minha menina, não sabe como isso me deixa feliz, de uma forma que nem eu mesmo sei explicar.

Sorrio largamente para ele, pois no meu íntimo quero que seja o único, principalmente se me fizer sentir o que acabo de sentir com o seu toque.

— Venha, deve estar cansada, fico feliz em ser aquele que também te deu o primeiro orgasmo e quero ter diversas primeiras vezes com você, mas por hoje basta, quero só deitar e sentir seu corpo junto ao meu, antes da hora de ir embora.

Com mais um beijo, dessa vez doce e suave, me aninha em seu peito e fica acariciando minhas costas, até que o sono me vence e entro no mundo dos sonhos onde moram os apaixonados.



NUNCA FOI ERA UMA VEZ

Assim como a flor que deu origem ao seu nome, Dália era alguém que encantava a todos a sua volta. Dona de uma beleza única, com seus traços delicados e olhar doce de menina, ela era o que podemos chamar de uma pessoa carismática. No auge dos seus dezessete anos estava vivendo o melhor momento da sua vida. Havia conseguido a vaga para cursar direito na Universidade Federal de Ceará. E estava vivendo o seu primeiro amor.

Na cabeça de Dália nada poderia estar melhor. Max era tudo o que uma garota poderia desejar. Assim ela pensava. Até o dia que ela percebeu que o felizes para sempre estava destinado apenas para as princesas dos contos de fadas e a sua história de amor, nunca passou do era uma vez.



TRILOGIA POR VOCÊ

Uma vida marcada por equívocos...

Dois corações que não conseguem se manter distantes...

Será o amor suficiente para o derradeiro reencontro?

Descubra do que o amor é capaz em Por Você.

Equívocos

Distantes

Reencontro

Topo tudo

CONTÉM CENAS INADEQUADAS PARA MENORES DE 18 ANOS!

— Então, aqui estamos nós novamente, Nicolas Joseph Soares! – Ela usa meu nome completo, não é um bom sinal.

Continua a olhar o mar à frente e me pergunto se está lembrando das inúmeras vezes que estivemos aqui no passado, por que desde que cheguei, não paro de pensar sobre tudo que vivemos aqui em Fortaleza, essa cidade é definitivamente o nosso lugar especial.

— Sim, aqui estamos. — Sinto uma vontade enorme de contar tudo de uma vez para ela, mas não posso.

— É agora que me contará por que sumiu nos últimos três anos? – Ela está como sempre, firme e direta ao ponto.

— Não, Calye, ainda não posso falar sobre isso com você, me dê só mais algum tempo.

— Um tempo? – explode irritada. – Há três malditos anos, estou esperando uma resposta sobre algo que você diz não poder falar comigo, mas que claramente fala com outras pessoas. Esse não foi tempo suficiente para você? Lamento muito, para mim, é o limite. Sabe o que é do nada seu melhor amigo sumir da sua vida sem deixar rastros ou uma boa explicação? Tem ideia de quantas vezes eu perguntei o que eu tinha feito, para que se afastasse de mim?

Ela me dá as costas e posso ver o esforço que faz para normalizar sua respiração. Em seguida volta a me olhar, com a mágoa que não conseguiu esconder acertando-me como um grande tapa na cara.

— Me fiz essa pergunta muitas vezes, Nicolas. Mas então me lembrava que eu nada tinha feito, então continuava ali sem uma resposta. Vivi um inferno longe de você, um

inferno Nicolas, me pegava chorando à toa, sem um motivo aparente, quando na verdade era sua ausência me matando. Tentei seguir em frente um tempo depois, tinha meus dias mais ou menos e outros péssimos, só o que me dava prazer ainda era a faculdade, ela foi minha tábua de salvação para não enlouquecer. Mas, a cada data especial, chegava mais uma caixa sem cartão, nem remetente e eu quebrava novamente.

Ela limpa o rosto para livra-se das lágrimas que caem e não falo nada, a deixo pôr para fora tudo que sentiu nos últimos três anos, ela só vai me ouvir quando tudo for dito da parte dela. Conheço minha menina tão bem, que não me arrisco a levá-la longe na sua irritação.

— Eu fiz o que me pediu Nick, vim até aqui, estou tentando cumprir a promessa que fiz a Thaís e não o pressionar por respostas, mas vejo nos seus olhos que tem lutado contra algo maior do que nós e está me matando não ser capaz de aliviar um pouco seu fardo. Por que isso é o que se faz por quem se ama, você cuida para que tudo na vida da pessoa seja mais fácil. — Sem saber, ela está a me dizer tudo que mais tenho feito por ela. — Você aguenta o tranco, para que o peso suma das costas de quem ama. E eu te amo! Droga, eu te amo.

Ela soluça e sinto que meu coração explodiu nesse momento, escuto as palavras que tanto sonhei ouvir sair dos seus lábios, elas se repetem várias e várias vezes na minha mente. A puxo de volta para meus braços. A quero aqui para sempre se for possível, mas me contentarei com uma vida inteira.

— Shiiii. Não chore, minha menina. Desculpe-me por fazê-la passar por tudo isso, Calye eu imploro seu perdão, mas não tive escolha, se tivesse, jamais me manteria tanto tempo longe de você. Fiz o que tinha de ser feito, não suportaria se... Confie em mim, eu não teria passado um minuto longe de você, se tivesse essa opção. Cada maldito dia longe,

foi um tormento. Não é fácil dormir sem seu boa noite, mesmo que seja pelo telefone, é difícil viver quando o seu coração está longe há muito tempo.

Seguro seu rosto entre minhas mãos e seco suas lágrimas com os meus polegares.

— Mesmo que você não tenha notado, meu coração é seu, Calye. Todo o meu mundo começa e acaba em você. Eu te amo tanto, que às vezes acho que serei engolido pela imensidão desse sentimento, só te peço que confie em mim. Como sempre foi, eu confio em você e você em mim. Não posso falar muita coisa ainda, mas não suportaria que esse pouco tempo que ainda estará aqui, fiquemos longe, eu preciso... Diga que ainda sou digno de sua confiança, Olhos Brilhantes?

Aguardo por sua resposta com o coração ameaçando sair pela boca. Ela olha dentro dos meus olhos, sei o que está fazendo, está se certificando onde está pisando, sempre cautelosa, espero que veja que não estou mentindo. Parece que se passam anos enquanto continua me olhando. Então o vejo, aquele brilho cruzar seu olhar, é como sei que ela confia em mim, mas preciso ouvir as palavras saindo da sua boca para que se torne real.

— Sim, Nicolas, eu confio em você. Confio no seu amor, sofre de um mal que reconheço, pois também o tenho. Então, consigo saber com precisão a intensidade desse sentimento.

Volto a beijá-la de forma apaixonada, mas suave, o nosso beijo ganhou um sabor diferente, agora que sabemos da reciprocidade do que sentimos.

— Agora me diga, por que raios estamos rodeados dessas flores e para que serve essa mesa ali à frente? Não está posta para um jantar, nem mesmo cadeiras tem. – Ela olha intrigada, tentando assimilar outra utilidade para a mesa e a puxo até à pequena tenda que cerca a mesma.

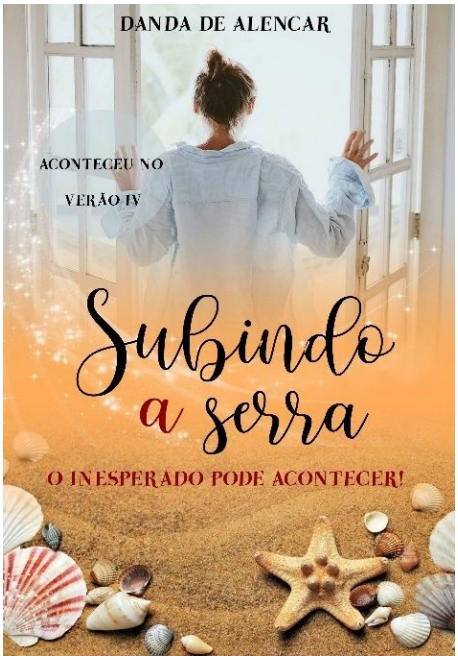
Seus olhos brilham de curiosidade, ela consegue ficar ainda mais linda quando está

louca para saber de algo. Tentaria prolongar ainda mais minha resposta, mas vejo seu beicinho e decido acabar logo com sua ansiedade, afinal sairemos daqui em menos de uma hora.

— Para assinarmos os papeis do nosso casamento! – digo de uma vez.

— Ah bem, pensei que tinha dito... O quê? Como assim? Eu... Não... O que está fazendo? – Sua expressão incrédula me faz rir, mas não me detém, ajoelho-me aos seus pés e estendo-lhe a caixinha aberta com o anel dentro para ela e falo emocionado.

— Sei que é tudo muito repentino e só agora que podemos dizer finalmente as palavras que nossos corações mantiveram guardadas por tanto tempo. Mas quero o aqui, o agora e o para sempre com você, o tempo que passamos longe nada significa em comparação ao amor que sinto. Quero a certeza, que mesmo longe a tenho e você saberá que sou seu. Te amo, desde que a vi andar pelos corredores do colégio com seu rabo de cavalo balançando, venho sonhado com esse momento desde então. Seja o meu Para Sempre, Calye. Lute comigo as batalhas que ainda estão por vir e eu prometo lutar ainda mais, para que nada destrua nosso amor e confiança. Seja minha amada, amiga e esposa. Case-se comigo hoje, agora e quantas vezes mais forem necessárias para que o mundo saiba do nosso compromisso, diga que sim?



Subindo a serra

Sinopse:

Um recomeço!

Era isso que Violeta esperava encontrar ao deixar a agitada Belo Horizonte para trás rumo a uma praia tranquila em uma vila de pescadores no litoral cearense. Mas quem disse que sua vida ia ser sombra e água fresca?

Após herdar uma pequena pousada ela toma para si a tarefa de honrar a memória da avó fazendo o negócio crescer. Ela só não esperava que nessa "expansão" abriria também as portas do seu coração sofrido pela perda do seu primeiro amor.

Valentim queria apenas uma chance de praticar Kitesurf e aprimorar

suas manobras enquanto curtia as belezas naturais do Ceará, até topar com a garota de olhar arisco e sorriso tímido que escondia uma parte de si das demais pessoas.

Em meio ao "paraíso" um sentimento novo irá surgir e com ele o desejo de contradizer o velho ditado "amor de praia não sobe a serra".

Desfrute do melhor verão da sua vida, até aqui...

Aconteceu no verão é uma coleção de histórias sobre amores de verão que começam de repente, chegam devagarinho ou que duram uma vida inteira.

Preparem-se para o melhor verão de todos os tempos e rendam-se ao encanto da estação que é a cara da paixão!



Uma viagem ~~desejada~~ Inesperada

Outono, a estação dos ventos, das folhas caindo, da mudança nas cores, do aconchego do lar, mas também a estação que faz o coração vibrar.

E o coração de Tainá vibra em alta frequência. Para ela a vida sempre foi uma grande e surpreendente aventura, não vendo problemas em mudanças, podendo até mesmo se dizer que ansiava por elas.

Dona de uma beleza, para muitos na pequena Guajiru, única, e formada em Publicidade, desejava viajar para longe de tudo para conhecer novos lugares e adquirir conhecimentos na sua área, no entanto seu desejo é atendido de uma forma inesperada, uma herança deixada pelo pai que nunca conheceu a levará para longe da sua vila de pescadores e possivelmente em direção a tudo que ela nunca desejou: o amor.

Embarque com Tainá na maior viagem de sua vida: a descoberta sobre quem ela é e um novo olhar sobre o que pensava ter como certo em sua jornada.

Venha encontrar paixões, amores e respostas na coleção Nos ventos do outono! Deixe-se envolver, não vai se arrepender!



Destinados a ser

Queria ter aceitado
A vida como ela é
A cada um cabe alegrias
E a tristeza que vier
Epitáfio - Titãs

Arthur

Ao longo dos anos, muitas pessoas têm corrido atrás da liderança e do poder que ela traz para quem a possui, porém elas esquecem que com o poder vem o inevitável, a responsabilidade pelos outros, seus futuros, sucessos ou

fracassos, tudo isso passa pelas mãos dos líderes. Há quem acredite que a liderança possa ser conquistada, mas existem aqueles a quem ela escolhe desde muito cedo e não importa o quanto fujam, ela sempre dará um jeito de conduzi-los ao seu lugar pressuposto, quer queiram ou não.

É o que acontece comigo, Arthur Paladino, a liderança caiu em meu colo de forma inevitável, tornando-me o mais novo Presidente do Grupo Editorial Paladino, posição que acabo de herdar do meu pai que por problemas de saúde decidiu se aposentar e sendo eu seu único herdeiro abri mão do meu sonho de garoto em ser um Geólogo, mas isso ficou para trás há algum tempo, hoje aos vinte e nove anos sou o presidente mais jovem que o grupo quase centenário já teve e como primeiro desafio tenho pela frente a última de três reuniões com um Grupo Editorial Asiático. Com o futuro do GEP em mãos e nenhum interesse em liderar os milhares de funcionários me vejo perdido em pensamentos, coisa que não se deve fazer quando se está dirigindo pela movimentada Avenida Rebouças em uma quinta-feira, pré-feriado prolongado.

Uma buzina estridente me tira dos meus devaneios momentâneos e percebo que há muito o sinal abriu me dando passagem livre, porém minhas preocupações com o futuro da empresa me distraíram por mais tempo do que pretendia.

— Passa por cima, oh, apressadinho! — resmungo ao pisar fundo no

acelerador buscando chegar no próximo sinal antes que ele fique vermelho.

Através do som do carro escuto as notícias do trânsito para que possa me manter atualizado, assim desvio a rota se algo der errado, o que acaba por dar, ao tentar aumentar o volume minha mão desliza e mudo sem querer de estação.

O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar...

Diz a canção, até gosto dela, mas esse dia pede notícias em tempo real, se o acaso for mesmo me proteger que seja agora não permitindo que me atrase ainda mais, os chineses não tolerarão atrasos e como forma de respeito devo seguir à risca as orientações do meu pai evitando algo do tipo.

Mesmo tento acelerado, meu momento de distração com o som do carro me fez perder a brecha para passar em mais um semáforo, desligo o aparelho irritado como se ele fosse o culpado de tudo que não saiu como eu queria na minha vida, ninguém o é na verdade, como papai diz: nasci na família, tenho por obrigação levar a responsabilidade de gerir o GEP, até o momento em que poderei repassá-la ao meu sucessor, o que não será tão logo.

Ainda irritado, batuco no volante com os dedos tentando me distrair

do inevitável, assumir um cargo que nunca almejei e que inicialmente não seria meu, mas vi minha chance ir por água abaixo no dia em que minha irmã mais velha morreu de forma trágica em uma de suas muitas aventuras sobre uma moto. Tatiane sim teria toda a capacidade de gerir o grupo de olhos fechados, além de excelente no que fazia era a menina dos olhos do nosso pai e era fascinada pelo mundo dos negócios, desde o ocorrido que o papai teve sua saúde gradativamente prejudicada, até decidir que era hora de deixar para mim a responsabilidade.

— Ah, Tati, sua irresponsável, me diga o que fazer? Esse é o seu posto, não o meu! — lamento desgostoso e encosto a cabeça no encosto do banco.

É então que o reflexo do sol batendo no vidro da janela do ônibus ao lado me faz virar o rosto naquela direção e perco o fôlego completamente por alguns segundos. Sentada, com o rosto colado ao vidro, está uma garota, pode-se se ver pelos seus traços que não deve ter mais que dezenove anos, seu olhar está longe, olhando para além do tráfego pesado a essa hora da manhã, ela é linda de um jeito único, já estive rodeado de muitas mulheres bonitas, só que ela tem uma beleza singular que de imediato me faz querer colocá-la no colo e abraçá-la mantendo ali por muito tempo, tamanha é a vontade que meu peito se contrai como nunca senti acontecer.

— Olhe para mim! — peço, surpreendendo a mim mesmo pelo

pedido.

Como se ouvisse minha prece, a garota de cabelos loiros escuros e pele clara foca seu olhar em mim, enquanto a observo sua expressão carregada de sofrimento é o que mais me impacta, além da sua beleza única de menina, com traços singelos, desde os olhos muito verdes, a boca que se abre momentaneamente trazendo na mente a lembrança de uma flor ao desabrochar, seu nariz reto e levemente arrebitado, suas bochechas rosadas, até mesmo o roxo deixado por olheiras profundas a tornam simplesmente encantadora aos meus olhos.

Tudo acontece muito rápido, por um momento lá estou eu olhando a mulher mais encantadora que os meus olhos já tiveram o prazer de enxergar, ela retribuindo o olhar, mesmo que de uma forma menos apreciativa e um tanto espantada, como se houvesse um reconhecimento entre nós, meu peito se expandindo como se esperasse por esse momento há muito e no outro ela já se perdeu de vista, o ônibus acelera e a leva para longe dos meus olhos me deixando uma sensação de vazio que não compreendo, pisco algumas vezes sem saber se ela é mesmo real.

O som estridente do meu telefone me tira do transe que os olhos da bela jovem colocaram, antes que atenda piso no acelerador, não achando possível que minha paciência suporte outra rodada de buzinas dos carros que vêm logo atrás.

— Paladino! — atendo com a saudação de sempre, pelo sistema integrado do meu carro logo se ouve a voz tímida de Marise, secretária da presidência há anos.

— Senhor, os asiáticos já estão aqui!

"Droga!", quando acho que as coisas enfim sairão como planejado acontece algo, puff.

— Como isso é possível? A reunião está marcada para as dez horas, ainda faltam trinta minutos, mas não importa, os encaminhe para a sala de reuniões 4 sem deixar de fazer o pequeno tour, peça à Alberto que te auxilie, ele já tem prática nessa parte, chego em no máximo vinte minutos.

— Certo Sr., deixarei tudo pronto para quando chegar!

— Obrigado, Marise, mas pare com esse senhor, essa cerimônia toda deixe para o meu pai, me conhece há tempo suficiente para abrir mão dessa formalidade.

— Tudo bem, senh... Arthur.

Sorrio satisfeito, não por deixá-la embaraçada, mas por começar a sentir que faço parte da equipe, mesmo que não tenha desejado nada disso é hora de arregaçar as mangas e começar a agir como se espera que aja um homem de vinte e nove anos, Presidente de uma grande empresa: com a certeza que dará o seu melhor.

[1] * *Uma mulherengo como você? Não, não!*

[2] **infeliz*

[3] * *Meus queridos amigos*

[4] * *hoje à noite!*

[5] *Meu filho, esta música é linda*

[6] da nossa irmãzinha, do que estamos falando

[7] meu querido, olhe para mim, pelo amor de Deus, eu sou uma mulher, não uma adolescente

[8] Cãozinho apaixonado

[9] Trecho da poesia O que há em mim é sobretudo o cansaço.

[10] As Sem-Razões do Amor, poema publicado na obra Corpo (1984), foi escrito na fase final da vida do autor, que veio a falecer em 1987. Aparentemente simples, a composição carrega mensagens complexas sobre um dos sentimentos mais inexplicáveis que existem.

[11] The Wizard of Oz é um filme americano de 1939, produzido pela Metro-Goldwyn-Mayer. É baseado no livro infantil homônimo de L. Frank Baum,[6] no qual a garota Dorothy é capturada por um tornado no Kansas e levada a uma terra fantástica de bruxas, de leões covardes, de espantalhos falantes e de muito mais

[12] A madrinha de batismo é aquela que consagra a criança perante Deus e á Nossa Senhor, ela tem o papel de proteger, amar e orientar a criança a seguir o caminho certo além, do mais ela deve sempre rezar por esta criança, estar ao seu lado espiritualmente, ser como se fosse uma segunda mãe.

[13] Música do DVD Xuxa só para baixinhos 7

[14] Sessão da Tarde é um programa de televisão brasileiro; uma sessão de filmes exibida pela Rede Globo de segunda a sexta-feira.

[15] Finnick Odair é um personagem fictício da trilogia The Hunger Games, de Suzanne Collins. Aparece pela primeira vez em Catching Fire como o tributo masculino do distrito 4 no terceiro Massacre Quaternário, junto com Mags. É interpretado por Sam Claflin.

[16] Só Para Baixinhos é o vigésimo terceiro álbum de estúdio e o décimo sétimo em

português da cantora e apresentadora brasileira Xuxa, sendo o seu primeiro "álbum visual" e o primeiro da coleção "Só Para Baixinhos", foi lançado em 6 de maio de 2000 pelo selo da Som Livre.

[17] Somos seus irmãos e não há nada que não faremos por você.

[18] Nada, meu irmão amigo e querido protetor.

[19] O quê? por que você está me olhando assim?

[20] Só estou percebendo como minha irmãzinha cresceu.

[21] Bom dia meus filhos

[22] Mas meu coração se alegrou.

[23] Minha neta.

[24] Quero conhecer a minha neta.

[25] Eu sou tia de uma menina, Santo Deus!

[26] Da nossa sobrinha?

[27] Minha filha se chama Giovanna.

[28] Meu tesouro, seu papai está aqui com você.

[29] Apelido dado a Avenida Paulista.

[30] Os Noturnos, Op. 9 são um conjunto de três noturnos escritos por Frédéric Chopin entre 1830 e 1832 e dedicados a Madame Camille Pleyel. A obra foi publicada em 1832.[1]

[31] Minha filha.

[32] A nossa família.

[33] Uma neta.

[34] Minha menina.

[35] Eu também amo você, minha filha.

[36] Bom Deus, minha neta enfim está aqui.

[37] Somos a vossa família, querida.

[38] É muito linda a minha neta.

[39] Estou muito feliz em te conhecer, minha neta!

[40] Obrigada, filho.

[41] Pelo que, mãe?

[42] Um dia saberá, querido.

[43] Anna Matveievna Pavlova foi uma bailarina russa. De talento e carisma excepcionais, fascinou o mundo da dança no fim do século XIX e na primeira metade do século XX. Seu extraordinário talento e suas interpretações extremamente pessoais deram um novo sentido ao balé clássico.

[44] Meu coração, eu sei e sinto muito.

[45] Sou todo seu, meu amor.

[46] Garotinho.

[47] Por toda a minha vida, meu amor!

[48] Cachorro adestrado.

[49] Este nome é atribuído aos passos em que se utiliza a sustentação das pernas no ar. São normalmente movimentos suaves e lentos.

[50] Jeté. O nome deste passo significa atirado, lançado. No jeté o bailarino atira a perna com energia, sempre esticada. É como se fosse o tendu, mas com mais energia e com os pés fora do chão. Existem vários tipos de saltos, grandes (grand jetés) ou pequenos.

[51] Este é um dos passos essenciais no ballet, que significa para fora, manter os calcanhares virados para fora. O movimento da perna é feito em direção circular da frente para trás.

[52] Vocês dois são garotos apressados.

[53] Cuide bem da minha menina, rapaz!

[54] Como está linda, minha querida!

[55] Da nossa doce Princesa.

[56] Música do cantor Norte americano Ne-Yo que foi tema do desenho da Disney A princesa e o sapo

[57] Para a maneira que você mudou meus planos

Por ser a distração perfeita

Para a forma como você teve a idéia que eu tinha

de tudo o que eu queria ter

e me fez ver que algo estava faltando...

[58] Agora é tão claro, eu preciso de você aqui sempre...

[59] Eu seja o avô de uma garotinha encantadora.

[60] E o seu também estará aqui para sempre, papai.

[61] Maninha.

[62] Você também, querido irmão.

[63]

Descrição

DescriçãoDoritos é um salgadinho de tortilla que foi lançado em 1964 no mercado norte-americano pela Alex Foods, somente na costa oeste, com formato triangular e crocante, no sabor original de milho torrado. No ano seguinte a marca foi comprada pela Frito-Lay, passando a ter uma distribuição mais abrangente

[64] Vocês dois estão com pressa!

[65] Cuide da minha garotinha, rapaz!

[66] Minha pequena princesa, a mamãe te ama muito!

[67] Tipo de tênis

[68] Bom Deus, outro neto.

[69] Um cachorrinho adestrado.

[70] Música de Flávio Venturini e Caetano veloso

[71] Quanto te amo.

[72] Música do Maroon 5